

AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE

FILHA

DAS

TREVAS

FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. E HERDEIRA DE VLAD DRACUL.

PLATA
FORMA 21



FILHA DAS TREVAS



K I E R S T E N W H I T E

Tradução
Alexandre Boide

PLATA
FORMA 

TÍTULO ORIGINAL *And I Darken*

© 2016 by Kiersten Brazier. Direitos de tradução geridos por
Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agência Literária, SL.
Todos os direitos reservados.

© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Vanessa Gonçalves e Flávia Yacubian

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

DIAGRAMAÇÃO Balão Editorial

CAPA Alison Implý

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Sam Weber

EPUB Pamella Destefi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Kiersten

Filha das trevas [livro eletrônico] / Kiersten White; tradução Alexandre Boide. – São Paulo: Plataforma21, 2017. – (And I Darken; 1)
2 Mb; ePub

Título original: *And I Darken*

ISBN: 978-85-92783-26-6

1. Ficção – Literatura juvenil I. TítuloII. Série.

17-04629 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para Noah



Te iubesc





— VALÁQUIA —

VLAD DRACUL
príncipe da Valáquia

desconhecida

MIRCEA

CALTUNA

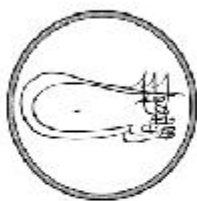
VLAD
o monge

VASSILISSA
uma princesa
da Valáquia

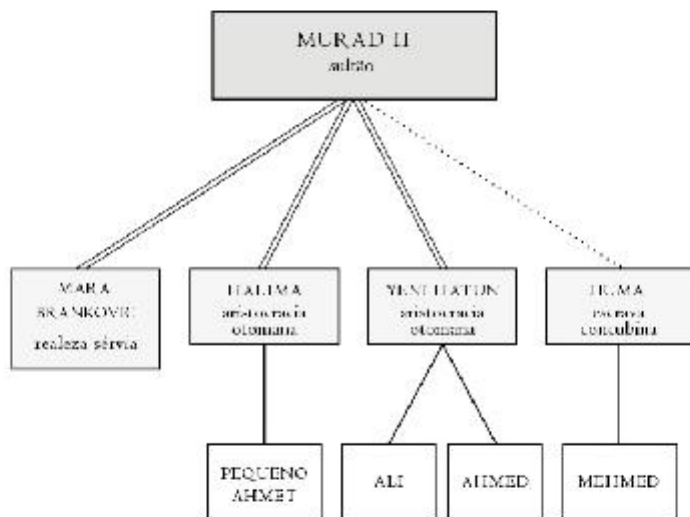
LADISLAV

RADU

..... amante
===== esposa
——— descendente



— IMPÉRIO OTOMANO —



..... concubina
===== esposa
———— descendente

1435: Sighisoara, Transilvânia

AS SOBRANCELHAS GROSSAS de Vlad Dracul se fecharam como um céu de tempestade quando o médico anunciou que sua esposa dera à luz uma menina. Seus outros filhos – um da primeira esposa, já quase adulto, e até mesmo o bastardo de sua amante, nascido um ano antes – eram todos meninos. Ele jamais imaginara que suas sementes pudessem ser fracas o bastante para produzir uma garota.

Escancarando a porta com força, ele adentrou o ar pesado e viciado do pequeno quarto. Cheirava a sangue e medo. Ficou enojado.

Sua casa na cidade fortificada e montanhosa de Sighisoara estava muito aquém do que ele merecia. Ficava próxima ao portão principal, em meio à atmosfera sufocante da praça, ao lado de um beco que fedia a dejetos humanos. Seu destacamento de dez homens era meramente cerimonial, o que lhe conferia uma autoridade apenas simbólica. Além de comandante militar da Transilvânia, ele deveria ser o governante de toda a Valáquia.

Talvez por isso tenha sido amaldiçoado com uma menina. Era mais um insulto à sua honra. Ele era membro da Ordem do Dragão, sancionada pelo papa em pessoa. Deveria ser o voivoda, o príncipe guerreiro, mas era seu irmão quem estava no trono, enquanto Vlad Dracul apenas governava os saxões que ocupavam sua terra natal.

Logo mostraria a todos sua honra, com a ponta de sua espada.

Vassilissa estava deitada na cama, ensopada de suor e gemendo de dor. Na certa a fraqueza que criara raiz no ventre da mulher vinha toda dela. Seu estômago se revirou ao vê-la, pois de princesa naquele momento ela não tinha nada, nem na aparência nem na conduta.

A ama segurava um monstrinho vermelho aos berros. Ele não tinha a menor ideia de como chamar a menina. Vassilissa com certeza ia querer homenagear a própria família, mas Vlad detestava a realeza moldávia da qual ela descendia e que no fim não lhe conferiu nenhuma vantagem política. Seu bastardo já recebera o nome de Vlad em sua homenagem. Ele faria o mesmo com a filha.

– Ladislav – declarou. A forma feminina de Vlad. No diminutivo. Um nome pequeno. Se quisesse um nome mais forte, Vassilissa deveria ter parido um

menino. – Vamos rezar para que seja bonita e assim consiga ser útil – ele acrescentou. A criança começou a gritar mais alto.

Os seios reais de Vassilissa eram importantes demais para se ocupar da amamentação. A ama de leite esperou que Vlad saísse para posicionar o bebê em suas mamas plebeias. Elas estavam bem cheias porque a mulher tivera um filho, um menino. Enquanto a criança sugava com apetite surpreendente, a ama fazia suas próprias preces por ela. *Que seja forte. Que seja astuta.* Em seguida, lançou o olhar para a princesa, uma jovem de quinze anos, linda e delicada como os primeiros botões de flor da primavera. Estava desolada e exaurida na cama.

E que seja feia.

VLAD NEM SE deu ao trabalho de estar presente no nascimento do segundo bebê de Vassilissa: um menino, seguindo a irmã em sua entrada no mundo, um ano depois.

A ama terminou de limpar o recém-nascido e o entregou à mãe. Era pequenino e perfeito, com uma boca que parecia um botão de rosa e a cabeça coberta de cabelos escuros. Vassilissa estava deitada na cama, calada e com os olhos cheios de lágrimas. Olhava apenas para a parede. Não dirigiu um único olhar para o filho. Um puxão na barra da saia atraiu a atenção da ama para mais perto do chão, onde estava a pequena Lada, com a cara fechada. A ama virou o bebê para ela.

– Um irmão – disse a mulher, com tom de voz suave.

O bebê começou a chorar, mas de sua garganta saía um som fraco e gorgolejante que deixou a ama preocupada. Lada fechou ainda mais a cara e pôs a mão sobre a boquinha do pequeno. A ama o puxou para si às pressas, e a menina a encarou com o rosto contorcido de raiva.

– Meu! – ela gritou.

Foi sua primeira palavra.

Surpresa, a ama deu risada e baixou outra vez o bebê. Lada o encarou até que parasse de chorar. Então, parecendo satisfeita, saiu do quarto com seus passinhos incertos de criança.

SE VASSILISSA VISSE sua filha rolando no chão, brincando de luta com os cães e com Bogdan, o filho da ama, esta correria o risco de perder o posto. No entanto, desde o nascimento de Radu, quatro anos antes, Vassilissa não saía de seus aposentos.

Radu tinha ficado com toda a beleza que o pai desejou para a filha. Olhos emoldurados por cílios grossos e compridos, lábios carnudos e cachos adornados com um leve tom dourado típico dos saxões.

Bogdan deu um grito quando Lada – Ladislav, que, aos cinco anos, se recusava a ser chamada pelo nome – mordeu sua coxa. Ele reagiu com um soco, o que só a fez morder mais forte. O menino começou a gritar por socorro.

– Se Lada quiser devorar sua perna, ela pode. Agora pare de gritar, ou ela vai ficar com seu jantar também – disse a ama.

Como o irmão, Lada tinha olhos grandes, mas os seus eram próximos demais um do outro, com sobrancelhas arqueadas que faziam parecer que estava sempre irritada. Seus cabelos eram grossos e embaraçados, tão escuros que faziam sua pele clara parecer pálida, como se estivesse doente. O nariz era comprido e arqueado, os lábios eram finos, os dentes eram miúdos e – a julgar pelos berros de Bogdan – bastante afiados.

Lada era teimosa e irritadiça, a criança mais malcomportada que a babá já conhecera. Mas era também sua favorita. Dependendo das circunstâncias, a menina poderia ser tranquila e obediente, temerosa e cooperativa. Seu pai era um tirano sem um reino, cruel em sua impotência, que passava meses sem aparecer. A mãe ausente, distante e omissa, e incapaz de fazer qualquer coisa para sair daquela situação. Eles eram como um símbolo do estado de espírito de toda a região – em especial a Valáquia, terra natal da ama.

Mas em Lada ela via uma faísca, um brilho de entusiasmo que se recusava a ser escondido ou ofuscado. Ao invés de tentar conter esse fogo, por medo do que pudesse acontecer à garota no futuro, ela o alimentava. Isso a fazia se sentir estranhamente esperançosa.

Enquanto Lada era como a grama resistente que cresce em meio às frestas de uma superfície seca e rochosa, Radu era como uma flor delicada que só desabrochava em condições absolutamente perfeitas. No momento, estava resmungando porque a ama tinha parado por um breve instante de dar seu mingau adoçado com mel.

– Faz esse menino ficar quieto! – Lada montou no maior cão de caça de seu pai, um animal paciente e já grisalho.

– Como?

– Esganando!

– Lada! Modere sua língua. Ele é seu irmão.

– Ele é um molenga. Bogdan é meu irmão.

A ama fechou a cara, limpando o rosto de Radu com o avental.

– Bogdan não é seu irmão. – *Prefiro dormir com esses cães do que com seu pai*, pensou.

– É, sim! Você é, sim. Diz que é. – Lada saltou sobre as costas de Bogdan. Embora o menino fosse dois anos mais velho e bem maior, ela o imobilizou no chão, cravando o cotovelo nas costas dele.

– Eu sou! Eu sou! – Bogdan falou, meio rindo, meio chorando.

– Pode jogar Radu fora quando for esvaziar os penicos!

Radu chorou ainda mais alto, fazendo um tremendo escândalo. A ama estalou a língua e o pegou no colo, apesar de o menino já ser grande demais para isso. Ele enfiou a mão dentro da blusa da mulher e beliscou a pele enrugada e flácida, como uma maçã passada. Às vezes, ela desejava poder fazê-lo calar a boca, mas quando falava, Radu era tão doce e gracioso que compensava os ataques histéricos. Ele até cheirava bem, como se o mel das refeições ficasse impregnado em sua boca.

– Seja um bom menino e vai poder andar de trenó com Lada e Bogdan mais tarde. Você quer? – argumentou a ama.

Radu fez que não com a cabeça, com os lábios tremendo, o que era sinal de que mais lágrimas viriam.

– Ou então podemos ir ver os cavalos.

Ele assentiu lentamente, e a ama soltou um suspiro de alívio. Quando voltou a erguer os olhos, notou que Lada não estava mais lá.

– Aonde ela foi?

Bogdan arregalou os olhos de medo e indecisão. Ele já não sabia o que era pior: a fúria da mãe ou da pequena Lada.

Bufando audivelmente, a ama apoiou Radu no quadril, sentindo os pezinhos dele contra sua perna a cada passo que dava. Ela atravessou o corredor na direção da escada estreita que levava aos quartos.

– Lada, se você acordar sua mãe, vamos ter...

A mulher interrompeu o passo, ficando totalmente imóvel, com uma expressão de temor idêntica à de Bogdan. Da sala de estar, vinham vozes. Vozes graves. Masculinas. Conversando em turco, o idioma de seus inimigos contumazes, os otomanos.

Isso significava que Vlad estava em casa, e Lada estava...

A ama correu pelo corredor e entrou às pressas na sala de estar, onde a encontrou parada no meio do recinto.

– Eu mato infiéis! – a menina rosnou, brandindo uma facinha de cozinha.

– É mesmo? – Vlad respondeu para ela no idioma dos saxões, a língua mais falada em Sighisoara. O entendimento do saxão da ama era precário e, embora Vassilissa fosse fluente em vários idiomas, nunca conversava com os filhos. Lada e Radu falavam apenas valáquio.

Lada brandiu a faca para ele em resposta à pergunta que não conseguiu entender. Vlad ergueu uma sobrancelha. Estava vestido com tecidos finos, com um turbante elaborado na cabeça. Fazia quase um ano que a menina não o via. Por isso, não o reconheceu.

– Lada! Venha aqui agora mesmo – murmurou a ama.

A menina manteve a postura ereta e impecável sobre as pernas curtas.

– Esta é minha casa! Sou da Ordem do Dragão! Eu mato infiéis!

Um dos três homens que acompanhavam Vlad murmurou alguma coisa em turco. A ama sentiu o suor brotar em seu rosto, seu pescoço e suas costas. Eles matariam uma criança por ameaçá-los? O pai dela permitiria? Ou simplesmente matariam a ama, por não ser capaz de controlar Lada?

Vlad abriu um sorriso condescendente diante do comportamento da filha, então fez um aceno de cabeça para os três homens. Eles retribuíram o aceno e saíram, sem fazer comentários sobre a ama ou sobre a menina desobediente.

– Quantos infiéis você matou? – A voz de Vlad, dessa vez na língua melódica e romântica dos valáquios, era suave e fria.

– Centenas. – Lada apontou a faca na direção de Radu, que escondeu o rosto no ombro da ama. – Matei aquele ali hoje de manhã.

– E vai me matar também?

Lada hesitou, baixando a mão. Ela encarou o pai, e o reconhecimento se tornou visível em seu rosto como uma gota de leite caindo em um copo de água cristalina. Rápido como uma serpente, Vlad arrancou a faca da mão dela, segurou a menina pelo tornozelo e a ergueu no ar.

– E como você pretende matar alguém maior, mais forte e mais esperto que você? – ele perguntou, colocando o rostinho dela de cabeça para baixo no mesmo nível do seu.

– Você trapaceou! – Os olhos de Lada brilhavam com um ardor que a ama tinha aprendido a temer. Era sinônimo de ferimentos, destruições e incêndios. Muitas vezes as três coisas ao mesmo tempo.

– Eu ganhei. É o que importa.

Dando um grito, Lada se contorceu toda e mordeu a mão do pai.

– Pelas chagas divinas! – Ele a derrubou no chão. A menina se encolheu, rolou para longe do alcance e então se agachou, arreganhando os dentes para o homem. A ama se preparou para o pior, esperando que Vlad tivesse um acesso de raiva e desse uma surra em Lada. Ou desse uma surra *nela* por não conseguir criar uma menina obediente e dócil.

Em vez disso, ele caiu na risada.

– Minha filha é feroz.

– Desculpe, milorde. – A ama baixou a cabeça, gesticulando freneticamente para Lada. – Ela está animada em revê-lo depois de uma ausência tão longa.

– E quanto à instrução das crianças? Ela não fala saxão.

– Não, milorde. – Não era exatamente verdade. Lada havia aprendido algumas palavras obscenas, que gritava com frequência da janela para a praça lotada. – Lada sabe um pouco de húngaro, mas não tem ninguém por aqui encarregado da instrução das crianças.

Ele estalou a língua e assumiu uma expressão pensativa.

– E quanto a esse aí? É feroz também? – Vlad se inclinou na direção de Radu, que enfim tinha criado coragem para olhar.

O menino foi imediatamente às lágrimas, voltando a esconder o rosto no ombro da ama e enfiando a mão sob sua touca para agarrar seus cabelos. Vlad contorceu a boca de desgosto.

– Esse puxou à mãe. Vassilissa! – ele gritou, tão alto que Radu ficou em silêncio de imediato, fungando e soluçando.

A ama não sabia se ficava ou ia embora, mas ainda não havia sido dispensada. Lada a ignorava, mantendo os olhos cautelosos cravados no pai.

– Vassilissa! – Vlad rugiu outra vez. Ele estendeu a mão para agarrar Lada, mas a menina estava alerta dessa vez, e escapuliu para baixo da mesa de madeira polida. Vlad roçou os dedos no móvel. – Muito bem. Vassilissa!

Sua esposa apareceu na sala com passos cambaleantes, vestindo apenas um lençol e com os cabelos soltos. Estava magérrima. As maçãs do rosto pareciam saltadas sob os olhos vazios. Se o parto de Lada quase a matara, o nascimento de Radu drenara o pouco de vida que lhe restava. Ela observou a cena – Radu banhado em lágrimas, Lada sob a mesa, seu marido finalmente em casa – com uma expressão de desinteresse.

– Sim? – perguntou.

– É assim que saúda seu marido? O voivoda da Valáquia? O *príncipe*? – Ele abriu um sorriso triunfante, revelando os lábios finos sob o bigode comprido.

Vassilissa ficou paralisada.

– Você foi nomeado príncipe? O que aconteceu com Alexandru?

– Meu irmão morreu.

Para a ama, Vlad não parecia exatamente de luto.

Enfim notando a presença da filha, Vassilissa se dirigiu a ela.

– Ladislav, saia daí. Seu pai está em casa.

– Ele não é meu pai. – Lada não se moveu.

– Tire a menina daí – Vassilissa esbravejou para a ama.

– Você não consegue fazer sua própria filha obedecer? – A voz de Vlad ressoava límpida como em um céu azul no auge do inverno. Um sol com dentes, como diziam naqueles tempos.

A ama se encolheu ainda mais em seu canto, tão amedrontada que Radu por fim sumiu da vista de Vlad. Vassilissa olhou freneticamente para ambos os lados, mas não havia como escapar.

– Quero ir para casa – ela murmurou. – Voltar para a Moldávia. Por favor, me dê permissão.

– Implore.

O corpo miúdo de Vassilissa estremeceu. Ela caiu de joelhos, baixou a cabeça e segurou a mão de Vlad.

– Por favor. Eu imploro. Me deixe ir para casa.

Vlad estendeu a outra mão e acariciou os cabelos embaraçados e oleosos dela. Então os agarrou, inclinando a cabeça da mulher para o lado. Ela gritou, mas ele puxou com mais força, obrigando-a a ficar de pé. Então levou os lábios ao ouvido dela.

– Você é a criatura mais fraca que já vi na vida. Volte rastejando para o buraco de onde veio e fique lá escondida para sempre. Rasteje!

Ele a jogou no chão. E Vassilissa saiu da sala rastejando.

A ama ficou olhando fixo para o tapete finamente tecido que cobria o chão de pedra. Não disse nada. Não fez nada. Só rezou para que Radu ficasse em silêncio.

– Você. – Vlad apontou para Lada. – Saia daí. Agora.

Ela obedeceu, ainda olhando para a porta por onde a mãe tinha saído.

– Sou seu pai. Mas aquela mulher não é sua mãe. Sua mãe é a Valáquia. Sua mãe é a terra para onde estamos indo, onde sou príncipe. Entendeu bem?

Lada olhou para os olhos de seu pai, profundos e marcados por anos de ardis e crueldades. Ela assentiu e estendeu a mão.

– A filha da Valáquia quer a faca de volta.

Vlad sorriu e a entregou para a filha.

1446: Tirgoviste, Valáquia

RADU SENTIU o gosto de sangue na boca, misturado com o toque salgado das lágrimas que escorriam de seu rosto.

Andrei e Aron Danesti o chutaram outra vez, acertando sua barriga em cheio com a ponta das botas. Radu virou de lado, encolhendo-se todo para tentar se tornar um alvo o mais diminuto possível. As folhas secas e as pedras soltas no chão da floresta arranharam seu rosto. Ninguém conseguia ouvi-lo dali.

Ele estava acostumado. Ninguém o escutava no castelo também, onde, mesmo depois de seis anos, só se sentia em casa quando estava fechado no quarto com a ama. Os professores estavam constantemente ocupados em um eterno conflito com Lada, e a dedicação exemplar do garoto passava despercebida. A irmã sempre estava entretida com os estudos ou em algum lugar com Bogdan, por isso nunca tinha tempo para ele. Seu meio-irmão mais velho, Mircea, forçava Radu a procurar esconderijos a todo momento, para escapar de comentários afiados e de punhos ainda mais afiados. Já seu pai, o príncipe, passava semanas inteiras sem sequer se dar conta de sua existência.

A pressão era tamanha que Radu não sabia se tinha mais medo de que seu pai nunca mais prestasse atenção nele ou do contrário.

Era mais seguro passar despercebido.

Infelizmente, ele não tinha conseguido fazer isso naquele dia. Aron Danesti deu risada, um som que machucava mais do que as botas.

– Você berra igual a um porquinho. Faz de novo.

– Por favor. Parem. Parem. – Radu cobriu a cabeça quando Aron estapeou seu rosto.

– Estamos aqui para ficar mais fortes. E ninguém é mais fraco que você – disse Andrei.

Pelo menos uma vez por mês, todos os meninos de sete a doze anos das famílias de boiardos – uma palavra que designava a nobreza e que era dita com a boca contorcida de desprezo quando saía dos lábios de Lada – eram mandados para as profundezas da floresta. Era uma tradição que a maioria dos adultos encarava com risadas indulgentes. Uma brincadeira, segundo eles. Mas mesmo assim ficavam

todos muito ansiosos para ver quem saía de lá primeiro, e com mais pinta de que havia voltado de um passeio no parque, em vez de exausto e assustado como um garotinho qualquer.

Os Danesti, que se revezaram no trono com a família Basarab por quinze anos, estavam especialmente interessados em ver como Aron e Andrei, que eram um ano mais velhos que Radu, se saíam. Eles não tinham gostado muito de ser usurpados pelos Draculesti.

Radu era o filho do príncipe, um Draculesti, o menino mais novo e alvo mais frequente. Ele nunca vencia. E naquele dia, pela primeira vez, chegou a temer que não fosse mais sair. O terror fez sua garganta se fechar. Sua respiração estava ofegante e dolorosa.

Andrei agarrou Radu com força pelos braços e o obrigou a ficar de pé, aproximando o hálito quente de seu ouvido.

– Minha mãe falou que seu pai queria que você nunca tivesse nascido. Você não deseja isso também?

Aron o golpeou na barriga, e Radu sentiu seu estômago parar na boca.

– Fala – mandou Andrei, com um tom de alegria na voz. – Fala que você queria nunca ter nascido.

– Eu queria nunca ter nascido. – Radu fechou os olhos com força.

Aron bateu nele de novo.

– Mas eu falei! – Radu gritou, tossindo e com dificuldade para respirar.

– Eu sei – respondeu Andrei. – Bate nele outra vez.

– Meu pai vai...

– Seu pai vai fazer o quê? Escrever para o sultão pedindo permissão para castigar a gente? Pedir à minha família para fazer uma doação ao trono para comprar um chicote para aplicar a punição? Seu pai não é *ninguém*. Assim como você.

Radu se preparou para mais uma pancada, mas o grito de Aron o fez abrir os olhos. Aron corria em círculos, tentando desesperadamente se desvencilhar de Lada. Ela não deveria estar ali, mas por algum motivo sua presença não surpreendia. A menina tinha saltado sobre Aron, imobilizando os braços dele com os seus. Radu só conseguiu ver o rosto da irmã sob os cabelos embaraçados depois que Aron virou, revelando os dentes de Lada cravados em suas costas.

Andrei empurrou Radu para longe e partiu em socorro do primo. Lada soltou Aron, largando as costas dele e se agachando. Os olhos dela se estreitaram. Andrei tinha onze anos, a idade de Lada, mas era maior. Aron foi cambaleando até uma árvore e se apoiou no tronco, chorando e apertando as costas.

Lada sorriu para Andrei, com os dentes manchados de sangue.

– Sua menina-demônio, eu...

Lada ficou de pé e atingiu o nariz de Andrei em cheio com o punho. Ele gritou, caindo de joelhos, desnortado. A menina foi andando até ele e chutou com força a lateral de seu corpo, mandando-o ao chão. Andrei a encarou, engasgado com o sangue que escorria pelo nariz. Ela enfiou o pé na garganta dele e pisou com força, mas só o suficiente para fazê-lo arregalar os olhos de pânico.

– Fora da minha floresta – Lada rosnou.

Em seguida, ergueu o pé e observou, com os olhos semicerrados, enquanto Andrei e Aron se apoiaram um no outro para conseguir fugir, sem nenhum sinal da pretensão anterior.

Radu limpou o rosto na manga, que ficou emporcalhada de sangue e sujeira. Ele olhou para Lada, de pé sob um feixe de luz do sol que entrava por uma fresta na folhagem densa. Pela primeira vez na vida, sentiu-se grato pelo temperamento violento da irmã, pelo estranho conhecimento instintivo que demonstrava quanto à melhor maneira de ferir alguém com o mínimo de esforço. Ele estava exausto e assustadíssimo, e ela o salvara.

– Obrigado. – Radu foi cambaleando até Lada com os braços estendidos. Quando estava com alguma dor, a ama o acolhia junto ao peito, isolando-o do restante do mundo. Era o que ele queria – e precisava – naquele momento.

Lada lhe deu um soco na barriga. Radu se dobrou de dor, caindo de joelhos. Ela ajoelhou ao seu lado, agarrando-o pelas orelhas.

– Não me agradeça. Tudo o que eu fiz foi ensinar a eles que devem ter medo de mim. Não foi para ajudar você. Da próxima vez, trate de bater primeiro, e mais forte, para que saibam que seu nome significa medo e sofrimento. Não vou estar por perto para salvar você de novo.

Radu estremeceu, tentando não chorar. Sabia que Lada detestava ouvi-lo chorar, mas ele tinha motivo. Além de bater nele, ela estava pedindo algo impossível. Aqueles meninos eram maiores, mais maldosos e mais rápidos. Radu não conseguia entender como Lada fora capaz de superá-los.

Ele fez a longa e dolorida caminhada para fora da floresta no rastro da irmã, tentando pensar no que fazer para ser como ela. Os boiardos estavam sentados sob tendas armadas na beirada do bosque, conversando enquanto eram abanados pelos servos. Mircea estava lá, falando com Vlad Danesti, e a expressão no rosto dele quando viu Radu foi um indicativo de que havia gostado do estrago que lhe tinham feito. Ou talvez quisesse ver além.

Radu ficou ainda mais para trás em relação a Lada; todos os olhares estavam voltados para ela. Os boiardos ficaram atônitos ao ver a filha do príncipe sair da floresta com a cabeça erguida. Ninguém ficou surpreso com Radu imundo e ensanguentado, embora não tanto quanto Aron e Andrei. Em seu desespero para fugir de Lada, os primos Danesti se perderam e tiveram que ser resgatados.

Depois disso, as expedições à floresta foram canceladas, e as famílias de boiardos começaram a trocar sussurros a respeito da filha do príncipe. Ela sempre superava os meninos de sua idade em termos de habilidade com montaria, e exigia aprender tudo o que ensinavam ao irmão, mas aquilo havia sido uma demonstração pública muito mais notável. Em vez de repreender Lada, seu pai deu risada e elogiou a filha, que segundo ele era selvagem e feroz como um javali. Se fosse Radu quem tivesse saído da mata como vencedor, seu pai teria ao menos notado?

Radu ouvia todas as conversas, escondido atrás das tapeçarias, espreitando os cantos escuros. Percebeu que Aron e Andrei o estavam vigiando, mas depois de duas semanas ainda não tinham conseguido pegá-lo sozinho. Quando os adultos estavam presentes, Radu estava em segurança, então podia sorrir e ser simpático.

Lada estava certa. Ela não o salvara. O olhar estampado no rosto de seus inimigos quando o viam era a prova.

Então ele ficou à espera, à espreita, observando. Em uma manhã fria de outono, decidiu agir.

– Olá – falou, com uma voz animada e radiante.

O pequeno criado teve um sobressalto, dando um pulo como se tivesse sido agredido.

– Em que posso ajudar?

A camisa dele estava quase toda puída. Radu observou os ossos saltados nas clavículas, os bracinhos finos e compridos. Eles provavelmente tinham a mesma idade, mas a vida de Radu era muito mais fácil. Pelo menos em termos de alimentação. Radu sorriu.

– Quer comer alguma coisa?

Os olhos do menino se arregalaram de surpresa. Ele assentiu com a cabeça.

Radu sabia bem o que significava ser negligenciado, porque muitas vezes se sentia invisível. Ele conduziu Emil, um criado de estirpe tão baixa que os boiardos para quem trabalhava nem o conheciam, até a cozinha.

Um bando de ladrões vinha atacando o castelo. Depois de cada banquete dado pelas famílias de boiardos, alguém notava a ausência de um colar, uma joia ou algum objeto de valor. Isso afetava sua reputação, então o príncipe determinou que o responsável pelos crimes fosse açoitado em público e jogado na cadeia por tempo indeterminado. Os boiardos resmungavam furiosamente pelos corredores, enquanto Vlad se escondia pelos cantos do castelo, com os olhos baixos e os ombros caídos devido ao peso da vergonha de ser incapaz de controlar o que acontecia ali.

Várias semanas depois, Radu se posicionou na multidão para ver Aron e Andrei, com os rostos cobertos de lágrimas e ranho, serem amarrados a um poste no meio

da praça.

– Por que eles roubariam essas coisas? – Lada observava tudo com os lábios contorcidos de curiosidade.

Radu encolheu os ombros.

– Todas as coisas perdidas foram encontradas debaixo da cama deles por um criado.

Um criado que não estava mais dolorosamente desnutrido e que considerava Radu seu único amigo no mundo. O garoto sorriu. Não havia motivo para esperar tanto tempo, adiando a punição de seus inimigos e prolongando a vergonha de seu pai. Mas a espera só tornou tudo ainda mais saboroso. E agora viria a recompensa.

– Foi você quem fez isso? – Lada virou para ele, franzindo a testa de desconfiança.

– Existem outras maneiras de machucar alguém, sem precisar usar os punhos. – Radu cutucou as costelas da irmã com o dedo.

Ela deu risada, o que o surpreendeu. Ele se empertigou todo, com um sorriso no rosto por ter conseguido agradar e impressionar Lada. Ela nunca dava risada, a não ser quando zombava de Radu. Ele havia feito alguma coisa certa!

Então as chibatadas começaram.

O sorriso de Radu murchou e desapareceu. Ele desviou o olhar. Estava em segurança. E era motivo de orgulho para Lada, o que nunca havia acontecido antes. Concentrou-se nisso e tentou ignorar seu estômago, que se revirava a cada vez que Aron e Andrei gritavam de dor. Ele queria sua ama – queria que ela o abraçasse e o confortasse –, o que era mais um motivo de vergonha.

Lada observava a chibata com uma expressão calculista no rosto.

– Por outro lado, os punhos dão resultado mais rápido – ela comentou.

1446: Curtea de Arges, Valáquia

DURANTE O AUGO do verão do décimo segundo ano de vida de Lada, quando a peste chegou com o zumbido insistente de um milhão de moscas-varejeiras, Vlad tirou a menina e Radu da cidade. Mircea, o tormento deles e irmão mais velho, estava na Transilvânia para aplacar algumas tensões. Lada se sentia gloriosamente visível cavalgando ao lado do pai. Radu, a ama e Bogdan vinham mais atrás, escoltados pelo contingente de guardas. Vlad mostrou a Lada diversas características daquela zona rural – uma trilha secreta na encosta de uma montanha, um antigo cemitério que um povo havia muito esquecido marcara com pedras lisas, a maneira como os lavradores faziam valas para levar a água do rio para suas plantações. Ela bebia aquelas palavras com mais avidez do que o solo sedento de água.

Em uma breve parada na cidadezinha verdejante de Curtea de Arges, prestaram seus tributos na igreja que seu pai apadrinhou. Em geral, Lada se irritava ao receber instruções religiosas. Embora comparecesse à igreja com o pai, era uma tarefa encarada como obrigação política, uma oportunidade de serem vistos e observados, de dar a chance a uma ou outra família obter mais prestígio se sentando perto do príncipe. O cântico dos sacerdotes era sonolento, o ar, sufocante, e a luz, fraca, opressivamente filtrada pela janela de vidros encardidos. Eles eram ortodoxos, mas seu pai tinha relações com o papa por meio da Ordem do Dragão, então era ainda mais importante que ela se sentasse direito, ouvisse o sacerdote e fizesse de tudo para manter as aparências.

Era uma encenação que deixava Lada com os dentes cerrados de tensão.

Mas ali, *naquela* igreja, o nome de seu pai estava entalhado na parede, folheado a ouro, perto de um mosaico enorme de Cristo na cruz. Isso a fez se sentir mais forte. Como se até Deus conhecesse o nome de sua família.

Um dia ela construiria sua própria igreja, e Deus iria reconhecê-la.

Eles continuaram a viagem, margeando o rio Arges, que ora se tornava estreito e com corredeiras violentas, ora se mostrava largo com uma superfície lisa como vidro. Seu percurso serpenteava pelos campos até chegar às montanhas. Tudo ali era de um verde tão profundo que quase parecia preto. Pedras cinzentas e escuras e

rochas encravadas nas encostas compunham o cenário em meio ao qual o Arges cumpria seu curso.

Ali era mais fresco que em Tirgoviste. O ar frio se agarrava às rochas e ao lodo e jamais se dissipava. As montanhas mais à frente eram tão inclinadas que o sol só batia sobre os viajantes durante algumas horas por dia antes que as sombras tomassem conta do caminho. O cheiro no ar era de pinha, madeira e podridão – mas mesmo a podridão ali parecia mais orgânica e salubre do que os odores pútridos ocultos de Tirgoviste.

Certa tarde, perto do fim da viagem, Vlad estendeu a mão para um abeto que crescia meio inclinado em uma rocha. Ele quebrou um ramo, cheirou e passou para Lada com um sorriso. Era um sorriso que a fez se sentir zozza e sem fôlego, como o ar da montanha. Um sorriso pacífico. Ela nunca havia visto um sorriso como aquele no rosto do pai, e ser o alvo dessa demonstração de afeto fez seu coração disparar de felicidade.

– Somos aquela árvore – ele falou, acelerando a cavalgada.

Lada puxou as rédeas para que sua montaria, uma criatura castanha e dócil, fizesse uma pausa. Ela observou bem a árvore, que parecia sugar sua vida de dentro da pedra. Era pequena e retorcida, mas ainda assim verdejante, e crescia inclinada, de lado, desafiando a gravidade. Sobrevivia onde parecia impossível.

Lada não sabia se seu pai estava falando deles dois ou de toda a Valáquia. Em sua cabeça, ambos tinham se tornado indistintos. *Somos aquela árvore*, ela pensou, segurando o galho de cheiro forte junto ao nariz. *Desafiamos a morte para crescer*.

Naquele início de noite, chegaram a um vilarejo escondido entre o rio e as montanhas. As casas eram simples, rústicas, não se comparavam a seu castelo. Mas as crianças corriam e brincavam pelas ruazinhas estreitas, e as janelas eram adornadas com vasinhos de plantas floridas. As galinhas e as ovelhas circulavam livremente.

– E os ladrões? – questionou Radu. Em Tirgoviste, os animais ficavam presos, vigiados vinte e quatro horas por dia.

– Aqui todo mundo se conhece. Quem roubaria do próprio vizinho? – A ama fez um gesto com o braço para mostrar todo o vilarejo ao redor.

– Pois é, quem fizesse isso seria descoberto e punido imediatamente – acrescentou Lada.

– Porque eles se preocupam uns com os outros. – Radu abriu um sorriso um tanto constrangido.

A comida foi servida. Fatias de pão quentinho, frangos tostados por fora e fumegando por dentro. Talvez fosse por causa da viagem, ou do cheiro da vegetação ao redor, mas até a comida ali parecia mais substanciosa e real para Lada.

Na manhã seguinte, ela acordou cedo, sentindo a palha da cama atravessar o tecido de sua roupa e cutucar suas costas. Com a ama ainda roncando e Bogdan e Radu encolhidos em um canto como dois cachorrinhos, a menina saiu pela janela.

O chalé – aconchegante e bem-arrumado, o mais bonito da vila – ficava perto de um arvoredor, e foram necessários apenas alguns passos para Lada se ver envolvida por um mundo secreto, banhado de luz filtrada de verde e do zumbido constante de insetos invisíveis. O chão sob seus pés descalços estava úmido do orvalho e coberto de lesmas do tamanho de seu dedo indicador. A névoa cobria parte das árvores, que a saudavam com cipós quase sencientes. Ela seguiu em frente por uma trilha precária, serpenteando com passos lentos na direção de uma elevação sólida de pedra cinzenta.

Tinha ruínas lá em cima, uma fortaleza antiga havia muito desmoronada. Era possível notar alguns vislumbres em meio à névoa, que a atraíam de uma forma que ela não era capaz de explicar.

Lada precisava ir até lá.

Escalou uma pequena ravina, e em seguida a própria face do pico rochoso. Seus pés escorregaram, e ela teve de colar o rosto à pedra, respirando fundo. Martelados na superfície, havia restos de grandes pregos que em algum momento deviam ter servido de apoio para uma ponte. A menina se agarrou a um deles, depois a mais outro, até conseguir se projetar sobre o que restava de uma parede em ruínas.

Ela atravessou a estrutura, com pedaços afiados de tijolos e argamassa cravando em seus pés. Em uma extremidade, onde não restava nem mesmo uma parede, não havia nada além de uma plataforma de pedra sobre um enorme espaço vazio. Seu coração disparou quando ela olhou para o Arges lá embaixo, parecendo um simples fio d'água, e o vilarejo, cujas pedras pareciam pedrinhas no penhasco. O sol subia por trás dos picos mais adiante, pousando seus raios diretamente sobre ela, iluminando as partículas que pairavam no ar e transformando a névoa em um arco-íris suave. Uma flor roxa e espinhosa que crescia em meio à antiga fundação chamou sua atenção. Ela a arrancou e a ergueu contra a luz, passando-a depois pelo rosto.

Uma espécie de arrebatamento a dominou, uma sensação de que aquele momento, aquela montanha, aquele sol – tudo aquilo havia sido feito para *ela*. A sensação mais próxima de uma euforia que experimentava – ao mesmo tempo uma queimação e um inchaço no peito – vinha quando seu pai ficava contente com ela. Mas aquilo era uma novidade, algo muito maior e mais arrebatador. Era a Valáquia – sua terra, sua *mãe* – que a saudava. Era daquele modo que Lada deveria se sentir na igreja. Nunca tinha vivenciado o espírito divino dentro das paredes de uma igreja, mas, naquele pico, naquela zona rural, ela se sentiu em paz, com um propósito, com uma sensação de pertencimento. Aquilo era a glória de Deus.

Aquilo era a Valáquia.
Aquilo lhe pertencia.

Depois de o sol quase atravessar o penhasco e começar a se preparar para se esconder atrás da montanha, Lada iniciou sua descida. Foi bem mais difícil que a subida – seus pés estavam menos seguros, menos determinados.

Quando voltou ao vilarejo, com dores e morrendo de fome, foi recebida com uma tremenda bronca de sua aflitíssima ama. Radu resmungava que o dia todo havia sido arruinado, e até mesmo Bogdan achara ruim porque não tinha sido levado junto.

Ela não estava preocupada com nenhum deles – queria contar para seu pai o que sentira na montanha, que sua mãe Valáquia a abraçara e a preencheria com seu calor e afeto. Lada estava energizada dos pés à cabeça, e sabia que seu pai entenderia. Sabia que ficaria orgulhoso.

Mas ele nem ao menos notara sua ausência; e no jantar estava irritado, reclamando de dor de cabeça. A menina enfiou debaixo da mesa a flor que havia segurado o dia todo. Mais tarde naquela noite, guardou-a dentro do pequeno livro de santos que a ama levava para ela, junto com o gravetinho da árvore inclinada.

No dia seguinte, seu pai foi embora para resolver algum assunto em outro lugar.

Mesmo assim, aquele verão foi o melhor da vida dela. Com a saída de cena de seu pai, desapareceu também seu desespero para agradá-lo. Lada se divertiu em banhos de rio com Bogdan e Radu, escalou rochedos e árvores, atormentou as crianças do vilarejo e foi atormentada por elas. Lada e Bogdan criaram um idioma secreto, uma versão bastarda de sua língua nativa, com uma mistura de latim, húngaro e saxão. Quando Radu pedia para brincar com eles, os dois respondiam nessa linguagem confusa e intrincada. Muitas vezes ele chorava de frustração, o que só mostrava que estavam certos em deixar o garotinho resmungão de fora das brincadeiras.

Um dia, quando estavam no alto da montanha, Bogdan declarou que tinha a intenção de se casar com Lada.

– Por que isso? – questionou ela.

– Porque não existe nenhuma outra menina divertida. Odeio as meninas. A não ser você.

Lada já havia entendido, de uma forma vaga e um tanto temerosa, que seu futuro dependia da instituição do casamento. Fazia tempo que sua mãe havia ido embora para a Moldávia – ou fugido, dependendo de quem fofocava –, portanto não havia

ninguém a quem perguntar sobre esse tipo de coisa. Até mesmo a ama se limitava a estalar a língua e afirmar que falaria *sobre aquele mal quando chegasse a hora*, o que levou Lada a presumir que o casamento era um mal.

Às vezes a menina imaginava um vulto indistinto ao seu lado no altar. Ela ergueria a mão e ele tomaria para si tudo o que era seu. Isso a fazia arder de raiva, pensar que havia um homem à sua espera para fazê-la rastejar.

Mas aquele era Bogdan. Se fosse para casar com alguém, seria ele.

– Ótimo. Mas só se você concordar que quem manda sou eu – disse.

– E qual seria a diferença de como as coisas são hoje? – Bogdan deu risada.

Depois de dar um bom soco nas costas dele, Lada se viu invadida por uma súbita e urgente necessidade de eliminar o pesadelo daquele vulto sem forma. Ali, no alto daquela montanha, tudo era perfeito.

– A gente deveria casar agora mesmo.

– Como?

– Me dá sua mão.

Bogdan obedeceu, sibilando de dor quando ela passou a faca na palma da mão dele. Lada fez o mesmo com sua própria mão, depois apertou a dele, sentindo o sangue quente se misturar sobre a pele.

– Nesta montanha, com minha mãe Valáquia como testemunha, estou casada para sempre com Bogdan e nenhum outro.

Ele sorriu, com as orelhas grandes bem vermelhas, iluminadas pelo sol que se punha.

– Nesta montanha, com a mãe de Lada feita de pedras e árvores vendo tudo, estou casado para sempre com Lada e nenhuma outra.

– E quem manda aqui sou eu. – Ela apertou a mão dele com mais força.

– E quem manda aqui é você. – Eles se soltaram e, com uma careta de confusão e decepção, Bogdan sentou no chão. – E agora?

– Como é que eu vou saber? Nunca casei.

– A gente devia se beijar.

Dando de ombros, Lada colou os lábios nos de Bogdan. Os dele eram macios, úmidos e quentes, e de uma distância tão curta as feições do menino se borraram, fazendo parecer que ele tinha três olhos. Lada deu risada, e ele fez o mesmo. Os dois passaram o restante da tarde com os narizes colados, dizendo um para o outro o quanto pareciam monstruosos com um olho só, ou com três, ou qualquer que fosse a impressão que tinham no momento.

Eles nunca voltaram a falar sobre o casamento, mas suas mãos demoraram semanas para cicatrizar.

Quando, depois de uma infinita passagem de dias dourados e verdejantes, eles enfim voltaram para Tirgoviste, aquilo pareceu tudo menos voltar para casa. Lada

sofreu pelo que havia deixado para trás. Algum dia ela voltaria à beira do Arges e reconstruiria a fortaleza na montanha, onde viveria com seu pai e Bogdan. Talvez até Radu.

Seria melhor do que em Tirgoviste. Qualquer coisa seria melhor que Tirgoviste.

1447: Tirgoviste, Valáquia

AOS ONZE ANOS, Radu ainda era pequeno demais para sua idade. Entediado, irritado e com frio, chutava a neve espessa e rígida. Lada e Bogdan gritaram alegremente ao passar correndo por ele, montados em um velho escudo de metal. Eles pararam no pé do morro, pouco acima da barranca do rio. Demoraram um tempão para escalar, arrastando consigo o pesado escudo que haviam pego sem permissão. Apesar de Radu ter ajudado a levá-lo até lá, eles não o deixaram descer nem uma vez.

Enquanto Lada e Bogdan subiam de volta com o escudo para mais uma descida, conversavam entre si em sua linguagem secreta. Aquela que Radu ainda não conseguia entender.

– Olha só para ele – Bogdan ironizou, com as orelhas de abano bem vermelhas por causa do frio. – Acho que vai chorar.

– Ele sempre chora – retrucou Lada, sem lançar um mísero olhar para Radu.

Isso, obviamente, fez os olhos do irmão se encherem de lágrimas. Ele detestava Bogdan. Se aquele imbecil não estivesse lá, seria Radu descendo a barranca com Lada, ele que compartilharia seus segredos.

Ele saiu pisando duro na neve, que refletia o sol forte. Caso o vissem com lágrimas nos olhos, Radu poderia culpar o excesso de luz. Mas eles saberiam que era mentira. Perto das margens do rio, a água estava congelada, pelo que era possível ver. Havia várias crianças brincando lá perto, algumas mais ou menos da sua idade. Ele se aproximou, tentando fazer parecer que estava caminhando casualmente naquela direção.

Radu queria ser chamado para brincar.

Queria tanto que isso o incomodava mais do que a dor nos dedos quase congelados.

– Dou um bolo de mel para quem tiver coragem de ir até o meio do rio – declarou o menino mais velho. Seus pés descalços estavam envoltos por trapos, mas ele se portava de maneira orgulhosa, como qualquer outra criança das famílias de boiardos.

– Mentiroso – respondeu uma garotinha com longas tranças estendidas sobre o xale em torno do pescoço. – Você nunca tem nada para comer, Costin.

O menino ergueu o queixo, incomodado, com a raiva visível na maneira como contorceu a boca.

– Vou mais longe que qualquer um de vocês. Aposto que sim. Quem tem coragem?

– Eu tenho – Radu falou, e imediatamente se arrependeu. Cauteloso por natureza, sempre com medo de se machucar, ele evitava o risco a qualquer custo. Aquele era o principal motivo por que Bogdan e Lada zombavam dele. Sair caminhando em cima de um rio congelado não era algo que ele faria por iniciativa própria.

O garoto quase desistiu quando ouviu a gargalhada de Bogdan atrás dele. Em vez disso, deu um passo à frente.

O grupo olhou em sua direção, só então notando sua presença. Os olhos de Costin se estreitaram ao pousar sobre as roupas elegantes de Radu, parando em suas botas de couro. Radu queria ser amigo dele. Mais do que isso: em certo sentido que nem o próprio Radu entendia, ele queria *ser* Costin. Queria olhar os outros nos olhos, sem medo, sem vergonha, independentemente de dinheiro e nobreza.

Costin escancarou o lábio superior, e Radu sentiu uma pontada repentina de medo, ainda pior que a perspectiva de encarar o rio congelado. Temia que Costin o ignorasse ou o mandasse embora. Temia que aquelas crianças o encarassem como alguém com quem não valia a pena perder tempo.

– Se você for mais longe que eu, pode ficar com minhas botas – disse Radu, em um momento de desespero.

Costin ergueu as sobrancelhas, em uma expressão de interesse.

– Você jura?

– Por todos os santos.

As crianças pareciam ao mesmo tempo perplexas e impressionadas com a declaração ousada e fora de propósito de Radu. Era uma jura importante, pois havia mais santos do que o menino era capaz de imaginar. E ele sabia que não podia evocá-los para uma situação como aquela. Radu corrigiu a postura, imitando a agressividade de Costin.

– E se você for mais longe do que eu? – O tom de voz de Costin indicava que considerava isso impossível.

Radu sorriu, embarcando na mentira descarada do outro.

– Ganho o bolo de mel.

Costin assentiu com a cabeça, e eles desceram da barranca do rio. Mais perto da margem, o gelo estava branco e opaco, coberto de pedrinhas. Radu remexeu os pés

com hesitação, tentando sentir se suas botas ficavam muito escorregadias naquela superfície.

Aos risos, Costin deslizou para a frente, esfregando os pés cobertos de trapos no gelo como se já tivesse feito aquilo uma centena de vezes antes. E provavelmente tinha.

Observando-o, Radu continuou deslizando para a frente. Começou a fazer um progresso mais significativo, embora ainda estivesse bem para trás. Tudo bem. Radu na verdade não queria superar o outro garoto, pois sabia que Costin não tinha bolo de mel nenhum para oferecer. Quando as pessoas eram incapazes de cumprir as expectativas criadas, ficavam envergonhadas ou irritadas, pelo que o garoto pudera observar. Ele achava que Costin era do tipo que ia se irritar, e queria ser amigo dele, não inimigo.

De qualquer forma, tinha outro par de botas em casa. A ama na certa lhe daria uma bronca, mas não contaria para o pai. Ela sempre era gentil e boazinha com ele depois de uma boa reprimenda.

Os dois já tinham se afastado vários passos da margem quando um estalo bem alto ecoou ao redor. Radu ficou imóvel.

Costin olhou para trás, com os olhos escuros brilhando e o queixo erguido.

– O meio é para cá, covardão. – Ele deu mais alguns passos e, em meio a sons de estilhaços, afundou no gelo.

– Costin! – gritou Radu, aproximando-se da parte quebrada. O menino veio à tona, tentando se agarrar ao gelo. Radu se deitou de barriga no chão e estendeu a mão. Ele quase alcançou a de Costin, mas sentiu o gelo sob seu corpo ceder.

Alguém o agarrou pelo tornozelo e o puxou para trás.

– Espera! – ele gritou, estendendo as mãos para Costin, que se ergueu até a barriga para fora, sem conseguir, contudo, sair sozinho da água. Ele estendeu a mão para Radu, mas era tarde demais. Os olhos de Costin se arregalaram de pavor, e seu rosto ficou pálido como o gelo enquanto o outro menino era puxado para longe.

– Espera, espera, precisamos ajudar Costin! – Radu tentou ficar de pé, mas outra mão o segurou pelo outro tornozelo e o derrubou. Seu queixo se chocou contra o gelo e seus dentes se cravaram na língua, arrancando sangue. Em seguida, foi jogado na barranca do rio, onde Lada estapeou seu rosto.

– Onde você estava com a cabeça? – ela gritou.

– Precisamos ajudar Costin!

– Não!

– Ele vai se afogar! Me larga!

– Você poderia ter morrido! – Ela o segurou pelo colarinho e o sacudiu.

– Ele vai morrer!

– Ele não é ninguém! Sua vida vale mil vezes a dele, não entende? Nunca, nunca mais se arrisque de novo por alguém.

Ela ainda o estava sacudindo, puxando sua cabeça para que não pudesse ver o rio, para que não pudesse ver se Costin tinha ou não escapado. Ele ouviu as outras crianças gritando, mas pareciam distantes e indistintas em meio ao som forte da pulsação nos ouvidos. Radu enfim olhou para Lada, esperando ver a fúria no rosto dela, mas em vez disso encontrou algo... desconhecido. Seus olhos estavam molhados, embora quando fosse o contrário ela sempre o ironizasse.

– Nunca mais faça isso. – Lada ficou de pé e fez o irmão se levantar. Bogdan o pegou pelo outro braço, e os dois o arrastaram para longe.

Radu tentou olhar para trás, mas a irmã segurou seu pescoço e o impediu de virar. Ele esperava que sua irmã fosse na frente no longo caminho de volta para casa, ou que gritasse com ele. Em vez disso, ela se manteve em silêncio, ao seu lado.

– Ele ficou bem – Lada disse por fim, depois de ouvir Radu fungar por vários minutos. – Conseguiu sair.

– Conseguiu mesmo? – Radu estremeceu de esperança, sentindo seu corpo todo vibrar.

– Senta aí. – Lada apontou para o escudo.

Ela falou para Bogdan puxá-lo pelo resto do caminho. Chamou o amigo de burro de carga de tantos jeitos diferentes que Radu se esqueceu do rosto de Costin e caiu na risada. Naquela noite, Lada se sentou perto do irmão no jantar, cutucando-o e brincando com ele à sua maneira perto do fogo.

Quando achou que Radu já tinha dormido, entrou no quarto dele. O menino não dormia muito, estava sempre acordado, preocupado com um monte de coisas. Mas ficou deitado imóvel, mantendo a respiração constante, curioso para saber o que ela faria.

Lada se sentou ao seu lado na cama e lá ficou por um bom tempo. Por fim, pôs a mão em seu ombro e murmurou:

– Você é *meu*.

Radu estava pensando no tom de voz dela quando disse que Costin tinha se salvado. Não parecia nem um pouco convicta. Muito provavelmente mentia. Ele pegou no sono, sentindo a segurança proporcionada pelo calor do corpo dela junto ao seu, apesar da culpa por ter ficado tão feliz depois de tudo o que acontecera naquele dia.

E ainda estava acontecendo.

NA PRIMAVERA SEGUINTE ao incidente em que quase perdeu Radu para o rio congelado, Lada estava deitada de barriga para cima, observando os galhos carregados de folhas das árvores, tão próximos um dos outros que filtravam a luz e faziam tudo ao redor ganhar um aspecto vibrante e esverdeado. Seu professor particular continuava tagarelando – a aula naquele dia era de latim –, e Radu repetia tudo, como um bom menino. Ele já tinha quase doze anos, e ela se aproximava dos treze. Por algum motivo, a passagem do tempo e sua idade sempre aumentando a enchiam de temor. Ela não estava pronta. Não ainda. Mesmo depois de tanto tempo, havia muito pela frente.

Mas, após sete anos de estudo – sete anos naquela cidade, naquele castelo –, Lada sabia ler, escrever e falar latim tão bem quanto qualquer um. Era o idioma dos contratos, das cartas e da religião, e lhe parecia sempre formal e rígido. Considerava-se o valáquio uma língua inferior. Era falada, mas quase nunca reproduzida por escrito.

Mas como era gostosa de falar!

– Ladislav – o professor chamou. Ele era jovem e estava sempre barbeado. Não podia deixar a barba crescer, porque não era dono de terras. Lada o considerava insuportável, mas seu pai insistiu em que ela fosse educada com Radu. As palavras exatas de seu pai foram: “É um desperdício educar o vermezinho, mas pelo menos podemos incluir Lada, cujo cérebro vale a pena moldar. Pena que seja uma menina”.

Maior, mais forte, mais esperto. Lada jamais se esqueceria das razões que seu pai listara tantos anos antes para justificar o fato de ela não conseguir superá-lo. Seu objetivo desde então vinha sendo conquistar o amor dele, mostrar que podia ser tudo aquilo. Era um desafio que perseguia de forma incessante. Caso o vencesse – tornando-se maior, mais forte e mais esperta –, com certeza seria muito mais amada e respeitada por seu pai do que Mircea, seu irmão mais velho. Ele já estava com vinte anos. Era um homem feito e o herdeiro de seu pai. Ia ao campo de batalha quando necessário, amenizava as tensões com os boiardos, realizava as refeições com o pai, fazia planos junto com o pai, andava a cavalo com o pai. Era o braço direito da Valáquia; e era a mão que puxava seus cabelos, beliscava sua pele e sempre arrumava algum jeito de machucá-la quando não havia ninguém olhando.

E algum dia seria o príncipe.

Se vivesse o bastante.

Mas, antes disso, antes que fosse tarde demais, Lada *precisava* conquistar o lugar que era de Mircea no coração do pai. Quando ele lhe devolveu a faca e anunciou que era filha da Valáquia, foi a primeira vez em que *realmente* olhou para ela, e aquela lembrança trazia uma sensação de satisfação e sofrimento que vinha sendo cultivada dentro da menina desde então.

Lada repetiu a última frase do professor em latim, e em seguida em húngaro e em turco.

– Muito bem. – O professor se remexeu desconfortavelmente no banquinho de madeira que trouxera consigo. – Mas ainda acho que seria melhor fazermos a aula em um lugar fechado.

O professor anterior lhe dera uma bofetada quando Lada pediu para ter aulas ao ar livre. Ela quebrou o nariz dele. Já o novo professor nunca se arriscava a ir além de sugestões educadas, que eram sumariamente ignoradas.

– Este é meu país. – Lada ficou de pé, esticando os braços acima da cabeça, com o movimento dificultado pelas mangas da roupa engomada. Ela não gostava de estudar enfiada no castelo. Todos os dias, os três cavalgavam para fora da cidade murada, passavam pelas casas e cabanas dos arredores e pelas habitações improvisadas e miseráveis dos que viviam dos restos da capital, e se dirigiam aos campos verdejantes da zona rural. Os cavalos eram deixados em pastagens reluzentes e floridas, enquanto ela e Radu tinham aulas à sombra de grandes árvores de troncos claros.

– Este país não é *seu*. – Radu usava um graveto para escrever na terra os verbos em latim.

– Aqui não é a Valáquia?

Radu confirmou com a cabeça. O nariz dele estava sujo de terra. Aquilo fazia seu irmão parecer um garotinho ridículo. E a deixava irritada. Ele estava sempre com Lada, como um apêndice, e ela nunca conseguia decidir como se sentia a respeito. Às vezes, quando um sorrisinho surgia no rosto dele como o sol batendo em um curso d'água, ou quando o via relaxado em um sono profundo, ela sentia um aperto no peito impossível de explicar. Aquilo a deixava morrendo de medo.

– Senta direito. – Lada ajeitou o queixo do menino e limpou seu nariz tão bruscamente que ele tentou se desvencilhar. Ela apertou seu queixo com mais força. – Estamos na Valáquia, e eu sou a filha da Valáquia. Nosso pai é o príncipe da Valáquia. Este é o *meu* país.

Radu enfim parou de se debater e começou a encará-la. As lágrimas se acumularam em seus grandes olhos. Ele era tão lindo, seu irmão. Tinha um rosto que fazia as mulheres pararem nas ruas para admirá-lo. Quando abria aquele sorriso com covinhas, a cozinheira lhe dava uma porção extra do que quisesse. E,

quando Lada o via magoado ou ferido, sentia vontade de protegê-lo, o que a irritava. Ele era fraco, e protegê-lo parecia uma fraqueza. Mircea certamente não se deixaria levar se estivesse no lugar dela.

Lada soltou o queixo de Radu e passou a mão na parte de trás da cabeça. Um mês antes, Mircea havia puxado seus cabelos com tanta força que deixara uma falha que só agora estava começando a ser preenchida. “As meninas precisam saber seu lugar”, ele resmungara.

Ela ergueu o rosto na direção do raio de sol que abria passagem por entre as folhas. *Aqui. Aqui é meu lugar.* Seu pai lhe dera a Valáquia, que sempre seria sua.

– Nem todo mundo quer que o país seja nosso. – Radu apagou com o pé os rabiscos que fizera na terra.

– Será que podemos voltar para... – o professor começou a sugerir, mas Lada ergueu a mão para silenciá-lo.

Ela se agachou e apanhou uma pedra redonda que se adaptava perfeitamente à sua mão. Proporcional. Pesada. Com um giro rápido, lançou a pedra no ar. Ao baque surdo se seguiu um grito agudo de dor, e então uma gargalhada. Bogdan levantou do local onde estava agachado com a intenção de dar um susto neles.

– Você vai precisar fazer melhor, Bogdan. – A cara fechada de Lada se abriu em um sorriso. – Vem sentar aqui com a gente. Radu está assassinando o latim.

– Radu está indo muito bem. – O professor olhou feio para Bogdan. – E não sou pago para educar o filho de uma ama.

Lada o encarou com o olhar frio de comando que a acompanhava desde o dia em que nasceu.

– Você é pago para obedecer.

O professor, que gostava muito de seu nariz alinhado e intocado, soltou um suspiro de derrota e continuou a aula.

– Agora em húngaro – Lada ordenou a Bogdan, caminhando com passos seguros e acelerados pelo pátio de entrada.

Tirgoviste era organizada como as demais grandes cidades bizantinas: um castelo no meio, os casarões dos boiardos ao redor, as casas dos artesãos e artistas que contavam com o patronato dos boiardos em um segundo círculo e, do lado de fora das imensas muralhas de pedra, todos os demais. Dentro das muralhas, as casas eram pintadas em uma deslumbrante variedade de vermelhos, azuis, amarelos e verdes. Centenas de cores e fontes competiam pela atenção do olhar. Porém, o fedor de dejetos humanos pairava sobre tudo, e as massas empobrecidas e doentes pareciam cada vez mais próximas do interior da cidade. Lada conseguia ver inclusive suas cabanas precárias construídas junto aos muros.

Ela e Radu não tinham permissão para frequentar os círculos periféricos de Tirgoviste. Percorriam às pressas as ruas sempre que saíam da cidade, vendo apenas de passagem as moradias improvisadas e os olhos arregalados e desconfiados.

Ambos viviam no castelo, que jamais teria o esplendor de Constantinopla, por mais que tentassem. Era escuro e apagado, com passagens estreitas. As paredes eram grossas, as janelas, pequenas, e os corredores, labirínticos. A arquitetura do castelo era uma prova de que as fontes, os jardins e as roupas coloridas eram uma mentira. Tirgoviste não era reluzente como Bizâncio. Nem mesmo Bizâncio era mais assim. Como tudo o que tinha ligação com o Império Otomano, a Valáquia havia se tornado um ponto de passagem para exércitos mais poderosos, um caminho esmagado incessantemente por botas estrangeiras.

Lada pôs a mão na parede, sentindo o frio que nunca abandonava aquelas pedras. O castelo era ao mesmo tempo um refúgio e uma armadilha. Ela nunca se sentia segura por lá. E, pelo tom exaltado e o comportamento tenso de seu pai, era possível ver que ele se sentia constantemente ameaçado também. Ela desejava viver em outro lugar, na zona rural, nas montanhas, em algum lugar protegido, de onde pudesse avistar a aproximação dos inimigos a quilômetros de distância. Em algum lugar em que seu pai tivesse como relaxar e conversar com ela.

Dois janízaros passaram ali perto. Eram soldados otomanos de elite, recrutados ainda meninos de outros países, como tributo, e então treinados e equipados para servir o sultão e seu deus. Seus quepes cerimoniais, de bronze com caudas de tecido brancas e esvoaçantes, balançavam enquanto eles riam e conversavam, absolutamente à vontade. Seu pai insistia em afirmar que o castelo era um símbolo de poder, mas se recusava a enxergar o verdadeiro simbolismo presente em Tirgoviste. Eles eram prisioneiros lá dentro, à mercê das exigências das poderosas famílias de boiardos. E, para piorar, embora seu pai tivesse sido nomeado um cruzado pelo papa, eles faziam parte de um Estado vassalo do Império Otomano. Seu pai sacrificava dinheiro, vidas e sua própria honra em benefício de Murad, o sultão otomano, para se manter no trono.

Bogdan tagarelava no idioma dos húngaros, seus vizinhos a oeste, contando a Lada a respeito de seu dia. Ela o conduziu ao salão principal, corrigindo a pronúncia dele de tempos em tempos. Os dois janízaros estavam lá, encostados em uma parede. Lada lançou apenas um breve olhar para eles. Eram como uma pedra em seu sapato, uma fonte constante de incômodo.

A Bulgária e a Sérvia tinham acordos semelhantes com o sultão, fornecendo dinheiro e garotos para o Império Otomano em troca de estabilidade, enquanto a Hungria e a Transilvânia lutavam para não serem seus vassalos. A tensão na fronteira exigia atenção incessante de Vlad, forçando-o a passar semanas fora do

castelo, provocando dores de estômago nele e o deixando em um estado de mau humor e irritação constante.

Lada *odiava* os otomanos.

Um dos janízaros ergueu as sobancelhas grossas. Apesar de parecerem búlgaros, ou talvez sérvios, eles falavam turco.

– Que coisa feia essa menina. O príncipe vai precisar de sorte para conseguir um pretendente para ela. Ou de um convento que aceite qualquer uma.

Lada seguiu em frente como se não tivesse ouvido nada, mas Bogdan deteve o passo. Ele se eriçou todo. O soldado notou que havia sido entendido e deu um passo à frente, demonstrando interesse.

– Você fala turco?

Lada segurou a mão de Bogdan, respondendo com uma pronúncia perfeita:

– É preciso aprender turco para dar ordens aos cães do castelo.

O soldado deu risada.

– Você se sentiria em casa com eles, cadelinha.

Lada sacou a faca sem que o soldado e seus companheiros se dessem conta. Ela era pequena demais para alcançar o pescoço do homem, por isso teve que se satisfazer com um corte violento no braço dele, que gritou de dor e surpresa, dando um salto para trás e levando a mão à espada.

Com um gesto de Lada, Bogdan se lançou contra as pernas do homem, derrubando-o. Estatelado no chão, o pescoço do soldado era um alvo fácil. Lada encostou a faca embaixo do queixo dele, encarando o outro soldado. Era um jovem magro e alto – quase um menino, na verdade –, com olhos castanhos e astutos. Estava com a mão no cabo da espada, uma longa lâmina curvada característica dos otomanos.

– Só um imbecil atacaria a filha do príncipe em sua própria casa. Dois soldados contra uma menina indefesa. – Lada arreganhou os dentes para ele. – Não ficaria nada bem.

O soldado magro tirou a mão do cabo da espada e deu um passo atrás, com um sorriso da curvatura de sua lâmina. Ele fez uma medida, estendendo o braço em sinal de reverência.

Bogdan levantou com um pulo, tremendo de raiva. Lada sacudiu a cabeça para ele. Era melhor deixá-lo de fora. Lada tinha uma ligação instintiva com o poder – os finos fios que a conectavam com todos ao seu redor, a maneira como podiam ser puxados, tensionados, enrolados em torno das pessoas até cortar seu fluxo sanguíneo.

Ou arrebentar por completo.

Havia poucos fios à sua disposição. Ela queria todos. Bogdan não tinha quase nenhum, e os que tinha era só por ser menino. Isso já o tornava mais respeitado do

que a mãe dele, a ama. Lada ficava furiosa ao constatar as facilidades que a vida oferecia a Bogdan.

Ela fez um movimento com a faca, atingindo o soldado ferido mais uma vez, porém sem força suficiente para perfurar a pele. Em seguida, ficou de pé, alisando a saia do vestido.

– Vocês são escravos. Não podem fazer nada para me prejudicar – ela falou.

Os olhos do soldado magro se estreitaram quando pousaram em um ponto além dos ombros de Lada, onde estava Bogdan. Ela o segurou pelo braço, e os dois saíram do salão.

– Vamos contar para seu pai. – Bogdan estava espumando de raiva.

– Não!

– Por que não? Ele precisa saber que vocês são desrespeitados!

– Eles não merecem nossa atenção! São como uma poça de lama. Você não fica com raiva da lama que gruda no seu sapato. Só limpa com um pano e não se preocupa mais.

– Seu pai precisa saber.

Lada fechou a cara. Não que ela temesse uma punição pelo que havia feito. O que temia era que seu pai soubesse como os janízaros a encaravam e se desse conta de que eles estavam certos. Afinal, ela era uma garota. Antes de se casar, tinha menos valor do que os cães do castelo. *Precisava* ser esperta, continuar fazendo de tudo para surpreendê-lo e agradá-lo. Lada morria de medo do dia em que ele ficaria entediado e lembraria que uma filha não tinha absolutamente nenhuma serventia.

– Vamos ser castigados? – O rosto de Bogdan, que ela conhecia e amava tanto quanto o seu, estava contorcido de preocupação.

Ele crescia como as plantas na primavera, estava bem mais alto. Bogdan era *seu* – seu parceiro de brincadeiras, seu confidente, seu irmão de alma, se não de sangue. Seu marido. O que Radu tinha de fraco Bogdan tinha de forte e confiável. Lada puxou uma das orelhas grandes dele, que se projetavam da cabeça como as alças de um jarro, o que só o tornava mais precioso para ela do que qualquer um dos objetos do castelo.

– Os janízaros só têm o poder que concedemos a eles. – Era para ser uma frase reconfortante, mas seus pensamentos se voltaram para a lâmina curvada que pairava sobre o trono de seu pai, com um caráter protetor e ameaçador ao mesmo tempo, como quase todas as coisas em Tirgoviste.

Na manhã seguinte, Lada acordou tarde, com os olhos pesados de sono e a mente turvada por pesadelos. Foi despertada por um ruído estranho, uma mistura de

gemido com soluço que vinha do outro lado da porta de seu quarto. Irritada, saiu para o cômodo que conectava seus aposentos aos de Radu, onde a ama dormia.

A mulher estava toda encolhida, abraçando o próprio corpo, que tremia todo. Ela era a fonte do ruído. Radu acariciava as costas dela, parecendo perdido.

– O que aconteceu? – perguntou Lada, sentindo o pânico invadir seu peito como um punhado de abelhas.

– Bogdan. Ele foi levado pelos janízaros. – Radu ergueu as mãos em desamparo.

As abelhas se transformaram em um enxame. Lada saiu correndo do quarto e se dirigiu diretamente ao escritório do pai, onde o encontrou debruçado sobre mapas e pergaminhos.

– Pai! – Sua voz saiu ofegante, desesperada. Pequena. Todos os seus esforços para fazer com que ele a visse como algo mais do que uma garotinha foram por água abaixo com uma única palavra, porém era impossível se controlar naquele momento. Ele ajudaria. Daria um jeito na situação. – Os janízaros raptaram Bogdan!

Seu pai ergueu os olhos, baixou a pena e limpou os dedos em um lenço branco, que foi descartado no chão. O tom de voz dele se revelou comedido.

– Os janízaros me disseram que tiveram um problema com um dos *cães* do castelo. Um soldado se feriu. Eles me requisitaram um substituto que soubesse turco. É um belo golpe de sorte para o filho de uma ama, não?

Lada sentiu seu lábio inferior estremecer. A sensação que a invadia quando seu pai a olhava – aquele orgulho frenético e desesperado – se tornou amarga. Ele sabia o que Bogdan significava para a filha. E mesmo assim deixou que os janízaros levassem seu melhor amigo.

O pai não se importava. E agora estava avaliando sua reação, observando-a com atenção.

Ela cerrou as mãos trêmulas e assentiu com a cabeça.

– Trate de fazer os cães se comportarem direito daqui em diante. – Os olhos de seu pai calaram fundo dentro dela, expulsando as abelhas e a deixando vazia por dentro. Lada fez uma mesura e se retirou rapidamente, arremessando-se de costas contra a parede e levando os punhos cerrados aos olhos para segurar as lágrimas.

Era tudo culpa dela. Podia ter ignorado os janízaros. Era o que Radu faria. Mas não Lada. Precisava desafiá-los, provocá-los. E um deles – o magrinho – percebeu logo de cara qual era a maneira mais eficiente de atingi-la.

Os fios que controlava arrebutaram e apertaram seu coração com toda a força. Era culpa dela, mas seu pai a havia traído. Vlad poderia ter negado – deveria ter negado, impedido aquilo de acontecer, mostrado aos janízaros que era ele, não os soldados otomanos, que governava a Valáquia.

Mas decidiu não fazer aquilo.

Seus pensamentos se voltaram para a imagem do lenço descartado. Sujo e manchado, esquecido agora que não estava mais imaculado. Seu pai não sabia dar valor às coisas. Ele era fraco.

Bogdan merecia coisa melhor.

Ela merecia coisa melhor.

A Valáquia merecia coisa melhor.

Em sua mente, Lada voltou para as montanhas, de pé sobre o cume, lembrando-se da maneira como o sol a abraçara. Jamais descartaria seu país como seu pai fizera. Ela ia protegê-lo.

Um pequeno soluço ameaçou escapar de sua garganta. O que podia fazer? Não tinha nenhum poder.

Ainda, Lada corrigiu a si mesma. Ela *ainda* não tinha nenhum poder.

RADU SEMPRE DETESTOU Bogdan, o fato de ele monopolizar o tempo e a atenção de Lada, a maneira como puxava seus cabelos e suas orelhas ou fazia cara feia quando ele ralava o joelho e não conseguia segurar o choro.

Detestava que o ignorasse na maior parte do tempo fora nessas ocasiões.

E agora ele havia roubado a ama de Radu, deixando para trás apenas uma casca vazia. Bogdan era o único culpado pelo que havia acontecido. E tinha que levar todos junto ao se arruinar.

Os aposentos de Radu se transformaram no sufocante sepulcro de Bogdan. A ama chorava na cadeira, com o cesto de costura intocado ao lado. E Lada estava pior. Em geral, quando alguma coisa a desagradava, ela se transformava em uma avalanche de raiva, uma tempestade arrebatadora que destruía tudo no caminho e se dissipava com a mesma velocidade com que surgia.

Com a perda de Bogdan, porém, Lada se manteve em silêncio. Pensativa. Tranquila.

Aquilo deixou Radu apavorado.

Ele foi se enfiar em um canto dos estábulos, um lugarzinho escuro e úmido onde só podia ser encontrado caso alguém se esforçasse um bocado. E ninguém nunca procurava por Radu. Uma aranha subiu em sua mão. Ele a ergueu, colocando-a com cuidado sobre uma viga de madeira, onde estaria em segurança.

Dois janízaros falastrões apareceram, montados sobre cavalos suados e inquietos. Radu estreitou os olhos e ficou observando enquanto eles desciam das montarias com movimentos eficientes. Jogaram água fria sobre os animais e lhes deram de comer.

Quando Mircea voltava de uma cavalgada, sempre descia da sela, entregava as rédeas para um criado e saía andando. Ele chicoteava seus cavalos, cravando o açoite nos flancos dos animais que marcava como seus favoritos. Radu o viu nos estábulos um dia em que não havia nenhum cavaleiro por perto. Mircea simplesmente desceu do cavalo, que tinha um corte profundo na perna do qual ainda pingava sangue, e foi embora.

Por lealdade a Lada, Radu gostaria de poder odiar os janízaros, mas gostava da maneira como cuidavam das montarias. Também gostava daqueles chapéus engraçados e do fato de sempre andarem em dupla. Ele nunca vira um janízaro sozinho.

Aqueles dois conversavam em um tom de voz baixo e tranquilo o tempo todo.

– Você já reparou no novo animal que temos aqui? – um deles perguntou. Estava de costas para Radu.

O outro janízaro, um jovem de olhos escuros com a pele marcada pela acne, sacudiu a cabeça.

– Um bichinho tímido. Acho que deve ter seu valor, mas nunca vi ninguém sair com ele para uma cavalgada. Uma pena.

– Ah, você está falando daquele pálido? De olhos grandes? Cabelos crespos? Que se esconde nos cantos?

O medo tomou conta de Radu. Sabiam que ele estava lá. O que fariam com ele?

– Sim, esse mesmo! Parece estar bem tristonho. Talvez se fizesse amizade com outros animais... – O janízaro endireitou o corpo e virou a cabeça, sorrindo com um olhar gentil na direção do esconderijo de Radu. – Quer ajudar com os cavalos?

Radu não se moveu.

– Este aqui é bem bonzinho. Viu? – O janízaro encostou sua cabeça na do cavalo. O animal bufou bem na cara dele, e os dois soldados caíram na risada. – Venha aqui, venha conhecer seu companheiro de estábulo.

Radu finalmente se revelou, as costas nas portas do estábulo, os olhos focados na saída.

– Vamos, faça alguma coisa útil. Precisamos nos agachar muito para limpar a parte de baixo. Poupe nós dois da dor nas costas. – O janízaro estendeu uma escova de cerdas rígidas.

A escova pesou na mão do menino. Ele a passou de maneira hesitante, quase sem tocar o cavalo. Era treinado em montaria, mas sempre sob a supervisão de Mircea, o que significava que Lada ficava enlouquecida e competitiva, e Radu levava bronca o tempo todo. Ele ainda tinha uma marca na nuca de uma chicotada recente do irmão, que se justificou dizendo que havia mirado no cavalo.

O janízaro de olhar gentil pôs a mão sobre a de Radu, mostrando como exercer a pressão certa para escovar o animal.

– Estou vendo que você não é um cavalariaço.

Radu fez que não com a cabeça, mantendo a cabeça baixa.

– Ah, sei quem é essa criaturinha! – O janízaro com o rosto marcado abriu um sorriso, revelando uma grande falha entre os dentes. – Será que todos os príncipezinhos vivem nos estábulos por aqui? Que costumes estranhos o povo da Valáquia tem! Pelo jeito você gosta de comer aveia, não?

Radu sabia que estavam zombando dele, mas não de um jeito agressivo. Era brincadeira. Ele arriscou um sorriso.

– Prefiro bolo.

Os janízaros deram risada, e um deles deu um tapinha em seu ombro. Ao contrário do que Mircea fazia, era só um tapinha no ombro mesmo, não uma agressão disfarçada.

Radu ajudou os soldados a cumprir o restante das tarefas, fazendo algumas perguntas, mas se limitando a ouvir na maior parte do tempo. Quando terminaram, disseram a ele que voltasse na manhã seguinte, para ajudar a exercitar os cavalos. Ele voltou praticamente saltitando para seus aposentos, ofegante e vermelho de alegria. Por sorte, Lada não estava por perto. A ama continuava no local de sempre. Radu subiu na cadeira e se ajeitou ao seu lado, pondo a mão sobre a nuca da mulher. Ela suspirou, sem dirigir o olhar para ele.

– Você sabia que os janízaros são muito prestigiados na sociedade otomana? – disse Radu, com o mesmo cuidado com que tirou a aranha da mão.

A ama franziu a testa e o encarou pela primeira vez em muitos dias.

– Eles recebem educação, treinamento e até salário. São admirados por todo mundo. Eu estava conversando com um deles hoje, e ele me falou que foi dado pela mãe aos janízaros para não ter que viver uma vida miserável tentando arrancar comida do solo rochoso. Ele falou... – Radu fez uma pausa, e sua voz se tornou mais suave. – Ele falou que era grato por isso. Que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Agora sempre tem o que comer, além de um monte de amigos, e dinheiro para gastar quando quiser. Disse que é muito mais inteligente e forte do que imaginou que seria. E que reza todo dia, por gratidão e amor pela mãe.

O janízaro não tinha dito nada daquilo. Mas a ama o abraçou com tanta força que até doeu. Ele não a afastou. Ela balançou a cabeça e limpou os olhos.

– Seja um bom menino e pegue meu cesto de costura.

Radu se sentou para observar as mãos trêmulas dela se tornarem mais firmes a cada ponto dado.

O ar estava pesado e carregado de umidade quando Radu saiu arrastando um graveto pelo caminho de pedras que ia do castelo aos estábulos. Ele cantava alegremente, mas se interrompeu quando alguém o golpeou na parte de trás da cabeça.

– Aonde você vai? – perguntou Mircea.

Radu não respondeu. O silêncio era a melhor tática com o irmão.

Seu pai apareceu atrás dele, e Radu se sentiu ainda mais intimidado. Não falava com o pai fazia... ele nem sabia mais quanto tempo. Os olhos negros do príncipe o ignoraram, como se nem estivesse lá. Então o pai piscou algumas vezes, e por fim dirigiu seu olhar ao filho mais novo.

– Radu. – O nome saiu quase como uma pergunta, como se estivesse recitando algo de que não tinha certeza absoluta.

Atrás dele vinham vários boiardos, a maioria da família Danesti, seus rivais de longa data. Andrei estava entre eles, apressado e distraído, como sempre se mostrava agora. Vestidos para cavalgar, eles pararam perto de Radu.

O menino desejou que fossem mulheres. Ele se dava muito melhor com elas. Os homens se mostravam ásperos, rígidos e impassíveis diante de um sorriso fácil e reluzente. Lada saberia o que fazer. Ela fecharia a cara, levantaria o queixo e encararia qualquer um ali que se achasse superior. Radu corrigiu a postura e fingiu ser como ela.

– O menino sabe cavalgar? – um dos Danesti mais velhos perguntou, com um tom entediado, mas também levemente desafiador.

– Claro que sabe. – Vlad olhou bem para Radu.

O menino se apressou para seguir no encalço do pai e do irmão. Ficou com medo de ser castigado, já que não havia sido convidado claramente, porém ficou ainda mais assustado com a possibilidade de sua presença ter sido requisitada de forma indireta, e não comparecer nesse caso seria ainda pior.

Seus amigos janízaros estavam no fundo do estábulo, à sua espera. Lazar, o que tinha a falha entre os dentes e o riso fácil, observou a cena – e a expressão apavorada de Radu – com um rápido olhar. Radu vinha cavalgando com eles quase todos os dias, e sob a tutela brincalhona dos dois estava ficando mais confortável, e até competente, em cima da sela. Mas talvez tivesse revelado coisas demais a respeito de sua família. Ele ficou de cabeça baixa enquanto os animais eram preparados para a cavalgada. Não havia nenhum para ele, o que deixava claro para todos que Radu não estava convidado a participar do passeio. Nem de qualquer outra coisa, aliás.

Enquanto o menino observava seu pai montar, com a vergonha ameaçando transbordar de seus olhos, Lazar limpou a garganta audivelmente.

– Seu cavalo. – Ele ofereceu as rédeas e fez um aceno respeitoso, como se Radu fosse algo mais do que um garoto esquecido.

Radu apanhou as rédeas com um sorriso, mas logo em seguida cerrou os lábios e imitou a formalidade fria e distante de Lazar.

– Obrigado. – Ele montou com a maior naturalidade de que era capaz, ajeitando-se na sela e emparelhando sua montaria com a de Mircea. O menino cerrou os punhos em torno das tiras de couro para esconder os dedos trêmulos. A comitiva partiu em direção à floresta, mantendo-se em um único bloco enquanto atravessava o campo aberto.

Seu pai olhou para o lado e, mais uma vez parecendo surpreso com a existência de Radu, observou sua desenvoltura sobre a montaria. O peito do menino se

encheu de orgulho por estar cavalgando com ele e o irmão mais velho à frente dos boiardos. Aquele era seu lugar. Ele ergueu o queixo ainda mais e encarou o pai, à espera de um sorriso.

– Não me faça passar vergonha – o pai falou com um tom de voz seco, acelerando o galope sem lhe dirigir mais nenhum olhar.

Radu sentiu um aperto no peito, e todo o seu orgulho se transformou em um nó no estômago. O restante da cavalgada foi suarento e desconfortável, em meio às árvores e ao zumbido dos insetos. Ele deixou seu cavalo ficar para trás, mantendo-se no fim da comitiva com os boiardos menos importantes, que resmungavam e fofocavam, ignorando sua presença.

Dois galhos bateram no rosto de Radu, que ficou ardendo. Mas ele não se queixou nem se desgarrou do restante do grupo. Continuou escutando as conversas ao redor, e percebeu que havia reclamações agudas demais dirigidas ao líder da comitiva.

Ele não fez ninguém passar vergonha. Permaneceu discreto e invisível.

Parecia que era o mínimo e o máximo que podia fazer pelo pai.

LADA NÃO CONSEGUIA nem respirar dentro do castelo. Uma atmosfera pesada de medo e ansiedade dominava tudo. As pessoas cochichavam pelos cantos. Seu pai oferecia banquete atrás de banquete, tentando apaziguar os boiardos, cuja hostilidade ficava cada vez mais evidente. A todo lugar que ela ia, havia olhos a seguindo. Bogdan lhe servia como uma espécie de escudo – sempre ao seu lado, sempre obediente. Como se perdê-lo já não bastasse, ela também havia perdido o amor e a idolatria pelo pai.

Agora Lada conseguia ver que na verdade ele não se importava nem um pouco com a Valáquia. Tudo o que fazia era pensando em si mesmo, para proteger seu poder a qualquer custo. A armadura que ela imaginava que o amor paterno lhe proporcionava havia desaparecido, fazendo-a se sentir desprotegida e vulnerável. Um passo em falso e ela também podia ser descartada. Vlad ainda a tratava como sua favorita, e Lada acreditava que ele realmente a amava, mas à sua maneira. Um amor descartável e volúvel como sua série infindável de falsas promessas políticas.

Ela faria treze anos no verão. Sua mãe já estava casada com aquela idade.

Lada sentia um gosto metálico de sangue na boca o tempo todo. Um gosto de derrota. Quando caminhava pelos corredores certa noite a caminho da cozinha, um boiardo deu um encontrão nela e a derrubou. Sequer pediu desculpas. Aquilo a fez se sentir minúscula e impotente.

E ela *era mesmo* minúscula e impotente.

Correu até os jardins atrás do castelo, mergulhou a cabeça na fonte e encheu a boca de água para lavar tudo aquilo. Gritos abafados chamavam sua atenção. Lada conhecia bem aquele som, pois geralmente era a responsável por provocá-lo. Uma sensação feroz de possessividade cresceu em seu peito, e ela atravessou às pressas o jardim para ir até Radu e seu agressor.

Mircea segurava o irmão pela nuca, enfiando a cabeça dele cada vez mais fundo entre os espinhos inclementes de uma roseira. Ele era forte e robusto como o pai, mas com uma barba ainda rala e cheia de falhas. Às vezes Lada o surpreendia debruçado sobre uma poça d'água, acariciando o bigode fino como se assim aquele símbolo de *status* fosse crescer mais depressa.

– O que foi que você ouviu? – sibilou Mircea, sem saber que estava sendo observado. Radu gritou quando foi empurrado com mais força.

– Nada, nada – garantiu o menino.

Lada desembainhou silenciosamente a faca que sempre usava sob a roupa e escondeu atrás das costas.

– Aí está você. – Ela fechou a cara. – Nosso pai está à sua procura.

Mircea olhou para trás com uma expressão franca e tranquila, como se não tivesse acabado de ser flagrado torturando o irmão mais novo.

– Ah, é?

– Tem alguma coisa a ver com os boiardos. – Lada ergueu a mão livre e fez um aceno desinteressado. Era uma boa mentira. Sempre havia *alguma coisa* relacionada aos boiardos exigindo a atenção deles. Ela arrancou uma rosa e a levou até o rosto, apesar de detestar o cheiro, a doçura e a fragilidade daquelas flores. Seria melhor ter um jardim só de abetos. Um jardim de pedras. Um jardim de espadas. Abriu um sorriso conspiratório para Mircea. – Parecia bem irritado.

– Ele está sempre irritado. – O irmão retribuiu o sorriso.

– Talvez o quepe dele seja apertado demais.

– Talvez a calça dele seja pequena demais.

– Talvez – Lada continuou, percebendo que Mircea estava começando a soltar Radu, que teve o bom senso de ficar totalmente imóvel – o que tem *dentro* da calça dele seja pequeno demais.

Mircea soltou Radu, inclinou a cabeça para trás e caiu na gargalhada. Ele pôs a mão sobre o ombro de Lada e deu um apertão talvez forte demais.

– Cuidado com essa boca suja, irmã.

Ele desferiu um pontapé violento no traseiro ainda levantado de Radu antes de se dirigir às pressas para o castelo. Havia uma maldade intrínseca a Mircea. Lada o viu muitas vezes torturar os cães do castelo por diversão, causando dor sem nenhum motivo aparente. Ela não entendia. Por que fazer uma coisa sem propósito? Como irmã, ela o amava mesmo assim, mas não sem uma dose saudável de medo.

– Vamos. – Lada arrancou Radu da roseira, cujos espinhos se enroscavam e rasgavam as roupas dele. Pelo jeito como seu irmão gritou, sua pele também fora arranhada. Ela o puxou para fora do jardim, saindo pelo portão na direção do estábulo abandonado, que, a não ser por um odor de feno apodrecido, estava totalmente vazio. Os cavalos sobressalentes tinham sido todos vendidos para pagar as dívidas cada vez maiores do pai. A maior parte do espaço no estábulo principal era ocupada pelos cavalos dos janízaros, dos boiardos e dos credores de Vlad.

– Se Mircea encontrar nosso pai, vai saber que menti. – Lada sentou no chão, embolando as saias sob o corpo.

– Por que me ajudou? – Radu limpou o nariz na manga da roupa.

– Por que você sempre precisa de ajuda? – Ligeiramente irritada, Lada fez um sinal para que Radu se sentasse ao seu lado para examinar o rosto dele.

Os cortes eram superficiais, nada de grave. Ela arrancou alguns espinhos dos braços dele, sem se deixar deter pelos resmungos de protesto. Lada nunca era gentil ou carinhosa com Radu, mas aquilo era para o bem dele. Seu irmão era delicado demais para o mundo em que viviam. Quanto antes mudasse, mais fácil a vida seria para ele.

– Por que Mircea estava tão irritado?

Radu se inquietou, afastando um pouco o rosto.

– Por nada.

Ela o agarrou pelo queixo e o forçou a encará-la. Um raio de luz iluminou as orelhas de Radu, e Lada sentiu a perda de Bogdan e sua solidão como um soco no estômago. Suspirando, abraçou o irmão e o puxou para mais perto. O pai o mandaria embora também? Ou deixaria que Mircea, seu filho mais velho e o predileto, o matasse?

O dia claro de primavera estava gelado. Seus cabelos, molhados. E ela começou a tremer.

– Você precisa manter distância de Mircea. Ele é mais cruel que o falcão de nosso pai, e muito mais burro – Lada falou.

– E muito mais feio. – Radu deu uma risadinha.

– E muito mais propenso a pegar pulgas.

Eles ficaram em silêncio por um instante, respirando de forma sincronizada, antes de Radu voltar a falar:

– Eu estava escondido atrás das cortinas. Ouvi uma conversa dele com um boiardo da família Danesti.

Nos quinze anos anteriores à ascensão de seu pai, dez príncipes se revezaram no trono, todos eles de apenas duas famílias: os Basarab, que não tinham herdeiros em idade apropriada, e os Danesti. A família Danesti não estava nada contente com a usurpação do trono pelos Draculesti, primeiro por Alexandru, tio de Lada e Radu, e depois por Vlad. E, como a história revelava, o posto de príncipe da Valáquia não era dos mais seguros.

– Por que ele estava falando com os Danesti?

Radu se encolheu todo, e Lada percebeu que apertava o ombro dele com tanta força que o estava machucando.

– Surgiu uma conversa sobre uma conspiração dos boiardos. Eles mencionaram o nome de Hunyadi.

Lada sentiu sua pele se arrepiar. Hunyadi era o líder militar da Transilvânia e da Hungria, na sempre instável fronteira oeste da Valáquia. Enquanto seu pai prometia enfrentar os otomanos, ele fazia isso de fato, derrotando o sultão em inúmeras ocasiões.

Ela nunca conseguiu chegar a um juízo definitivo sobre Hunyadi. Considerava-o uma ameaça ao poder do pai, mas era inevitável vê-lo como o homem que Vlad deveria ser. Ouvindo furtivamente as conversas sempre que possível e pegando escondidos os mapas anotados e as cartas do pai, ela estudara as estratégias de Hunyadi. Era um homem fascinante. Lutava como um cão raivoso nos momentos mais inesperados, e então desaparecia para apossar os inimigos mais tarde. Mesmo em minoria numérica e com recursos reduzidos, costumava levar a melhor sobre os otomanos.

Era um aliado dos Draculesti, mas nem por isso deixava de ser perigoso, alguém que não via com bons olhos o jogo duplo de seu pai.

– Pensei que os boiardos apoiassem a colaboração com os otomanos. Eles incentivaram nosso pai a procurar a ajuda do sultão.

– A maioria dos boiardos está insatisfeita. Eles estão vendo que as campanhas de Hunyadi contra os otomanos estão tendo sucesso. Querem ser aliados apenas dele agora. Estão falando em colocar outra pessoa no trono.

Lada ficou tensa.

– Quem? – perguntou, embora já soubesse a resposta.

– Matyas, o filho de Hunyadi.

Uma dor aguda na ponta dos dedos alertou Lada de que estava raspando as unhas com tanta força na madeira apodrecida do piso que algumas farpas estavam se cravando na palma de sua mão. Ela seria oferecida em casamento em benefício de alguém. Quando a aliança se desfizesse, como acontece com todas as relações políticas, seria deixada de lado. Largada em um convento, abandonada e exilada.

Uma imagem de sua mãe, quase esquecida depois de ter ido embora, surgiu na mente de Lada. Ela fez uma careta ao se lembrar da mulher. Indefesa. Destruída. Uma aliança desfeita a tornara prisioneira em uma casa que não era a sua, em um país que não era o seu.

Lada fechou as mãos com força em torno das farpas, sentindo gotas mornas de sangue se acumulando nas palmas, cobrindo a cicatriz do casamento encenado com Bogdan. Não haveria uma união feliz entre iguais para ela, ninguém mais concordaria em deixá-la comandar.

– *Nunca* vou me casar.

Radu abriu suas mãos e tentou arrancar algumas das farpas. Ela permitiu. Ele foi bem mais cuidadoso com seus ferimentos do que ela havia sido com os dele.

– Como é que você sabe de tudo isso? – Lada o encarou, admirada. Ela achava que Radu passava o tempo todo em outro mundo. Os olhos grandes de seu irmão pareciam sempre ausentes, como se fosse incapaz de prestar atenção a conversas que aconteciam a um palmo do nariz dele. Enquanto Lada se ocupava das táticas

de Hunyadi, ignorara completamente as intrigas dos boiardos. E agora percebia que aquilo fora um erro.

- As pessoas esquecem que eu estou escutando. E eu estou sempre escutando.
- Precisamos falar com nosso pai sobre os planos de Mircea.

Radu ficou imóvel, de cabeça baixa. Lada não precisava ver o rosto de seu irmão para adivinhar a expressão de pavor nele.

- Ele vai ficar furioso. E Mircea vai me matar. Morro de medo de morrer.
- Todo mundo vai morrer algum dia. E não vou deixar Mircea matar você. Se alguém for matar você, serei eu. Entendeu bem?

Radu fez que sim com a cabeça e a apoiou em seu ombro.

- Você vai me defender?
- Até o dia em que eu matar você. – Ela o cutucou com o dedo no local onde sentia mais cócegas, e Radu soltou um gritinho agudo, uma mistura de risada e dor.

O olhar que ele lhe lançou era facilmente reconhecível: o mesmo olhar sedento e desesperado que Lada costumava direcionar ao pai. Radu a amava e queria ser retribuído. Pela primeira vez desde que pôs os olhos nele, com sua beleza plácida e inútil, ela o considerou interessante. Talvez até útil. E, mais que isso, na ausência de Bogdan, sentiu que tinha alguém sob seu comando de novo.

OS ARRANHÕES NOS braços e no rosto de Radu devido ao ataque de Mircea no jardim tinham se transformado em finos riscos vermelhos. Ele mentiu para a ama, dizendo que havia caído em uma roseira. Dedurar o irmão nunca trazia nada de bom.

Mas daquela vez... talvez daquela vez trouxesse. Lada mandou que ele conversasse com o pai. E Radu faria aquilo.

Faria mesmo.

Radu andava de um lado para o outro em seus aposentos. A informação que tinha sobre Mircea, de que estava conspirando com os boiardos, traria prejuízos para todos os seus inimigos. Sobretudo Mircea. Ah, Radu adoraria vê-lo cair em desgraça. E os Danesti eram os principais nomes por trás da coalizão, o que significava que seriam punidos ou banidos, o que afetaria Andrei e Aron.

Obviamente, Andrei e Aron o evitavam e eram evitados por quase todos. Haviam caído no ostracismo na corte depois da descoberta e da punição de seu falso crime. Mas Radu ainda temia que alguém descobrisse que estava por trás de tudo. Ele fez com que sua ama providenciasse para que o jovem criado que o ajudara fosse mandado para uma família na Transilvânia, para que não houvesse perigo de que revelasse a trama. Radu mentiu para si mesmo afirmando que era o melhor para Emil, mas sabia que tinha sido absolutamente egoísta.

Porém, acima de qualquer outra motivação – o desejo de prejudicar Mircea e de punir os Danesti – estava a seguinte: se Radu revelasse heroicamente o complô, seu pai enfim o notaria. Saber que ele era inteligente e valioso. E Lada ficaria orgulhosa.

A irmã entrou em seus aposentos olhando feio para ele.

– Pare de andar de um lado para o outro. Está me deixando tonta.

Ele não se sentou, pois estava agitado demais.

– Vou contar para nosso pai sobre Mircea e a coalizão dos boiardos. Ele vai ficar muito orgulhoso de mim!

– Vai ficar furioso.

– Mas não comigo!

– Acha que nosso pai vai agradecer? Dar um abraço forte em você, emocionado ao descobrir que está sendo traído pelo próprio filho? Você é muito bobinho.

As esperanças de Radu estavam desmoronando. Ele sacudiu a cabeça.

– Nosso pai vai gostar de saber! Vai me agradecer!

– Nem sempre dá para prever qual vai ser a reação dele. – Ela olhou para o canto onde ficava o cesto de costura da ama, sob uma cadeira. A mulher costumava remendar as meias de Bogdan, reclamando dele por esburacá-las tão depressa. Agora estava livre daquele trabalho.

Uma percepção sinistra surgiu na mente de Radu.

– Você está com ciúme. Quer que nosso pai só preste atenção em você.

Lada soltou uma risadinha amarga.

– Não quero ser quem vai dizer para ele que há uma conspiração para minar ainda mais seu poder. Pode ficar à vontade. – Ela saiu do quarto pisando duro.

Radu a encontrou mais tarde naquele dia, de pé no estreito terraço em torno da torre.

– Contou para ele? – Lada perguntou sem olhar para o irmão.

Radu não respondeu.

– Covarde. – Mesmo assim, ela se afastou um pouco para que ele se pusesse ao seu lado. – Precisamos arrumar um jeito de revelar a verdade sem nos metermos em encrenca. Não é assim que você deve atrair a atenção dele.

– Mas como?

– Precisamos de um pouco mais de tempo. Temos a informação, e isso significa ter poder. Precisamos pensar em... – Ela se interrompeu, estreitando os olhos para alguma coisa à distância.

Um homem cavalgava pela rua principal, cercado de soldados. Quando se aproximou, Radu viu que estava sorrindo, com uma das mãos erguidas em sinal de saudação. Seus companheiros, sérios e durões, com a mão no cabo da espada, tinham uma expressão bem diferente. Diversas bandeiras que Radu não conhecia tremulavam sobre os mastros carregados pela retaguarda da comitiva.

– Quem é esse?

– Hunyadi – respondeu Lada, pronunciando o nome como se fosse uma maldição.

Eles observaram tudo do alto da torre. Embora soubesse que deveria odiar Hunyadi, Radu se viu admirado. Hunyadi estava entrando no reino de outro homem, e mesmo assim as pessoas por quem passava sorriam e faziam medidas. Quando seu pai estava na sela de um cavalo, ficava curvado e inclinado para a frente. Se era para avançar mais depressa ou se tornar um alvo menos fácil, Radu não sabia. Mas Hunyadi ia sentado bem ereto na sela, com os ombros para trás e o peito estufado, desafiando as flechas de qualquer assassino.

– Tarde demais. Nossas informações não servem para mais nada agora – disse Lada.

Radu sentiu as pálpebras pesadas de vergonha. Nunca conseguira ser útil para o pai, e agora, por causa de sua covardia e demora, havia falhado outra vez.

Lada virou na direção da porta.

– Bom, vamos ver que problemas o terror da Transilvânia traz.

Radu tropeçou nos próprios pés enquanto tentava acompanhar Lada, que corria pelos degraus da torre para chegar ao salão principal antes de Hunyadi. Ela deteve os passos antes de entrar, e ele passou pela irmã e encontrou um cantinho escuro onde poderia ficar despercebido. Lada deu uma cotovelada forte em suas costelas, e o irmão abriu espaço para ela.

Minutos depois, seu pai entrou às pressas, com o chapéu desalinhado e o bigode recém-enrolado. Radu podia sentir o cheiro do óleo. Vlad se sentou no trono ornamentado, ajustando o chapéu e respirando fundo.

Ele transpirava.

Nesse momento, o menino percebeu que seu pai não estava mais no comando da Valáquia. Talvez nunca tivesse estado. O cheiro acre do óleo perfumado dele ainda estava impregnado na língua de Radu quando Janos Hunyadi entrou no salão com passos confiantes.

– Ele é magnífico – murmurou Radu.

– Ele é nosso fim – respondeu Lada.

Quando seu pai o tirou da cama, Radu teve certeza de que estava sonhando. Ele se vestiu com movimentos sonolentos sob a luz das velas, as palavras murmuradas e ansiosas do pai ressoando nos ouvidos. Radu sabia que era um sonho porque seu pai nunca entrava em seu quarto, nunca o ajudava a se vestir e nunca perguntava se estava bem agasalhado. Ele tinha doze anos, idade suficiente para se vestir sozinho, mas permitira que o pai o ajudasse.

Não atrapalharia aquele sonho, não de forma deliberada.

Foi só quando estavam do lado de fora, sob o ar frio da noite, quando Mircea apareceu, que o pânico se instalou. Ele e Lada foram colocados em cima das selas, apesar de saberem montar sozinhos. Vários janízaros estavam à espera, com os cavalos bufando e soltando lufadas de vapor.

– Aonde vamos? – murmurou Radu. Ninguém lhe dissera para ficar em silêncio, mas a atmosfera era de segredo e ameaça, e até então ele tinha achado melhor não falar nada.

Ninguém respondeu.

Os cavalos se puseram em movimento, com uma carroça cheia de suprimentos no meio da comitiva e janízaros ao redor. Radu olhou por cima do ombro e viu

Mircea ficando para trás, observando sua partida com uma tocha na mão. Ficando para trás. E sorrindo.

Radu estremeceu. Não estava com medo antes de ver o olhar triunfante no rosto do irmão mais velho. Nada que o deixasse contente poderia ser bom.

Quando o cansaço falou mais alto, Radu cochilou na sela. Acordou assustado várias vezes, quase caindo. Em uma dessas ocasiões uma mão o segurou, e ele viu Lazar ao seu lado, segurando as rédeas de ambos os cavalos. Sentindo-se reconfortado, Radu se encolheu no manto e se deixou embalar pelo som constante da batida dos cascos dos cavalos e pelo ranger do couro.

Eles montaram acampamento bem depois que o sol já tinha se levantado. A comitiva era pequena. Vários janízaros, alguns criados, um cocheiro, Lada e o pai.

Radu passou a mão no pescoço dolorido, e então percebeu com um sobressalto que a ama não estava lá.

– Lada! – Ele puxou a irmã pela manga, interrompendo sua tentativa feroz de fazer uma trança nos cabelos. – Esqueceram a ama!

Ela o encarou com os olhos vermelhos e estreitos de cansaço. Observou o acampamento ao redor com cautela, acompanhando a movimentação dos soldados.

– Ela não vai vir.

Radu engoliu em seco, sentindo um doloroso nó na garganta. Ele nunca havia passado um dia sequer sem a mulher. Agora estava com seu pai, mas sem ela? Era a mesma sensação que experimentara quando sentira o gelo rachar sob seus pés, ameaçando mergulhá-lo em um terror congelante.

– Quanto tempo vamos ficar fora?

Lada se afastou do irmão e arrancou a trouxa com suas posses dos braços de Lazar.

– Isso é *meu* – ela esbravejou. – *Nunca* encoste nas minhas coisas. – Virou e saiu pisando duro, na direção da barraca do pai.

Lazar fez uma medida exagerada, então deu uma piscadinha para Radu.

– Um charme, essa sua irmã.

– Depois de uma boa noite de sono ela fica bem diferente. – Radu abriu um leve sorriso pela primeira vez naquele dia.

– Mais boazinha?

– Ah, não, muito pior.

A risada de Lazar fez com que Radu se sentisse mais leve. O homem fez um sinal para que ele o seguisse, e então foram ajudar os janízaros a levantar seu acampamento rústico e eficiente.

Eles viajaram por tantos dias que Radu perdeu a conta. A princípio ficou preocupado em passar tanto tempo com seu pai, mas Vlad não dava a menor atenção para ele ou Lada. Passava a maior parte do tempo de cara fechada, enrolado no manto pesado. De vez em quando resmungava, ensaiando alguma espécie de discurso e dispensando com gestos quem quer que se aproximasse.

Radu convivia livremente com os janízaros. Adorava ouvir suas piadas, suas histórias exageradas, sua tranquilidade e facilidade ao cavalgar, como se não estivessem fugindo – como Radu desconfiava que fosse o caso, apesar de ninguém lhe dizer –, e sim vivendo uma aventura.

– Sua irmã cavalga como um homem – disse um dos soldados, um búlgaro caladão com uma cicatriz enorme no queixo, quando passavam por um vale rochoso.

– Tentaram ensinar Lada a cavalgar como uma donzela, mas ela se recusou. – Radu encolheu os ombros.

– Eu poderia ensiná-la a cavalgar como uma donzela – retrucou o búlgaro, com um tom de voz um tanto diferente.

Alguns janízaros caíram na risada, e Radu se remexeu desconfortavelmente, certo de que havia perdido alguma coisa, mas sem saber o quê.

– Ela é nova demais – disse Lazar em um tom de desdém.

– E feia demais – acrescentou outro soldado.

Radu olhou ao redor com a cara fechada, mas não conseguiu identificar o autor do comentário. Ele olhou para sua irmã, sozinha e orgulhosa na sela de sua montaria.

– Ela conseguiria derrotar qualquer um de vocês em uma briga.

Os soldados deram risada. Radu franziu a testa.

– Estou falando sério. Qualquer um mesmo.

– Ela é uma *menina* – disse o búlgaro, como se aquilo encerrasse a discussão.

– Shhh. – Lazar sacudiu a cabeça. – Acho que ninguém nunca falou isso para ela. Não vamos estragar a surpresa. – Ele sorriu para Radu, que retribuiu o gesto e entrou na brincadeira, mas não com a mesma facilidade com que costumava rir com eles.

Depois daquilo, Radu resolveu passar mais tempo viajando ao lado de Lada. Ela fingia não notar sua presença, mas dava para ver seus ombros um pouco mais relaxados quando ele estava por perto. Várias vezes, sua irmã levou a mão a um

saquinho de couro amarrado no pescoço, escondido sob a roupa. Radu ficou curioso para saber o que era, mas achou melhor não perguntar.

Eles estavam se dirigindo para o sul, atravessando a Bulgária, evitando deliberadamente passar por qualquer cidade, viajando de preferência pelos vales e pelas encostas. Ouvindo conversas, Radu ficou sabendo que estavam se dirigindo para a capital otomana, Edirne. Quanto mais perto chegavam, mais seu pai se retraía sob o manto. Só falava o necessário, lançando olhares preocupados para Lada e Radu quando acendiam a fogueira à noite.

– Vou mandá-los de volta – ele falou, depois de vários dias de viagem. – Não os quero comigo. Estão nos atrasando, e o menino é fraco demais para uma viagem tão longa. Ele sempre foi do tipo delicado.

Radu só entendeu do que seu pai estava falando quando todos os janízaros viraram para ele e para Lada. O que haviam feito de errado? O menino vinha guardando a saudade de casa e da ama apenas para si. Com certeza ninguém o vira chorando em silêncio nas duas primeiras noites. Ele cavalgava sem reclamar, ajudava a montar e desmontar o acampamento, estava fazendo tudo certo!

Esperava que Lada fosse se rebelar contra a rejeição do pai, mas ela permaneceu em silêncio, olhando para o fogo. Vlad evitava olhar para eles, com o rosto escondido pelas sombras.

Lazar pôs a mão em seu ombro.

– Radu está se saindo muito bem. Cavalga como um soldado experiente. Além disso, não podemos abrir mão de nenhum guarda para acompanhá-los. A hospitalidade do sultão é incomparável. O senhor não vai querer privar seus filhos da oportunidade de experimentar tamanha generosidade.

O pai fungou e virou a cabeça para o outro lado, encarando a escuridão da noite.

– Muito bem. Dá no mesmo.

Ele se retirou para sua barraca, e durante o resto da viagem não dirigiu a palavra nem o olhar aos filhos. Radu tentou falar com Lada a respeito, mas ela parecia preocupada e se manteve calada.

Quando enfim avistaram Edirne do alto de um morro, o coração do menino se encheu de alegria e admiração. As construções eram de pedra branca com telhados vermelhos. Ruas arborizadas a atravessavam, todas seguindo na direção de um palácio com uma torre tão alta que era surpresa que não alcançasse o azul do céu. No topo da construção havia vários domos, além de uma torre mais baixa e menos intimidadora.

Perto do local onde estavam ficava uma construção grande e imponente, com a fachada vermelha e branca, alternando pedras e tijolos, mas Radu não conseguia tirar os olhos das torres que se erguiam de forma tão confiante na direção do céu.

Eles haviam chegado.

1448: Edirne, Império Otomano

Vlad caminhava atrás do sultão Murad, um tanto encurvado de tanto fazer medidas. Lada observava com um cansaço resignado. Radu se mantinha ao seu lado, apegado a ela como uma criancinha. Ela tentou afastar a mão dele de seu braço, porque estava amassando a manga de seu melhor vestido. Durante o trajeto, o menino agira como se estivesse em uma viagem de lazer, brincando com os soldados o tempo todo. Os soldados *inimigos*. Radu era um tolo. Aquilo não era uma viagem, era uma *fuga*. Tinham deixado o trono nas mãos ansiosas de Mircea.

Mircea, que havia se mancomunado com os boiardos e com Hunyadi. Mircea, que prometera manter o título de príncipe vago à espera do retorno do pai.

Lada sabia que seu pai precisaria de um exército se quisesse retomar o poder, e não só por causa dos boiardos e dos Hunyadi.

Por algumas preciosas horas, ela nutrira a ilusão de encontrar Bogdan por lá, mas todas as suas esperanças caíram por terra. Eles foram recebidos e conduzidos a aposentos especialmente preparados para eles. Celas de prisão luxuosas e perfumadas, das quais não puderam sair durante dois dias. Vlad passou tanto tempo andando de um lado para o outro, murmurando e ensaiando discursos, que suas roupas ficaram molhadas de suor. Radu ficou olhando pela janela, que tinha uma moldura de metal retorcido em formato de videira. Lada observava seu pai, cujos fios ligados ao poder tinham arreventado. Todos menos um. Restava um último fio, com o qual ele esperava desesperadamente enlaçar o sultão, conquistando um aliado poderosíssimo.

Ela puxou Radu pela mão, para que andasse mais depressa e acompanhasse o grupo dos adultos. Aquele não era o comportamento que Lada esperava de Vlad Dracul. De seu pai. De um dragão. Um dragão não rastejava diante dos inimigos, implorando ajuda. Um dragão não receberia os infiéis em sua própria casa depois de jurar exterminá-los. Um dragão não fugiria de seus domínios no meio da noite como um criminoso qualquer.

Um dragão queimaria tudo ao seu redor até que não restasse nada além de cinzas purificadas.

O grupo parou em uma varanda com vista para uma praça calçada com um padrão intrincado de ladrilhos azuis e amarelos. Edirne era linda – ornamentada e majestosa, mas com uma elegância exagerada em todos os sentidos. Lada se imaginou destruindo tudo aquilo, sem deixar pedra sobre pedra.

– Está decidido, então – o sultão anunciou, sem ao menos olhar para Vlad enquanto falava. Os olhos dele eram pontos escuros sob sobranceiras cuidadosamente modeladas, que estavam se tornando grisalhas com a idade. Ele vestia trajes de seda e um turbante sobre a cabeça. Cofiava o bigode e a barba com os dedos carregados de anéis com pedras preciosas. – Vou mandá-lo de volta com um destacamento de janízaros e o apoio irrestrito do trono otomano. Em troca de nossa proteção, pagará um tributo de dez mil ducados de ouro e quinhentos recrutas para os janízaros, além de proteger nossos interesses na fronteira com a Hungria e a Transilvânia.

Lada parou de ouvir quando seu pai fez medidas, promessas e agradecimentos. O sultão se retirou, deixando para trás um de seus conselheiros, Halil Paxá, para finalizar os detalhes do acordo.

Para ela, nada mais fazia diferença. Apesar de toda a beleza, Edirne era uma cidade fria e distante em uma terra estrangeira e implacável. Cinco vezes por dia, uma voz próxima de sua janela entoava uma canção em uma língua desconhecida, e aquele som incontornável era uma punhalada em seu coração. Radu ficava todo empolgado quando a cantoria começava. Lada tapava os ouvidos.

A Valáquia estava lá longe, em algum lugar. Sua Valáquia. Embora desprezasse seu pai pela fraqueza, pelo menos ele a levaria de volta para casa.

Vários soldados apareceram, arrastando dois homens amarrados para o centro da praça. Lada notou que havia uma série de buracos no chão, e que os ladrilhos imediatamente em volta tinham manchas escuras. Um homem vestido com uma túnica lavanda esvoaçante e um turbante vermelho entrou na praça. Outros soldados, carregando duas peças longas e afiadas de madeira, o seguiam.

– Ah. – Halil interrompeu a série ininterrupta de exaltações que Vlad continuava fazendo ao sultão.

Embora seu pai fosse um príncipe, e Halil fosse apenas um paxá, o equivalente otomano a um nobre, o homem agia como se Vlad devesse reverenciá-lo. E foi isso que Vlad fez.

– Lá está o jardineiro-chefe. – Halil Paxá apontou para o espaço aberto do lado de fora.

Lada achou que havia entendido errado. Aquele homem não parecia em nada com um jardineiro, e não havia nenhuma planta na praça vazia.

Halil Paxá manteve os olhos voltados para o pátio.

– Como mais um ato de favorecimento, nossa corte vai supervisionar a educação de seus filhos.

Vlad ficou pálido.

– É muita generosidade sua. Não posso aceitar tamanha graça.

– Seria um prazer para nós educá-los.

Vlad olhou para a praça, onde os dois homens amarrados haviam sido despidos. Quando notou o olhar interrogativo de Lada, o rosto dele assumiu uma expressão que ela nunca tinha visto antes.

– Radu, então – ele se apressou em dizer. – A menina deve ir para um convento. É voluntariosa e rebelde demais para aprender alguma coisa, e educar mulheres é um desperdício de tempo.

Normalmente, uma afirmação como aquela deixaria Lada irritadíssima, mas ela estava abalada demais pela expressão no rosto do pai. No ano anterior, conhecera os abatedouros, atraída pela barulheira dos porcos. Pensou que os animais berrassem apenas quando estavam sendo mortos, mas na verdade começavam a gritar, com os olhos revirados de pavor, só de sentir o cheiro do sangue dos colegas de chiqueiro.

Aquela era a expressão por trás das feições do pai, revelada pelo branco dos olhos em volta das íris escuras.

– Humm. – Halil Paxá cofiou a barba, pensativo. – Ficaríamos contrariadíssimos se um casamento indesejado fizesse sua lealdade se voltar para o oeste. Você tem um histórico de promessas não cumpridas. Além disso, a menina fala turco fluente. Percebi que entende todas as nossas conversas. Vamos dedicar tempo e atenção à educação dela. E muito *empenho*. Nossos filhos são nossas posses mais valiosas, não? O sultão queria apenas Radu, mas insisti que educássemos os dois.

Vlad engoliu em seco, com os olhos ainda voltados para Lada. Em seguida, virou e assentiu com a cabeça.

– Está decidido então – disse Halil Paxá. – Vamos manter Radu e Ladislav aqui conosco, para que fiquem seguros, e como um lembrete a você para agir em nosso interesse no trono da Valáquia.

Radu olhou para Lada, tentando entender tudo o que estava ouvindo. Ela compreendia perfeitamente o que o homem dizia. A vida dos dois irmãos tinha valor apenas para garantir a obediência do pai. Halil Paxá poderia ficar apenas com Radu, mas sabia quem Vlad mais valorizava.

Todos aqueles anos de esforços para conquistar o amor e a aprovação de seu pai a tinham levado àquela situação.

Ela havia se transformado em uma prisioneira.

Os otomanos controlavam todos os fios, e eles estavam enrolados no pescoço de Vlad. Lada sabia que seu casamento, seu futuro, seria usado para barganha, mas

não sabia que sua própria vida era algo que pudesse ser trocado e negociado. E seu pai estava fazendo exatamente aquilo.

– Ah! Eles estão prontos. Sua educação começa agora mesmo, juvenzinhos. Vejam, o jardineiro está prestes a podar a traição.

Eles observaram quando o jardineiro-chefe abriu um corte em cada homem, onde inseriu as longas estacas de madeira com precisão absoluta. Os dois foram erguidos no ar, e as estacas, plantadas nos buracos no chão. Lada notou que o peso do corpo dos homens os empurrava para baixo lentamente, fazendo as estacas penetrarem cada vez mais fundo em suas costas até por fim saírem pela garganta.

Ela não tirou os olhos deles, mas alguma coisa em sua mente fez a cena se alterar e se transformar. Precisava ver aquilo de outra forma. Aqueles homens não eram reais. Não importavam. Aquilo não era real. Seus gritos eram uma distração. Estava tentando pensar. Precisava se concentrar nos fios. Segurando o saquinho de couro no pescoço, ela ficou olhando para os dois até se transformarem em vultos indistintos. Pronto. Eles não eram reais.

Lada sentiu Radu segurando sua mão e ouviu quando o suspiro de susto do irmão se desfez em soluços. A angústia era visível no rosto do pai. Qualquer que fosse a vantagem que ele esperasse conseguir naquele novo tratado, não teria mais como obtê-la. Vlad cometera o erro de amar seus filhos – ou pelo menos Lada – o suficiente para que fossem usados contra ele.

Amor e vida. Coisas que podiam ser concedidas e tiradas em um piscar de olhos, tudo em nome do poder. Era impossível para ela abrir mão da própria vida. Já do amor...

Lada soltou a mão de Radu.

Ela se afastou do irmão e só observou enquanto o jardineiro terminava seu trabalho.

Por mais que ficasse com raiva de si mesma por isso, Lada adorava a comida. Carnes delicadamente apimentadas com molhos frios e refrescantes, legumes assados, frutas frescas – cada alimento que lhe dava prazer parecia uma traição. Ela deveria sentir falta de tudo o que havia na Valáquia. Deveria odiar tudo em Edirne.

Mas as frutas eram tão doces... Talvez ela tivesse, sim, um toque de Eva, no fim das contas.

As roupas também eram infinitamente melhores. Uma túnica leve e comprida sobre camisas largas e batas. Os tecidos eram reluzentes e macios, com um corte bem menos restritivo e desconfortável que aquele que se usava em Tirgoviste. Ficava mais fácil se mover. E até respirar.

Deveria ser mais difícil respirar quando se compartilha o ar com os inimigos. Lada se rebelava quando podia, usando os cabelos soltos, em vez de elegantemente presos, usando os mesmos sapatos da Valáquia e mantendo seu precioso saquinho de couro em torno do pescoço, junto ao coração.

Porque a comida e as roupas jamais seriam capazes de substituir o que ela deixara para trás e nunca esqueceria.

Ela pegou uma tigela com tâmaras e começou a chupar as frutas, fazendo o barulho mais alto que podia, para irritar o professor. Naquele momento, ele estava ensinando a estrutura militar do Império. Era melhor que as aulas sobre religião, mas mesmo assim Lada odiava.

– Qual é a diferença entre sipahis e janízaros? – Radu franziava a testa enquanto tentava assimilar a informação que lhes era passada.

O professor mostrava uma expressão de tédio. Quando não estava entediado, estava irritado. Lada sentia que pelo menos aquilo eles tinham em comum.

– Sipahis são homens de guarnições locais, cidadãos do Império Otomano. Não são tropas regulares, só são convocados quando necessário. Os vális das pequenas localidades, ou os beis das cidades maiores, são seus líderes, nomeados pelos sultões. Os janízaros são uma força permanente, cuja única função é a de serem soldados.

– Escravos – retrucou Lada.

– Eles recebem educação e pagamento, e são os soldados mais bem treinados do mundo.

– Escravos – repetiu Lada, sem alterar o tom de voz. Radu se remexeu inquieto ao seu lado, mas ela se recusou a olhar.

– Os janízaros podem subir na vida de forma meteórica. Sabemos reconhecer e recompensar os talentos excepcionais. Alguns já se tornaram beis. Como Iskander Bei, que... – O professor se interrompeu, fazendo uma careta como se estivesse sentindo um gosto amargo na boca.

Lada se inclinou para a frente, enfim interessada em alguma coisa.

– Quem é Iskander Bei?

– Um péssimo exemplo. Eu me esqueci dos desdobramentos mais recentes. Ele era um favorito do sultão que foi promovido a bei. Recebeu como concessão territorial a cidade de Kruje, em sua terra natal, a Albânia. Desde então ele... não tem se mostrado muito cooperativo. É uma traição imensa, e uma vergonha do mais alto grau.

Lada deu risada.

– Então seu sultão deu educação e treinamento para ele, que agora está usando esse conhecimento para combater vocês? Acho que é o exemplo perfeito.

Seu professor se recostou na cadeira, encarando Lada, indignado, enquanto Radu remexia nervosamente a pena.

– Vamos em frente. Repita os cinco pilares do islã.

– Não. Gostei mais desse outro tema. Quero saber mais sobre Iskander Bei.

O professor apanhou uma varinha de madeira e bateu com ela de forma ameaçadora na própria perna. As mãos de Lada estavam cobertas de hematomas roxos, e amarelos nos locais onde os ferimentos eram antigos. Sem dúvida em breve seriam renovados. Ela se inclinou para trás, espreguiçando-se de forma indolente.

– Talvez seja melhor uma visita aos calabouços – grunhiu o professor.

– Talvez seja mesmo.

Ultimamente o professor vinha levando Lada e Radu com frequência às prisões e câmaras de torturas, além de execuções públicas. Sua impressão era de que eles passavam mais tempo nos corredores úmidos e abafados das prisões do que em seus próprios aposentos.

Radu ficava sempre doente. Seus olhos estavam inchados e fundos. Mal conseguia comer e era atormentando por pesadelos.

Lada não se deixava abalar da mesma maneira. Às vezes dava sua opinião aos professores a respeito de um método de tortura que lhe parecia mais eficaz que os outros. A reação mais comum era cerrarem os dentes e chamá-la de desalmada.

Ela tinha uma alma. Estava quase certa disso, pelo menos. Mas aprendeu no primeiro dia com o jardineiro-chefe a ver as pessoas da mesma maneira que o sultão. Elas eram objetos. Podiam ser movidas de uma parte a outra, alimentadas, deixadas à míngua, sangradas e mortas de inúmeras maneiras, dependendo do tipo de poder que se quisesse exercer ou conquistar. Às vezes uma imagem – olhos em um rosto sujo e exausto que encontravam os seus em meio a uma claridade ofuscante, um par de pés pequenos demais para pertencer a um adulto aparecendo em um canto escuro – causava um impacto nela. Um incômodo. Atravessava as cortinas que havia fechado naquela parte de sua mente.

Mas era sempre possível se desvencilhar das imagens. Ela *precisava* fazer aquilo. Porque, se não se importasse com o que lhe mostrassem ou com o que fizessem para feri-la, aqueles professores ridículos e aquela corte obscena só teriam uma forma de controlá-la: matando-a.

Eles ainda não podiam fazer aquilo, ou seu professor já teria esmigalhado sua garganta com as próprias mãos.

– Está na hora de avançar em nossos estudos. Repita os cinco pilares do islã – exigiu o professor.

Lada bocejou.

Radu falou por ela, dando uma resposta precisa. A criação deles como cristãos ortodoxos se resumia a comparecer à capela do castelo uma vez por semana. Lada considerava os rituais insuportáveis, mas houve um momento, na primavera, em que se lembrou de tudo aquilo com saudade.

Seu pai costumava fazer doações a igrejas, tentando comprar o favorecimento de Deus da mesma forma como fazia com os boiardos e os sultões. Como consequência, eles foram convidados a passar uma semana em um mosteiro localizado em uma ilha no meio do lago Snagov. Quando o barco partiu, Lada experimentou uma estranha sensação de liberdade. De paz. Na ilha havia apenas monges silenciosos, muito menos intimidadores que o patriarca e os sacerdotes, sempre vestidos com pompa e circunstância. Lada vagou sozinha por lá, explorando a pé toda a costa, sentindo que a água formava uma barreira entre ela e a pressão de Tirgoviste. Seu quarto minúsculo nas entranhas do mosteiro era decorado com imagens de santos e de Cristo, que a observavam impassíveis das molduras. Ela não se importava com aquilo, e dormira o sono mais profundo de sua vida.

Agora não havia paz nem separação do mundo, que era o que Lada mais desejava. Em vez disso, era forçada a aprender uma nova religião, como se aquilo equivalesse ao ensino de idiomas e de história. Era dolorosamente irritante. Pelo menos no cristianismo eles eram desencorajados a ler a Bíblia sozinhos, porque os estudos eram um domínio exclusivo do clero. Sua única responsabilidade era comparecer e escutar.

Ela se recusava a dar até mesmo aquela impressão ali. O professor fez um aceno exausto de cabeça ao ouvir a resposta de Radu e se ajeitou na cadeira. Uma faísca reapareceu nos olhos dele.

Lada fingiu não perceber, mas cada nervo de seu corpo estava alerta à reação que o professor teria a mais uma demonstração de insolência de sua parte.

– Ladislav deu a resposta errada. – O tutor ergueu o braço e, com os dedos carregados de anéis, esbofeteou o rosto de Radu com o dorso da mão. A cabeça do menino foi arremessada para o lado, e ele caiu da cadeira com um grito de susto e dor.

Ela ia matá-lo. Arrancaria a mão daquele homem por atacar seu irmão; ia...

Lada se recompôs antes que o professor se voltasse para ela com o peito ofegante e os olhos brilhando. Esperando sua reação. Se o matasse, seria morta em seguida, e não haveria mais ninguém para proteger o tolo e frágil Radu. *Seu* tolo e frágil Radu. Caso ela demonstrasse irritação, o professor saberia – todos saberiam – como controlá-la. Assim como tinham aprendido a controlar seu pai. Assim como os janízaros sabiam que a atingiriam tomando Bogdan para si.

Ela ergueu as sobrancelhas, impassível.

– Quais são os cinco pilares do islã? – ele perguntou quando Radu voltou a sentar, com lágrimas nos olhos e uma expressão de choque no rosto.

Lada sorriu e sacudiu negativamente a cabeça.

Ele bateu mais uma vez no menino.

Radu permaneceu no chão, cochichando a resposta por entre os lábios cortados e inchados, mas Lada não desviou os olhos do professor. Manteve um sorrisinho no rosto, com as mãos unidas sobre as pernas, totalmente composta. Controle significava poder. Ninguém a faria perdê-lo. E no fim o professor perceberia que podia bater em Radu o quanto quisesse que não faria diferença.

Só então seu irmão estaria a salvo.

RADU SE ENCOLHEU todo, encostado na porta do quarto de Lada, segurando a mão em cuja palma os vergões se acumulavam. Seu lábio estava começando a se curar, mas só porque o professor ultimamente vinha se concentrando em suas mãos.

Como ela era capaz de fazer aquilo?

Como era capaz de deixá-lo apanhar em seu lugar?

Lada sempre o havia protegido. Mesmo quando resolvia ser cruel, nunca deixava ninguém o machucar. Apesar de tudo o que acontecera desde que haviam chegado a Edirne, Radu nunca ficara com medo, porque sabia – tinha *certeza* – que Lada não permitiria que nada de mal lhe acontecesse.

Ele chorou, porque não havia ninguém lá para ver. O sal das lágrimas fez seu lábio cortado doer.

Como ela sabia? Dava para ver que ele estava interessado no islã, fascinado, e tinha inclusive começado a rezar escondido? Era aquele o motivo? Lada não o deixaria apanhar por outra razão, mas, quando o professor perguntava sobre o islã, ela se recusava a responder, mesmo sabendo que o castigo sobraria para Radu.

Ele queria dizer a ela, *precisava* dizer, que lamentava muito. Que ia parar de estudar o islã. Mas... talvez, se pudesse explicar como se sentia, como para ele aquela religião fazia muito mais sentido que a sequência infinita de santos e ícones que conhecera em Tirgoviste... Radu nunca entendera de verdade o que ouvira na igreja, o latim era uma linguagem tão formal que criara uma barreira entre ele e Deus. Naquela religião como um todo parecia haver barreiras entre Radu e Deus – Cristo era uma barreira, a queda do homem do Paraíso era uma barreira, sua própria alma era uma barreira.

Deus sempre lhe parecera alguém como seu pai – distante, insondável, reprovador. Radu temia que, como sempre, nada do que pudesse fazer fosse suficiente para merecer o amor de um deus onipotente e insondável.

O islã fazia sentido para ele, exercia um tremendo apelo com sua simplicidade generosa. Mas, se Lada quisesse que o irmão odiasse o islã, era isso que faria. Qualquer coisa que fosse necessária para ter sua protetora de volta.

Ele limpou o restante das lágrimas para esconder sua fraqueza. Só então abriu a porta.

Usando apenas um camisolão, Lada estava agachada junto à lareira. Em vez de ser feita de pedra, como em Tirgoviste, aquela era revestida de azulejos brancos,

com um padrão de uma estrela de oito pontas. Embora estivesse calor, sua irmã havia acendido um fogo alto. Ela estava jogando suas roupas de dormir na lareira. Um pouco mais para o lado estavam as cobertas arrancadas da cama, manchadas de vermelho.

– Lada? – Radu entrou no quarto procurando pelo agressor, tentando localizar o ferimento. – O que aconteceu?

Ela se virou para o irmão, com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

– Fora daqui!

– Mas...

– *Fora* daqui!

Atordoadado como se tivesse levado um soco, Radu saiu correndo do quarto, e depois da antecâmara que dava acesso aos seus aposentos. Só parou de correr quando se viu fora do ambiente labiríntico do palácio, deslocando-se em meio à multidão nas ruas.

Estava perdido.

Ele continuou andando em círculos, às cegas, anestesiado. O chamado para a oração ressoou no ar, mais próximo do que nunca. Radu deteve o passo e olhou para cima, à procura das torres e dos minaretes da mesquita. Mas seu coração estava pesado, arrastando-o para o chão. Era impossível se voltar para o céu.

Uma mão suave pousou em seu ombro. Ele teve um sobressalto, encolhendo-se todo.

Um homem, com a cabeça envolvida por um turbante branco simples e com uma túnica de tecido fino, mas de corte simples, se agachou para fazer contato visual com Radu. Os olhos dele se arregalaram por um momento ao notar os machucados no rosto do menino, mas em seguida se estreitaram em um sorriso gentil. Não devia ser muito mais velho que Mircea, mas a bondade estampada em seu rosto o fazia parecer mais sábio.

– Precisa de ajuda?

Radu fez que não com a cabeça, depois que sim, depois que não de novo.

– Quer fazer as orações comigo?

Radu nunca tinha rezado antes, não daquela maneira. Já tinha visto seu professor fazer as orações, mas se sentia estranho observando tudo, como se fosse um intruso, então costumava desviar o olhar. Por outro lado, queria conhecer uma mesquita por dentro desde que chegara a Edirne.

– Não sei como – disse Radu, com o rosto todo vermelho e de cabeça baixa.

– Vamos estender nossos tapetes lá atrás. Você pode ver como eu faço. – Ele conduziu Radu de graus acima.

Havia uma fonte de água cristalina, e o homem parou para lavar as mãos com movimentos bem específicos. Ele sorriu e apontou com o queixo para as mãos de

Radu. Envergonhado, ele imitou com cautela seus gestos.

Quando terminaram, o homem desenrolou um tapete que levava às costas. Radu entrou em pânico porque não tinha um, mas o homem ofereceu o seu para ele e foi buscar outro, bastante gasto, em uma pilha em um canto. Ainda com os olhos voltados para o chão, o menino o seguiu até um salão bem amplo, onde os homens estavam se colocando em fila de forma ordeira e tranquila.

Ele o conduziu até um canto, onde o instruiu a estender o tapete. Radu copiou sua postura e ajoelhou, nervoso e arrependido de tê-lo seguido. Havia uma grande variedade de homens no local, velhos e jovens, usando as roupas mais finas ou as mais simples e gastas. Mas todos tinham lugar ali e estavam em seu ambiente natural. Saberiam que Radu não tinha o direito de estar presente. Talvez o espancassem também.

E então a oração começou.

Radu viu maravilhado os homens fecharem os olhos, fazendo os mesmos movimentos, rezando juntos, os corpos e as vozes em sincronia perfeita.

Ele nunca tinha visto nada tão lindo.

Pela primeira vez na vida, não queria só observar. Queria participar. Mantendo um olho aberto para seguir os movimentos de seu acompanhante, Radu começou a orar. Em pouco tempo, sentiu-se embalado pelo ritmo e pela paz que aquilo trazia, ser uma pequena parte do todo, dizendo palavras que conseguia entender apenas em parte, mas que *sentia*, que faziam sua alma exaurida e ferida se elevar.

Quando a oração terminou, ele olhou para cima. O teto era altíssimo, com estrelas de múltiplas pontas que atraíam o olhar das extremidades para o centro até direcionar sua atenção para o minarete aberto. Para o céu.

– Você está bem?

Radu se voltou para seu acompanhante, sobressaltado. Esfregou os olhos e abriu um sorriso.

– Sim. Obrigado.

O homem estendeu a mão, ajudando Radu a se levantar. Ele devolveu o tapete emprestado, e os dois saíram.

– Como você se chama? – perguntou o homem.

– Radu Dragwlya.

– Sou Kumal Váli. Venha, me acompanhe na refeição. Você parece estar precisando de alguém para conversar.

Kumal conduziu Radu pelas ruas até uma região dominada por casas de pedras estreitas e altas. Eram próximas o suficiente do palácio para indicar que seus habitantes eram importantes, mas não a ponto de fazer parte do complexo do sultão. Radu se deu conta de que Váli não era um sobrenome, e sim seu título, uma

indicação do que ele era. Claramente alguém importante, talvez até um amigo do sultão.

Um criado os recebeu na porta, fazendo uma medida e pegando o tapete de Kumal.

– Meu amigo Radu vai comer conosco – ele anunciou.

Os dois seguiram o criado até um cômodo nos fundos da casa. Havia janelas com painéis de vidro nas paredes, revelando um jardim modesto, porém bem cuidado. Uma mesa baixa estava posta, com almofadas ao redor. Kumal se sentou e fez um sinal para que Radu o imitasse.

Radu de repente se deu conta de que havia sido uma péssima ideia. E estava sentado à mesa diante de um desconhecido. Ninguém sabia de seu paradeiro. Para piorar, não estava certo de que tinha permissão para sair do palácio. Ele seria castigado? Punido com a morte?

Kumal cortou um pedaço de pão chato com a mão e passou para Radu, então começou a falar sem encará-lo.

– Gostaria de saber quem machucou você e se posso fazer alguma coisa para ajudar.

– Preciso ir. – Radu sacudiu a cabeça e ficou de pé.

– Por favor, fique. Se não puder falar sobre o que aconteceu, podemos falar de outras coisas. O que achou da oração?

Radu sentou devagar, fechando os olhos e tentando reviver o momento.

– Foi... maravilhoso.

– Pois é, também achei. Gosto de me juntar a tantos irmãos na oração quando estou na cidade.

– Você não mora aqui?

– Não, tenho uma propriedade na zona rural. Não venho muito a Edirne, pois minhas responsabilidades me mantêm muito ocupado. Vou embora hoje à noite, na verdade.

Radu se entristeceu. Não que esperasse muito de Kumal, mas os breves momentos de esperança que vivera na presença dele pareceram uma provocação cruel do destino naquele momento.

– Você não é otomano.

Radu fez que não com a cabeça.

– Sou da Valáquia.

– Mas você não é um janízaro. – Kumal franziu a testa, pensativo.

– Meu pai é Vlad Dracul, voivoda da Valáquia. Ele me deixou aqui com minha irmã para... sermos educados.

A compreensão se tornou nítida no rosto de Kumal, mas, onde Radu temia ver irritação ou desprezo, só encontrou compaixão.

– Ah, entendi. E ao que parece esse processo não vem sendo muito tranquilo. Radu levou a mão ao rosto, envergonhado.

Kumal segurou sua mão, apertou-a de leve e depois a baixou para que Radu o encarasse.

– Por favor, não julgue meu país pela crueldade de alguns poucos. Embora só haja um Deus e um profeta, que a paz esteja com Ele, nem todo mundo age da mesma forma. Existem diferentes níveis de fé e de prática, assim como tudo na vida. Mas você tem uma escolha.

– Acho que não me sobram muitas escolhas na vida.

Kumal balançou a cabeça.

– Pode parecer assim. Mas você sempre tem uma escolha. Pode buscar refúgio e consolo em Deus. Pode escolher ser corajoso e bondoso. E pode escolher ver a beleza e a felicidade da maneira como se apresentarem. – Ele sorriu. – Mas acho que sabe disso. E espero que continue se valendo desse sentimento pelos anos que estão por vir, porque você tem muito a oferecer ao mundo, Radu.

Uma menina se acomodou em uma almofada ao lado de Radu, com os olhos reluzentes e a boca formando um círculo perfeito. Usava roupas tão bonitas quanto ela, com uma echarpe de um amarelo bem vivo cobrindo os cabelos. Abriu um sorriso tímido para ele, então pegou um pedaço de pão.

– Meu irmão está dando sermão em você?

Radu negou com a cabeça, então a baixou e olhou para o prato.

– Que bom. Ele adora dar sermões. Sou Nazira.

Kumal pôs a mão sobre o ombro dela.

– Esta é minha irmã caçula.

– E favorita.

– E favorita. – Kumal deu risada. Nesse momento, o criado voltou, servindo uma bandeja com uma ave assada, legumes e um molho refrescante. Ele prometeu levar Radu de volta ao palácio após a refeição. Depois, Kumal e Nazira começaram a contar histórias um para o outro, envolvendo Radu nos risos e na conversa como se sua presença ali fosse natural.

A afetuosidade entre os irmãos poderia ter feito com que Radu se sentisse um tanto deslocado, mas ele tomou para si um pouco daquele calor e guardou para os dias que viriam, pois sabia que com certeza iria precisar.

LADA NÃO SABIA por quanto tempo poderia continuar dando sumiço nas roupas de cama. Radu já tinha reclamado que na cama dele não sobrara nada além de um único cobertor. Ela precisou ficar encostada contra a porta enquanto rasgava o lençol em pedaços suficientemente pequenos para continuar alimentando o fogo sem apagá-lo.

Seu quarto estava um forno. O cheiro de tecido queimado tinha perdurado o mês todo, e agora o sangue estava de volta.

Quando sua ama lhe disse que só precisaria se preocupar com casamento depois que as maldições mensais começassem, foi um alívio. Pelo menos até a manhã em que Lada acordou coberta de sangue na casa do inimigo. Vinha vivendo em terror desde então. Os criados eram expulsos de seu quarto com gritos e ameaças. Quando isso não bastava, com golpes de seus punhos. Ninguém podia saber.

Mas era questão de tempo. A porta dos quartos pequenos e contíguos reservados a ela e Radu não tinham tranca.

Mesmo assim, Lada nunca chorava.

Radu achava que o choro dele era segredo, mas toda noite dava para ouvi-lo através da parede fina que os separava. Às vezes ela sentia ódio dele por chorar, e às vezes por não conseguir fazer o mesmo.

Ele só parecia contente quando saía às escondidas para rezar, o que deixava Lada louca de raiva. Ela o alfinetava impiedosamente por isso, mas Radu nunca reagia à sua raiva. Por fim, Lada optou por um silêncio resignado. Caso ignorasse, talvez aquilo passasse.

Os dias se seguiam em um borrão desolado de lições e *lições*. Naquele dia, estavam vendo um assaltante de beira de estrada ser suspenso por um gancho de metal cravado nas costelas. *Você sabia*, a voz do professor de história surgiu em sua mente, *que temos pouquíssimos crimes no Estado otomano? Nossas estradas e nossos lares são mais seguros do que os de outros países insignificantes. Nosso povo ama o sultão.*

Lada reconhecia que havia uma enorme criminalidade em Tirgoviste e nas cidades ao redor. Por outro lado, achava que talvez a devoção dos otomanos fosse resultado do uso de turbantes tão bem amarrados que comprimiam o cérebro.

Quando o assaltante concluiu o longo e doloroso processo de morte, seu corpo foi baixado para ser exibido na beira da estrada, com uma placa descrevendo seus

crimes. Os pés de Lada doíam. Ela estava cansada daquelas aulas. Não havia nada mais a aprender. O sultão controlava tudo. Quem o irritasse estava morto. As pessoas obedeciam não por amor, mas porque a punição era rápida, severa e absolutamente pública. Era uma justiça eficaz. Admirável até. O sultão não se acovardava diante de ninguém, não precisava entrar em joguinhos de poder nem se curvar às pessoas ao redor, como seu pai fazia com tanta frequência.

Radu parecia prestes a esvaziar o conteúdo de seu estômago outra vez, então, quando foram dispensados, Lada o arrastou pelos corredores até as ruas. Ela já havia explorado os limites do castelo tanto quanto lhe era permitido. Os dois passaram pela mesquita, com os minaretes circulares que pareciam tentar atingir o céu. Desejou que de fato atingissem, que abrissem um buraco no céu e fizessem a ira de Deus se despejar na cidade. Então veriam qual deus era o verdadeiro.

Mas talvez não. Ela não estava na Valáquia. E o deus que havia aprendido a adorar não estava lá. Talvez o céu consumisse apenas *ela própria* com a ira do deus otomano.

Eles passaram por um muro alto que cercava um jardim verdejante, cujos galhos verdes e pesados despontavam convidativos por cima da estrutura. Lada viu uma figueira carregada de frutos quase ao seu alcance. Seu estômago roncou. Era ramadã, e ela e Radu precisavam jejuar. Lada roubava e escondia comida sempre que possível, porém na maior parte dos dias passava fome até o pôr do sol. Em um canto, quando o muro se encontrava com a lateral de uma pequena construção, havia uma videira enorme e antiga. Ela se pendurou na árvore e subiu no muro.

– É melhor voltarmos – Radu resmungou, olhando ao redor.

Ele coçou as costelas nervosamente, sem dúvida nenhuma imaginando um gancho perfurando seus músculos e órgãos. Radu perdera peso desde que chegara, e não apenas por causa do jejum. Os ossos de seu rosto estavam mais visíveis que nunca, fazendo seus olhos parecerem ainda maiores.

– Tudo bem. Pode esperar aqui. Sozinho.

Ele subiu atrás dela, quase despencando do outro lado de tanta pressa. Os dois treparam em um galho, descendo pela árvore até poder saltar para o chão.

O cheiro ali não parecia certo. O aroma das folhas era pungente demais, e a doçura de uma das flores parecia exagerada. A mesquita se erguia logo à frente, vigilante. Mas os caminhos serpenteantes entre as árvores e os arbustos faziam o jardim parecer um local secreto. Ela colheu vários figos e ofereceu um a Radu. Ele recusou, então ela o jogou na cabeça do irmão.

Mordendo um figo, Lada passou os dedos pelas folhas ásperas e grossas de uma cerca viva e tentou se imaginar na Valáquia.

Radu foi o primeiro a ouvir.

– Escuta. Tem alguém chorando – ele murmurou.

– E não é você. Que surpresa.

Ele fechou a cara e se afastou com passos convictos. Lada bufou e foi atrás. Apesar de todo o medo que estava sentindo por invadir o local, Radu ainda era tolo o suficiente para fazer com que fossem pegos. Ela o puxou pelo colete, mas deteve o passo ao ver um garoto de doze ou treze anos chorando ao lado de uma pia com água.

– Você está machucado? – perguntou Radu.

O menino ergueu a cabeça, revelando olhos emoldurados por cílios tão grossos que as lágrimas ficavam presas neles. As mãos estavam cobertas de marcas vermelhas e roxas. O rosto também tinha sido castigado. Um hematoma estava se formando em uma das bochechas.

Radu tirou o colete e molhou na água. Ele pôs o pano encharcado com cuidado sobre as mãos do garoto, para aplacar a dor. Lada nunca havia visto seu irmão fazer aquilo por ela, e com certeza jamais o tinha feito por ele.

O menino ficou só observando. Endireitou as costas e olhou para baixo por cima do nariz fino e reto. Os lábios grossos estavam crispados de dor.

– Meu professor. Ele tem autorização do meu pai para me castigar por desobediência – explicou.

Radu mergulhou a mão na água e levou ao rosto do garoto, que pareceu se assustar. Ele encarou Lada como se esperasse que também fosse socorrê-lo. Ela cruzou os braços e o encarou por cima do nariz curvo.

– Se você é fraco demais para apanhar e burro demais para evitar isso, então merece sentir dor.

– Quem é você? – O menino bufou de raiva.

Lada encostou em uma árvore, pegou outro figo e deu a mordida mais ostensiva de que era capaz.

– Sou Lada Dragwlya, filha da Valáquia.

– Você deveria estar em jejum.

Ela cuspiu a casca fibrosa da fruta nos pés dele e deu outra mordida.

– Posso mandar matar você por causa disso. – O garoto franziu a testa, pensativo.

Radu estremeceu, fazendo uma reverência.

– Ah, levanta daí, Radu. – Lada o puxou pela camisa e o fez ficar de pé. – É só um garoto idiota. Se até os professores podem bater nele, duvido que tenha algum poder sobre o jardineiro-chefe. Deve ser só um prisioneiro mimado, como nós. – Ela não demonstrou nenhuma compaixão pelo menino. Ele a fazia lembrar de quem era, uma criança indefesa, e aquilo a deixava irritadíssima.

O garoto levantou e bateu o pé no chão.

– Não sou um escravo. Esta cidade é minha!

Lada deu uma risadinha de deboche.

– E eu sou a rainha de Bizâncio. – Ela virou as costas e puxou Radu consigo.

– Vamos nos encontrar de novo! – gritou o garoto. Não era uma ameaça, era uma ordem.

– Vou queimar sua cidade até não sobrar mais nada – Lada gritou em resposta, por cima do ombro.

A única reação do menino foi uma gargalhada surpresa. Ela ficou chocada ao ver seus lábios abrirem um sorriso pela primeira vez em semanas.

Lada esfregava furiosamente o sangue de suas roupas de dormir.

Enquanto fazia isso, amaldiçoava sua mãe por ter parido uma menina.

Amaldiçoava seu pai por tê-la deixado lá.

E amaldiçoava seu próprio corpo por fazê-la tão vulnerável.

Estava tão ocupada praguejando que não ouviu a porta abrindo.

– Ah – disse a criada, uma menina frágil e magra como um passarinho.

Lada ergueu os olhos, horrorizada. A evidência de que já era uma mulher cobria suas mãos, um testamento vermelho e inegável. Ela havia sido pega. Uma imagem de si mesma rastejando e chorando surgiu em sua mente. Era assim que uma esposa se comportava. Era aquilo que uma esposa fazia.

E agora aquela criada, aquela espiã, sabia que Lada tinha idade suficiente para casar.

Com um grito, Lada saltou sobre ela, atingindo-a com um golpe na cabeça. A criada foi ao chão, tentando aos berros se proteger dos socos com os braços. Lada não parou. Esmurrava, chutava e mordia, dizendo obscenidades em todas as línguas que conhecia.

Estava sendo puxada por um par de braços e uma voz familiar pedia desesperadamente que parasse, mas Lada não parou. Não conseguia parar. Era seu último ato de liberdade, e tudo por causa dos olhos curiosos e enxeridos de uma criada.

No fim, foram necessários dois guardas do palácio para detê-la. Radu a encarava com o olhar de pavor de um animal indefeso arrancado da toca. Lada não respondeu aos questionamentos dele. Não fazia mais diferença. Nada mais fazia.

Lada esperava ser punida, por isso o convite para se juntar às mulheres para uma refeição à tarde a pegou de surpresa. Ela foi escoltada por um homem calvo e de ombros estreitos para um setor do palácio que nunca visitara antes.

Duas mulheres ficaram de pé quando ela entrou na elegante sala. Uma era bem jovem, apenas alguns anos mais velha que ela mesma. Tinha os cabelos escondidos sob uma echarpe de um azul vivo, com um véu cobrindo a metade inferior do rosto. Mas os olhos eram grandes e projetavam um sorriso reluzente.

Lada se encolheu toda quando a moça se aproximou, mas ela apenas pegou suas mãos e as apertou.

Então falou em turco:

– Você deve ser Ladislav. Pobre menina. Venha sentar. Sou Halima. Esta é Mara.

Lada se deixou conduzir até as almofadas em torno de uma mesa, observando a outra mulher, que estava sentada com as costas eretas, com um vestido com corpete que contrastava com as camadas de seda esvoaçantes usadas por Halima. O cabelo da outra mulher era castanho-escuro, elaboradamente enrolado e penteado ao estilo da corte da Sérvia.

– Por que estou aqui? – perguntou Lada, com o tom mais tranquilo de que era capaz em meio à sua confusão mental.

– Porque ninguém sabia o que fazer com você. – O tom de Mara era frio, e ela estreitou os olhos. – Quando descobriram por que você espancou aquela pobre menina, os homens se recusaram a tocar no tema. Fomos solicitadas a conversar com você sobre os assuntos femininos.

– Você não entendeu o que estava acontecendo? – Halima se inclinou para a frente com um olhar de pura compaixão. – Deve ter ficado tão assustada! Eu sabia que deveria esperar pela maldição mensal, e mesmo assim quase desmaiei quando vi o sangue! Mas você está aqui sozinha com seu irmão. Precisa conversar conosco, para que possamos ensinar tudo a você e ajudá-la. – Ela bateu as mãos, toda animada. – Vai ser divertido.

Lada permaneceu onde estava, sentada à mesa com uma postura rígida.

– Não estou interessada em nada que tenham a oferecer.

– Ah, mas você deve ter muitas perguntas! Não fique com medo. Não vamos ficar envergonhadas com nada. Somos esposas, afinal de contas.

– É exatamente esse o destino que estou tentando evitar – murmurou Lada.

– Então você é uma tola – retrucou Mara.

– Ora, seja gentil, Mara! Ela não entende. É uma coisa maravilhosa ser uma esposa. Murad é muito atencioso, e somos muito mais bem tratadas do que poderíamos querer. – Não havia nenhum indício de malícia por trás da afirmação de Halima. Era tão sincera quanto seus olhos grandes e tolos.

– Você é casada com Murad? – Lada perguntou, pronunciando com desprezo o nome do sultão.

– Nós duas somos. – Halima abriu um sorriso reluzente. Lada lançou um olhar horrorizado para Mara.

O sorriso da outra lembrava a amargura do inverno, enquanto o de Halima era primaveril.

– Sim. Somos ambas esposas dele. Há outras ainda, e concubinas.

– Isso é uma abominação. – Lada fez uma careta.

– Se não me engano, seu pai tem outro filho, de uma amante – comentou Mara.

Lada não respondeu, mas a expressão em seu rosto confirmava. Eles nunca falavam do outro Vlad, mas Lada sabia de sua existência.

Halima gesticulava avidamente, como se quisesse arrancar os pensamentos da cabeça de Lada e moldá-los de forma mais agradável.

– É assim que as coisas são feitas aqui. Os homens podem ter mais de uma esposa, se puderem sustentá-las. E o sultão por tradição mantém um harém. Somos todas amadas e bem cuidadas. É um grande privilégio ser uma esposa!

Mara deu um gole de chá de uma xícara delicada, diferente de qualquer uma que Lada já tivesse visto. Quando falou, dirigiu-se a ela em húngaro:

– Halima é uma idiota.

Halima inclinou a cabeça para o lado.

– O que disse?

Mara continuou:

– Ela é uma criança. Acha que é uma princesa em uma história de faz de conta. Ser escolhida por Murad para fazer parte do harém é o máximo que uma garota como Halima pode almejar. Não sei se a esgano com minhas próprias mãos ou faço tudo o que está a meu alcance para manter viva essa fantasia.

– E quanto a você? – Lada respondeu em húngaro, intrigada com a sinceridade de Mara.

– Estou aqui pelo mesmo motivo que você. Meu casamento com Murad aconteceu para selar uma trégua com a Sérvia. Minha presença aqui é o que mantém meu país livre.

– Mas a Sérvia não é livre. – Lada soltou um risinho de deboche.

– O que você considera liberdade? – Mara ergueu uma sobrancelha.

– O direito de governar a si mesmo! Não se valer de uma nação estrangeira para garantir a própria segurança.

– Todo país se vale de outras nações para garantir sua segurança. É para isso que servem os tratados e as fronteiras.

– Mas isso é diferente!

– Diferente como?

– Você não deveria ser forçada a casar! Não é justo.

Halima tossiu deliberadamente, franzindo os lábios.

– Que tal falarmos em uma língua que todo mundo entenda? Assim ninguém fica magoada por ficar de fora da conversa.

Mara continuou, ignorando a outra esposa:

– Humm. E o que você acha que teria acontecido comigo se eu continuasse na Sérvia? Casaria com outro homem escolhido para mim. Desprezo meu marido e este Império, mas pelo menos aqui sirvo para alguma coisa. O casamento de Halima com Murad garante a segurança e o sustento dela. Meu casamento com ele garante a segurança e o sustento da Sérvia. Não é justo mesmo. Mas envolve coisas mais importantes que justiça. Você ama a Valáquia?

Lada franziu a testa, porque sabia que a pergunta era capciosa. Sabia para onde a conversa estava sendo dirigida, mas se sentiu na obrigação de responder com sinceridade.

– Sim.

– Assim como eu amo a Sérvia. Estou servindo meu país e minha família aqui no exílio. Cada um deve fazer o que está ao seu alcance, Ladislav. Esta é minha contribuição.

Halima limpou a garganta.

– Já podemos voltar a falar em turco? Tenho uns conselhos para dar a Ladislav.

Lada começou a comer, observando as duas esposas diante de si. Ela jamais seria como Halima, com toda aquela gratidão e ingenuidade. Mas poderia ser como Mara? Resignada a um destino que não escolheu, em defesa de seu país?

Halima continuou com seu discurso animado, sem falar nada de importante, com uma alegria e um jeito de se expressar tão sonhador que Lada quase entendeu por que Mara desejava protegê-la. Pelo menos havia algum conforto em ser uma pessoa alheia a tudo. E Lada gostou de ouvir os comentários afiados e ácidos de Mara, na maioria das vezes emitidos em um idioma que Halima não conseguia entender. Talvez Lada devesse pedir para vê-las de novo. Seria bom ter alguém com quem conversar além de Radu e seus detestáveis professores.

Halima estava no meio de uma longa história:

– ... e Emine, uma amiga muito querida, se juntou ao harém por conta própria! Foi um escândalo. Largou a família e simplesmente entrou! Ela teve que ser aceita, claro, e a família não a podia receber de volta, então...

– Quê? – interrompeu Lada, confusa. – Só porque ela pôs os pés no harém?

– Ah, sim! Foi por isso que nos encontramos aqui. Se você entrar no espaço do harém, tecnicamente se torna propriedade do sultão! E precisa ser assim, sabe? É para proteger a linhagem.

Mara notou o olhar horrorizado de Lada e abriu um sorrisinho. Quando terminou de comer, limpou a boca educadamente e voltou a falar em húngaro:

– É bom para você conviver conosco. Tentar ser como essa linda idiota. Quanto antes parar de resistir, mais fácil sua vida vai se tornar. É esse seu propósito.

– Não. – Lada ficou de pé tão de repente que quase caiu para trás.

Ela virou para fugir do olhar sábio e experiente de Mara, sentindo seu peso sobre os ombros por um bom tempo depois de sair.

O HOMEM ERA gordo.

Cheio de vasinhos roxos espalhados pelo rosto a partir do nariz. Os olhos eram úmidos, o queixo, mole, os dedos, inchados, com anéis apertados demais.

Ele tremia por causa da idade ou dos nervos. Lada tremia de raiva.

Radu rezou em silêncio para qualquer deus que estivesse ouvindo para que os dois não fossem mortos. Ele não tinha ideia do que a fizera atacar aquela pobre criada, mas Lada conseguiu chamar atenção da pior maneira possível. Agora eles estavam em um opulento salão nobre do palácio. Havia mais seda e ouro naquele único cômodo do que em todo o castelo em Tirgoviste. Vários dignitários estavam reunidos ali, cochichando, esperando a vez de falar com Halil Paxá, o homem horrível que obrigou os irmãos a assistirem a um empalamento pela primeira vez. Normalmente Radu aproveitaria a oportunidade para escutar as conversas e tentar entender o clima da corte, mas estava amedrontado demais, e só conseguia olhar para Lada. Se pelo menos Kumal estivesse lá, se ele morasse na capital... Radu tinha certeza de que seria capaz de ajudá-la.

Mas eles não tinham amigos nem aliados. Nenhum tipo de ajuda.

Lada se recusava a olhar ao redor. Estava voltada para a frente, para Halil Paxá, que finalizava o contrato que a tornaria noiva do otomano ao lado dela.

– Seu pai vai ficar satisfeito. É uma honra para a linhagem dos Draculesti que você se case aqui – disse Halil Paxá, abrindo um sorrisinho para Lada com seus lábios finos.

O futuro cunhado de Radu assinou seu nome, e a tinta se espalhou pelo papel em linhas grossas, como os vasos no rosto do homem.

Lada falou em um tom de voz baixo e límpido, e o salão inteiro ficou em silêncio. Ninguém esperava que a menina abrisse a boca. Ela provavelmente não tinha permissão. Radu conhecia Lada, e sabia que ela não ia se deixar intimidar.

– Na nossa noite de núpcias – ela disse –, vou arrancar sua língua e engolir. Assim as duas línguas que pronunciaram os votos de matrimônios vão ser minhas, e eu vou estar casada comigo mesma. Você provavelmente vai morrer engasgado com o próprio sangue, o que vai ser uma pena, mas vou ser ao mesmo tempo o marido e a esposa, e não uma pobre viuvinha.

Lada largou a pena com um gesto expressivo. Uma gota de tinta manchou o piso de mármore. Halil Paxá a encarou, e o sorriso leve se transformou em uma

expressão pensativa e perigosa.

Radu foi cambaleando na direção dos dois, tentando desesperadamente arrumar uma maneira de amenizar a situação. Então ouviu alguém dar risada, quebrando o silêncio no recinto. Ele virou, surpreso por encontrar o garoto que chorava no jardim de pé junto à porta, ao lado de um homem magro de óculos.

Radu procurava o rosto do garoto sempre que se aproximava dos membros da corte por alguma razão. Naqueles dois meses desde o incidente no jardim, nunca mais o vira, mas seus olhos estavam sempre à procura de um amigo.

Mas agora não havia tempo para pensar naquilo.

O garoto murmurou algo para seu acompanhante, que franziu as sobrancelhas acima dos óculos. Ele cochichou uma resposta, mas o menino fez que não com a cabeça, observando Lada com um brilho no olhar. Ela o encarou de volta com frieza.

Radu se perguntou quem seria morto primeiro, ele ou Lada. Seria bem pior ver aquilo acontecer com a irmã e saber que seria o próximo, ou... não, seria muito pior ser o segundo. Ele desejou que o matassem primeiro. Talvez fosse egoísmo de sua parte, mas o que estava acontecendo era culpa de Lada.

O homem magro fez um gesto para os dois soldados com quepes cilíndricos com uma longa cauda de tecido que mostrava que eram janízaros. Radu sempre os observava com atenção, na esperança de encontrar Lazar, mas aquela cidade se recusava a deixá-lo fazer amigos. Em seguida, o homem e o garoto do jardim viraram as costas e foram embora. Os olhos de Radu os seguiram até que desaparecessem.

A expressão de Lada era parecida com a dos peixes criados no fosso ao redor do castelo de Tirgoviste. Ela escancarava a boca, depois fechava, depois abria de novo. Radu encolheu os ombros para Halil Paxá e limpou a garganta.

– Talvez o sultão... Talvez outro acerto possa... Eu jamais questionaria uma decisão do sultão, mas...

O paxá estava surpreso e um pouco ultrajado, mas ficava claro pela expressão de todos ao redor que ninguém ali levava a sério a ameaça de Lada.

Radu sabia que ela estava disposta a cumprir cada palavra do que dissera.

– Ela precisa vir conosco. – Os soldados se posicionaram ao lado de Lada.

A menina deu uma boa encarada em seu pretendente. Ele abriu um sorriso – um sorriso presunçoso e convencido –, mas algo na intensidade daquele olhar o fez interrompê-lo, deixando-o com uma cara de imbecil. A maneira como arregalou os olhos em seguida demonstrou que a ameaça havia surtido efeito.

Ele deu um pequeno passo para trás.

Lada saiu com os soldados sem nem ao menos olhar para Radu. Halil Paxá observou sua saída, e alguma coisa no olhar do homem revelou que ele sabia que

havia algo mais acontecendo ali. E não estava nada satisfeito com o andamento das coisas.

– Esperem! – Radu correu para alcançá-los. Ele estendeu as mãos em sinal de súplica. – Por favor, ela não fez por mal. Foi uma brincadeira. Na Valáquia, é um costume dos... dos comprometidos... fazer ameaças. É uma forma de carinho. Quando nossos pais ficaram noivos, nossa mãe falou para o nosso pai que ia arrancar as tripas dele e usar em torno do pescoço.

Os dois soldados ficaram olhando para Radu, acreditando em cada palavra mentirosa e ridícula que saía de sua boca. Lada segurou o riso. Como ela conseguia ficar tão calma?

“Para com isso”, ele implorava todas as noites. “Para de irritar as pessoas. Para de dar motivos para que queiram nos machucar. É tudo culpa sua. Vamos acabar morrendo.”

Por fim, ela respondia, esbravejando: “Ninguém vai matar você”.

“Mas vão matar você, e eu vou ficar sozinho. Então vou querer morrer.”

Ele não queria morrer, obviamente, mas com certeza não queria ser o segundo a ser morto. Radu encarou a irmã, revelando com o olhar o quanto se sentia traído. Ela não conseguia ser civilizada nem que a vida dos dois dependesse daquilo.

Lada falou em valáquio, com um tom de voz calmo e sem se preocupar com os homens armados que provavelmente a escoltariam para sua execução:

– Halil Paxá é o motivo pelo qual sou uma prisioneira aqui. Não vou permitir que ele continue tirando minha liberdade. Não consigo aceitar que um casamento político seja meu destino. Isso significa ser deixada de lado e esquecida, e prefiro morrer a ser esquecida.

– Eu jamais permitiria que isso acontecesse – respondeu Radu, sem saber se estava falando da morte dela ou de deixar que fosse esquecida.

O menino desejou que houvesse mais opções.

– Temos ordens para levá-la para a ala sul. Você pode vir junto, se quiser – disse um dos janízaros.

Radu voltou sua atenção para os dois soldados, abrindo um sorriso reluzente como um céu de verão. Foi caminhando ao lado deles, perguntando de onde vinham, puxando conversa. Em pouco tempo, descobriu seu nome, sua função e o que gostariam de comer aquela noite. As mãos deles nunca se afastavam do cabo da espada na lateral do corpo, mas Radu mantinha a conversa leve, amigável, tranquila, para que a irmã não acabasse fazendo outra bobagem.

Lada ia andando atrás deles em silêncio.

Os soldados mandaram que esperassem em um banco do lado de fora de duas enormes portas de cobre. Em seguida, foram embora.

Radu despencou no banco, escondendo os olhos atrás das mãos em alívio.

- Se estão deixando a gente aqui, você ainda tem uma chance de sobreviver.
- Como você faz isso?
- O quê?
- Faz as pessoas falarem com você. É porque é menino?

Radu sabia que Lada tinha inveja de sua habilidade de conquistar a confiança das pessoas. A aparência dela era de uma pessoa geniosa, do contra, ardilosa. Seu rosto era como o de uma raposa cercando o galinheiro. Radu parecia um anjo. Mas ficava incomodado por ela pensar que aquilo era um truque. Alguém gostava dele de verdade ou ela estava certa? Seu rosto e sua língua simplesmente induziam as pessoas a pensar certas coisas?

O menino olhou aflito para o teto em formato de domo.

– As pessoas reagem bem à gentileza, Lada. Confiam mais em um sorriso do que em uma promessa de deixar alguém se afogar no próprio sangue.

Ela deu uma risadinha de deboche.

– Sim, mas minha promessa é mais sincera do que seus sorrisos.

Ela estava certa, obviamente. Fazia um bom tempo que seu sorriso não lhe parecia nada mais que um jogo de cena. Ele fungou, tentando manter o clima ameno, e a irmã, tranquila.

– Mas ninguém sabe.

– Um dia alguém vai saber, Radu. Um dia alguém vai saber.

Ambos tiveram um sobressalto quando a porta se abriu. O homem magro apareceu no corredor, com uma túnica marrom e lisa, estranhamente austera para a corte. Até mesmo seu turbante parecia mais funcional que ornamental. Ele encarou os dois com um olhar penetrante, aumentado pelas lentes dos óculos. Radu nunca tinha visto nada como aquilo. Os círculos de vidro eram perfeitamente cortados e polidos, e estavam equilibrados sobre o nariz do homem por uma armação metálica que conectava as duas peças e se encaixava no rosto do sujeito.

– Vocês podem entrar – ele falou, fazendo um gesto para a porta e se retirando.

Eles entraram. Em comparação com seus aposentos, aqueles eram como Edirne em relação a Tirgoviste. O teto era altíssimo, pintado em tons de azul, com inscrições douradas nas extremidades. Havia lustres pendurados e acesos, mesmo durante o dia. As janelas, mais altas que Radu, tinham pontas estreitas e treliças de metal. Havia sedas azuis, vermelhas e roxas – as cores da riqueza – estendidas por toda parte. O piso era tão brilhante que Radu conseguia enxergar seu próprio reflexo na superfície. Uma fonte de água borbulhava no centro do recinto, e encostados nas paredes havia fileiras de baús estofados. Sentado perto da fonte, em uma das várias almofadas luxuosas, estava o garoto do jardim.

Ele bateu palmas, todo animado, e ficou de pé.

– Aqui estão vocês!

– Aqui *onde*? – Lada quis saber.

– Nos meus aposentos!

– E quem é você, para receber um tratamento como esse do diabo?

Radu a cutucou com o cotovelo. O sorriso do garoto assumiu um aspecto perverso.

– Ora, sou o filho do diabo, Mehmed Segundo. Murad é meu pai.

– Pelas chagas divinas. – Radu soltou um suspiro de susto, levando a mão ao estômago. Ele fez uma medida profunda. Esperava ver aquele garoto de novo, vinha pensando bastante em seu primeiro encontro, imaginando que poderiam ser amigos. E agora aquilo. Lada o ameaçara, insultara seu pai e sem dúvida nenhuma continuaria a fazer as duas coisas. O medo de Radu foi substituído por uma resignação exausta. Lada seria responsável por sua morte, e não demoraria muito.

– Mande trazer vocês dois aqui. – Mehmed fez um gesto de desdém com a mão. Radu espiou atrás dele, onde conseguia ver outro cômodo enorme, além de várias outras portas.

– Sim, meus parabéns – disse Lada. Ela não havia se movido desde que tinham entrado nos aposentos do filho do sultão. Não deu nenhuma indicação de respeito, não fez a mínima reverência. – Mas *por que* estamos aqui?

– Porque odeio Halil Paxá e odeio meu primo.

Lada sacudiu a cabeça, incomodada.

– E quem é seu primo?

Radu fez uma careta ao ouvir o tom de voz dela e se endireitou. Não adiantava continuar com as medidas se Lada insistia em fazer com que os dois fossem mortos.

– Ora, seu prometido, claro! O homem cuja língua você vai cortar e devorar. – Mehmed se deixou cair em uma almofada de veludo do tamanho de um cavalo, às gargalhadas. – Pensei que ele fosse se mijar todo, de tão humilhado! Por uma *menina*! Ah, ele é um sujeito desprezível. Nunca me diverti tanto quanto hoje.

– Pensei que Lada fosse ser punida. – Radu deu um passo esperançoso para a frente.

Mehmed sacudiu a cabeça e apoiou os pés em outra almofada.

– Não. Eu requisitei que ela, e você também pelo jeito, fossem trazidos até mim. Vou ser mandado de volta a Amásia para governar. Acho que é mais para me tirarem daqui, porque meu pai não tem o que fazer comigo, e meu mentor, Molla Gurani, que mandou vocês entrarem, não se dá bem com Halil Paxá.

Lada batia o pé no chão com impaciência. Radu a beliscou, e ela bateu na mão dele.

Mehmed estalou os dedos.

– Sim! O motivo para vocês estarem aqui. Pedi que fossem comigo para Amásia como meus acompanhantes.

Lada se sentou em uma almofada mais perto da porta e suspirou.

– Então estou sendo punida *mesmo*.

– Ela não quis dizer isso! – Radu a encarou, e então olhou para Mehmed, tentando não deixar muito clara a esperança estampada em seu rosto. Eles iriam para longe! Ficariam afastados dos tutores e do jardineiro-chefe! E com Mehmed, o garoto do jardim, que talvez fosse seu amigo no fim das contas. Radu estava dolorosamente ansioso e desesperado para conhecê-lo. Mesmo depois de descobrir quem ele era.

– Acho que ela quis dizer, sim, mas não ligo. Sua irmã é divertida. – Mehmed sorriu.

Radu sentou em uma almofada perto de Mehmed, com as costas retas e as mãos cruzadas diante do corpo.

– Então tenha cuidado. Ela detesta ser motivo de divertimento.

Lada atirou uma almofada na cabeça do irmão, com precisão e violência. Mehmed observava tudo com alegria estampada no rosto. Radu não sabia o que pensar daquela novidade, mas ousou nutrir a faísca de esperança que surgia dentro dele. O sorriso que abriu para Mehmed, pelo menos dessa vez, não pareceu falso.

Amásia, Império Otomano

MAIS UMA CIDADE, mais um professor. A vida de Lada parecia um desfile infinito de homens tediosos tentando enfiar informações na cabeça dela. Mas poderia ser pior. Poderia ser um desfile infinito de mulheres tediosas. Halima pintando o mundo de cor-de-rosa enquanto Mara pairava sobre seus ombros, pressionando-a a aceitar seu destino. Aprendendo bordados em vez de história, etiqueta em vez de idiomas. Se estivesse aprendendo a bordar com Halima, contudo, pelo menos teria as agulhas para furar os olhos de Molla Gurani.

Molla Gurani, o professor morto-vivo de Mehmed, ou não percebia ou não se importava que Lada passasse a maior parte do tempo sonhando em arrebentar aqueles óculos na cara dele. E ela achava que, mesmo que ele soubesse, não mudaria nem um pouco de conduta. Tratava-se de um homem sem sentimentos. Aquilo significava que não batia em Lada por sua desobediência. Felizmente, tampouco batia em Radu por sua causa. Mas seu alívio era prejudicado pelo fato de saber que encontrariam outra maneira de atingi-la. Sempre encontravam.

Durante sua primeira aula, enquanto Radu se esforçava para acompanhar e Mehmed recitava trechos inteiros do Corão, Lada falou apenas em valáquio. Molla Gurani só olhava para ela, impassível atrás daquelas lentes detestáveis, e informou que sua única obrigação como professor era educar Mehmed.

“E”, ele acrescentou com um tom de desinteresse, “não acho que as mulheres sejam capazes de entender muita coisa. Tem a ver com o formato da cabeça”.

Lada se tornou uma aluna exemplar depois disso. Memorizou mais trechos do Corão que os outros dois, e os recitava com a mesma entonação de Molla Gurani. Resolvia todos os teoremas, todos os cálculos matemáticos e todos os problemas de aritmética. Conhecia a história do Estado otomano e da linhagem de Mehmed tão bem quanto o próprio filho do sultão. Mehmed tinha quase treze anos, tendo nascido entre Lada e Radu. Ele era o terceiro filho de seu pai, e sua mãe era uma escrava. O sultão favorecia os irmãos mais velhos, o que deixava Mehmed exposto à fofoca e ao vexame. Era uma situação lamentável, e Lada teve que se esforçar para não se identificar com Mehmed ou sentir pena dele.

Acima de tudo, ela devorava as aulas sobre guerras, alianças históricas e disputas de fronteiras mais do que qualquer outro assunto.

Por um tempo, temeu que o comentário de Molla Gurani tivesse sido um truque para desafiá-la a estudar mais, porém o professor permaneceu impassível como sempre, sem demonstrar nenhuma satisfação com sua evolução ou lhe dispensar qualquer atenção. Por outro lado, Mehmed ficava bastante contrariado por ser superado pela menina. E aquele passou a ser seu novo objetivo.

A cada dia ela ficava à espera de uma surra, de algum novo horror que afetaria tanto Radu quanto ela própria, da revelação do verdadeiro motivo para terem sido levados a Amásia. Aquele suspense a deixava silenciosa e melancólica. Radu, enquanto isso, recuperou o peso que tinha perdido. Lada não o ouvia mais chorar durante a noite. Ela detestava vê-lo cada vez mais confortável. Aquilo só tornaria a *lição* que viria ainda pior, fosse qual fosse.

Afinal de contas, Mehmed era filho de Murad. Não era seu amigo. Era seu captor.

Depois das aulas, Molla Gurani sempre falava com Mehmed sobre o profeta e o destino dos otomanos de derrubar Bizâncio e Constantinopla de uma vez por todas. Lada não gostava nada da ideia de haver um deus misterioso pairando sobre todos, incitando o sultão a espalhar a religião muçulmana pelo mundo. Ela nunca havia visto tal deus nem alguma evidência de sua existência. Os otomanos eram bem-sucedidos porque eram organizados, ricos e *numerosos*.

Na maior parte das tardes, cansada dos estudos e exaurida da ameaça constante da próxima maldade do sultão contra eles, Lada saía para caminhar, deixando Radu concordando obedientemente com tudo o que seus novos donos falavam, como um cachorrinho. Amásia não era nenhuma Valáquia, mas era mais próxima de sua casa do que Edirne. A cidade era erguida na costa rochosa de um morro, com um rio verdejante e caudaloso correndo em seu curso serpenteante mais abaixo. Muitas das construções, inclusive a fortaleza onde estavam Lada e Radu, eram escavadas na própria montanha. Atrás da fortaleza, crescendo morro acima, havia um pomar frondoso, com macieiras.

Lada gostava de se deitar no chão, jogar uma faca para cima e tentar acertar uma maçã. Às vezes conseguia. Às vezes a faca caía com a ponta para baixo e quase a furava. Ambos os desdobramentos a agradavam. O simples fato de poder ter uma faca era uma prova de que era invisível e pouco importante ali.

Até mesmo a maçã mais fresca tinha um gosto amargo para ela em Amásia.

Lada deitou no pomar um dia no começo do outono, quando a luz do sol se tornava mais fraca e dourada, tão densa que parecia quase possível sentir seu sabor. Devia ser bem diferente das maçãs no cativeiro. Teria um gostinho de casa. Da sua casa.

Ela ergueu o saquinho de couro que levava no pescoço e levou ao nariz, fingindo que ainda sentia o cheiro do ramo e da flor de abeto, tão velhos e ressecados que estavam reduzidos a pó. Lada os passara para o saquinho na noite em que fugira da Valáquia e os levava consigo desde então.

Uma dupla de janízaros passou por perto sem notar sua presença. Estavam fazendo piadinhas e, embora falassem em turco, era possível detectar o sotaque da Valáquia pela maneira como pronunciavam as vogais. Lada ficou de pé e foi se escondendo de árvore em árvore, seguindo os soldados até os alojamentos, um aglomerado de construções baixas de pedra em torno de um pátio de terra. Gargalhadas ásperas acompanhavam o som das espadas se chocando. Lada espiou por trás de um muro.

Ela foi agarrada com força pelos ombros e arrastada até o campo aberto.

– Uma espiã! – gritou uma voz um tanto insegura, ainda com os últimos resquícios da infância. – Ou uma ladra!

Para o horror de Lada, pelo menos uma dezena de janízaros foi ver o que estava acontecendo. Com a curiosidade estampada no rosto, eles formaram um semicírculo ao redor dela.

– Não é uma espiã. É a concubina do pequeno zelote – disse um menino baixinho e truncado com sobrancelhas grossas sobre os olhos.

– Não é bonita o bastante para ser uma meretriz. – O soldado atrás dela puxou uma mecha de seu cabelo. Ela se desvencilhou do toque se abaixando, agarrou-o pelo pulso e pôs o braço do sujeito atrás das costas para imobilizá-lo. Era um movimento que havia aprendido sob a tutela violenta de Mircea, e aperfeiçoara praticando com Bogdan e Radu. O soldado soltou um grito furioso e tentou se desvencilhar, então ela torceu o braço dele com ainda mais força, travando a articulação. Ele deu mais um berro.

– Você é mais bonito que eu. – Ela pôs ainda mais pressão sobre o braço. – Talvez possa se oferecer para o meretrício no meu lugar.

– Me ajudem! – ele falou, ofegante. Lada ergueu os olhos com uma expressão desafiadora no rosto e viu que os demais janízaros estavam se divertindo com a situação. O soldado de sobrancelhas grossas, que não devia ter mais que dezoito ou dezenove anos, riu e deu um passo à frente, dando um tapinha condescendente na cabeça do companheiro imobilizado.

– Pobre Ivan. A garotinha está maltratando você? – Ele passou o braço pelo pescoço de Ivan. Lada o soltou. O outro soldado o jogou no chão e sentou sobre as costas dele. Ivan esperneava furiosamente, mas era ignorado.

– Você já conheceu Ivan. Sou Nicolae. E você é da Valáquia!

Lada fez que sim com a cabeça, notando que fora na voz de Nicolae que tinha ouvido o sotaque de sua terra natal.

– Ladislav Dragwlya.

Ela sentiu uma pontada de dor ao dizer seu nome em voz alta. Eles não tinham permissão para escrever para o pai nem haviam recebido cartas dele. Talvez não soubesse nem onde estavam, já que haviam deixado Edirne.

Ela nem sabia se Vlad queria saber.

Radu ainda pensava muito na ama. Ela havia perdido o filho e depois as crianças que criara para aquele maldito Império. Lada se perguntou se teria encontrado um novo trabalho. Esperava que sim. Não valia a pena esperar que seu pai pensasse em cuidar da mulher que criara seus filhos. Mas ela nunca dizia aquelas coisas para Radu. Não faria nada bem para ele continuar tão apegado à lembrança da ama.

E Lada não gostava do desconforto que sentia ao se lembrar de uma mulher que sempre lhe fora tão gentil e recebera dela tão pouco em troca. Caso um dia voltasse para a Valáquia, daria um jeito de remediar aquilo.

– A filha do dragão? – Nicolae deu risada, mas parecia ser um sujeito bem-humorado, não zombador. – Não foi à toa que o pobre Ivan não foi páreo para você. Por que está aqui, menina-dragão?

– Não para ser meretriz. – Ela deu um chute no traseiro de Ivan.

– Eu ficaria apavorada com uma menina-dragão na minha cama. E isso deve valer até mesmo para o pequeno zelote.

– Molla Gurani é o tal zelote? Acho que ele é feito de pergaminho, não de carne e osso.

Nicolae deu risada, sacudindo a cabeça.

– Não, “o pequeno zelote” é Mehmed. – Os outros soldados assentiram, trocando sorrisos irônicos.

Embora soubesse bem que os janízaros de decorosos não tinham nada, foi uma surpresa para ela ouvir o filho do sultão ser ridicularizado tão abertamente. Lada registrou a informação, para o caso de precisar usá-la algum dia.

– Estou aqui com meu irmão. Somos acompanhantes de Mehmed. Estamos estudando com ele.

– Você deve estar morrendo de tédio então. Venha. – Nicolae ficou de pé e arrastou Ivan consigo. – Você pode ver enquanto ensino Ivan a respeitar quem estuda.

Enquanto mais uma tarde infinita se arrastava, Lada olhava pela janela, na esperança de que uma brisa refrescasse sua pele. Mehmed quase nunca interagiu com ela, a não ser para lançar olhares contrariados quando o superava nos estudos. Muitas vezes Lada o surpreendeu a encarando fixamente, como se quisesse alguma coisa dela. Os olhares eram sempre retribuídos com expressões implacáveis.

Radu seguia Mehmed como um cachorrinho. Naquele exato momento estava sentado aos pés dele, repassando os mesmos textos que já haviam estudado centenas de vezes.

– Aqui, viu? – Mehmed apontou para determinada passagem. – O Profeta, que a paz esteja com ele, fala do homem que vai conquistar Constantinopla e ser um governante maravilhoso. – Seus olhos pareceram mais suaves e distantes.

– Mas já houve outras tentativas – comentou Radu.

– Sim. Até meu pai já tentou. Mas ele está cansado de enfrentar os desafios constantes de seus irmãos ao trono, de passar seu reinado se esforçando apenas para manter o que tem. Ele adora discursar e filosofar, mas não está levando em conta o chamado ao dever imposto pela fé. Meus irmãos mais velhos poderiam responder ao chamado, mas não são nada devotos. O Profeta, que a paz esteja com ele, ordenou que tivéssemos um Império, não um Estado. Deveríamos ser muito maiores do que somos, e meu pai se recusa a...

Lada bateu a porta atrás de si. Estava trêmula de raiva por ouvi-los falar outra vez das glórias dos otomanos e de seu destino de se espalhar por todo o mundo. Eles já haviam se infiltrado como um veneno em seu mundo, afastando-a de tudo aquilo que amava. Até onde mais iriam? Ela saiu pisando duro da fortaleza e entrou na pequena sala de armas. Estava vazia, pois a maioria devia ficar nos alojamentos dos soldados, mas havia alguns itens que poderiam ser úteis.

– Você está bem?

Ela se virou e, surpresa, deu de cara com Mehmed, parado na porta.

– O que está fazendo aqui?

– Você parecia infeliz quando saiu.

Lada deu uma risada amarga como a casca das maçãs de Amásia.

– Eu parecia infeliz? Desculpe se não fiquei felicíssima de ouvir você exaltar as virtudes do seu glorioso Império e do grande favor que faria ao mundo caso se espalhasse por ele.

As sobrancelhas estreitas de Mehmed, de contornos delicados como as do pai, baixaram sobre os olhos.

– Você viu meu país. Onde estão os pobres, os sofredores, os famintos? Onde estão os criminosos? Radu me disse que vocês não podem sair às ruas de Tirgoviste à noite por medo de ladrões e assassinos. Mas qualquer um pode passear por Edirne sem ser incomodado.

– Sim, mas...

– E nossas estradas são seguras para o comércio, o que significa que nosso povo tem tudo o que precisa comprar e vender, vive de seu trabalho. Estão todos livres da fome e da miséria.

– Mas vocês oprimem quem não acredita no seu deus!

Mehmed sacudiu a cabeça, irritado.

– Não agimos como seus queridos cristãos, que massacram outros cristãos por praticarem a fé do jeito errado. Sim, pedimos pagamentos. É o preço a pagar pela segurança. Mas deixamos as pessoas sob nosso governo acreditarem no que quiserem, desde que não representem uma ameaça à paz.

– Estou aqui como uma prova da *paz* conseguida pelo seu pai, da liberdade que ele garante aos outros. Meu pai é livre para governar seu povo desde que faça como o sultão mandar! Caso contrário, seus filhos sofrerão as consequências.

– Você sabe que tipo de homem é seu pai?

Lada desviou os olhos de Mehmed, escondendo a vergonha que deixou seu rosto corado, e falou:

– O tipo de homem que promete ao papa combater os infiéis, depois faz as pazes com eles. O tipo de homem que deixa os filhos sob a ameaça de uma espada para voltar para um falso trono. Sim, eu sei que tipo de homem ele é. O tipo de homem com quem seu pai negocia. Nenhum dos dois vale nada.

– Nós mantemos seu país em segurança!

Lada virou, atravessando a sala e sibilando na cara de Mehmed:

– Prefiro ver meu país em chamas do que progredindo sob o governo otomano. Nem todo lugar precisa ser reconstruído à imagem de vocês. Se não estivéssemos sempre ocupados defendendo nossas fronteiras e sendo invadidos por outros exércitos, poderíamos cuidar melhor do nosso povo!

Mehmed deu um passo atrás, intrigado.

– Então você não me odeia por causa do seu pai?

Os ombros de Lada despencaram de cansaço.

– Meu pai é um fraco. A Valáquia merece coisa melhor.

– Talvez você mereça coisa melhor que a Valáquia.

– Não. – Lada sentiu a chama se acender de novo em seu peito, apesar do medo e da exaustão. Ela estava longe de sua terra por tempo demais. Às vezes se perguntava se ainda se lembrava direito de lá. Mas ali, naquele momento, teve certeza de que jamais conseguiria deixá-la para trás. Pulsava em suas veias, mobilizando seu corpo inteiro. – Amo a Valáquia. Ela é minha, e eu sou dela. É a *minha* terra, e sempre vai ser. Odeio todo rei, sultão, deus ou profeta que proclame que qualquer um tem direito sobre ela!

– Por favor, não fale assim sobre o Profeta, que a paz esteja com ele. – Mehmed falava em um tom de voz suave. Não estava mandando, mas pedindo. – Por que você se recusa a escutar o que Molla Gurani ensina?

Lada olhou para as espadas de treinamento na parede. Embora Mehmed zombasse dela pelo tempo que ficava com os janízaros, Lada aproveitava cada minuto para observar as técnicas de combates dos homens. Depois de algumas

semanas, Nicolae permitira inclusive que ela participasse, rindo de seus erros, mas aprendendo a admirar cada vez mais sua ferocidade e vontade de vencer.

“Você conhece algum Bogdan da Valáquia?”, ela perguntara assim que criou coragem. As palavras tinham machucado seus lábios ao sair, por causa da esperança que continham.

“O nome do meu irmão é Bogdan”, ele respondera.

“Do meu primo também!”, dissera um búlgaro.

“E do meu pai!”, falara um sérvio.

Nicolae abriu um sorriso sem jeito, e Lada tivera que engolir a dor que dizer o nome de Bogdan lhe causara. E então voltara a lutar.

Ignorando Mehmed, que estava ao seu lado naquele momento, apanhou uma espada cega, curvada como aquela que pairava sobre o trono de seu pai. Só de ver o formato seu peito se inflamava em chamas. Ela a empunhou, testando o equilíbrio da arma. Gostava de se irritar antes de lutar com Nicolae. A raiva suprimia tudo o que havia dentro dela – dúvida, medo, vergonha –, sem deixar espaço para mais nada. A sensação de poder que experimentava com uma espada na mão quando estava furiosa era inigualável.

– Pare – disse Mehmed, indo até onde ela estava. – Você não respondeu à minha pergunta.

– Pode idolatrar seu profeta, mas ele não é meu e nunca vai ser. A fé é uma fraqueza. – Ela não conseguia se envolver com o islã da mesma forma que Radu. Nem abraçar a fé ortodoxa em que fora criada. A religião era um meio para obter um fim. Lada a via como uma arma. Se precisasse usá-la, faria aquilo, mas jamais seria usada por ela.

Mehmed a segurou pelo braço, virando-a e forçando-a a encará-lo.

– Você está errada, Lada. A fé não é uma fraqueza. A maior força que alguém pode ter é sua crença.

– A fé é capaz de me levar de volta para a Valáquia?

– A fé pode mostrar para você que existem coisas mais importantes.

Lada soltou um risinho de deboche.

– Se quer que alguém escute suas bobagens, vá procurar Radu. Tenho mais o que fazer.

Ela escancarou a porta, mas Mehmed a seguiu e fechou de novo.

– Ainda não terminamos!

Lada sentiu seu sangue gelar.

– Está ordenando que eu fique? E se eu me recusar? Vai mandar me dar uma surra? De chicote? Já enfrentei tudo isso e muito mais na corte do seu pai. Não me curvei diante do seu deus e de seu sultão lá, e não vou fazer isso agora. Por que me trouxe para cá, Mehmed? Não aceito ser governada.

O rosto dele assumiu uma expressão desolada. Ele baixou a mão, e suas costas, sempre tão eretas, se curvaram.

– Nunca quis ser seu senhor. Já tenho criados. E professores, e guardas, e um pai que me despreza. Só quero que você seja... minha amiga.

Não era a resposta que Lada esperava. Ela ficou sem saber o que dizer.

– Por que você ia querer isso?

– Porque sim. – Mehmed olhou para o chão. – Porque você não me diz só o que acha que quero ouvir.

– Acho que prefiro falar o que você não quer ouvir, mesmo se não for verdade.

Os olhos escuros de Mehmed se acenderam para encará-la, com uma expressão profunda e sedenta. Ele sorriu. Era um sorriso desconcertante, que escancarava os lábios grossos e reformulava o rosto dele, de uma expressão arrogante para outra maliciosa.

– É exatamente por isso que gosto de você.

Lada bufou de irritação.

– Muito bem. E o que exatamente uma amiga faz?

– Nunca tive uma. Eu esperava que você soubesse.

– Então você é mais burro do que parece. Radu é quem está acostumado a fazer amigos. Eu faço as pessoas quererem me chicotear.

– Eu me lembro de você me dando conselhos que ajudaram a evitar que eu fosse chicoteado. Parece ser uma boa base para uma amizade. – Ele estendeu a mão.

Lada pensou a respeito. Que tipos de fios poderiam ser produzidos com aquele acordo? Ela já havia entregado seu coração a um amigo antes, e perder Bogdan quase a levava à ruína. Mas Mehmed não era o simples filho de uma ama.

– Seu pai faria objeções a essa amizade. Ele não mostrou nenhuma gentileza conosco em Edirne.

– Não me interessa o que pensa meu pai. Caso você não tenha percebido, ninguém se importa com o que faço aqui. Amásia é um lugar ignorado. Assim como eu. Sou livre para fazer o que quiser.

– Você tem sorte.

– E tenho a sorte de poder considerar você uma amiga?

– Ah, tudo bem. – Um pouco da tensão abandonou os ombros de Lada quando ela percebeu que o castigo que esperara por todo aquele tempo não viria. Eles não estavam livres de Murad, mas estavam distantes dos olhos do sultão. Por ora, aquilo bastava.

– Ótimo. No espírito da amizade, sou obrigado a dizer que morro de inveja do tempo que você passa na companhia dos janízaros. Quero que pare de treinar com eles.

– E, no espírito da amizade, sou obrigada a dizer que não ligo a mínima para sua inveja mesquinha. Estou atrasada para o treinamento. – Ela posicionou o pé atrás do tornozelo de Mehmed e lhe deu um esbarrão no ombro, derrubando-o.

– Sou o filho do sultão! – ele gritou de raiva.

Ela abriu a porta e brandiu a lâmina no ar diante do pescoço dele.

– Não, Mehmed, você é meu amigo. E eu sou uma péssima amiga.

A risada dele fez a retirada dela – sempre agressiva e com passos duros – parecer mais leve.

No outono, a temperatura se recusava a cair. Os muros de pedra da fortaleza absorviam o calor dos raios brutais do sol. Para Radu, o ar escaldante parecia vindo de um forno; em pouco tempo, ele morreria cozido. Molla Gurani, que sempre parecia ser algo mais do que humano, agora se aproximava do *status* de semideus: nem ao menos transpirava enquanto caminhava de um lado para o outro diante deles, lendo em voz alta passagens de um livro sobre a vida do Profeta, que a paz esteja com ele.

Mas era blasfema pensar em qualquer coisa semelhante a um deus que não fosse o próprio Deus. Radu fechou os olhos e afastou esse pensamento, tentando alinhar sua mente com o professor, Deus e aquilo que adorava aprender.

Quando não estava tão quente.

Mehmed caiu do banquinho, despencando no chão. Radu correu para junto dele, e Molla Gurani fez o mesmo.

– Está passando mal? – o professor perguntou, levando a mão ao rosto e à testa de Mehmed.

As pálpebras trêmulas do filho do sultão se abriram.

– Precisamos continuar com os estudos.

– Não. – Molla Gurani se endireitou e ajudou Mehmed a ficar de pé. – Você está sofrendo com o calor. Devemos prevenir mais estragos. Insisto que vá para a cama e repouse pelo resto do dia.

Mehmed assentiu fracamente com a cabeça.

– Tudo bem.

– Vou mandar um guarda para ajudá-lo.

– Não, não. Radu pode me levar. – Mehmed estendeu o braço. Radu o colocou sobre o ombro e enlaçou a cintura de Mehmed.

Molla Gurani observou enquanto eles saíam, coçando os olhos. Quando chegaram ao corredor, Radu virou na direção dos aposentos de Mehmed, duas portas adiante. Ele caminhava o mais lentamente que podia, suportando o peso de Mehmed com o outro garoto que os acompanhava. Quando estavam quase na porta, Mehmed olhou para trás. Em seguida, desvencilhou-se tão depressa que Radu quase se desequilibrou, estranhando a ausência do peso extra.

Os olhos de Mehmed se acenderam.

– Corra – ele falou, disparando pelo corredor.

Radu foi atrás, enfim alcançando Mehmed quando ele saiu por uma porta lateral para uma varanda que dava para o jardim murcho.

– O que você está fazendo? – ele quis saber, procurando freneticamente na expressão de Mehmed algum sinal de insanidade. – Precisa descansar.

Mehmed deu risada, sacudindo a cabeça.

– Não, preciso sair desta prisão quente e horrenda.

Radu sobressaltou-se.

– Você mentiu para Molla Gurani!

O rosto de Mehmed ficou vermelho de vergonha.

– Menti. Mas, se pedisse para sair, ele ficaria decepcionado comigo. Vou estudar a noite inteira para compensar. Você pode estudar comigo. Mas agora está muito quente, meu cérebro está derretendo e precisamos sair daqui.

Ele subiu no parapeito de pedra e, com um salto de tirar o fôlego, subiu em uma árvore próxima. Sorrindo para Radu, Mehmed voltou ao chão.

Radu olhou para trás, pensando em suas responsabilidades. Ele não queria se comportar mal nem atrair atenção ou fazer alguma coisa que pudesse gerar uma punição.

Mas estava calor demais para se preocupar.

Copiou os movimentos de Mehmed, surpreendendo-se com a facilidade da descida. Lada sempre o fazia se sentir fraco e desajeitado, mas Mehmed esperava que ele se mantivesse firme, o que facilitava a tarefa.

Eles correram agachados, segurando o riso. Não muito longe dali havia um local onde uma árvore crescia ao lado do muro. Radu se ajoelhou e fez pezinho para Mehmed alcançar um galho. Mehmed subiu no muro e estendeu a mão para ajudar o amigo a subir. Ambos caíram no chão do outro lado, onde estava claramente mais fresco, com as árvores na superfície rochosa da encosta fazendo sua parte para aplacar o sol.

Eles haviam percorrido uma pequena distância quando ouviram um baque suave, seguido por uma série de palavrões.

Em valáquio.

– Lada – murmurou Radu.

Mehmed levou o indicador aos lábios, e eles seguiram em frente com um jeito exageradamente furtivo. Ela estava de pé em uma pequena clareira, de costas para eles, com um alforje de flechas ao lado. Ela havia feito alguns alvos em uma árvore à distância, um objetivo ambicioso mesmo para um arqueiro experiente. Sua irmã puxou a corda e soltou o projétil. A flecha passou bem longe da árvore, aterrissando a duas braças de distância.

Ela bateu com o pé no chão, ofendendo a si mesma com as palavras mais chulas e maldosas que Radu já tinha ouvido. Mehmed não era capaz de entender, não

tinha ideia do ódio e da recriminação que Lada direcionava a si mesma. Mas Radu compreendeu tudo, e se perguntou se para sua irmã alguma coisa além da perfeição seria aceitável. Ele ficou de pé, sentindo vontade de ir até ela, abraçá-la e dizer que estava tudo bem. Ainda havia tempo para aprender, e ela era boa em muitas outras coisas. Radu queria que parasse de dizer aquelas coisas horríveis, que parasse de pensar daquele modo.

Mehmed tinha outra coisa em mente. Ele se aproximou, ainda agachado, apanhou o alforje e saiu correndo com um grito.

Lada virou, com uma raiva mortal estampada nos olhos.

Radu correu também.

Ele ultrapassou Mehmed, motivado pelo conhecimento do que aconteceria se Lada os pegasse. Os dois garotos correram para o meio das árvores, desviando dos galhos mais baixos e saltando os troncos caídos, seguidos de perto por Lada.

Quando saiu do meio das árvores, Radu deteve o passo. Em seguida, estendeu o braço para deter Mehmed. Eles estavam à beira de um precipício, com uma lagoa de uma coloração verde e profunda de um corpo de largura flanqueada por pedras de pontas afiadas de um lado e rochas tombadas de outro. Um curso d'água estreito descia pelas pedras, alimentando-a. Tudo estava imóvel e silencioso, e o único som que pairava no ar era o da respiração acelerada dos dois.

Lada os alcançou com os punhos erguidos, avançando diretamente na direção deles.

– Para! Tem um penhasco e uma lagoa lá embaixo! – exclamou Radu.

Com um grito de triunfo, ela empurrou os dois para a água.

Quando Radu veio à tona, procurou imediatamente por Mehmed. A lagoa não era funda – seus pés tinham tocado o chão –, e ele ficou morrendo de medo de que o amigo tivesse batido a cabeça, quebrado o pescoço, ou sofrido alguma lesão grave.

Em vez disso, Mehmed estava boiando de barriga para cima, aos risos, com os braços atrás da cabeça.

– Ora, obrigado, Lada. Isso é quase um milagre em um dia como hoje.

Com um grunhido, ela saltou, caindo entre os dois e espalhando água para todos os lados. Depois de se cansar de afundar a cabeça dos dois, apesar de sua resistência, ela nadou até uma pedra submersa para se sentar. Parecia contente, com o rosto refrescado pela água erguido para o sol. A menina-demônio que recriminava a si mesma entre as árvores parecia ter desaparecido totalmente. E fora Radu quem fizera aquilo. Uma pontada de orgulho o aqueceu sob a água gelada.

– Não sabia que este lugar existia – comentou Mehmed. – Acho que ninguém sabe. Apesar de que existe uma história...

– Conta! – Radu jogou água nele.

Mehmed engrossou a voz, falando devagar, desfrutando da ocasião.

– Certa vez, muito, muito tempo atrás, havia um grande rei que tinha uma única filha. O nome dela era Shirin, e sua beleza era lendária.

Lada bufou como um cavalo. Radu olhou feio para ela.

– Shirin vivia do outro lado desta montanha. Um dia, ela veio com suas damas de companhia para este lado, pois diziam que as maçãs daqui eram mais doces, porque as árvores eram alimentadas por um curso d'água de uma pureza sem paralelos. Um jovem de família humilde chamado Ferhat a viu e imediatamente percebeu que jamais conseguiria amar outra garota. Ele presenteou Shirin com um cesto de maçãs que estava colhendo para si, e quando suas mãos se tocaram Ferhat percebeu que ela sentia o mesmo.

Lada abriu um bocejo teatral.

– Mas ela era uma princesa, e ele não era ninguém. Mesmo assim, foi até o outro lado da montanha para pedir a moça em casamento. O pai dela, horrorizado, mas percebendo o sentimento da filha, apresentou a Ferhat uma tarefa impossível: se trouxesse um curso daquela água puríssima para o outro lado da montanha, poderiam casar. Ferhat tentou uma porção de coisas. Fez canais de irrigação, mas a água se tornava barrenta assim que saía da fonte. Carregou a água em recipientes gigantes, mas acabava derramando quase tudo antes de completar a jornada, e o restante evaporava. Por fim, desesperado para estar junto de Shirin, começou a cavar. Foi abrindo a montanha cada vez mais, guiando o curso d'água atrás de si, se deslocando na escuridão, ciente de que a luz da princesa cintilava do outro lado. Mas o rei não gostou nada daquilo. Ele ficou sabendo do progresso de Ferhat. Sabia que, caso fosse bem-sucedido, teria que conviver com a vergonha de abrir mão de sua amada filha. Como não podia voltar atrás em sua palavra, mandou um criado espalhar o boato de que Shirin havia morrido. Ferhat, depois de passar infinitas horas trabalhando na escuridão das profundezas da montanha, recebeu a notícia de que a luz atrás da qual cavava havia desaparecido para sempre. Desesperado, correu até o fundo de seu túnel e bateu com a cabeça na rocha até morrer. Com o coração partido e se sentindo traída pelo pai, Shirin desapareceu. Dizem que entrou nas profundezas da montanha à procura de Ferhat e nunca mais foi vista. Juntos, eles formam o coração da montanha, ainda pulsando, alimentando uma fonte tão pura quanto seu amor por toda a eternidade.

– Que história linda – comentou Radu, agitando as mãos de forma reverente para a água, como se estivesse mergulhado no legado dos dois amantes.

– Que história absurda – retrucou Lada. – Eles morreram por nada.

Mehmed franziu a testa.

– Morreram por amor!

– Desperdiçaram a própria vida.

– Não foi um desperdício. – Radu sorriu, tímido e inseguro. – Eu cavaria um túnel pela montanha por qualquer um de vocês dois.

Lada deu risada.

– Então você é um tonto também, porque não pode se casar com nenhum de nós dois.

Aquelas palavras o magoaram, vindas depois uma declaração tão sincera. Radu se lembrou do motivo por que não confiava mais nela.

– Não foi isso que eu quis dizer!

Mehmed pôs a mão em seu ombro, e o sorriso no rosto dele aplacou o efeito do desprezo de Lada.

– Entendo o que você quis dizer. Esta lagoa é antiga e pura como essa história, na minha opinião.

– Ela vai ser nossa então. – Radu abriu um sorriso.

– Nosso segredo – concordou Mehmed.

Radu mergulhou, sentindo seu corpo inteiro sorrir e ser dominado pelo calor de uma oração de gratidão por ter um segredo lindo e seguro para compartilhar com alguém que amava.

LADA ACORDOU COM uma mão cobrindo sua boca.

Ela desferiu dois socos em rápida sucessão, mirando os rins do invasor, que rolou para o lado.

– Lada! Para!

A menina sentou na cama e estreitou os olhos na escuridão.

– Mehmed?

Ele soltou um grunhido em confirmação.

– O que está fazendo no meu quarto?

– Viemos buscar você.

Ela notou a presença de outra figura na penumbra. Radu. Irritada, jogou-se para trás e deitou de bruços. Mas não tinha jeito. O susto aniquilara o que restava de sono, e ela sabia que demoraria horas para dormir de novo. Além disso, estava... curiosa.

– Tudo bem. – Lada jogou as cobertas de lado e pegou uma túnica para vestir sobre as roupas de dormir. Em seguida, colocou um manto por cima de tudo e fez um gesto impaciente para Mehmed e Radu irem na frente.

Mas, em vez de se dirigirem para a porta, eles subiram na cama e se esgueiraram pela janela estreita. A fortaleza de Amásia era antiga, uma construção com fundações sólidas. Era cercada por uma muralha, que em certos trechos era quase engolida por árvores e rochas. Alguns acréscimos haviam sido feitos ao longo do tempo: varandas, uma torre que destoava de todo o resto e a ala onde Lada e Radu estavam hospedados. A fortaleza também tinha sido repintada pouco antes com faixas azuis, e a torre era adornada com linhas curvas.

Lada evitava a maioria dos lugares lá dentro, passando bastante tempo com os janízaros, ou em meio às árvores e na montanha. Mehmed quase nunca saía. Quando os três davam suas escapulidas, geralmente era durante o dia, quando iam para a lagoa secreta, mas estava frio demais para nadar até mesmo à tarde naquela época do ano, e à noite era ainda pior.

Eles passaram pelas árvores, margeando a extremidade do bosque e seguindo por uma trajetória paralela ao rio mais abaixo. Quando estavam a uma boa distância da fortaleza, o caminho começou a ficar mais inclinado. O terreno era rochoso e coberto de arbustos baixos e espinhosos. Andar por ali no escuro não era tarefa fácil.

- Para onde os dois idiotas estão me levando?
- Tenha paciência, Lada – disse Mehmed.
- Vou começar a dormir com uma faca.
- Se você estivesse com uma faca, teria me matado!
- Exatamente. E poderia ter voltado a dormir.

Radu deu uma risadinha.

- Nada como dormir com um cadáver na cama para ter sonhos agradáveis...

Mehmed apontou para um ponto mais à frente, para silhuetas na escuridão. Lada pensou que fossem rochas da encosta da montanha, mas, quando as contornou, viu que eram formas cuidadosamente entalhadas. O túnel de Ferhat para Shirin! A empolgação tomou conta de seu corpo. Sentiu o gosto da água fria e cristalina, e o som dos corações pulsantes.

Foi quando se deu conta do que realmente havia diante de si.

Tumbas.

– De quem são? – perguntou, tentando esconder sua estranha e vergonhosa decepção. Lada passou a mão na lateral de uma delas. Havia alguma coisa entalhada, tão desgastada que mal conseguia sentir.

- Reis do Ponto, que governaram mais de mil anos atrás.
- Como chamavam?
- Ninguém lembra.

Ela pôs a mão espalmada na pedra fria e plana que cobria uma das tumbas. Ninguém se lembrava do nome daqueles homens, mas eles ainda estavam lá, tomando conta de suas terras.

Mehmed estendeu o manto e deitou de costas, fazendo um gesto para convidar Lada e Radu a imitá-lo. Radu deitou à direita de Mehmed. Lada continuou onde estava.

– Vamos, não chamei vocês aqui para ver as tumbas. Podemos fazer isso de dia – disse Mehmed.

Soltando um suspiro alto, Lada foi arrastando os pés até o lado esquerdo de Mehmed, contrariada por estar obedecendo.

E então tudo foi engolido pela enormidade do céu mais acima. A curvatura da atmosfera estava repleta de luz, com as estrelas se espalhando por todo o seu campo de visão, onipresentes e lindas. Uma vertigem breve tomou conta de Lada quando olhou para cima, como se estivesse caindo na direção das estrelas. Foi quando viu um feixe brilhante de luz, com um rastro de fogo. Radu soltou um suspiro de susto. Mais uma estrela caiu, cintilando com toda a força na escuridão antes de desaparecer.

– Molla Gurani falou que isso ia acontecer hoje à noite – Mehmed murmurou, como se estivesse com medo de quebrar a magia do momento.

– Como ele sabia? – questionou Radu.

– Acontece a cada ciclo de anos. Ele tem livros em que registra isso. Hoje está lá na torre anotando todas as estrelas cadentes para estudar depois.

– Por que você gosta tanto dele? – Lada perguntou, maravilhada demais com a noite para se preocupar com o efeito da questão.

Mehmed ficou em silêncio por um bom tempo antes de responder.

– Lembra aquele dia que vocês me encontraram no jardim? Molla Gurani tinha me batido.

– Você deveria ter mandado matá-lo – Lada falou.

Mehmed riu baixinho.

– Pode parecer estranho, mas fico contente por ele ter feito aquilo. Antes dele, nenhum professor tinha me enfrentado. Me deixavam gritar e esbravejar, permitiam que eu fosse um terror. Quanto mais aprontava, mais ignoravam. Meu pai nunca vinha me ver, minha mãe não se dava ao trabalho de fazer uma refeição que fosse comigo. Ninguém estava preocupado com o que eu ia me tornar.

Lada tentou se desvencilhar do que estava cutucando seu coração e a deixando desconfortável, mas não deitara em cima de nenhuma pedra.

– E então apareceu Molla Gurani. Naquele primeiro dia, quando ele me bateu, não consegui acreditar. Queria acabar com a raça dele. Mas o que me disse depois mudou minha vida. Ele falou que eu tinha nascido para a grandeza, que fora colocado no mundo pela mão de Deus e que nunca ia me deixar esquecer ou ignorar essa certeza. – Mehmed moveu os ombros, roçando o de Lada. – Para Molla Gurani, fazia diferença quem eu era e o que ia virar. Desde esse dia, tento justificar essa confiança.

Lada engoliu em seco, sentindo um nó na garganta. Não dava para condenar Mehmed por ter se apegado a um homem que lhe dava *atenção*, que exigia mais dele e o ajudava a ser melhor. A vida sem expectativas era fria e solitária.

A menina tirou a mão do coração e limpou a garganta.

– Mesmo assim, ele é o homem mais tedioso do mundo.

Mehmed deu risada, mas Radu permanecia distante e silencioso.

Os feixes de luz continuaram, às vezes passando tão depressa que Lada nem conseguia acompanhar. Mehmed estendeu as mãos, com as palmas para cima, para os irmãos ao seu lado. Radu segurou uma delas. Lada não se moveu, mas, quando Mehmed pôs a dele sobre a sua, não a puxou de volta.

Radu ergueu a mão livre para o céu, como se fosse agarrar uma estrela especialmente brilhante.

– É tão triste que elas precisem morrer.

Os olhos de Lada estavam molhados por ficar tanto tempo abertos, e uma lágrima escorreu até seus cabelos. Aquela noite, com Mehmed e Radu, parecia um

sonho do qual estava com medo de acordar. Mas as estrelas eram reais, e ela não deixaria de ver a passagem de nenhuma delas.

– Se não estivessem queimando, a gente nem saberia que estão lá no céu.

– Estou contente por estarmos aqui – comentou Mehmed.

Lada abriu a boca para concordar, então mordeu a língua, horrorizada. Ela não estava contente. Não poderia. Seria a maior das traições a si mesma e a sua pátria que poderia cometer. *Quanto antes parar de resistir*, Mara disse em seus pensamentos, *mais fácil sua vida vai se tornar*.

Era cada vez mais fácil estar ali. Ela não podia conviver com isso.

– Quero ir para casa – Lada disse, sentando e afastando a mão de Mehmed. O ar frio atingiu sua pele no local em que estivera colada à dele.

– Não podemos ficar um pouco mais? Podemos voltar mais tarde.

– Não! Quero ir para casa. Para a Valáquia.

Mehmed sentou em um movimento lento e ficou olhando para o chão. Radu permaneceu onde estava, imóvel.

– Por que quer voltar? – questionou Mehmed.

Lada soltou uma risadinha estrangulada. Como poderia ter se sentido tão próxima dele, alguém capaz de lhe fazer uma pergunta como aquela? Não sabia nada sobre ela.

– Porque aqui não é meu lugar. Você mesmo disse que ninguém se importa com suas decisões. Então me mande de volta.

Ele levantou, mas ficou de costas para ela.

– Não posso.

– Pode, sim! Seu pai por acaso perguntou alguma vez por nós? Ou alguém que seja? Ninguém lembra que existimos! É essa a importância que nos dão. – Era aquela a importância que davam à Valáquia. Até mesmo os trunfos que os outros tinham sobre sua terra eram esquecidos.

– Meu pai ficaria furioso.

– Ele não ia se importar. E, se ficasse bravo mesmo, que diferença faria? Ele não vai mandar você para o jardineiro-chefe. E já está no exílio aqui. O que mais poderia fazer?

– Chega! Eu já disse que não posso fazer isso.

– Não pode ou não quer? – Lada ficou de pé, com a cabeça latejando. Não queria nada daquilo, não queria sentir alguma coisa por Mehmed ou se preocupar com ele.

– Está tão desesperado para ter amigos que vai nos manter como prisioneiros?

– Não preciso de vocês! Não preciso de ninguém!

– Então prove isso e me mande para casa!

Mehmed eliminou a distância entre os dois, aproximando tanto o rosto do seu que era possível ver os olhos dele mesmo na escuridão.

– Não tenho poder! É isso que você quer ouvir, Lada? Não poderia nem requisitar um cavalo e suprimentos para você, muito menos garantir sua viagem em segurança para a Valáquia. Ninguém se importa com o que faço aqui porque não posso fazer nada. Se quer tanto se livrar de mim, faça isso por conta própria. – Mehmed virou e saiu andando noite adentro.

– Qual é o seu problema? Por que precisa destruir tudo de bom que temos aqui?
– Radu parecia prestes a se desfazer em lágrimas.

– Porque sim – disse Lada, com a voz monótona, puxada de volta para o chão por uma onda repentina de exaustão. – Não temos nada. Você não percebe isso?

– Temos Mehmed!

Lada olhou para cima. As estrelas estavam estáticas, imóveis e frias no céu da noite, sem nenhum resquício do fogo anterior.

– Isso não basta.

RADU ESTAVA SENTADO atrás de Lada, penteando os cabelos dela, domando-os. Ela esbravejava com ele.

– Agente firme – disse Radu, ignorando o tapa na mão. Os dois se sentaram o mais perto da lareira possível, e o tapete grosso no chão pouco fazia para aplacar o frio intenso que vinha da montanha sob a fortaleza.

A porta dos aposentos que compartilhavam estava aberta. Mehmed apareceu, com o rosto pálido e os olhos arregalados. Radu ficou empolgadíssimo, porque ele não vinha fazendo muitas visitas aos dois naquele inverno, pelo menos não depois da crueldade demonstrada por Lada naquela noite na montanha. Ela estudava sozinha agora. Embora Radu assistisse às aulas com Mehmed, o relacionamento entre os dois estava mais formal. O menino detestava aquele distanciamento, e ficara com raiva da irmã por ter forçado aquela situação.

Mas a empolgação de Radu se desfez assim que percebeu que havia algo errado. Ele largou o pente e correu para o lado de Mehmed. Depois de sentá-lo em uma almofada, encheu um copo com água e o entregou para ele.

– O que aconteceu? O que foi?

– Meus irmãos – respondeu Mehmed, olhando distraidamente para o copo. – Meus dois irmãos mais velhos morreram. Já faz meses. Ninguém me contou.

– Ah, Mehmed, lamento muito. – Radu pôs o braço sobre o ombro dele e o puxou para mais perto. Mehmed ficou tenso, depois relaxou contra a lateral de seu corpo. A felicidade de Radu era suficiente para aquecer o cômodo inteiro depois de tantas semanas de distanciamento.

– Você ao menos conhece seus irmãos? – Lada se inclinou para trás, passando as mãos no cabelo agora liso.

Mehmed negou com a cabeça, atordoado.

– Não, na verdade não. As mães deles eram esposas importantes. Eles foram criados para herdar o trono. – Mehmed era filho de uma concubina, uma escrava. Ele quase nunca falava dela, mas Radu sempre o ouvia com inveja. Sentia falta da ama e da ideia de ter uma mãe.

Lada endireitou a postura, de repente parecendo interessada.

– E agora?

– Agora eles estão mortos. E meu pai enfim acertou uma trégua com Hunyadi. Ele está cansado, com o coração aflito, não deseja nada além de se retirar para sua

propriedade na Anatólia e passar o resto da vida conversando, sonhando e bebendo com seus filósofos. – Mehmed ergueu o pergaminho que segurava em uma das mãos. Lada ficou de pé e pegou o documento, examinando seu conteúdo. Mehmed apoiou a cabeça no ombro de Radu, que se manteve imóvel o quanto pôde, mesmo com seus músculos implorando para se ajeitar, com medo de que o menor movimento fosse assustá-lo como um passarinho.

Lada cambaleou até a almofada mais próxima, relendo o comunicado.

– Ele abdicou. A seu favor. Cedeu a você o título de sultão sob a bandeira da nova paz.

O chão oscilou sob Radu. Seus ouvidos zumbiam, mesmo sem haver nenhum vento no recinto. Mehmed – seu Mehmed – tinha herdado o trono do Estado otomano. Um dos maiores poderes do mundo repousava nos ombros dele como um manto celestial. O que aquilo significaria para Radu e Lada? Eles teriam permissão para continuar com Mehmed?

Aquilo queria dizer que Mehmed os mandaria de volta à Valáquia?

Porque... Radu não estava certo de que era o que queria.

– Eu era o terceiro na linha do trono. Jamais deveria ser o herdeiro. Sou novo demais. Tenho doze anos! – As mãos de Mehmed tremiam, derramando a água.

Radu pegou o copo com um gesto suave, colocou sobre uma mesa e então segurou as mãos do amigo.

– O que você vai fazer?

– Não há nada que eu possa fazer.

Lada ficou de pé. Ela jogou o pergaminho no chão e pisou em cima. Radu estava assustado, mas ela estava furiosa.

– Tem uma coisa que você pode fazer. Pode parar de ficar aí sentado, todo trêmulo e temeroso. Pode ficar de pé como um verdadeiro líder, vestir suas melhores roupas e entrar a cavalo em Edirne como o sultão que é.

Mehmed a encarou com lágrimas nos olhos.

– Você não entende. Os cortesãos... eles nunca vão me aceitar. Ninguém esperava que eu fosse ser sultão. Eles vão me devorar. Não tenho aliados, não tenho ninguém ao meu lado.

Lada abriu um sorriso furioso e falou com seu tom mais sarcástico:

– Talvez eu esteja errada, mas pensei que sua fé fosse sua grande força.

– Minha fé é, *sim*, minha grande força. – Mehmed fechou a cara.

– Então você tem seu deus ao seu lado. O que um bando de cortesãos podem fazer contra isso? Vista a armadura da fé. E assumo seu trono.

Mehmed afastou as mãos de Radu e ficou de pé, com os ombros para trás e a coluna ereta. Ele olhou para Lada. Sob aquele corpo magro, atrás de um rosto que

estava apenas começando a se transformar no de um homem, Radu viu um brilho daquilo que Mehmed ia se tornar. E estremeceu.

– Eu *vou* ser o sultão – grunhiu Mehmed. – Quando assumir o trono, vou ser a mão de Deus na Terra. Vou cumprir o destino traçado pelo Profeta Muhammad, que a paz esteja com ele, e vocês vão ver que ele tinha razão. – Em seguida, seus ombros despencaram, e a paixão desapareceu de sua voz. – Mas preciso de mais tempo. Quero fazer mais do que ocupar o trono. Quero ser um *comandante*.

– Como é que eles esperam que você assuma a frente? – questionou Radu. Então se apressou em continuar, com medo de ofender Mehmed: – Você vai ser um grande líder, *sim*. Está tudo certo, a mão de Deus lhe deu o trono. – Assim que pronunciou essas palavras, Radu teve a certeza de que eram verdadeiras. Ele tinha visto como Mehmed era e o que ia se tornar. Seu amigo era inteligente e sincero, astuto e forte. Quando rezavam juntos, Radu sentia um ardor maior do que quando rezava sozinho. Era como se a alma de Mehmed fosse mais poderosa do que a de todos ao redor.

Lada bateu com o dedo no queixo.

– Acho que podemos ajudar. Seu pai está abdicando porque fez um acordo com Hunyadi, certo?

Mehmed fez que sim com a cabeça, franzindo a testa, curioso. Radu desabou outra vez, colocando as mãos sobre o rosto e soltando um grunhido. Ele conhecia bem demais a irmã. Nenhuma ajuda da parte dela poderia ser uma coisa boa.

– Muito bem, sultão Mehmed. Vamos reivindicar seu trono. – O rosto de Lada se contorceu em um sorriso de fazer inveja a um lobo. – E, como seu pai só se sentiu seguro o bastante para abdicar por causa do acordo de paz, vamos começar uma guerra.

Janos Hunyadi, voivoda da Transilvânia,

Escrevo em nome de nosso interesse comum de derrotar os infiéis turcos e proteger a santidade cristã da Transilvânia, da Valáquia e da própria Constantinopla. Você deve me conhecer como a filha de Vlad Dracul, voivoda da Valáquia. Nos últimos anos fui mantida nas cortes otomanas como refém para garantir a lealdade de meu pai.

Durante minha estadia, tomei conhecimento de muitos segredos. Meu desejo é extirpar a praga do islã da face da terra, e você pode ajudar. Murad abdicou do sultanato, entregando o trono a Mehmed, seu jovem filho. Ele é impetuoso e inexperiente, um zelote obcecado pela conquista de Constantinopla. Não tem o respeito dos soldados nem do povo. Ataque agora. Com todas as forças. Garanta nossas fronteiras, expulse os infiéis, remova sua imundice das terras da cristandade.

Farei o que estiver ao meu alcance para fomentar o dissenso e a rebelião dentro das fronteiras de Mehmed. Confio que além delas você seja um Athleta Christi. Reúna as forças para uma cruzada como o mundo nunca viu.

Anseio pelo dia em que serei libertada deste covil de serpentes e poderei me juntar a você na proteção da Valáquia, da Transilvânia e da abençoada Constantinopla.

Ladislav Dragwlya, filha do dragão

Lada bateu com o joelho na barriga de Nicolae, por pouco não acertando na virilha. Ele se desequilibrou. Vendo-se em vantagem, ela avançou, acertando-o com a espada de madeira e fazendo-o derrubar a dele e cambalear para trás. Para manter a luta mais desafiadora, ela largou a sua também.

Era péssimo estar de volta a Edirne, onde se sentia engaiolada, ainda mais depois da breve liberdade em Amásia. Fora tudo uma mentira, uma fantasia tentadora para deixá-la sonolenta, passiva, distraída.

Lada não era livre, e nunca seria.

Ela não havia visto Halima nem Mara, nem sabia se ainda estavam na capital ou se Murad tinha levado as esposas consigo. Pelo bem de Halima, desejava que sim; pelo bem de Mara, que não.

Mas não tinha vontade de ver nenhuma das duas ou de lidar com as questões levantadas por elas.

Por ora, Lada e Radu precisavam esperar. Mehmed caiu na risada quando viu as afirmações feitas por ela na carta a Hunyadi. Radu riu também, mas lançou olhares assustados para a irmã pelas costas do amigo. Ele capturou a verdade por trás de cada palavra.

Mas, até que descobrissem se Hunyadi morderia a isca, se uma guerra ameaçaria o Império e tiraria Murad da aposentadoria precoce, Mehmed era o sultão. Fazia duas semanas desde que estavam de volta a Edirne, e Lada não vira o novo sultão uma única vez. Mehmed fora abduzido pela corte, tragado por uma correnteza conhecidíssima de inimigos e aliados. Mais dos primeiros que dos últimos. Ninguém estava contente com o jovem governante.

Lada estava certa de que ele ia ceder sob pressão, mas, apesar das maquinações para atrair seu pai de volta, Mehmed se mostrou digno da ocasião. Não se curvou diante de ninguém e aceitou de peito aberto cada desafio, ansioso para aprender.

Mas todas as portas estavam fechadas para ele. Lada sentia falta de Mehmed às vezes, e sentia raiva dele por isso. Ela estivera certa quando o afastara. Confiar nele só ia prejudicá-la.

A menina desferiu um golpe contra a cabeça de Nicolae. Ele ergueu o braço para bloquear o soco, o que permitiu que ela desse uma estocada fatal com sua adaga de madeira.

Nicolae deu risada, indo dramaticamente ao chão.

– Morto outra vez pela menina mais feia do universo. – Ele pôs a língua para fora, contorcendo o rosto em uma careta.

Lada o chutou na barriga.

– Não sou uma menina. Quem é o próximo?

Os outros janízaros, reunidos em um círculo em torno de Lada e Nicolae, começaram a ficar inquietos, evitando contato visual com ela.

– Sério? Covardes! – Nicolae se apoiou sobre os cotovelos.

– Ainda estou machucado da última vez.

– Continuo sentindo dor quando sento.

– Ela luta sujo.

Ivan nem ao menos respondeu, pois nunca havia superado seu primeiro encontro com ela, quando fora abatido sem dificuldades. Ele se recusava a lutar com Lada, e quase nunca reagia à sua presença.

A menina deu risada, mostrando os dentes afiados.

– Ah, sim, porque no campo de batalha o que importa é a honra. Vocês vão morrer com uma lâmina enfiada nas costelas, mas sabendo que lutaram com boas maneiras. – Ela apanhou do chão a espada cega de treinamento, que estava largada na extremidade do círculo, e a brandiu no ar, na altura da garganta dos janízaros.

– Prefiro morrer no campo de treino pelas suas mãos do que em batalha em nome do pequeno zelote – disse Nicolae. Os demais janízaros grunhiram em consentimento. Eles vinham se tornando cada vez menos contidos em suas reclamações quanto a Mehmed, ao trabalho que executavam, ao pagamento que recebiam. Lada notou que as queixas eram feitas sem preocupação que alguém pudesse ouvir, uma indicação de que não tinham muito medo de sofrer reprimendas.

– O que está acontecendo aqui? – Um homem baixo com olhos pretos penetrantes e uma orelha decepada apareceu no campo de treino. Os janízaros entraram em posição de sentido.

– Estamos praticando, senhor. – Nicolae olhou para a frente, como se o fato de ignorar Lada impedisse o comandante de vê-la.

– Eu treino com esses janízaros. – Ela encarou o homem sem piscar.

– Desde quando?

– Há alguns meses. Vim com eles de Amásia.

– Não somos tão lenientes em Edirne quanto fora da capital. Você vai ter que se retirar. – Ele virou, sem esperar pela resposta.

– Não.

– Não? – O homem inclinou a cabeça.

– Não. Meu comportamento não prejudica ninguém, e seus homens certamente estão precisando de desafios.

Ele virou para Nicolae.

– Mostre para essa menina que não existe lugar para ela com os janízaros.

– Preciso mesmo, Ilyas? – Nicolae fez uma careta, esfregando a nuca.

– Acha que foi um pedido, e não uma ordem?

– Mas acabei de lutar com ela. Escolha outra pessoa.

Com uma expressão incrédula, Ilyas fez um sinal para outro janízaro. Era um valáquio, motivo pelo qual Lada simpatizara com ele logo de cara. Com um suspiro de desânimo, Matei deu um passo à frente e apanhou a espada de treinamento. Lada não havia o enfrentado ainda. Os janízaros de Edirne sempre se mantinham à distância, confusos e desconfiados, ao contrário dos homens de Amásia, já habituados à sua presença.

Matei estava em boa forma, e seus movimentos precisos eram impulsionados por um corpo compacto e forte. Lada o desarmou e o levou ao chão em seis movimentos. O janízaro seguinte exigiu apenas quatro. O próximo representou mais dificuldade, mas depois de um minuto acabou derrotado também.

– Já chega! – Ilyas pegou uma espada e se colocou no centro do campo de treino.

Lada atacou primeiro, como sempre. Ele antecipou seu movimento, bloqueando o golpe com uma força de sacudir os ossos. O homem parecia saber o que Lada ia fazer antes dela, lendo seu corpo com a facilidade com que Radu decifrava as reações das pessoas.

Depois de vários ataques frustrados, Ilyas segurou a espada de Lada e a arrancou de suas mãos. Em vez de recuar, ela deu um berro e se lançou contra ele, sacando uma adaga escondida do punho e levando ao pescoço do homem.

Ele lhe desferiu uma cabeçada, jogando-a no chão.

O céu azul e brilhante começou a girar sobre Lada. Ilyas surgiu em seu campo de vista, estendendo a mão. Ela a apanhou, e o homem a ergueu. Por teimosia, Lada se recusou a se mostrar cambaleante, embora sua cabeça latejasse amargamente.

– Prossigam. – Ilyas a encarou. Então virou as costas e foi embora.

– Eu perdi – disse Lada, levando a mão à cabeça.

– Não – retrucou Nicolae, pondo o braço nos ombros dela. – Na verdade, isso significa que você saiu vencedora.

– Lada!

Ela virou, com a testa franzida, e viu Radu correndo em sua direção. Ele estava ofegante e sem fôlego. Lada assumiu uma posição de luta, à espera de encontrar algum tipo de ameaça atrás dele, pronta para matar o que quer que o estivesse perseguindo. Mas o irmão estava sozinho e a agarrou pelos ombros, com os olhos brilhando de pânico, empolgação ou as duas coisas.

– Hunyadi. O papa. Eles declararam uma cruzada. Já estão em marcha.

Lada piscou algumas vezes, confusa. Ela havia escrito para Hunyadi, mas duvidava que fosse levá-la a sério. Eles já deviam estar prestes a atacar, à espera de uma brecha. E agora precisavam aproveitar. Ela jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada, um som áspero e estrangulado como aquele emitido pelos cães vadios que perambulavam pelas ruas de Tirgoviste.

– Hunyadi! Uma cruzada!

Matei gritou um comando e os janízaros entraram imediatamente em formação, retirando-se para os alojamentos em busca de mais informações. Radu não largava os ombros de Lada, apertando com força. Ela o encarou, sentindo toda a tensão e o medo que tomavam conta dele.

– O que foi? Era isso que a gente queria. O que Mehmed queria. Vai forçar Murad a reassumir o trono.

Radu sacudiu negativamente a cabeça.

– Não é só isso. Nosso pai... ele mandou tropas. Mircea está liderando um contingente de valáquios.

Por um breve e glorioso momento, o coração de Lada se encheu de orgulho do pai. Ele enfim tinha criado coragem e saído em defesa de seu povo contra...

Contra o país que mantinha dois filhos seus como reféns.

– Ele sacrificou a gente – murmurou Radu.

Lada apertou com força o cabo de sua espada de treinamento, até sentir os dedos doerem. A conversa de Mara sobre o dever para com o país perdia o sentido se o país em questão não tinha o menor senso de dever com ela.

– Ele sacrificou a gente anos atrás. Mas não vou permitir que mate a gente agora. – Lada largou a espada e segurou Radu pelo pulso, puxando-o consigo enquanto se dirigia às alas principais do palácio. Sua cabeça doía, e um galo começava a se formar no local atingido por Ilyas, mas não havia tempo para se preocupar com aquilo.

– Mehmed não vai permitir que matem a gente. Ele é o sultão agora. – Radu parecia tentar convencer a si mesmo com aquele discurso.

Lada bufou, quase dando risada ao pensar na ironia daquelas palavras.

– Criamos toda essa situação para que o pai dele voltasse a ser o sultão. O poder de Mehmed pode estar com os dias contados. Estamos em uma corrida contra o tempo. Agora mesmo. E podemos aproveitar a movimentação das tropas para sair de cena.

– Com que suprimentos? Com que dinheiro? Mesmo que a gente consiga sair da cidade, vai ser impossível voltar para a Valáquia.

Lada parou diante da porta dos pequenos aposentos que os dois ocupavam no palácio. Mehmed estava lá, com as mãos posicionadas atrás do corpo, andando de um lado para o outro, a testa franzida de preocupação. Estavam com ele um contingente de guardas e Halil Paxá, o conselheiro-chefe que herdara do pai. O homem responsável pela manutenção de Lada como prisioneira. Se Halil Paxá estava lá, Mehmed devia ter perdido a discussão sobre protegê-los. Seus dedos se dirigiram para as bainhas nos pulsos, onde ficavam suas adagas.

Mehmed ergueu os olhos, com a mesma expressão no rosto. Lada levantou o queixo de forma desafiadora. Mesmo que ela e Radu fossem sofrer alguma punição pelas ações de seu pai, isso só aconteceria depois de uma boa briga. O primeiro homem que pusesse as mãos em Radu seria morto.

– Aí estão vocês! – Mehmed correu na direção deles, fazendo um aceno para se aproximarem. – Está dispensado, Halil Paxá. – Então os guardas não estavam lá para pegar Lada e Radu. Mas ela não relaxou sua postura.

O paxá estreitou os olhos.

– Ainda temos muito o que discutir.

– Já disse que você está dispensado!

Lada notou com interesse o olhar de desprezo que surgiu no rosto de Halil Paxá e o tom de voz petulante de Mehmed. Não era o tom de alguém que realmente tinha poder.

Os olhos astutos de Halil Paxá encontraram os seus. Enquanto o homem se afastava, era quase possível ver os fios que ele manipulava se apossando de tudo ao seu redor. Mehmed era o sultão, mas não estava no comando.

Os três foram escoltados até os novos aposentos de Mehmed, ainda mais opulentos e estonteantes que os anteriores. Ele instruiu seus guardas a ficarem do lado de fora, bateu a porta com força e se jogou sobre uma almofada.

– Ele não vem.

– O quê? – Lada caminhou até a extremidade do cômodo, passando os dedos pelos contornos dos padrões dourados pintados na parede.

– Meu pai. Ele se recusou a vir liderar os exércitos. Disse que agora o sultão sou eu, e que a tarefa é minha. Vou fazer isso se for preciso, da melhor maneira que puder. Mas não estou pronto para enfrentar Hunyadi!

Foi Radu quem respondeu, com a voz aguda e a fala acelerada pela euforia de ainda estarem a salvo. Por enquanto.

– Lada pode explicar a você as táticas de Hunyadi. Ela sabe tudo sobre ele.

Os olhos dela penetraram Radu como a ponta de uma faca.

– Sim, e posso dizer que ele e suas forças têm a bênção de Deus e o ardor renovado de uma nova cruzada. Que ele usa suas carroças como barricadas móveis, e que é organizado, eficiente e brutal. Que estão à espera da unificação de suas forças há anos e que vão invadir seus domínios como uma nuvem de gafanhotos. Também posso dizer que seus janízaros, os soldados que deveriam obedecer suas ordens sem piscar, inventam apelidos para você pelas suas costas e reclamam do pagamento e do treinamento que recebem. E imagino que entre os sipahis sua popularidade seja a mesma. – Os sipahis tinham ainda mais a perder sob o comando de um sultão malsucedido. Eles possuíam terras e riquezas, prestígio e influência. Os janízaros só dispunham da própria vida e de seu salário.

Mehmed jogou as mãos para o alto em sinal de desespero.

– Sei que não estou pronto para enfrentar Hunyadi! Não era esse o plano. Preciso do meu pai!

A voz dele falhou no fim da frase, e Lada percebeu com uma pontada de lamento que Mehmed havia sido jogado aos lobos, assim como eles dois. O pai dele o abandonara, o sacrificara, assim como Vlad fizera com Lada e Radu. Se a guerra não acabasse com Mehmed, homens como Halil Paxá iam se encarregar daquilo.

Lada suspirou, sentando perto de Mehmed e se inclinando para trás a fim de observar a grandiosidade dos entalhes no teto.

– Seu pai disse que você é o sultão.
– Sim, o problema é esse. – Mehmed estalou a língua irritado.
– Essa é a solução. Se você é o sultão, então ele precisa obedecer à sua ordem e vir comandar seus exércitos. E, se você não é o sultão, então ele precisa vir comandar os exércitos da mesma maneira.

Um sorriso se abriu lentamente no rosto de Mehmed.

– Lada, acho que amo você.

Ela deu um soco no ombro dele e se afastou, encarando-o com um olhar ultrajado.

– Como ousa me bater?

– Posso bater em você o quanto quiser. Agora vá escrever sua carta. A cruzada não perde tempo, e você tampouco pode perder.

Enquanto Mehmed foi buscar suas ferramentas de escrita, Radu ficou parado no meio do quarto, agitando as mãos.

– E nosso pai? O que vamos dizer para ele?

– Não vamos dizer nada. Não vamos fazer nada. Não é inteligente cutucar um urso que está dormindo para perguntar o que vai fazer quando acordar.

– Acho que tive uma ideia. Para manter a gente a salvo.

Lada soltou uma bufada de desprezo.

– Manter a gente a salvo é tarefa minha. Lembra o que falei lá nos estábulos quando você estava sendo torturado por Mircea?

Um sorriso enfim surgiu na expressão preocupada de Radu, iluminando seu rosto com uma beleza capaz de rivalizar com a do teto dos aposentos.

– Que você não deixaria ninguém me matar.

– Essa honra é minha e de mais ninguém.

Radu enfim relaxou, sentou em uma almofada e abriu os braços. Ele ainda era uma criança em vários sentidos, e Lada queria mantê-lo assim.

Ou forçá-lo a mudar de forma definitiva.

Ela nunca conseguia se decidir por uma das duas opções, e aquilo a incomodava.

Apenas quando Radu não estava mais olhando Lada deixou que seu sorriso se transformasse em uma expressão pensativa. Ela precisava mantê-los a salvo da ira de Murad. Era necessário usar o governo de Mehmed a seu favor, mas Lada não sabia como.

— **A**ONDE VOCÊ VAI? — perguntou Radu, apesar de já saber a resposta.

Lada terminou de amarrar as botas. Estava usando calça por baixo da saia, que fora vestida de qualquer jeito, apenas por obrigação.

— Treinar.

— Mesmo com todos os janízaros no campo de batalha?

— Ainda ficaram alguns.

Radu fechou a cara.

— Você está toda amiguinha dos janízaros. A gente quase não se vê mais. — Ele tentou não demonstrar no tom de voz que estava chateado, mas vinha se sentindo muito sozinho.

Mehmed estava sempre ocupado, e o menino temia se tornar um incômodo para ele, assim como fora para Lada e Bogdan quando eram menores. Se Mehmed solicitava, ele se apresentava sem questionamento e sem demora. Mas, quando isso não acontecia, Radu ficava à toa, sem ter o que fazer.

Lada não respondeu, e o irmão não resistiu à ideia de provocá-la um pouco.

— Lembra quando viemos para cá?

— Claro que lembro. Só faz algumas semanas. Você é burro ou o quê?

— Não, estou falando da primeira vez que viemos para cá. Com nosso pai.

Lada ficou em silêncio. Eles nunca falavam sobre o pai, nem entre si nem com ninguém. A expressão de Lada ficava tensa, assim como a de Radu, como se a simples evocação da memória de Vlad fosse de alguma forma fazer alguém se dar conta de que o acordo dele com os otomanos havia sido rompido e que deveriam pagar por isso com sua vida.

— Você ficou brava comigo o tempo todo.

— Estou sempre brava com você, Radu. Diga logo o que quer.

— Você ficou brava comigo porque fiz amizade com os inimigos. Cavalguei com os janízaros, conversei com eles. Só acho... engraçado que você agora passe tanto tempo com eles.

Diversas emoções afloraram no rosto de Lada. Principalmente culpa, pensou Radu, embora a raiva que apareceu depois fosse mais familiar. Ela enfim se contentou em demonstrar desprezo.

— Não devo satisfações a *você*, que rasteja diante do deus deles. Pelo menos tenho uma espada nas mãos.

Ela bateu a porta atrás de si para pontuar sua saída. Radu suspirou e esfregou o rosto, pensando se havia conseguido o que queria alfinetando a irmã. Ele queria que Lada parasse de treinar com os janízaros? Ou queria que ela admitisse que já havia aceitado aquele lugar como seu lar? Porque, se fosse o caso, ele também poderia admitir aquilo.

A injustiça da situação o incomodava, o fato de Lada poder odiá-los e adorá-los ao mesmo tempo. Se alguém merecia ser amigo dos janízaros, era Radu. Ele nunca reencontrara Lazar, e queria saber do destino do soldado. Desejava que estivesse ali para fazê-lo rir e ajudá-lo a encontrar seu lugar, como acontecera muito tempo antes, nos estábulos.

Com a alma fervilhando como a cera de uma vela quando o pavio chega ao fim, Radu saiu em busca de Molla Gurani. O professor estava estudando em seus aposentos. Depois de dar uma boa olhada em Radu, ele ficou de pé.

— Vamos dar um passeio.

Lada adorava falar sobre o quanto Molla Gurani era tedioso, afirmando que era o filho bastardo de um pastor que se tornara mais íntimo do que deveria das ovelhas. Ela costumava repetir as aulas dele à noite no quarto como uma cantilena monótona até fazer Radu implorar para que parasse, com medo de que a versão de sua irmã substituísse a do professor em sua mente.

Radu considerava Molla Gurani extremamente reconfortante, com sua postura ascética, tranquilizadora e segura. Quando passaram diante de uma fonte, o menino confessou o que não conseguia admitir para Lada. Já havia chegado perto daquilo, inclusive pensando que, caso apresentasse sua ideia como um plano secreto para manter a segurança dos dois, ela talvez aceitasse. Mas Radu estava sozinho, como sempre.

— Quero me converter.

Molla Gurani se limitou a piscar e menear a cabeça, como se Radu tivesse feito um comentário sobre o tempo.

— Ninguém pode saber. Seria aceitável? Se ficasse só entre mim e Deus?

— A verdadeira conversão sempre acontece apenas entre um homem e Deus.

Radu passou a mão na testa, aliviado. Se Lada soubesse que ele resolvera se converter, aquilo poderia quebrar o leve vínculo que ainda havia entre os dois. Onde quer que estivesse, Lada representava sua família, sua infância, seu passado. Eles precisavam continuar juntos.

Um homem com trajes formais passou por eles. Era esguio, mas tinha uma barriga pronunciada, como uma árvore de tronco inchado e galhos finos. Em seu rosto não havia nenhum pelo. Ele não estava barbeado: simplesmente não tinha pelos. Molla Gurani inclinou a cabeça, e os dois trocaram saudações. O homem sem pelos olhou para Radu como se esperasse uma apresentação oficial.

– Radu é um aluno meu. Radu, este é o eunuco-chefe – anunciou Molla Gurani.
Radu sabia que aquilo era alguma espécie de título, mas não estava certo do nível de respeito que deveria demonstrar. Envergonhado, perguntou:
– O que é um eunuco?
Pela primeira vez, Molla Gurani pareceu sem jeito e desconfortável.
Mas o eunuco-chefe sorriu, fazendo um gesto para Radu acompanhá-lo.
– Venha comigo que eu explico.

Radu entrou na água até a altura do pescoço, então dobrou os joelhos e deixou apenas os olhos acima da superfície. O vapor que subia ao seu redor escondia os azulejos com padrões em azul e branco, transformando tudo em um borrão de calor e cor. Na Valáquia, eles só tomavam banho no verão, quando ficavam às margens do Arges. No resto do tempo se limpavam com panos molhados e bacias. Banhos eram um luxo dos otomanos que ele tinha aprendido a apreciar.

Lada não gostava daquele tipo de conforto. Embora os banhos do palácio fossem reservados às mulheres em certas horas do dia, ela se recusava a frequentá-los. Havia uma área de banho feminina permanente, mas ficava no harém, onde, claro, ela não podia nem pôr os pés. Radu já havia ouvido falar de mulheres que tinham entrado no harém como uma estratégia para se separar do marido. O eunuco-chefe conhecia mais histórias como aquelas do que qualquer um na cidade, e Radu adorava escutá-las.

Lada podia passar o tempo que quisesse com os soldados, suas piadas sujas e seu cheiro horrível. Radu passaria o seu estudando as escrituras e os ensinamentos do Profeta. A sensação que encontrava nos textos sagrados só era comparável à que experimentava nas longas tardes que passara com a ama sentado diante do fogo, seguro e distante do resto do mundo. Era algo indescritível, que precisava manter escondido de Lada. Quando ouvia o chamado às orações, em seu coração ele se sentia em casa.

Radu queria se aprofundar mais e praticar as palavras de conversão que já dissera tantas vezes em sua mente, mas nunca em voz alta, se sentindo grato pela solidão que podia desfrutar nos banhos. Sempre ia em horários inusitados, para evitar os demais frequentadores. Pelos surgiam em novas partes de seu corpo, e suas pernas doíam todas as noites por causa dos estirões de crescimento que enfim encerravam sua infância. Além disso, havia o efeito curioso que a água quente exercia sobre seu corpo recém-amadurecido, e ele preferia desfrutar da experiência sozinho.

Pobres eunucos. Embora o eunuco-chefe tivesse dito que ser castrado e vendido era o único futuro que seus pais tinham condição de oferecer, Radu não achava que

fosse uma coisa muito generosa. O eunuco-chefe era poderoso, estava encarregado de todo o harém e conhecia as entranhas dos mecanismos do Império, mas a que custo!

Radu fechou os olhos, deixou os braços boiarem na água e sentiu toda a tensão abandonar seu corpo.

Então alguém o agarrou pelos tornozelos e o puxou para baixo d'água.

Ele começou a espernear de forma frenética, apavorado, lembrando as vezes em que Mircea o afogava na fonte até sua vista escurecer e seus pulmões quase explodirem com a falta de ar. Um pensamento terrível surgiu em meio ao pânico. Mircea teria sido morto no campo de batalha e o espírito dele fora buscar Radu?

Seu grito se transformou em bolhas ao seu redor, e Radu conseguiu desferir um chute em um ombro e se contorcer para escapar. Em seguida, veio à tona, tossindo e ofegante.

Mehmed apareceu ao seu lado, com a água escorrendo pelo rosto e os dentes brancos reluzindo. Não era um fantasma. Era seu amigo brincando, não Mircea o atormentando. A risada de Mehmed ecoou ao redor, tomando conta do recinto inteiro.

Radu se sentiu como se estivesse respirando o riso de Mehmed, caloroso e pesado, infiltrando-se em seus pulmões e se impregnando em sua pele.

– Você me deu um susto. – Sua língua parecia pesada e desajeitada dentro da boca. Ele não o via fazia dias, não falava com ele a sós havia semanas.

– Sim, isso ficou bem óbvio. – Os lábios de Mehmed se contorceram em um sorriso brincalhão. – Você parecia prestes a apagar. Fiquei com medo de que fosse se afogar.

– Bom, obrigado por evitar isso me puxando para dentro da água.

Mehmed fez uma medida teatral. Estava eufórico, com o rosto mais vermelho do que o normal. A guerra não estava indo muito bem, mesmo com o comando relutante do antigo sultão.

– Alguma boa notícia? – Radu sentiu a esperança contrair seu peito. Era uma sensação estranha, que ele não entendia. Queria que as forças de Mehmed estivessem vencendo? Seria uma traição, já que seu próprio irmão estava liderando tropas no conflito? A vitória dos otomanos tornaria mais ou menos provável que Radu e Lada fossem mortos pela traição cometida por seu pai? E então, vendo o alívio nos olhos pretos de Mehmed, Radu soube pelo que esperava: por seu melhor amigo. Independentemente das consequências.

Mehmed levantou os braços, jogando água sobre os dois em um gesto infantil de felicidade e despreocupação. Desde que haviam voltado a Edirne, com as demandas da política e da guerra, Mehmed vinha demonstrando um

comportamento impassível e rígido. Para Radu, foi impossível não rir quando o viu relaxado, como nos velhos tempos.

– Meu pai saiu vencedor em Varna. A cruzada foi derrotada. Hunyadi fugiu como um cão, e a cabeça do rei húngaro está vindo para cá agora mesmo, na ponta da lança dele!

Radu abriu o maior sorriso de que era capaz, mas com a mente preocupada com o que aquilo poderia significar para ele.

Mehmed assumiu uma expressão pensativa.

– Seu pai não estava lá.

Fingindo um tom casual e brincalhão que não poderia estar mais distante da maneira como se sentia, Radu levou a mão ao peito.

– Meu pai, o covarde, não deu as caras em uma batalha em que apoiava os dois lados? Que surpresa.

– Não tenho nenhuma notícia sobre o destino de Mircea.

– Meu irmão não me interessa nem um pouco. – O desinteresse fingido de Radu foi denunciado pela amargura com que proferiu aquelas palavras.

Mehmed pôs a mão em seu ombro, gerando ao mesmo tempo um conforto e uma estranha animação. Fazendo Radu se sentir *real* de uma forma que raramente acontecia.

– Vai dar tudo certo – disse o sultão. – Um novo tratado vai ser assinado, e meu pai quer que eu permaneça no trono. Eu... acho que estou pronto. Sei que não era o plano, mas nas últimas semanas mudei de ideia. É isso que eu quero. Acho que posso ser sultão.

O tom de voz dele se elevou no fim da frase, deixando um ponto de interrogação pairando no ar.

Radu pôs a mão no ombro dele.

– Acho que você vai ser o maior sultão que seu povo já teve.

– Lada não acredita em mim. Não acredita em ninguém além de si mesma. – Mehmed contorceu os lábios.

Radu sacudiu a cabeça, pensando no espaço que os separava, na água conectando seus corpos. Ele se sentia seguro e feliz, e mais próximo de Mehmed naquele momento do que estivera de qualquer outra pessoa na vida.

– Acredito em você o suficiente por nós dois. – Radu sabia que ele era capaz. E estaria ao seu lado para ajudá-lo. Lada também, apesar de fingir odiar a vida em Edirne. O mundo e o futuro se revelaram diante de Radu como o teto alto de uma mesquita. Uma trajetória ascendente.

Mehmed meneou a cabeça em um gesto solene.

– E não precisa se preocupar. Enquanto eu estiver no trono, você está sob minha proteção. Não vou deixar ninguém fazer nada contra você.

Radu fechou os olhos, aliviado. Finalmente alguém se importava o suficiente com ele para mantê-lo em segurança. Alguém que tinha poder para isso. Era diferente de quando Lada dizia que ninguém ia matá-lo além dela. Piscando para suprimir as lágrimas que começavam a se formar no canto dos olhos, Radu balançou a cabeça.

– Mas... talvez seja melhor que meu pai não fique sabendo que estamos a salvo. Mehmed ergueu as sobrancelhas, confuso.

– Ele não merece esse conforto. Que fique pensando que foi o responsável pela nossa morte. Que seja envenenado pela culpa que for capaz de sentir.

– Acho merecido. Mas agradeço pela fraqueza de seu pai. Sem ela, eu não teria sua amizade. Nem a de Lada.

– Também agradeço por isso. – Radu abriu um sorriso largo.

Em uma fração de segundo, a expressão de Mehmed foi de sincera a maliciosa, e a mão dele voltou a agarrar o tornozelo de Radu e a puxá-lo para debaixo d'água.

O menino voltou à tona tossindo, e Mehmed começou a nadar para longe dele, aos risos. Quando Radu foi atrás, o vapor, até então espesso e denso como uma criatura viva, se abriu brevemente para revelar um homem sentado em silêncio em um dos cantos do banho.

Observando os dois.

O vapor voltou a escondê-lo no momento em que Radu conseguiu identificar o rosto do homem. Halil Paxá. A risada de Mehmed ecoou pelo recinto, quicando de parede em parede e ressoando no teto, como um alarme.

— **H**UNYADI FUGIU. COMO um coelho de um gavião. — Lada contou, cavalcando ao lado de Nicolae.

Ela balançou a cabeça, pensativa.

— Com o rei húngaro morto, está tudo um pandemônio. Hunyadi pode encontrar uma avenida aberta para o trono.

— Você acha que ele quer governar a Hungria?

Lada soltou um risinho de deboche.

— Não, ele quer defender a Europa por puro amor à causa cristã. Claro que Hunyadi quer ser rei. — Ela se inclinou para trás na sela, fechando os olhos e erguendo a cabeça ao sol. Era um alívio ter os janízaros de volta. Enquanto eles estavam em batalha, Lada temera enlouquecer de tédio. E não sabia que resultado esperar. Uma vitória dos otomanos? Um triunfo de Hunyadi e do odiado Mircea?

Agora não fazia mais diferença, pois tudo estava decidido. E, em razão de ter eliminado vários oponentes-chave, Ilyas fora promovido a líder de um grupo maior, que incorporou as tropas de janízaros que tinham vindo com Mehmed de Amásia. No total, havia milhares daqueles soldados espalhados pelo Império, e apenas algumas centenas em Amásia com Mehmed. Era uma ótima promoção para Ilyas, mas ela sabia que ele era destinado a feitos ainda maiores.

— Eu queria ter ido também — Lada falou.

— Eu preferia não ter ido. Mas, se você estivesse lá, menina-dragão, de que lado ia lutar? — Nicolae deu uma risada amarga.

— Do meu.

— E que lado é esse?

Seu pai havia matado Lada e Radu duas vezes: a primeira ao deixá-los lá e a segunda ao romper o tratado que os protegia. Não lutaria por Vlad. E com certeza não por Mircea, aquele verme desprezível. Hunyadi ela queria matar imediatamente.

Não. Lada remexeu a cabeça, sentindo o pescoço duro roçar o colarinho do casaco. Não era por culpa de Hunyadi que seu pai deixara a Valáquia enfraquecida a ponto de o húngaro tê-la usada como plataforma e o forçado a se voltar contra o sultão.

Mehmed, então? Ele era seu aliado em um mundo hostil, que parecia ansioso para vê-la morta. Uma risada, um olhar, um puxão de cabelos. Era seu amigo.

E também era o governante do país que a mantinha prisioneira.

Lada por fim fixou os olhos escuros e semicerrados em Nicolae.

– Meu *próprio* lado.

Ela amarrou seu cavalo enquanto os janízaros – os homens de Ilyas e alguns outros – treinavam formações com os deles. Lada nunca era convidada para aquele tipo de atividade, porque sua participação não faria o menor sentido. O treinamento com armas e em combate corpo a corpo dependia de habilidades individuais, mas centenas de homens se locomovendo e reagindo como uma só massa não era algo que a envolvesse. Ela se sentou nas raízes de uma árvore na extremidade do campo aberto, escondida nas sombras, de costas para as tropas.

– ... parece justo – disse um homem que passava ali perto.

– Gosto mais dele do que do último comandante, que era búlgaro. Não suporto búlgaros.

– Eu sou búlgaro, seu cão maldito.

– E não suporto você.

Eles deram risada, então o primeiro voltou a falar:

– E vão deixar mesmo o pirralho no trono?

Lada tentou ver quem estava falando, mas a árvore bloqueava seu campo de visão. Seu primeiro impulso foi levantar e defender Mehmed. Mas o que poderia dizer? Que era seu amigo? Ela duvidava que aquilo fosse aceito como uma prova de sua qualidade como governante.

– Pelo que ouvi, sim. Murad já voltou para a aposentadoria.

– Mal chegou ao trono e já precisamos enfrentar uma cruzada. Quantas vezes mais vamos ter que defender o garoto?

– Ganhamos muito pouco para servir de escudo para o pirralho.

– Ganhamos muito pouco para fazer o que quer que seja. Na semana passada Ismael falou bem na frente dos guarda-costas do sultão sobre protestar abertamente.

– O que eles disseram?

– Nada. E não impediram ninguém de falar. Se conseguirmos alguns oficiais de maior patente do nosso lado, vamos poder...

Eles se afastaram, e Lada perdeu o final. As reclamações não eram novidade, porém pareciam mais difundidas e aceitas do que antes. Os janízaros eram uma classe privilegiada, que recebia educação e pagamento, mas nem por isso deixavam de ser escravos. Não dava para saber se aquelas palavras tinham mesmo força ou se eram só reclamações vazias.

Nicolae foi encontrá-la algum tempo depois. Eles cavalgaram atrás das tropas ao fim do treinamento. Ele fez com que seu cavalo fosse mais devagar, abrindo uma maior distância para os demais.

Quando falou, não tinha o tom brincalhão habitual.

– Estou aqui desde os sete anos de idade. Já treinei com irmãos de todas as nações à sombra dos otomanos. Lutamos, sangramos e morremos por um país que não é o nosso, recebemos comandos em uma língua que nossa mãe nunca usou e somos instruídos em uma religião que nos permite ser escravos porque nascemos para isso. – Ele fez uma pausa, e os cascos de seu cavalo batucaram o chão em um ritmo desconexo. – Mesmo assim minha vida é melhor do que a que levaria em casa. Sou mais educado e treinado do que qualquer um que enfrentamos. Tenho o que comer, o que vestir, oportunidades de progredir. Até o dia em que for esmagado contra as muralhas de uma cidade que deveria ser minha aliada ou morrer na ponta da espada de um primo que nunca conheci. Somos a força mais valiosa deste Império, e só estamos aqui porque não somos parte dele. Na maior parte do tempo, considero que devo minha vida aos otomanos. No campo de batalha em Varna, percebi que não queria *dar* minha vida por eles. Mas sou um soldado, de coração, e não tem mais nada que eu queira fazer na vida. – Ele sacudiu a cabeça e suspirou, estendendo as mãos com as palmas viradas para cima. – Gostaria de ter a mesma certeza que você, Lada, sobre qual é meu lado.

Ela olhou para as mãos abertas dele, à espera de receber algo.

– Então me diga uma coisa: seu coração, onde está a certeza de ser um soldado, bate em que língua?

Os olhos de Nicolae se encheram de lágrimas e ficaram distantes.

– Em Valáquio.

Ela estendeu o braço e pôs a mão sobre a dele, palma com palma.

– Estamos do mesmo lado.

Ele entrelaçou os dedos com os dela, abriu os olhos e deu um sorriso malicioso.

– É melhor não contarmos isso para mais ninguém, porque estamos no coração do território inimigo.

Lada puxou sua mão de volta e segurou as rédeas.

– Por enquanto. – Ela esporeou o cavalo para que começasse a galopar, passando pelos soldados, com os cabelos esvoaçando ao vento a caminho de casa. *A caminho de Edirne*, ela se corrigiu mentalmente, praguejando em silêncio contra sua mente traidora. Talvez não estivesse tão certa de qual era seu lado quanto imaginava.

Apesar das concessões de Ilyas, os comandantes de Edirne eram mais severos do que os de Amásia, e diversas vezes Lada foi impedida de treinar com os homens de Nicolae. Ela voltou pisando duro para seus aposentos e ficou surpresa ao encontrar Radu em uma conversa com Molla Gurani, que não via havia três meses, desde que voltara de Amásia.

Seu irmão ergueu os olhos, e a culpa se tornou visível em seu rosto, como uma nuvem cobrindo o sol.

– Lada! Pensei que você estava com os janízaros.

– Vamos ser forçados a aguentar as aulas dele de novo? – Ela fechou a cara. Desde seu retorno, com a guerra e as atribuições de Mehmed como sultão, ela e Radu não haviam tido aulas. Apesar de querer retomar os estudos de história, lógica e estratégia, ela não sentia a menor falta do falatório interminável de Molla Gurani sobre o islã.

O professor levantou as sobrancelhas lentamente, demonstrando todo o seu desdém.

– Estou aqui a pedido do seu irmão. Fique à vontade para se retirar.

– Do que ele está falando? – Lada esbravejou, recorrendo ao idioma valáquio para ter mais privacidade.

Radu encolheu os ombros e inclinou a cabeça para o lado como se houvesse algo preso entre seu ombro e sua orelha.

– Estou conhecendo o inimigo?

Pega de surpresa pela resposta, Lada soltou uma gargalhada aguda.

– Você vai ter que conhecer o inimigo o suficiente por nós dois. – Ela fez uma mesura fingida para o professor e foi se fechar em seu quarto. Embora a porta isolasse a voz modorrenta de Molla Gurani, ali dentro ela não tinha o que fazer.

Lada deitou na cama, e o tédio deixou seus olhos pesados de sono. Ela sonhou com Amásia, nadando na lagoa com Radu e Mehmed, as estrelas girando e queimando ao redor. Quando acordou, estava com o nome de Mehmed na ponta da língua, sentindo a ausência dele em sua vida na forma de uma dor palpável.

Saiu dos aposentos às pressas, antes que Radu perguntasse aonde ia, antes que fosse obrigada a admitir para ele – e para si mesma – o quanto sentia falta de seus momentos com o amigo Mehmed, e não o sultão.

Nos corredores do palácio, ela se sentia invisível. Havia pouquíssimas mulheres por lá. Em Tirgoviste, as mulheres eram bem mais presentes, menos segregadas da rotina da corte. Às vezes, Lada se perguntava como seria sua vida se sua mãe não tivesse fugido. Ela teria uma aliada? Uma amiga? Sua mãe teria impedido que seu pai a deixasse ali?

Provavelmente não. Ela não tivera força nem para ficar com os filhos, muito menos para mantê-los a salvo.

Mas talvez Lada se sentisse mais forte se pudesse caminhar por aqueles corredores com outra mulher ao seu lado. Com Halima dando risada, ou com Mara olhando feio. Talvez elas tivessem algo a ensinar, no fim das contas. Os homens passavam por Lada como se ela não existisse, ou a encaravam de uma forma que era como se não conseguissem enxergá-la. Isso a fazia desejar ter uma arma na

mão, uma coroa na cabeça em vez de uma trança, ou até uma barba no rosto. Qualquer coisa que os obrigasse a vê-la como era.

Ou, talvez, quando a olhavam e não viam nada, eles já entendessem perfeitamente quem ela era.

Lada não sabia se os guardas a deixariam ver Mehmed. Nunca tinha ido até lá sem ser convidada. Caso seu acesso fosse rejeitado, não saberia o que fazer. Mas, depois de uma brevíssima espera, sua passagem foi autorizada.

Mehmed levantou da mesa, com os olhos brilhando. Lada sentiu a tensão e o terror provocados pelo anonimato se esvaírem de seu corpo.

Para Mehmed, ela era importante.

– A que devo a honra? – ele perguntou, levando o braço às costas em uma medida exagerada.

– Não me faça arrancar seu turbante. – Ela passou por ele e foi se sentar à mesa do sultão, examinando os papéis para disfarçar a alegria que sentia por estar na presença dele. Mehmed não precisava que ninguém alimentasse seu ego; Radu já fazia aquilo por toda a linhagem Draculesti. Lada revirou vários papéis, anotações, registros e mapas. Listas detalhadas de tropas e suprimentos, janízaros disponíveis, cavalos, carroças e armas. Registros de vários relatos. Mapas de... Constantinopla.

Ela bateu o dedo em um dos papéis.

– Você anda bem ocupado.

Ele se debruçou sobre a mesa, passando o dedo no contorno do mapa de forma reverente.

– Sou o sultão, Lada.

– Percebi.

Mehmed sorriu, eliminando a expressão de homem mais velho que ele tentava forçar franzindo a testa o tempo todo.

– Meu pai voltou para a aposentadoria. Eu achava que não estava pronto, mas o trono é meu mesmo assim. E vou ser digno dele.

Lada deu de ombros, afastando-se da intensidade da pose de Mehmed, com o corpo dele irradiando energia tão perto do seu. Era apenas porque passara tanto tempo longe que a presença dele a afetava daquela maneira. Ou talvez porque era impossível não notar que Mehmed estava ficando mais alto, mais bonito, mais... Não. Era preciso se concentrar em outra coisa. *Qualquer* outra coisa.

– Constantinopla? Tão cedo?

Mehmed deu um passo atrás e começou a andar de um lado para o outro.

– Temos um tratado de paz de cinco anos com a Hungria e com Hunyadi. Minhas fronteiras estão tranquilas, como sempre estiveram. É para isso que estou aqui. Foi para isso que nasci.

– Seu pai começou o governo dele tentando a mesma coisa, e não ganhou nada de bom com isso.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas finas de Mehmed.

– Ele estava envolvido com batalhas demais. Seus irmãos reivindicando o que era dele, tentando roubar suas terras. Tinha muito com que lidar em casa.

– Seus conselheiros apoiam você?

A testa dele franziu ainda mais.

– Não, nem todos. Mas sou o sultão. Eles são obrigados a me obedecer.

– Um sultão que convocou o pai para lutar em sua primeira batalha.

O rosto de Mehmed se fechou de uma vez.

– Foi ideia sua! Se você...

Lada ouviu o barulho antes mesmo de perceber que havia algo errado. Um instinto aperfeiçoado por todo o tempo em que passara na floresta com Bogdan, um corpo treinado pela concentração proporcionada pelo desespero e pela solidão. Teve uma sensação súbita de que havia um problema que ela poderia ter perfeitamente ignorado.

Lada se jogou para a frente e derrubou Mehmed no chão no momento em que uma adaga atravessou o ar no local onde estaria o peito dele. A lâmina cortou seu ombro antes de se chocar contra a parede e ir ao chão. Os dois bateram com força no piso, e ele soltou um grunhido ofegante. Lada rolou, apanhou a adaga, virou e a arremessou assim que viu um alvo se movendo.

O homem se esquivou do golpe fatal, e a adaga o atingiu apenas de raspão. O rosto dele estava coberto por um tecido preto, que escondia suas feições; as roupas não tinham nada de anormal.

O invasor sacou outra adaga, agachou-se em uma postura defensiva e se moveu para o lado, à procura de um ângulo melhor para atingir Mehmed. Lada empurrou o amigo com o pé na direção da mesa.

– Vai lá para trás! – ela gritou.

O homem passava a adaga de uma mão para a outra, com movimentos indolentes e sem pressa, enquanto Mehmed cambaleava para atrás da mesa, gritando pelos guardas.

O assassino não parecia nem um pouco preocupado.

Os olhos dele se estreitaram em um sorriso ao pousar sobre Lada. Ele apontou a adaga para ela, e então lançou um olhar para o sultão. A menina se atirou para a frente, atingindo-o com o maior impulso que foi capaz de gerar. O sujeito era forte, magro e esguio, porém era ela mais robusta e estava mais próxima do chão. Lada o atingiu bem na barriga, expulsando o ar dos pulmões do homem quando o derrubou. A mão que segurava a adaga afrouxou a pegada, e a lâmina deslizou para longe do alcance dos dois.

O assassino estava atordoado, mas ia se recuperar em breve. Lada esmurrou seu rosto várias vezes, mas o ângulo era desfavorável, e ela não podia usar a força que gostaria. Ele a segurou pelos pulsos e a puxou para o lado. Seu rosto se aproximou do dele, e as mãos do homem eram fortes demais para que conseguisse se desvencilhar completamente. Lada bateu com a testa no nariz dele e em seguida o mordeu na bochecha, onde o pano que cobria seu rosto estava frouxo.

O homem deu um berro e largou seus pulsos. Rolando para o lado, Lada encontrou a adaga e virou para ficar de pé. Ele se esquivou da primeira investida, engajando-a em uma dança que já havia praticado muitas vezes com Nicolae. Uma dança cujos movimentos ambos conheciam. Embora estivesse ensanguentado e atordoado, ele ainda era um rival e tanto para Lada.

E nada de ajuda chegar.

Seu treinamento se revelava inútil, pois os socos e as estocadas com a lâmina eram todos esperados, e as tentativas de golpe fatal eram bloqueadas. Em um dos ataques, o homem acabaria conseguindo segurá-la pelo pulso e tomaria a adaga, então mataria Lada e Mehmed.

O desespero começou a tomar conta dela. Um olhar de triunfo transformou a encarada do assassino em um prenúncio da morte. Ele sabia tudo o que ela era capaz de fazer. Só precisava resistir aos avanços e ser mais resistente que Lada. Ela era uma menina, uma criança. Ele era mais forte, mais rápido e...

Com um grito de raiva, Lada abandonou os movimentos ensaiados, o treinamento escrupuloso. Ela se lançou contra o assassino como um javali selvagem, movida apenas pela fúria e pelo instinto animal. Ele não sabia como se esquivar, porque os ataques não faziam sentido, não era possível ler a intenção de nenhum movimento. Ela cortou seu rosto e, quando ele a segurou pelos punhos, mordeu sua mão, cravando os dentes até encontrar o osso. Continuou mordendo enquanto o homem se debatia, enfiando a adaga na lateral do seu corpo várias vezes, saltando sobre ele quando foi ao chão, tentando se desvencilhar do ataque. Lada montou sobre o assassino e continuou cravando a lâmina, sem se preocupar com onde acertava, sem tentar desferir um golpe eficiente e cuidadoso. Um grito animal, abafado pela mão do homem, escapava de sua garganta.

– Lada!

Trêmula e ofegante, ela piscou algumas vezes para dissipar a névoa que caía sobre seus olhos. Seus dentes continuavam cerrados, mordendo a mão do homem com tanta força que ela pensou que nunca mais fosse conseguir soltá-la. Por fim, sentindo a dor se espalhar por todo o rosto, conseguiu separar os maxilares o suficiente para que a mão caísse de sua boca. Foi só nesse momento que sentiu o gosto do sangue e se deu conta de que estava no chão, montada em cima de um homem.

De um cadáver.

Ela ficou de pé com passos trêmulos, depois caiu de novo, arrastando-se para longe do corpo destroçado.

Mehmed pôs a mão em seu rosto e a forçou a encará-lo.

– Você está ferida?

Lada fez que não com a cabeça, depois que sim, depois que não de novo. Não sabia se estava ferida. Tudo em seu corpo tremia, estava anestesiado. Ela olhou para as mãos cobertas de sangue, mas não conseguia senti-las.

– Lada. Lada. *Lada*.

Seus olhos se voltaram para Mehmed. O rosto dele era a única coisa em que conseguia se concentrar, a única coisa que fazia sentido.

– Os guardas não vieram.

Ela sabia que era importante, percebeu que era importante mesmo antes... daquilo. Antes do sangue. Muito sangue.

– Acha que eles estão mortos? – Mehmed deu um passo na direção da porta. Ele não podia sair de lá. Lada sabia que não, mas não entendia por quê.

Foi quando seus pensamentos voltaram ao lugar em um estalo.

– Para! Precisamos sair daqui. Por outro lugar. Seus guardas ou estão mortos ou são colaboradores.

Mehmed sacudiu a cabeça.

– Eles são janízaros. Jamais fariam...

– Este homem era um janízaro.

– Quê?

Com o queixo trêmulo, Lada removeu a máscara do agressor. Ela não o reconheceu, e se sentiu extremamente grata por isso. Mas ainda sabia o que ele era, embora não pudesse confirmar quem era.

– A maneira como ele lutou. Treinei com dezenas de versões suas. Este homem foi treinado como um janízaro. Precisamos sair daqui agora e precisamos ficar escondidos até descobrir em quem confiar.

Mehmed tremia tanto quanto ela.

– Em quem posso confiar? – ele murmurou.

Lada estendeu a mão. Mehmed a pegou.

EM OUTRAS CIRCUNSTÂNCIAS, o olhar desnordeado no rosto de Lada teria sido uma fonte de divertimento para Radu. Sua irmã sempre parecia tão segura de si que aquela imagem dela parada no meio do recinto, rígida, abraçando protetoramente o próprio corpo e lançando olhares em todas as direções era algo para guardar na memória.

Mas Lada estava coberta de sangue, o queixo de Mehmed tremia muito quando parava de falar, e os dois pareciam estar exatamente da maneira como Radu sempre se sentia.

Mas ele não podia se sentir assim naquele momento. Eles precisavam de sua ajuda.

– Precisamos ir para outro lugar. Todos sabem que somos amigos de Mehmed. Se houver mais assassinos à solta procurando por ele, vão vir para cá – disse Radu.

Lada sacudiu a cabeça, com o desespero estampado nos olhos.

– Não consegui pensar em nenhum outro lugar para onde ir.

Se, como Mehmed e Lada suspeitavam, um grupo de janízaros estivesse por trás do atentado, o palácio não era um lugar seguro. Eles não tinham como saber quem tramara tudo, se os próprios soldados ou se estavam agindo a mando de alguém. E se pedissem ajuda a um conselheiro ou um paxá e acabassem nas garras da pessoa que encomendara a morte do sultão?

Não, eles precisavam ir a um lugar seguro. Um lugar secreto. Onde ninguém mais pudesse entrar, e onde pudessem chegar sem demora. Não podiam simplesmente fugir. Mehmed era o sultão. Se eles fugissem, ele perderia tudo.

Onde um sultão poderia se esconder? Radu estalou os dedos.

– O harém!

A expressão de pavor de Lada se intensificou. Mehmed franziu a testa.

– Eles podem procurar lá também.

– Sua mãe está lá, não?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Mas não temos muito contato.

A política do harém era tão complicada quanto a da corte, se não mais. Embora fosse uma comunidade voltada para si mesma, as mulheres de lá eram capazes de exercer grande influência sobre o homem mais poderoso do Império, o que as tornava uma grande força política. A mulher mais poderosa do harém – e, portanto,

do Império – era a mãe do sultão. Radu não a conhecia, mas o eunuco-chefe já havia falado sobre sua inteligência afiada.

– Sua mãe só tem a perder com sua morte. Ela vai proteger você. E os guardas de lá são eunucos, não janízaros. Você vai estar seguro e poderá começar as investigações – disse Radu.

Mehmed bateu em seu ombro.

– Isso! Isso mesmo. Obrigado, Radu.

– Não! – Lada sacudiu a cabeça, com os olhos ainda arregalados. – Não posso entrar lá! Se uma mulher põe os pés no harém, vira propriedade do sultão!

Mehmed olhou para a janela por onde haviam entrado, para garantir que a barra estava limpa.

– Eu não faria você cumprir essa obrigação, Lada...

– Não interessa! Tudo mundo ia saber. Eu ia ser chamada de sua concubina e...

Radu a segurou pela mão que apontava um dedo acusador para Mehmed, então a puxou para junto de si.

– E você não poderia mais casar? Que tragédia. Só eu sei o quanto você quer casar com algum nobre otomano de pouco prestígio, minha cara irmã.

Ela enfim o encarou, com os olhos ainda em um frenesi febril.

– Mas eu seria dele.

– Acho que Mehmed é esperto o suficiente para saber que jamais deve exigir isso de você. Certo?

O tom de Radu era o mais leve possível, e ele se virou para Mehmed com um sorriso brincalhão. Talvez fosse a fraca iluminação no recinto ou o estresse daquela noite, mas no rosto de Mehmed era possível ver... decepção? Mágoa? Então um sorriso falso e tenso se abriu, e ele fez que sim com a cabeça. O peito de Radu estava apertado de ansiedade, medo e um incômodo e amargo ciúme.

Ele engoliu tudo aquilo. Havia assassinos à solta. Lada tinha matado um homem. Eles precisavam fugir. Radu saiu primeiro pela janela, em uma pressa silenciosa, e desceu pela fachada de pedra entalhada do palácio. Mehmed foi logo atrás, seguido por Lada. Radu mostrou o caminho, esgueirando-se pelos jardins e tomando o cuidado de mantê-los nas sombras.

– Como é que você conhece tão bem o caminho do harém? – questionou Mehmed. – Acho que até melhor do que eu.

Radu ficou vermelho e se sentiu acuado, mas não havia nenhum tom de acusação na voz de Mehmed.

– Conheço o eunuco-chefe. Ele tem uma coleção de mapas incríveis, vou lá fazer uma visita às vezes. Sabia que ele nasceu na Transilvânia?

– Sabia, já que ele é o terceiro homem mais poderoso do meu governo. – O tom de Mehmed era sério, mas com um leve toque de divertimento.

– Ah, é. – Radu teve a melhor ideia possível para mantê-los a salvo, mas mesmo assim persistia a impressão de que qualquer um ali seria capaz de superá-lo em termos de conhecimento.

Ele parou diante de uma entrada lateral para as amplas instalações do harém. Havia um guarda a postos, com um turbante branco reluzente sob o luar. Em sua primeira visita, Radu tentara detectar alguma diferença entre os eunucos e os homens não castrados, mas, com exceção da voz, que não era grave como a de um homem nem tão aguda quanto a de uma mulher, não havia nada que distinguisse ambos.

O guarda, que Radu já conhecia, inclinou a cabeça curiosamente ao vê-lo, sem perceber que Mehmed o acompanhava. Quando viu o sultão, fez uma mesura até o chão e depois entrou em posição de sentido.

Mehmed passou direto pelo homem, sem lançar um olhar para ele. Radu fez um aceno de cabeça, e o olhar do soldado os seguiu atentamente. Sem bater na porta, Mehmed entrou nos aposentos do eunuco-chefe.

Embora fosse tarde, só ficaram aguardando cinco minutos por sua chegada. Era um homem de certa idade, quase quarenta anos, com a pele enrugada e feições indistintas, como se seu rosto fosse incapaz de decidir quem ele queria ser. Ele fez uma mesura para Mehmed e abriu um sorriso para Radu. Já para a aparência ensanguentada de Lada, dispensou apenas o mais breve olhar.

– Como posso servi-lo, meu sultão?

– Quero uma conferência com a sultana-mãe. E um lugar para passar a noite.

– Claro. Na companhia de quem?

Radu demorou um instante para absorver a forma tranquila como o eunuco-chefe fez aquela pergunta. E então mais um momento para entender o significado. Seu rosto ficou vermelho de vergonha, mas também de curiosidade. Aquilo era... Mehmed frequentava o local com regularidade? Já estava desfrutando dos benefícios de ser um sultão? Quantas concubinas teria em tão pouco tempo? Havia tomado uma esposa? O islã ditava regras para quantas mulheres um homem poderia ter, mas os sultões eram exceções.

E como seria o contato com ele? Elas o amavam? Ficavam o dia inteiro à espera, ansiosas para vê-lo?

Radu arriscou um olhar para Lada, para ver se ela estava se perguntando as mesmas coisas. A irmã olhava fixamente para a parede mais distante, com a cara fechada. Tinham limpado sangue de suas mãos e ao redor de sua boca, mas ainda havia alguns vestígios. Ela parecia enlouquecida e furiosa, uma imagem bem distante de uma concubina. Pelo menos da imagem que Radu tinha de uma concubina.

Para ele, as concubinas eram mulheres como sua ama, maternais e gentis, sempre costurando ou cuidando de algo. Ele sabia que não era seu verdadeiro propósito, mas, quando tentava imaginar *aquilo*, tudo em sua mente se tornava enevoado e confuso.

A resposta de Mehmed saiu com um tom de voz tenso:

– Nenhuma hoje. Vim aqui tratar de assuntos de governo. Prepare um quarto para meus acompanhantes também. Lada precisa de um banho.

– Quer que eu mande que as criadas a levem às suas novas acomodações?

– Não! – A resposta de Mehmed veio em um berro, provocando um sobressalto no eunuco-chefe. – Não. Ela está aqui como convidada, não como... residente. Vamos ficar na ala dos guardas.

– E ninguém pode saber que estamos aqui – reforçou Radu, sem saber se podia falar, mas preocupado que Mehmed estivesse ocupado demais para se lembrar de tudo.

Mehmed lhe lançou um breve olhar de agradecimento.

– Sim. Meu assunto é com a sultana-mãe e mais ninguém. Nem ao menos meus guardas, se vierem perguntar, devem saber que estamos aqui.

O eunuco-chefe assentiu com a cabeça, fez uma mesura e saiu para providenciar os preparativos. Os ombros de Mehmed imediatamente despencaram. Ele levou a mão aos olhos e baixou a cabeça. Lada havia encontrado um pouco de sangue seco na mão e estava esfregando furiosamente no pano da saia, tentando limpá-la, sem se dar conta de que suas roupas também estavam sujas de sangue. Radu ficou de pé entre ela e Mehmed, sem saber do que cada um precisava, mas desconfiando de que fosse da mesma coisa.

Ele se dirigiu a Mehmed em vez de falar com a irmã, pondo os braços sobre seus ombros. O sultão recebeu aquilo de bom grado. Radu olhou para Lada e estendeu a mão livre. Ela pareceu pensativa, com os olhos pesados de exaustão, desconfiança e algo parecido com tristeza. Antes que tivesse a chance de se mover, o eunuco-chefe reapareceu. Mehmed se endireitou e se afastou de Radu, enquanto Lada voltou a olhar para a parede.

– Venha comigo – o homem chamou, e Radu mais uma vez se viu ficando para trás, longe do alcance da luz de sua lamparina.

A MÃE DE Mehmed se movia com uma graça e uma sensualidade que deixaram Lada apavorada.

A menina não conseguia se sentir à vontade em lugar nenhum daquela sala opulenta, toda perfumada e cheia de almofadas. A sultana-mãe ocupava espaço demais ali, com seus gestos, seu véu e suas joias, seu rosto cauteloso e seu sorriso calculado, sua maneira de empilhar várias almofadas com a mesma precisão com que um janízaro manipulava a espada.

Se Halima e Mara pareciam simbolizar diferentes estações do ano, Huma abarcava a natureza inteira.

– Sentem. – Sua voz era gentil, mas a maneira como estreitava os olhos mostrava que não aceitaria negativas. Mehmed parou de andar de um lado para o outro e se acomodou diante dela. Parecia tão sem jeito quanto Lada. Nunca havia conhecido a mãe, não de verdade, e agora a procurava em um momento de fraqueza. Não era a circunstância ideal.

Lada se lembrou da sensação da adaga atravessando a carne e desviando do osso, tentando entrar mais fundo, cada vez mais fundo...

Não era o ideal. Nada daquilo era. Ela havia tomado banho e seu cabelo ainda estava molhado, mas suas mãos continuavam grudentas e sua boca não queria esquecer o gosto vivo e metálico do sangue.

Radu, por sua vez, parecia fascinado, talvez até encantado com a sultana-mãe. Estava sentado ao lado dela com um olhar fixo de idolatria no rosto. Como se tivesse sentido o peso da admiração do menino, a sultana-mãe virou para ele. Seus lábios, parecidíssimos com os de Mehmed, se abriram em um sorriso semelhante ao da ama. Um sorriso que ela ainda não havia mostrado para o filho.

– Você foi muito inteligente de trazê-lo aqui. Radu, certo? – Ela se ajeitou na almofada, inclinando-se para a frente e erguendo o queixo dele com o dedo. – Lindo – a mulher murmurou. Em seguida olhou para Lada, que sentiu sua coluna ficar rígida e seus dentes se cerrarem em desafio. Ela sabia a impressão que causava. O sorriso da sultana-mãe se tornou bem menos maternal, mas a menina não conseguiu identificar ao certo o que a nova expressão significava.

– Sultana-mãe – disse Lada, fazendo cara feia para as formalidades que estava sendo forçada a adotar –, precisamos...

– Pode me chamar de Huma. Vocês dois. – Ela virou para Mehmed, recostando-se e apoiando o belo queixo na palma da mão. – E você pode me chamar de mãe. – Uma risadinha aguda, como o som de moedas caindo em um poço, escapou dos lábios dela.

– Não temos tempo...

Huma ergueu uma das mãos carregadas de ouro para interromper Mehmed.

– Não temos tempo para entrar em pânico, para mostrar fraqueza. Temos todo o tempo do mundo para garantir seu merecido dia de descanso, desfrutando de todos os prazeres oferecidos por este harém. Na verdade, se o novo sultão quiser passar uma semana toda de libertinagem e celebração com suas mulheres, ninguém há de condená-lo. Nem o interromper. Nem o procurar. E ninguém há de saber como seu poder esteve ameaçado e como passou perto de ser morto antes que pudesse governar de fato.

– Mas o assassino...

– Não existiu. Isso nunca aconteceu. Ninguém jamais cometeu um atentado contra a vida do sultão, porque admitir que houve uma tentativa de assassinato que quase foi bem-sucedida é admitir a possibilidade de um Império Otomano sem você no comando. – Ela estreitou os olhos pintados com linhas grossas. – Está me entendendo? Você não está escondido aqui. Está se divertindo. Desfrutando do seu poder.

Mehmed assentiu com um gesto lento da cabeça.

O rosto de Huma reassumiu a expressão animada e adorável de costume.

– Já mandei o eunuco-chefe avisar os paxás e os vizires sobre seu paradeiro. A notícia vai se espalhar. Temos todo o tempo do mundo.

Era uma boa mentira. E, para ser uma boa mentira, precisava ser plausível. Lada não quis nem pensar no motivo por que aquilo era plausível, em quanto tempo Mehmed já tinha passado naquele lugar, nos precedentes. Não queria pensar em nada a respeito.

Isso a enfraquecia, sua recusa em lidar com a realidade. Mesmo assim, ela se acovardava quando sua mente tentava abordar a questão.

Huma ficou de pé, provocando um farfalhar de seda e uma onda de aroma adocicado em sua passagem. Mas havia um tom diferente por trás de tudo, um cheiro que fez os olhos de Lada se encherem de lágrimas e sua cabeça entrar em parafuso.

– Agora vão para os quartos. As criadas vão cuidar de vocês daqui a pouco.

Mehmed abriu a boca para responder. Huma ergueu uma única sobrancelha impecável.

– Deixe que sua mãe cuide disso, meu precioso filho. – Aquelas palavras meigas e reconfortantes foram ditas em um tom cortante como uma lâmina.

Fingindo um olhar de indiferença, Mehmed passou por ela, seguido por Radu. Lada ficou de pé para se retirar também, mas Huma estendeu um braço, bloqueando sua passagem.

– Fique para comer comigo.

– Prefiro voltar para o quarto.

Huma passou o dedo no contorno do próprio quadril, alisando de forma indolente o tecido do vestido.

– Não é um pedido.

Lada deu um passo à frente, mas Huma segurou seu pulso. A mulher riu, e no som da risada dela era possível perceber a existência de segredos que Lada jamais conheceria.

– Ladislav Dragwlya, filha de Vlad, que enviou tropas, inclusive o próprio filho, para lutar em Varna, quebrando seu acordo com os otomanos e deixando os filhos entregues à própria sorte. Ladislav, que não tem ninguém no mundo além de seu belo irmão e um sultão sem poder. A pequena Lada, que está na minha casa sob minha proteção. *Sente.*

Lada se lembrou da sensação da pele e dos tendões se rompendo entre seus dentes, da resistência da carne, que não era páreo para a determinação de seus maxilares. Por um breve e atordoante momento, pensou em atacar Huma, da mesma forma que fizera com o agressor de Mehmed.

Em vez disso, ela sentou.

– Boa menina. – Huma bateu palmas, e um trio de meninas miudinhas e delicadas como flores apareceu, servindo comidas e bebidas e se retirando em silêncio. Enquanto as observava, Lada pensava: *Elas são de Mehmed? Ele já esteve aqui? Já colheu essas flores?*

A língua pontuda e vermelha de Huma despontou da boca, percorrendo os dentes enquanto observava a refeição posta. A imagem que veio à mente de Lada foi a de uma cobra, o que a deixou confusa. As mulheres eram o jardim, e os homens, as cobras. A ama explicara como os homens e as mulheres se uniam na noite de núpcias quando Lada era bem novinha, mais ou menos na mesma época em que os professores contaram a história de Adão e Eva. As duas coisas se misturaram em sua cabeça, e os homens se transformaram na figura da serpente que convencia Eva a perder seu lindo e perfeito jardim.

Jardim nenhum sobreviveria à chegada de uma cobra. Tudo estaria perdido, seria propriedade da cobra para sempre.

Lada sabia de mais coisas agora, claro, depois de ouvir as conversas grosseiras e vívidas dos janízaros. Eles só reforçaram a convicção de que sua interpretação tinha sido correta desde o início.

Mas lá estava Huma, e ela não era jardim nenhum. Era uma serpente.

– Murad gostava de meninas bem novinhas. Passei vários anos quase sem me alimentar, para continuar miudinha e não me desenvolver. – Ela pegou uma coxa de frango assada, com uma crosta de pimenta. Quando mordeu, revirou os olhos, soltando um gemido leve de satisfação. – Pensei que fosse morrer seca antes de poder conceber um herdeiro. Mas então o precioso Mehmed apareceu no meu ventre e pude voltar a comer.

Lada pegou uma fatia de pão, que cortou em pedacinhos enquanto observava Huma se deliciar com a comida. As meninas voltaram várias outras vezes, trazendo mais comida, enchendo a taça de vinho de Huma e até mesmo limpando a boca dela.

– Você está fascinada por elas – comentou Huma. A atenção de Lada se voltou de forma repentina para a mulher. Ela achava que a sultana-mãe estava tão absorta na comilança que deixara seus pensamentos vagarem.

– Por que usam véus? A visão das mulheres ofende seu deus?

Huma deu risada.

– Você entendeu tudo errado. As mulheres devem esconder o corpo, é verdade. Mas o véu no rosto é um símbolo de *status*. Somente mulheres em condições de não fazerem nenhum trabalho braçal podem usá-lo. Essas meninas fizeram por merecer os véus. Eles são a marca de um privilégio.

– Privilégio? Elas são escravas!

Huma riu de novo.

– Eu também sou, minha cara. Fui vendida quando era criança e trazida para o harém como uma criada.

Lada franziu a testa.

– Você deveria ter resistido. E fugido.

– Para onde? Por muitos anos, fiquei revoltada. E assustada. Mas existem muitas formas de poder. Até a imobilidade pode ser poderosa. A observação, a espera, falar a coisa certa na hora certa para a pessoa certa. Uma mulher tem poder... ah, sim, esses corpos que você olha com desprezo têm poder. – Huma passou a mão pelos seios fartos e pela barriga, então a deixou sobre o quadril. – Quando você tem uma coisa que todos querem, tem poder.

– Mas isso pode ser tirado de você. – Lada já tinha visto homens demais no mundo para saber que o corpo de uma mulher não era uma fonte de poder.

– Ou pode ser cedido em troca de coisas mais importantes. Essas meninas, minhas criadas, entendem isso. As mais inteligentes, pelo menos. Vão passar anos tentando subir, buscando uma posição em que tenham algum controle. As que são espertas vão se sair melhor do que as que são apenas bonitas.

O olhar dela era tão intenso que Lada ficou vermelha. Ela derrubou os pedaços de pão sobre um prato. Estava se sentindo estranha, diminuída, mais feia do que

costumava se considerar. Durante a maior parte da vida, aquilo não a incomodou, saber que não era bonita e não conquistaria admiração apenas pela aparência. Mas Huma usava o próprio rosto como uma arma, uma ferramenta que nunca estaria à disposição de Lada. Ela jamais se dera conta de que, caso fosse mais atraente, teria à sua disposição mais fios para manipular o poder.

Lada ergueu o queixo em uma postura desafiadora.

– Posso ser forte sem abrir mão de nada. E salvei Mehmed.

Huma pegou uma tâmara e levou à boca.

– Humm. Salvou mesmo. E fez muito bem. Mas você não acha que é a única mulher que morreria para protegê-lo, não é mesmo?

Lada franziu a testa, confusa, mas imediatamente se arrependeu daquilo. Huma parecia extrair informações de cada detalhe. Ela estava tocando sua alma com seus dedos compridos, usando apenas o olhar para tanto.

Huma se recostou nas almofadas, levando o dorso da mão à testa. A manga do vestido caiu, revelando a curvatura pálida do braço da mulher.

– Foi uma grande tragédia quando o irmão mais velho de Mehmed ficou doente e morreu tão depressa. Um sofrimento desses no auge da vida! E então foi a vez do segundo irmão e de seus dois filhos, assassinados por assaltantes desconhecidos. Ah, que tristeza. Só havia uma pessoa com idade suficiente para herdar o trono se Murad tombasse em uma batalha! – A expressão de tristeza fingida no rosto dela se tornou algo mais sinistro e furioso. – Ou então ele poderia decidir se *aposentar* e simplesmente jogar o herdeiro para os lobos. Murad pôs em risco tudo o que trabalhei para conseguir.

A mente de Lada girava a mil.

– Mas você não pode nem sair do harém! Como fez tudo isso?

– Você viu os homens que trabalham aqui?

Lada fez que não com a cabeça.

– E é assim que deve ser. Meus preciosos eunucos deixam todos tão desconfortáveis. Os homens não suportam vê-los, ficam se atormentando ao imaginar o que devem ter sofrido para se tornarem o que são. Os eunucos são escravos, assim como eu, que também fizeram sacrifícios. Perderam algo precioso e irreparável, e ao fazer isso conquistaram poder. Eles estão por toda parte neste país, em cada casa importante; são criados, são guardas, são *meus*. – Huma endireitou as costas, com um movimento repentino e violento em comparação com os gestos sensuais de antes, o que fez Lada se inclinar para trás.

– Você vê isso – Huma apontou para o recinto, o prédio como um todo e por fim para si mesma – como uma prisão. Mas está enganada. É minha corte. Meu trono. Meu reino. Paguei por tudo com minha liberdade e com meu corpo. – As sobrancelhas finas da mulher se ergueram, endurecendo seu olhar. – Então o que

tenho para perguntar, filha do dragão, é o seguinte: o que você tem para sacrificar? O que vai deixar que tirem de você para obter poder?

Era uma questão muito diferente daquela que Mara apresentara a Lada. Não se tratava de oferecer a si mesma em benefício de uma causa maior, e sim de oferecer uma parte de si em troca de um ganho pessoal.

– Eu... nada. Eu... eu – a menina gaguejou.

– Você sacrificaria meu filho?

– Quê? Não! Eu o protegi, eu...

– Você sacrificaria o que pensa que sua vida deveria ser por aquilo que *poderia* ser caso governasse ao lado dele? – Huma fez uma pausa e riu da expressão agoniada no rosto de Lada. – Então não é esse seu desejo. Muito bem. Você já pode ir. Mas quero que pense no que deve sacrificar para garantir um futuro em que seja intocável. Quero que pense em Mehmed e no futuro dele. – Ela fez um aceno com a mão para dispensá-la, e então Lada foi embora.

TODO O MEDO sentido de forma tão acachapante no escuro pareceu se dissipar na manhã seguinte, quando a luz do sol iluminou o palácio como se fosse outro dia qualquer.

Huma instruiu Radu e Lada a continuar agindo como se nada tivesse acontecido, porém sem fazer qualquer coisa que pudesse chamar a atenção.

Radu soltou um suspiro profundo e trêmulo, e em seguida se esgueirou pela parede na direção dos aposentos de Mehmed. Voltar à cena da tentativa de assassinato provavelmente era uma péssima ideia. Se houvesse soldados no corredor, ele viraria as costas e sairia correndo. Fingiria estar perdido. Rezaria para que os homens acreditassem, já que Mehmed não sabia quem estaria de plantão naquele dia, e não era possível perguntar.

No entanto, Radu queria ser corajoso. Talvez Lada e Mehmed, no meio de uma situação aterrorizante, tivessem deixado passar alguma coisa. Se ele entrasse e vasculhasse o...

Só de pensar na palavra *cadáver*, o menino estremeceu. Mas faria aquilo. Huma queria fingir que nada havia acontecido. Radu queria saber o motivo pelo qual tinha acontecido. Se encontrasse alguma pista importante, poderia ser ele a salvar Mehmed daquela vez. Radu tinha encontrado um refúgio para o sultão, mas quem o salvara de fato fora Lada.

Aquilo o incomodava mais do que deveria. E o tornava imprudente.

No entanto, quando apareceu no corredor cavernoso diante dos aposentos de Mehmed, encontrou uma ausência absoluta de movimentação humana.

O corpo ainda estaria lá dentro? Não teria sido descoberto? Huma avisara a todos que Mehmed estava se divertindo no harém. Talvez ninguém tivesse entrado naqueles aposentos desde então. Apavorado, mas motivado por uma curiosidade mórbida, Radu abriu a porta, passou pela sala de espera e se dirigiu ao escritório. Antes de entrar, prendeu a respiração.

Não havia nem sinal de sangue no chão reluzente de cerâmica. Nenhuma adaga descartada. Nenhum agressor sem vida.

Alguém limpara a cena do crime. Não havia nada que indicasse a violência cometida ali.

Mas... havia algo errado. Um tapete, um dos favoritos de Radu, em tons alegres de azul e amarelo, tinha sumido. A única evidência do crime era a ausência do que

deveria estar lá: o cadáver, o sangue, o tapete e Mehmed.

Radu foi até a escrivaninha, passando as mãos de forma reverente por vários objetos. Um pote de tinta. Um mapa de Constantinopla com anotações feitas na caligrafia compacta e agressiva de Mehmed. Vários livretos com pensamentos religiosos que o menino esperava um dia pegar emprestados. Um tomo pesado, encadernado em couro, que contava em detalhes a vida de Alexandre, o Grande.

Um sussurro atrás de uma das portas do lado de fora fez Radu entrar em pânico. Ele correu para trás de um pilar no momento em que a porta do escritório se abriu.

Os passos do invasor eram leves, porém precisos. Radu ouviu os objetos sendo remexidos e o estalo de um pergaminho rígido que não se deixava enrolar facilmente. O intruso saiu com a mesma rapidez com que entrara. Depois de esperar alguns segundos para acalmar seus batimentos cardíacos em disparada, Radu saiu do esconderijo e voltou à escrivaninha. Ainda estava tudo no lugar.

Menos o mapa de Constantinopla com as anotações minuciosas de Mehmed.

Sem pensar duas vezes, Radu saiu correndo dos aposentos do sultão. Ele notou um sinal de movimentação ao final do corredor, e foi para lá que se dirigiu. Quando chegou, viu um vulto – de um garoto de uns dezesseis anos usando roupas de criado, que caminhava com uma postura submissa porém decidida. Era exatamente como Radu andaria se precisasse chegar a algum lugar sem ser visto.

Ele copiou a postura do garoto, mantendo-o sempre à vista, mas permanecendo a uma distância suficiente para não ser notado. Seguiu o ladrão para fora do palácio até a rua mais próxima, onde casas opulentas e majestosas se espremiavam sobre o calçamento, lutando por espaço. O ladrão se juntou às diversas pessoas que entravam e saíam pelos portões da primeira propriedade. Radu pegou um balaio que estava no chão perto da entrada e enfiou debaixo do braço, contente por estar usando roupas simples naquele dia, e não um dos trajes elegantes que Mehmed lhe dera.

O ladrão entrou na casa por uma porta lateral. Ele sabia aonde ia. Radu o seguiu, abrindo caminho pela cozinha movimentada e quase perdendo de vista seu alvo. Eles passaram para um corredor dos fundos, que dava acesso a uma escada estreita usada pela criadagem. As paredes ficavam próximas, os degraus eram irregulares e o ar era viciado e estagnado. Na penumbra, Radu conseguiu ver apenas uma porta ser fechada, e esperava encontrar mais um lance de degraus do outro lado. Quando a abriu, porém, foi como se tivesse sido transportado para outro mundo. A luz do dia entrava em abundância em um corredor amplo, de teto alto. Tapetes grossos cobriam o piso de cerâmica reluzente. Estátuas e vasos adornavam as paredes de um tom de turquesa, fazendo companhia uns aos outros com sua estonteante beleza. Espelhos bem polidos de metal eram visíveis a intervalos regulares, transmitindo a impressão de que havia mais corredores além daquele.

As portas estavam todas fechadas, e não havia sinal do ladrão.

Radu quase voltou para a escada quando percebeu que uma das pesadas portas de madeira estava entreaberta. Se alguém o pegasse, não haveria como justificar sua presença.

– ... limpo, como o senhor previu – disse uma voz que ele não conhecia, mas imaginava ser do criado.

– Aquele suíno – uma voz mais grossa, de alguém mais velho, grunhiu. Houve o estalo de um pergaminho sendo aberto, e então alguns instantes de silêncio carregado. Radu lançou um olhar apreensivo para o corredor, mas ainda estava sozinho ali.

– Aquele demônio arrogante – continuou o homem mais velho, em meio a mais algumas ofensas. – Pensa que pode derrotar as muralhas da cidade? Que é esse seu chamado divino? Que Deus nos livre de servos como ele.

Houve o som de um pergaminho se abrindo, e o arrastar de uma pena. O suor escorria pelas costas de Radu. Respirando fundo, ele espiou pela fresta da porta. Só foi possível ver um pedaço da sala, então Radu precisou se posicionar melhor. Lá estavam as costas do criado. E, atrás da mesa, despejando cera para lacrar uma carta dobrada, estava o homem.

Halil Paxá.

Ele pressionou um anel contra a cera, então entregou a carta ao criado.

– Faça com que isso seja entregue.

Radu fugiu em disparada de seu esconderijo atrás da porta, voltando para a escada. Sua respiração estava ofegante e acelerada. Ele se escondeu nas sombras e se pôs à espera.

A porta se abriu e, com um movimento apressado e apavorado, Radu se lançou contra o criado, que o agarrou pela camisa, mas não conseguiu se segurar e despencou escada abaixo. Ele bateu a cabeça no chão, ficando com os pés para cima e o corpo imóvel curvado em um ângulo bizarro depois de um baque seco.

Radu esperou um, dois, três intermináveis segundos em que respirou puro medo em vez de ar. Quando viu que o jovem criado não se moveu nem gritou por socorro, correu até onde estava. A carta não estava em suas mãos. Aquilo tudo tinha sido para nada. Radu o matara, e agora...

O peito do garoto se mexeu, e um grunhido baixinho escapou dos lábios dele. Radu agradeceu aos céus e começou a tatear as roupas do criado à procura de... sim! A carta! Ele a enfiou dentro da camisa e desceu correndo, quase tropeçando nos próprios pés. Retomando o fôlego por alguns instantes na base dos degraus, ele se acalmou e voltou para a cozinha caminhando normalmente. Todos os nervos de seu corpo gritavam para que corresse, mas Radu seguiu andando com um passo comedido e uma expressão neutra no rosto antes de enfim sair para o pátio e

escapar pelo portão. Apenas quando voltou ao perímetro do palácio ele começou a correr.

Um andar agressivo e familiar chamou sua atenção. Soltando um suspiro de alívio, Radu mudou de direção e avançou sobre Lada, quase a derrubando no chão.

– O que você está fazendo? – ela perguntou, agarrando-o pelos ombros para que os dois não acabassem caindo.

– Acabei de chegar... tinha alguém nos aposentos de Mehmed, que roubou... Tenho uma carta! – Ele a balançou diante dos olhos de Lada.

Fazendo uma careta de irritação, a menina a arrancou de sua mão e saiu andando. Radu foi atrás, espiando por cima do ombro da irmã.

– Para com isso – ela esbravejou. – É como se você estivesse carregando um cartaz confessando sua culpa!

Radu tentou imitar o jeito como ela andava, olhando apenas para a frente. Quando chegaram ao harém, um eunuco os deixou entrar, e eles voltaram para o quarto de Lada. Era um cômodo com pouca mobília, apenas uma cama e uma cadeira simples, e um banheiro no canto com uma pequena bacia em uma mesa baixa.

– Meu quarto é mais bonito – Radu comentou, com os pensamentos agitados.

– Claro que é. – Lada sentou na cama e pôs a carta ao seu lado. – Huma ama você. Todo mundo ama.

Radu estava ansioso para saber o que havia na carta, para contar a Lada o que tinha feito. Devia ser importante. Precisava ser. Mas... e se não fosse nada? E se ele tivesse atacado alguém por causa de uma carta para um parente distante? Halil Paxá não mencionara em momento nenhum uma tentativa de assassinato. O criado poderia estar indo buscar uma encomenda qualquer.

Morrendo de medo de estar errado, e também de estar certo, Radu decidiu ganhar tempo.

– O que você estava fazendo lá fora?

– Fui visitar Nicolae. Ele não ouviu nada a respeito de um atentado à vida de Mehmed. Ilyas continua comandando os homens como se estivesse tudo normal.

– Mas disseram para a gente não...

Lada ergueu a mão para silenciá-lo.

– Nicolae não vai sair falando por aí. Podemos confiar nele. Apesar de ter ficado surpreso com o atentado, ficou bem menos surpreso quando falei que achava que havia sido um janízaro. A insatisfação se espalhou entre os homens como uma doença. Nicolae ouviu discursos de ódio contra Mehmed entre vários chorbaji... – Ela bufou de raiva ao notar a expressão confusa de Radu. – São os comandantes dos janízaros. Já ouvi conversas entre os soldados comuns, mas para os chorbaji

estarem falando é porque a coisa deve ser séria. Mas Nicolae não sabe quem é o responsável.

Radu segurou a carta, com a mão trêmula.

– Talvez a resposta esteja aqui.

Lada rompeu o lacre e abriu a carta. A tinta estava tão fresca que era possível sentir seu cheiro. Os olhos dele foram direto para a assinatura.

– Halil Paxá. – Lada falou aquele nome como uma maldição. Nem tentou afastar Radu quando ele se inclinou sobre ela para ler. – Ele escreveu para Constantinopla. Garantindo que Mehmed jamais vai voltar as tropas otomanas contra eles.

– Mas ele não pode prometer isso! Mehmed está determinado a... – Radu se interrompeu.

Lada o encarou, percebendo que tudo começava a fazer sentido.

– Ele pode, *sim*, prometer isso. Mehmed não vai poder comandar as tropas otomanas se estiver morto.

Radu ficou de pé.

– Precisamos contar para alguém! Ele vai ser preso e...

– E quem vai prendê-lo? Os janízaros do sultão? Eles odeiam Mehmed. Não sabemos quais deles, nem quantos, nem de que patente, estavam envolvidos no atentado. E quem acreditaria na gente? A carta não diz nada sobre assassinar Mehmed, nem que houve uma tentativa. É uma evidência frágil contra um homem poderoso.

– Precisamos fazer alguma coisa!

Lada fechou a cara.

– Se Murad tivesse voltado, como previsto, nada disso estaria acontecendo!

– Mehmed não vai abrir mão do trono. Ele quer ser sultão agora. Precisamos encontrar outra maneira de ajudá-lo.

Lada dobrou a carta e ficou batendo com o documento na perna, pensativa.

– O que você sacrificaria por poder?

– Quê?

Ela o encarou, com as sobrancelhas franzidas e um olhar intenso.

– Por poder, Halil Paxá mataria Mehmed. Por poder, os janízaros abandonariam seu dever. Todos estão dispostos a sacrificar o sultão. Precisamos descobrir como fazer isso primeiro.

Radu se inclinou para trás, abismado.

– Temos que protegê-lo! Não vou deixar você sacrificar Mehmed! – Ele virou para ir embora, mas Lada o segurou pelo braço. Radu se desvencilhou e virou a fechadura da porta. A irmã o derrubou no chão, cravando os joelhos em suas costas.

– Cala a boca e me escuta! Alguma coisa precisa ser sacrificada. Essa coisa é Mehmed. Sacrificamos o trono agora para que possa sobreviver e retomá-lo mais tarde. Se ele continuar sendo sultão, vai ser morto. Vamos mantê-lo em segurança até que fique mais velho. Mais esperto. Mais forte. Quando puder subir ao trono não como um menino indefeso, mas como a mão do deus que ele tanto ama na Terra.

– Não fale assim dele!

– Vamos perder tudo, Radu. – A voz de Lada soava angustiada, e o menino temeu que, se pudesse enxergar o rosto da irmã, veria que estava chorando.

Aquilo o assustava mais do que tudo: a ideia de que Lada estivesse perdendo as estribeiras. O homem que ela matara e o atentado eram assuntos alheios para ele. Radu não conseguia se relacionar com aquilo de forma genuína. Mas o choro de Lada significava que o fim estava próximo. Se ela não conseguia ser forte, como ele conseguiria?

Lada continuou:

– Ele é nossa única proteção. Você pensa que quero vê-lo em uma situação de impotência? Sem Mehmed no poder, vamos ser condenados à morte pelos crimes do nosso pai.

– Então vamos ajudá-lo! Vamos descobrir como derrotar Halil Paxá!

– Isso seria arriscar demais a vida dele. A próxima tentativa de assassinato pode ser bem-sucedida. – Lada aliviou um pouco a pressão do joelho sobre suas costas. – Nossas vidas foram penhoradas no momento em que aparecemos aqui com nosso pai. Não posso... – Ela se interrompeu, amenizando o tom de voz e enrolando os cabelos em torno de um dedo como costumava fazer quando criança, mas sem a mesma força. – Não *vou* arriscar a vida de Mehmed só para nos favorecer.

– Não adianta. Ele nunca vai abrir mão do trono. – Se Lada o tivesse visto aquele dia nos banhos, a alegria e a determinação que mostrara, ela entenderia. Mehmed era o sultão agora, com o mesmo ardor com que se dedicava a tudo o que fazia. Lada se sentou com as costas apoiadas na porta. Radu se acomodou ao seu lado, ficando ombro a ombro com a irmã. – Se pedirmos para abdicar, se dissermos que não pode mais ser o sultão, Mehmed nunca vai nos perdoar. Vamos perder a amizade e a confiança dele.

– Então vamos derrubá-lo do trono. É isso ou a morte. O trono e o orgulho ou a sobrevivência.

Radu pensou em seu amigo, no fogo que acendia nos seus olhos quando falava do seu destino. Imaginou aquilo tudo sendo arrancado dele da pior maneira possível.

Pensou na chama de Mehmed sendo extinta do mundo para sempre.

Inclinou a cabeça contra a porta pesada de madeira. Aquilo acabaria com Mehmed. Mas também seria sua salvação.

– Como vamos fazer isso?

Lada pôs a mão no local onde estaria o cabo da espada caso estivesse treinando com os janízaros.

– Acho que tive uma ideia.

– Você quer que eu faça o *quê*? – perguntou Huma. Sua voz era de quem ria, mas em seus olhos faiscava a violência.

– Provoque uma rebelião dos janízaros.

– Por que eu faria isso? O caos tomaria conta da cidade.

– Exatamente. – Lada mantinha uma postura impecável e falava com toda a tranquilidade. Radu sabia que aquilo exigia um grande esforço, pela maneira como os pés dela, apenas parcialmente escondidos sob a saia, balançavam. – Eles já estão inclinados à revolta. Se você puder subornar alguém para incitar a rebelião, os soldados vão segui-lo. Quando Mehmed procurar você para saber como lidar com a situação, diga para aumentar os salários.

Huma franziu a testa.

– Conheço o comandante dos janízaros, Kazanci Dogan. Ele faria isso. Mas é um precedente perigoso. O dinheiro dos impostos é recolhido de gente muito rica e importante. Esse pessoal não vai ficar nada contente se Mehmed ceder às exigências dos janízaros, em vez de colocá-los em seu devido lugar.

– Se tivermos vizires, paxás, beis e vális insatisfeitos pressionando Mehmed para abdicar do trono, ele vai ser obrigado a escutar.

A mão elegante de Huma cortou o ar diante deles.

– Não. Vou pensar em outra maneira. Não quero Murad de volta. Isso só está acontecendo porque os janízaros têm uma opção. Se Murad estivesse morto, eles seriam obrigados a aceitar Mehmed. – Ela levantou e começou a andar de um lado para o outro. – Com Murad morto, eu poderia ser declarada regente até que Mehmed tivesse idade para assumir. E teria apoio. Acho que consigo trazer Kazanci Dogan para meu lado, mas Halil Paxá... – A sultana-mãe se sentou com um gesto pesado, abandonando a elegância habitual. – Não. Ele nunca me apoiaria. Se alguma coisa acontecesse com Murad, Halil Paxá daria um jeito de ser nomeado regente. E, quando ele subisse ao trono, estaríamos todos mortos.

– Precisamos de Murad – Lada argumentou enfaticamente. – Se ele não voltar, Mehmed vai ser morto.

– Não! Com o tempo, todo mundo vai ver que ele tem tudo para ser um bom sultão.

Radu entregou a carta, que parecia mais pesada do que o pergaminho que continha a mensagem.

– Não temos tempo.

Enquanto lia, Huma contorceu a boca para baixo. Rugas apareceram entre seus olhos.

– Constantinopla. Essa maldita cidade.

– Está no centro de tudo – afirmou Lada. – Os janízaros não querem ir até lá lutar, e temem que Mehmed queira levá-los até as muralhas da cidade. Halil Paxá obviamente está em contato com Constantinopla, que tem bons motivos para querer a morte do sultão. E o próprio Mehmed não esconde seus objetivos de ninguém, então seria impossível convencer seus inimigos a poupá-lo.

– Deve haver outra maneira – Huma sussurrou. – Trabalhei muito para colocá-lo nessa posição.

– A questão aqui não é você – esbravejou Lada.

O rosto de Huma se enrijeceu. Radu se inclinou para a frente, aflito. Ele precisava convencê-la.

– Um filho destronado tem mais valor que um filho morto. Vamos mantê-lo a salvo por enquanto, para ele poder governar de verdade quando retomar o trono. E acompanhado de você, a mais poderosa sultana-mãe que o Império já viu.

Pelo que pareceu uma eternidade, Huma permaneceu imóvel. E então o atordoamento abandonou seu rosto. Suas pálpebras baixaram, deixando a resignação tomar conta.

– Muito bem. Vou pôr o plano em andamento. Saiam.

O alívio tomou conta de Radu. Ele e Lada levantaram para se retirar.

O tom de voz de Huma retomou o tom sugestivo e provocador de sempre.

– Vocês dois fazem muito bem ao meu filho.

Radu abriu um sorriso. Eles haviam tomado a decisão certa. Mas então Huma complementou:

– Mas também fazem mal, muito mal. Rezem para que ele nunca descubra o que aconteceu hoje.

Duas semanas depois, Lada e Radu cavalgavam ao lado de Mehmed atrás da carruagem, passando pelos destroços das construções queimadas na rebelião. Saindo de Edirne. Rumo a Amásia.

Sempre juntos, eles observaram a mudança da paisagem para a zona rural, deixando para trás todos os sonhos de Mehmed.

Murad estava de volta ao trono. Radu e Lada não o viram nem mencionaram seu nome, apavorados demais até para cochichar a respeito do homem que poderia se

lembrar a qualquer momento da promessa que Vlad fizera. Só queriam desaparecer no anonimato e torcer para que ninguém se desse conta de que deveriam estar mortos.

Radu e Lada permaneceram ao lado de seu único amigo. Radu estava aliviado por estar livre de tanta pressão. Pelo menos voltariam a Amásia. Tinham sido felizes por lá. Talvez pudessem ser de novo.

Mas ambos permaneciam em silêncio, compartilhando o grande segredo de sua fuga, a verdade que Mehmed jamais conheceria. Um segredo mais profundo e misterioso do que a lagoa no meio das árvores. Lada apertou com força a mão do irmão, um toque tão doloroso quanto o novo vínculo que os unia.

Eles haviam traído Mehmed.

1451: Amásia, Império Otomano

LADA BERROU, MAS SUA VOZ foi levada pelo vento que soprava com força às suas costas. Ela incitou ainda mais o cavalo. Seu alvo estava próximo, quase ao alcance, mas eles estavam chegando perto do bosque, e ela ia perdê-lo de vista assim que adentrasse as árvores. Aquilo não podia acontecer.

Com uma última arrancada, conseguiu ficar a um braço de distância da outra montaria. Lada lançou a perna para fora da sela, equilibrando-se em sua lateral. Com um grito de guerra, arremessou-se do cavalo e voou para cima de Radu.

Ele deu um grito de susto. Lada procurava desesperadamente por um local para apoiar os pés. Agarrada ao manto dele para não cair, impulsionou o corpo para cima da sela e segurou as rédeas. Desequilibrado, o cavalo deu uma guinada brusca para o lado e parou de forma tão repentina que os irmãos foram ao chão.

– O que você está fazendo? – gritou Radu, empurrando Lada. Ela deitou de costas no chão, observando o céu azul.

Aos risos.

– Você perdeu o pouco juízo que tinha? Poderíamos ter morrido.

Ainda sem fôlego de tanto rir, Lada deu um tapinha de brincadeira no rosto de Radu.

– Mas eu venci.

– Você... – Ele bateu com o dedo indicador no braço dela. – Você... – Finalmente conseguindo se controlar, ele sacudiu a cabeça e sorriu. – Você trapaceou.

– Não existe essa história de trapacear. Ou você perde ou ganha. Eu venci.

– E se nós dois tivéssemos morrido?

– Desde que você morresse primeiro, eu ainda teria vencido.

Soltando um suspiro parecido com uma risada, Radu correu até seu cavalo, que estava parado ali perto, ainda com os olhos arregalados de medo. Ele falou com o animal em um tom de voz baixo e tranquilizador, acariciando o focinho aveludado. Lada olhou ao redor à procura de sua montaria. Também estava ali perto, entre as folhas das árvores, olhando para eles.

Provavelmente se escondendo dela, porque era esperto.

Radu acalmou os dois cavalos e os pegou pelas rédeas, estendendo uma das mãos para Lada. Ela teve o sobressalto habitual ao notar que a mão dele estava maior que a sua. Se ficasse na ponta dos pés, bateria no máximo no queixo do irmão. Em algum momento naqueles dois anos, Radu se transformara em um homem. Estava crescendo depressa e ficando forte, perdendo o formato arredondado do rosto e dando lugar a um maxilar firme e bem formado. Sem as feições de garotinho para contrabalancear os olhos grandes, eles se tornavam arrebatadores, emoldurados por cílios compridos e sobrancelhas grossas. Radu usava os cachos compridos e indolentes amarrados na nuca.

– Argh – ela resmungou, puxando o cabelo dele. – Você é tão bonitinho. Como uma borboleta delicada sob a sola da minha bota.

– Argh – ele retrucou, puxando um dos cachos da irmã, que eram espessos e crespos. – Você é tão louca. Como um cão raivoso que precisa ser sacrificado.

A cavalgada de volta para a fortaleza foi tranquila, margeando um dos lados do rio. Quando passaram pela cidade, vários lojistas e comerciantes acenaram para Radu, que parou para perguntar sobre as crianças, as plantações e vários outros assuntos banais que Lada considerava entediantes. Ninguém a cumprimentava ou ao menos notava sua presença.

Sem Radu, ela já teria enlouquecido ali. Nos dois anos desde que tinham saído de Edirne, parte da distância entre os dois diminuía. Fora o sangue, eles compartilhavam segredos suficientes para saber que, além de um ao outro, não tinham mais ninguém.

O que não era pouco.

Mehmed era o complemento de seu vínculo, e os considerava seus amigos mais fiéis e únicos aliados. A culpa por saber que aquilo não era bem verdade tornava Lada menos rude, amenizava a raiva que guardara por tanto tempo.

Eles estavam seguros ali. O que não era pouco.

Mas os seis meses anteriores haviam sido os mais tediosos da vida de Lada. Com mais uma guerra em andamento contra Hunyadi, todo mundo com alguma importância na cidade tinha ido embora. Até mesmo Mehmed fora convocado.

Alguém gritara seu nome, fazendo-a ter um sobressalto e obrigar seu cavalo a parar às pressas. Quando virou, ela viu Nicolae cavalgando em sua direção, com o sorriso fácil habitual no rosto, apesar da cicatriz enorme que ia da testa até a bochecha esquerda, passando pelo nariz.

– Sentiu minha falta?

Ela fez uma careta e bateu com o dedo no queixo.

– Você estava fora? Nem percebi.

– Você chorou todos os dias antes de dormir.

– Aproveitei o silêncio abençoado que sua ausência provocou.

Ele deu um tapinha em seu ombro, ainda sorrindo, até que ela retribuísse o gesto. Na verdade, Lada estava felicíssima.

– Me conta tudo. Inclusive como isso aconteceu. – Ela apontou com o queixo para a cicatriz.

– Isso? Ah, meu lindo rosto. Não é uma tragédia?

– Você deveria ficar contente. Pela primeira vez na vida tem duas sobrancelhas, e não uma só.

Nicolae jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada que reverberou por toda a praça.

– Minha menina-dragão, sempre vendo o lado bom da vida. Venha. Vamos beber.

Radu foi até eles, emparelhando seu cavalo com o de Nicolae, esquadrinhando a rua com os olhos, com a postura tensa e os pés apoiados no estribo, como se ficando de pé sobre a cela fosse capaz de fazer seu desejo se materializar.

– Está todo mundo de volta?

Lada e Nicolae trocaram olhares. Ela forçou uma expressão de irritação, mas na verdade estava desesperada para chegar logo à cidade e ver Mehmed. Onde ele estava? Estava bem? Tinha se ferido também?

Nicolae tentou dar um tapinha na cabeça de Radu, mas não conseguia alcançá-lo com a mesma facilidade de antes.

– Mehmed parou em Edirne. Não sei quando seu dono vai voltar, cachorrinho. Me diga, Lada, você conseguiu adestrá-lo enquanto Mehmed estava fora?

– Infelizmente, todas as tentativas falharam. Ele ainda molha a cama à noite, com xixi e lágrimas.

– Que bom saber que você voltou vivo, Nicolae – Radu comentou com um tom seco como as folhas daquele outono excepcionalmente quente. Ele fez um aceno e se afastou, deixando Lada e Nicolae a sós. Por mais que não quisesse admitir, fora embora para não ser obrigado a acompanhá-los no que fariam a seguir, e também para esconder o fato de que estava se preparando para o ramadã. Como se Lada não soubesse...

Ela e Nicolae se acomodaram nos fundos de uma lojinha que os janízaros costumavam frequentar bastante porque, com uma moedinha extra, o dono acabava se esquecendo da proibição de servir bebidas alcoólicas. Lada esperou inúmeras histórias, inclusive sobre a fuga inglória de Hunyadi, antes de enfim tocar no assunto que mais lhe interessava.

– Como Mehmed se saiu? – ela perguntou, com uma inocência fingida. Eles tinham passado muito tempo estudando táticas, revisando batalhas antigas, compilando informações sobre as diferentes ameaças ao Império Otomano. Depois

da humilhante queda do trono, Mehmed estava determinado a não fracassar outra vez.

E, depois de sua traição, e da traição de seu pai, Lada havia feito de tudo para ajudá-lo.

– O pequeno zelote surpreendeu todo mundo. – Nicolae ergueu o copo, a bochecha se deformando no local onde ficava a cicatriz ao sorrir. – O flanco direito, sob o comando dele, foi o que sofreu menos baixas. Ele sabia o que fazer, e fazia direito. Melhor que nosso pai, o sultão.

Lada escondeu seu sorriso traiçoeiro atrás da caneca pesada.

– Cuidado, Nicolae. Isso quase pareceu um elogio.

– *Ele* nunca vai ser chamado de pai, mas pode acabar sendo um sultão razoável. Até provocar a morte de todo mundo nas muralhas de Constantinopla.

Aliviada e animada com a notícia do triunfo de Mehmed, Lada relaxou na cadeira e ficou ouvindo as histórias de Nicolae sobre a guerra e os relatos exagerados de caos, violência e heroísmo pessoal. A eles se juntaram vários outros janízaros que não eram devotos e adoravam beber, cada qual se ajeitando em seu cantinho escuro. Em pouco tempo o local estava lotado, e todos embriagados pela bebida e pelo cansaço da viagem.

– Mas você não me contou como foi que finalmente ganhou duas sobrancelhas – ela falou, depois de uma encenação cômica retratando os esforços de Nicolae para arrancar a espada das costelas teimosas de um húngaro antes de ser atacado por um transilvano enlouquecido.

– Ah, isso. Foi um desentendimento com a costureira do acampamento. – Nicolae apontou para a própria virilha. – Ela sempre precisava fazer ajustes na farda por conta da minha virilidade impressionante, e no fim acabou se irritando com a quantidade de trabalho extra que isso exigia. A tesoura dela era bem afiada.

O recinto inteiro caiu na risada. Lada revirou os olhos, contente por estar escuro o suficiente para que ninguém visse que estava vermelha. Ela costumava evitar aquele tipo de conversa com os homens, por não querer encorajá-los, mas sentira falta demais deles para se deixar abalar por uma piadinha de mau gosto. Lada soltou um risinho de deboche.

– Acho mais fácil que ela tenha confundido sua virilidade com a agulha de costura.

Ela arrancou risadas ainda mais altas, acompanhadas de aplausos e tapinhas no ombro. Então se recostou, espreguiçando-se e dominando o espaço ao seu redor como os homens faziam, antes de se voltar com um sorriso para seu amigo.

– Posso mostrar se você quiser. – Nicolae escancarou os braços. – Você costuma sofrer desmaios?

– Minha visão é meio ruim. Ia precisar de uma lente de aumento para conseguir ver uma coisa tão pequena.

Vários soldados começaram a esmurrar as mesas e um caiu da cadeira, ou porque estava bêbado ou de tanto rir. Ivan, que detestara Lada desde o dia em que ela o derrotara, se inclinou para a frente.

– Mas certas coisas aqui não têm nada de pequenas. – Ele estendeu a mão e agarrou o seio esquerdo de Lada, apertando com força.

Antes que ela pudesse reagir, Nicolae segurou Ivan, bateu a cabeça dele contra a mesa e o jogou no chão. Apertando o rosto do companheiro no piso duro de terra batida, Nicolae rugiu:

– Lada é uma de nós. Ninguém aqui pode tratá-la assim. Entendido?

Ivan grunhiu seu consentimento. Nicolae voltou a sentar, com um sorriso de volta ao rosto, mas um silêncio pesado se abateu sobre o lugar. Aquilo nunca havia acontecido antes, mas Lada agora achava que era só por causa de Nicolae. Desde quando ele vinha evitando que algo do tipo ocorresse? O que os homens falavam pelas costas dela? O fato de Nicolae precisar defendê-la mostrava justamente que Lada não era um deles. Aquilo – a consciência de que ela jamais seria uma igual – fez com que sua última refeição ameaçasse voltar por onde tinha entrado. Sempre haveria uma barreira.

O olhar de Ivan ao se levantar era uma promessa de novos atos de violência no futuro.

Lada o encarou sem piscar.

RADU ESTAVA À espera, ofegante de excitação ao observar a caravana se aproximando. Havia uma carruagem luxuosa no centro, acompanhada de vinte janízaros e alguns eunucos montados, o que causava estranhamento. No entanto, a presença dos eunucos se tornou justificável quando a carruagem se abriu e revelou um membro diferente da família do sultão daquele que Radu esperava encontrar.

Huma desceu, o desgosto estampado no rosto ao observar Amásia, uma cidade acorada na montanha, com um rio correndo mais abaixo. O fato de vê-la depois de dois anos, ciente do que acontecera na última vez em que haviam se encontrado, encheu Radu de temor.

– Radu! Como você cresceu. – Ela estendeu os braços e ele segurou suas mãos, sem saber como saudá-la.

– Você está bonita.

Huma soltou uma risada grave e inquietante, como uma nuvem de fumaça.

– As aparências enganam. Ele não está comigo, então pode parar de olhar por cima do meu ombro.

Radu abriu um sorriso falso.

– O que a traz a Amásia, se não veio para acompanhar o retorno de Mehmed? – Na verdade, ele estava ansioso para perguntar quando o filho dela voltaria e qual era o motivo da demora. Mas lhe pareceu importante manter a calma.

– Estou aqui para resolver assuntos de família.

– Mas... Mehmed ainda está em Edirne? Que assuntos de família você tem sem ele aqui?

Huma observou seu rosto por alguns instantes antes de dar risada outra vez.

– Você sabe tudo sobre a vida do meu filho, não é mesmo? Menino lindo. – Ela deu um tapinha no rosto dele, com a mão seca e macia. – Venha, me leve lá para dentro. Vamos pôr a conversa em dia. Chame sua charmosa irmã para reunir nosso grupinho animado.

– Ela deve estar com os janízaros. Desde que voltaram, quase não a vejo.

Huma soltou um grunhido, mas não disse nada. Depois que a sultana-mãe se instalou nos aposentos mais confortáveis da fortaleza, Radu saiu para procurar Lada. Ele poderia ter mandado alguém em seu lugar, mas não queria ficar sozinho com Huma. O segredo que ele e a irmã compartilhavam era um fardo, mas também um vínculo. Com Huma por lá, parecia mais uma ameaça.

Os janízaros que chegaram com Huma estavam descarregando a bagagem.

– Pode me dizer onde ficam os alojamentos? – um deles perguntou.

– Estou indo para lá agora. Podem vir comigo. – Ele virou para fazer um gesto para o soldado, então ficou paralisado, tentando se lembrar de onde o conhecia. Seu rosto era redondo, com lábios grossos e dentes separados, sugerindo uma robustez que não combinava com a constituição magra e os membros estreitos. Parecia bem mais jovem do que Radu lembrava, agora que ambos tinham o mesmo tamanho. – Lazar!

O homem sorriu, confuso.

– A gente se conhece?

– Estou procurando você desde que chegamos aqui! Não acredito! – Radu o segurou pelos ombros, e enfim surgiu no rosto do janízaro o reconhecimento. Ele abriu o sorriso que tanto conforto proporcionara a Radu alguns anos antes.

– O garotinho dos estábulos? Será possível?

– O que você está fazendo aqui?

– Fui transferido para o comando de Ilyas. Todos nós fomos.

– Que bom! Que alegria ver você. De verdade. – Radu não conseguia tirar os olhos de Lazar, sem acreditar que o amigo havia tanto tempo perdido estava de volta. Era algo que aplacava a decepção de ter suas esperanças de retorno de Mehmed repetidamente frustradas.

– Minha presença em geral não causa tanta alegria. Vou tentar desaparecer da sua vida por mais alguns anos para surpreender você de novo de vez em quando. – Lazar pôs o braço sobre os ombros de Radu, e eles caminharam juntos até os alojamentos.

O janízaro precisava se instalar, então eles se despediram, mas com uma promessa de que se veriam com frequência. Cantarolando de felicidade, Radu foi ao encontro de Lada. Seu bom humor se alterou um pouco quando se lembrou do motivo por que a estava procurando.

– Huma está aqui – ele disse, indo direto ao ponto.

Lada fez uma careta, baixando a espada que estava afiando.

– E Mehmed?

– Não. Ela quer falar com a gente.

– Não quero falar com ela.

– Lada – Radu falou, e sua irmã baixou a cabeça, resignada. Ela sabia, como ele, que Huma sempre teria o que quisesse dos dois.

Quando os irmãos entraram na sala de visitas, Huma estava com as mãos enterradas em uma peça de tecido ricamente bordada. Ela ergueu os olhos e abriu um sorriso.

– Lada, minha querida. Você tem linha?

Radu não entendeu o motivo da risada ácida e quase histérica que saiu da boca da irmã.

– Não – ela falou, sacudindo a cabeça. – Não tenho linha. De nenhum tipo.

Huma ergueu uma sobrancelha para Lada, e em seguida a encarou como se fosse uma sujeira caída no chão.

– Vejo que ainda não abandonou sua vontade de ser homem.

– Não tenho vontade de ser homem – esbravejou Lada, voltando a si.

– Mas está de calça e treina com os janízaros.

– Sim, caso contrário estaria nesta sala sentada com você, invisível, costurando e envelhecendo. Que estranho escolher outra coisa para mim.

Huma estalou a língua.

– Ser mulher proporciona um grande poder. Você está arruinando suas oportunidades. Posso fazer muita coisa por você, caso permita.

Lada virou para ir embora, mas Huma limpou a garganta e deu um tapinha no lugar ao seu lado. Com a cara fechada, Lada se encostou na parede, encarando-a com os olhos semicerrados.

– Sobre o que quer falar, Huma? – questionou Radu. Quanto mais tempo se passava sem ele saber o motivo de terem sido chamados, mais nervoso ficava. Por que Mehmed ainda não havia voltado? Acontecera alguma coisa em Edirne? Huma estava lá para contar que sua trama tinha sido descoberta e que Mehmed agora os odiava?

Radu uniu as mãos, as juntas pálidas com a força que fazia.

Huma o ignorou, mexendo nas tramas coloridas do bordado.

– Me diga uma coisa, você já ouviu falar de Teodora de Bizâncio?

Lada inclinou a cabeça para trás, estreitando os olhos, irritada.

– Ela também borda?

– Na verdade, era uma prostituta.

Radu se sentou em um banco perto de Huma, confuso, mas intrigado. Aquilo não parecia uma forma de começar a dizer que Mehmed os queria mortos por tirá-lo do trono.

– Teodora viveu quase mil anos atrás em Bizâncio, quando ainda era Bizâncio, e não uma única cidade triste se agarrando à própria sobrevivência atrás de suas muralhas. O pai dela era um adestrador de ursos, e a mãe, uma atriz. – Huma falou a palavra “atriz” com um sorrisinho malicioso que implicava todos os outros trabalhos que uma mulher daquele tipo precisava realizar. – Teodora seguiu os passos dela e se tornou muito bem-sucedida em tudo o que fazia. Existem histórias bem interessantes sobre sua juventude. Mas essas vou pular, porque não são apropriadas quando estamos entre homens e mulheres. – Ela lançou um olhar para

Radu, que virou para o outro lado, tentando não ficar vermelho. Por que ela pensaria que podia contar essas histórias para Lada e não para ele era um mistério.

– Por que está nos contando isso? – Lada questionou com um tom de voz entediado.

– Estou fazendo um favor para você. Se comporte. Depois de muitos anos, Teodora acabou aceitando a cristandade e passou a viver uma vida honesta e simples, tecendo lã perto do palácio. Foi onde ela conheceu Justiniano. O *imperador* Justiniano. Talvez tenha sido a inteligência dela que o atraiu, ou as origens humildes, ou... a experiência. Seja como for, ele se apaixonou por Teodora. Ignorou a lei que o impedia de se casar com uma atriz, e ela foi coroada imperatriz. Não a consorte do imperador, vejam bem. Uma imperatriz com todos os poderes, em parceria com o marido. Imagine só. – Huma fez uma pausa, e seu olhar se tornou mais suave e distante. Logo em seguida, ela voltou a si. – Teodora passou de um divertimento para os homens no palco e nos bastidores a governante de Bizâncio. Reprimiu uma rebelião quando o marido precisou fugir, aprimorou as leis para todas as mulheres sob seu governo e ajudou a construir a catedral mais linda do mundo, a de Santa Sofia, que está de pé em Constantinopla até hoje como um testemunho daquilo que ela e o marido conseguiram realizar juntos. – Huma se inclinou para a frente. – Ela nunca empunhou uma espada, mas trinta mil traidores morreram por ordem sua. Fora uma prostituta que se curvara diante de qualquer homem com uma moeda na mão, mas se tornou uma mulher que não se curvava diante de ninguém. E você acha que ela usava calça?

– Mesmo assim precisou de um homem – disse Lada, estreitando os olhos.

Huma mostrou os dentes de um modo predatório que poderia passar por um sorriso.

– Você entendeu muito bem a história. – Ela deu uma tossida seca e estridente, então ficou em silêncio.

– Quer beber alguma coisa? – ofereceu Radu.

Huma fez que não.

– Entendo a sua posição melhor do que você imagina – ela disse para Lada. – Mas você está prendendo Mehmed. Decida de uma vez, Lada. Se não quer casar com meu filho, diga isso e o libere de uma vez.

Lada ficou de pé em um pulo, espumando de raiva.

– Não estou prendendo Mehmed!

Radu tampouco conseguia acreditar no que estava ouvindo.

– Ninguém nunca falou em casamento!

Ele olhou para Lada em busca de confirmação. Os três compartilhavam tudo, e sempre seria assim. Não haveria nenhuma história de amor entre Lada e Mehmed sem que Radu soubesse. Não, ele saberia. E Radu e Mehmed compartilhavam um

vínculo de irmandade pela fé, o que o tornava mais próximo de Mehmed do que Lada.

Huma sacudiu a cabeça.

– Mehmed queria voltar imediatamente para Amásia. Eu o convenci a ficar em Edirne para cultivar certas relações, construir uma base de poder. Pouca coisa mudou desde que ele foi embora. Não tenho nada, nem a estima do meu marido – ela cuspiu aquela última palavra como um figo podre –, nem a promessa de que meu filho vai conseguir assumir o trono que me esforcei para conseguir. Mehmed deveria pensar em desfrutar de seu sucesso contra Hunyadi, não em seu retorno para este fim de mundo. Mas ele vive tão contente na companhia de seus queridos e *fiéis* amigos que está se desviando daquilo que realmente importa. Então vou dizer mais uma vez: libere meu filho.

Era possível sentir a frieza saindo da boca de Lada, na forma de palavras que escondiam uma fúria gelada.

– Você vai me desculpar, mas não estou entendendo. A liberdade é um tema que não conheço muito bem.

– Isso é um absurdo. – Radu ergueu as mãos, tentando não soar impertinente. – Mehmed passou todo esse tempo estudando, se preparando para governar. Jamais íamos querer atrapalhar isso. Sabe que faríamos *de tudo* para proteger seu filho.

– Ah, sim, eu sei. Mas ele não. E, se eu desconfiasse que vocês estão atrapalhando meus planos, não pensaria duas vezes antes de dar um jeito nos dois.

Radu sentiu seu sangue gelar. Huma poderia mandar matá-los. Ou pior: poderia contar a Mehmed a verdade sobre como caíra do trono. Eles poderiam perdê-lo para sempre. Radu não conseguia imaginar uma vida sem Mehmed.

Não, o problema não era aquele. O problema era que Radu podia muito bem imaginar uma vida sem Mehmed. Era a mesma vida que ele tivera na infância, e ele jamais ia querer voltar para aquela solidão, ainda que Lada tivesse o mesmo destino.

Huma ficou de pé, deixando seu bordado cair no chão.

– Tenho outros assuntos para tratar. Não se esqueçam do que conversamos. – Quando saiu, ela pisou em cima do tecido, como se todas as centenas de hora que dedicara ao bordado não significassem nada.

DUAS SEMANAS DEPOIS da breve e dolorosa visita de Huma, que já havia retornado à capital, e um mês depois da volta dos janízaros sem Mehmed, Lada mais uma vez inventou uma desculpa para não se juntar ao contingente de Nicolae para treinar. Tudo estava diferente agora. Antes, ela queria muito provar que era mais rápida, mais esperta, mais implacável. Mas, depois do ataque traiçoeiro de Ivan e da postura protetora de Nicolae, ela sabia que nada daquilo fazia diferença. Nunca seria a melhor entre os janízaros, porque nunca seria um deles. Nunca poderia ser forte por si só, porque sempre seria uma mulher.

Ela pensou que o retorno dos soldados fosse assinalar o fim da melancolia e da falta de propósito que a tinham atormentado durante a ausência de Mehmed por seis meses, mas no fim tudo só piorou. Até mesmo Radu andava triste e mal-humorado, com medo de que Mehmed jamais voltasse, com medo do que Huma poderia dizer para mantê-lo à distância.

Sob o sol inclemente, Lada se despiu até ficar apenas com as roupas de baixo. Ela havia adquirido o hábito de usar túnicas compridas, amarradas com uma faixa, e uma calça curta e folgada por baixo. Huma não aprovava, mas, caso aquilo escandalizasse alguém na fortaleza e no vilarejo, ninguém se importava ou ousava dizer. Ela também tinha novos braceletes, onde escondia suas adagas. Por fim, soltou a echarpe branca que prendia seus cabelos emaranhados e cheios de nós e a arrancou do pescoço. Ficou olhando para ela, imaginando se sempre escolhia o branco por causa do quepe dos janízaros.

Mas nada a faria parecer um deles.

Com um suspiro, Lada entrou na lagoa secreta, escondida entre as rochas e as árvores. Era profunda e esverdeada, tão gelada que a deixou sem fôlego e com as pontas dos dedos dos pés dormentes.

Ainda era um segredo glorioso, um local que só pertencia aos três. Quando voltaram a Amásia, Mehmed estava triste, frustrado. Não queria ter deixado o trono. Lada e Radu dedicaram todos os seus esforços para distraí-lo. Eles inventaram um jogo no qual fugiam dos guardas e se refugiavam na lagoa. Era aquele seu refúgio quando mais precisavam de um. Mas, na ausência de Mehmed, Radu não queria mais ir até lá. Lada tampouco frequentava mais a lagoa, com medo do que sentiria em meio ao silêncio e à solidão.

Até aquele dia. A qualquer parte que fosse, por mais que estivesse cercada de gente, sabia que estava sozinha. Então podia muito bem ficar sozinha em um lugar tão bonito.

Ela fechou os olhos e ficou boiando de costas, com apenas o rosto fora d'água, sob o sol brilhante e quente em contraste com a água gelada. Seus seios apareciam sob a camisa larga, o que ela achou ao mesmo tempo interessante e perturbador. Apesar de não ter crescido muito em estatura, assumindo uma forma mais robusta em vez de uma silhueta alta, seus seios eram macios e bem formados. Ela havia sido forçada a fazer ajustes em seu arremesso de facas e em sua lida com o arco e flecha, que sempre fora sua pior habilidade, para contornar as mudanças corporais. Agora eles estavam ali, balançando sutilmente sob a água, inevitáveis.

Havia algo de claustrofóbico neles.

Os mamilos também pareciam ter vida própria. Às vezes ficavam planos e discretos; em outros momentos, duros e empinados. Ela desconfiava que naquele instante aquilo ocorresse devido ao frio, mas o mesmo já havia acontecido inúmeras vezes. A ama sabia como explicar tudo para ela.

Ou Huma. Mas Lada preferia arrancar os seios a fazer perguntas a ela sobre seu corpo.

Às vezes Lada ficava pensando em como seria ter uma mãe. Ela sabia como orientá-la em seu primeiro e traumático sangramento, garantindo que não estava morrendo? Ajudaria a esconder as evidências por mais tempo do que Lada fora capaz?

Não. Sua mãe teria fugido apavorada, ou pedido para a ama cuidar de tudo.

Lada afundou o rosto na água. Uma mãe. Uma ama. Até mesmo uma amiga. Talvez, se houvesse mais mulheres em sua vida, ela não ficasse tão ultrajada com as exigências físicas e sociais de ser uma.

Pensou nos bordados. No peso das camadas de vestidos, no incômodo dos sapatos. Nos olhares evasivos e nos sorrisos ensaiados. De sua mãe. De Huma, de Halima e de Mara. Todas as formas de ser esposa, todas as formas de ser mulher.

Não, ter mais mulheres em sua vida não mudaria nada.

E ela ainda podia aprender a atirar melhor com o arco, apesar dos seios. Lada os pegou com as mãos e apertou até doerem, tentando entender o que Ivan queria com aquilo. Seria possível que aqueles montes de carne exercessem alguma atração? Ela deu um berro quando sentiu um corpo cair quase em cima do seu, afundando-a na água. Ela logo voltou à tona, engasgada.

E deu de cara com o rosto sorridente de Mehmed a poucos centímetros do seu.

A raiva de ter tomado um susto se dissipou, lavada pela água que escorria por seu rosto e seus cabelos. Ele parecia diferente. Havia amadurecido nos meses que passara fora. Enquanto as mudanças que surgiam no rosto de Radu o deixavam

ainda mais bonito, Mehmed só parecia mais sério. Mais distante. Menos o menino chorão que conhecera perto da fonte e mais o sultão que em breve seria.

Mas naquele momento, tão próximo dela, a dureza das feições dele se desmanchou em uma expressão de familiaridade quando Mehmed abriu um sorriso que não mudara nada desde que era garotinho. Os lábios dele eram macios, grossos e acolhedores, mas os olhos eram pura astúcia.

Era daqueles lábios que Lada não conseguia desviar o olhar.

– Sentiu minha falta? – ele provocou.

Sua sinceridade a traiu, fazendo com que um suspiro escapasse de sua boca antes que pudesse se dar conta.

– Senti.

Ele levou as mãos à sua cintura, como havia feito tantas vezes no verão anterior, para mergulhá-la na água, empurrá-la de brincadeira. Mas daquela vez as deixou lá. Era possível sentir o calor do corpo dele sob as roupas finas. A voz de Mehmed estava mais rouca e grave do que antes:

– Eu também senti a sua.

Mehmed a puxou para mais perto, e Lada se sentiu em guerra consigo mesma. Seu primeiro instinto foi empurrá-lo para longe, afastá-lo com um comentário ácido e sarcástico, encontrar alguma coisa, *qualquer coisa*, para fazer com as mãos, que flutuavam inutilmente nas laterais do corpo.

As palavras de Huma ecoaram em sua cabeça. *Libere meu filho*. Ela realmente estava prendendo Mehmed?

Era aquilo que queria?

Reconhecendo seu desespero, mas ignorando o medo e a indecisão que reverberavam por seu corpo como um choque de espadas, Lada ergueu as mãos e agarrou Mehmed pela nuca, brincando com os cabelos dele. E então seus lábios, que até então só haviam sido usados para despejar veneno, encontraram os dele e foram batizados com um fogo doce, renascendo como uma parte nova e indomável de seu corpo. A boca dele reagiu à sua, afastando os lábios, batendo os dentes no seu, encostando a língua à sua.

Era como se ela estivesse lutando.

Como se estivesse caindo.

Como se estivesse morrendo.

– Mehmed? – Radu gritou, e a voz dele soou abafada e indistinta, como se a cabeça de Lada ainda estivesse dentro d'água. Ela e Mehmed interromperam o combate boca a boca, e Lada percebeu que suas pernas envolviam a cintura dele, que as mãos de Mehmed seguravam a parte posterior de sua coxa, que seus peitos estavam colados.

Ela o afastou com um empurrão, mergulhando na água e nadando para o lado oposto no momento em que Radu surgiu no meio das árvores e mergulhou na lagoa entre os dois. Ele surgiu na superfície, a água escorrendo dos cabelos iluminados pela luz do sol. Seu riso era de pura alegria. O de Mehmed, nem tanto. O olhar dele estava cravado em Lada, com as sobrancelhas erguidas em um sinal de questionamento ou promessa – era impossível determinar.

– Mehmed está de volta! – Radu gritou.

– Acho que ela percebeu – disse Mehmed.

– Lada. – Radu nadou até ela e bateu em seu ombro em um gesto brincalhão. – A água não está tão fria. Por que está tremendo?

Ela enfim tirou os olhos de Mehmed.

– Por nada.

RADU CAIU NA risada, ofegante, e largou a espada de madeira.

– Para mim já deu.

Um sorriso apareceu no rosto suado de Lazar.

– Você ficou bom nisso. – Ele ajeitou o quepe com a aba comprida de tecido branco, que deixava algumas mechas de cabelo escuro aparecerem.

Lazar era uma das melhores coisas na vida de Radu, superado apenas pela volta de Mehmed no mês anterior. Por sugestão de Mehmed, Radu vinha treinando com os janízaros fazia cerca de dois anos, e um rosto familiar entre os soldados tornava a obrigação mais agradável. Lazar sempre se oferecia quando Radu aparecia nos alojamentos buscando um parceiro de treino. Rápido com a espada e de sorriso fácil, continuava o mesmo da época de Tirgoviste. A diferença de dez anos de idade entre os dois parecia maior quando Radu era pequeno.

Lazar pôs a espada que estava usando ao lado da de Radu.

– Em pouco tempo você vai ser melhor que sua irmã.

Radu se encostou na parede, sacudindo a cabeça.

– Se ela escutar isso, vai querer passar ainda mais tempo treinando. E eu já quase nunca a vejo.

Lazar ergueu uma sobrancelha preta.

– Isso é ruim?

– Ela é minha irmã.

– Pois é, coitado de você.

Radu deu risada e foi até onde havia um balde d'água, levando um pouco à boca e pondo a mão molhada na nuca. Lazar se aproximou, roçando o ombro no de Radu, e apanhou o balde. Em seguida, arrancou o quepe e despejou todo o conteúdo sobre a cabeça.

Radu se afastou com um pulo, mas a lateral de seu corpo ficou toda molhada.

– Seu cão esbanjador!

Sem tirar o sorriso do rosto, Lazar assumiu uma expressão mais maliciosa e escondeu o balde atrás das costas.

– Se você quer, venha pegar.

Alguma coisa na voz dele fez Radu ficar sem reação, sentindo um estranho vazio entre o coração e as costelas. Mas, naquele momento, ouviu seu nome ser

chamado. Quando virou, deu de cara com Mehmed no canto oposto do pequeno recinto de treino.

– Mehmed! – gritou Radu, abrindo um sorriso. Ainda sentia o prazer de revê-lo depois de uma ausência tão longa. O rosto dele era sempre uma surpresa, como uma pergunta cuja resposta Radu ainda precisava encontrar.

Mehmed gesticulava animadamente, empolgado demais para ficar parado enquanto falava.

– Hoje vamos receber para o jantar um dervixe, que veio para cá atravessando a Índia. Espera só até você ver os pés dele! E o rosto... é um homem sagrado de verdade. Vá se lavar e venha até meus aposentos.

Radu fez que sim com a cabeça, contagiado pelo ânimo de Mehmed. Desde a morte de Molla Gurani, no ano anterior, o amigo vinha buscando mais e mais representantes não muito ortodoxos de sua fé: dervixes que faziam votos de pobreza e saíam pelo mundo como andarilhos, eruditos que estudavam para se aprofundar nas palavras do profeta e até mesmo professores considerados hereges. Mehmed jamais se contentava com uma prática simples e não questionadora do islã. Era uma das coisas que Radu adorava nele. Estudar e aprender ao seu lado era sempre uma aventura.

Despedindo-se temporariamente, Radu voltou até onde estava Lazar com passos cheios de expectativa. Os olhos do janízaro se estreitaram, e os lábios dele se contorceram em uma imitação sinistra de sorriso.

– Tome cuidado, irmãozinho.

Radu interrompeu o avanço, recolhendo as armas que estavam espalhadas pelo chão.

– Como assim?

– Alguns desejos não são aceitáveis, mas sempre existem maneiras de contorná-los, e pessoas que sabem ignorá-los. E existem coisas que não se pode querer. O simples desejo, quando notado pelas pessoas erradas, pode significar sua morte. – Ele lançou um olhar cheio de significado para o local onde estava Mehmed. – Tome mais cuidado.

Radu sentiu sua garganta se apertar e seu coração disparar de tal modo que pensou que fosse morrer. O que Lazar tinha visto? Do que havia desconfiado? Era possível perceber só de olhar para Radu que havia algo de errado com ele, que nem o próprio era capaz de entender? Só sabia que havia uma luz, uma atração, uma *chama* dentro de Mehmed, e que ele só se sentia vivo de verdade em sua companhia.

Aquilo era errado?

Lazar pôs os dedos compridos na nuca de Radu, deixando-os por lá por uma sequência interminável de segundos, que pareceram lentos em comparação com a

pulsação aceleradíssima do garoto.

– Me avisa se algum dia quiser... conversar.

Radu observou enquanto ele se afastava, com a túnica encharcada colada nos ombros. Ele sabia que nunca, nunca mais veria Lazar. Qualquer que fosse seu segredo, qualquer que fosse a questão que Radu sabia existir, mas *não* conseguia entender, o que quer que fosse aquele fato doloroso escondido dentro de si, com certeza a resposta seria muito mais assustadora do que qualquer pergunta.

Dois dias depois, a conversa com Lazar ainda parecia areia se arrastando na pele queimada de sol, um desconforto que aparecia quando Radu menos esperava. Ele estava sentado em um jardim escondido no canto mais distante da fortaleza, na sombra fria e escura de uma árvore com galhos carregados de folhas. Talvez pudesse solicitar a Mehmed que Lazar fosse mandado para outra parte do país. Radu sabia que seu pedido seria atendido. Mas e se Mehmed perguntasse o motivo? O que ele diria? Radu já tinha dito a Mehmed que estava contente por ter reencontrado seu defensor entre os janízaros.

Ele precisava parar de se preocupar. Mehmed era seu amigo. Seu amigo mais querido, seu único amigo. Talvez Lazar nunca tivesse tido um amigo como Mehmed. Provavelmente não conseguia entender o que Radu sentia. Era uma tolice de Lazar insinuar que havia alguma coisa errada, um perigo de amar Mehmed mais do que deveria. Ele era o herdeiro do trono! Era assim que *todos* deviam se sentir a seu respeito.

Mehmed trouxera esperança e segurança à sua vida, ajudara a nutrir a semente de Deus plantada pela gentileza de Kumal quando Radu mais precisara. Claro que Radu o valorizava acima de qualquer outra pessoa. Seu amor por ele era maior que o que sentia por Lada, e aquilo o enchia de culpa. Mas a irmã deixara que ele fosse castigado no lugar dela, tanto tempo atrás, por seu primeiro professor otomano. Radu nunca se esquecera da postura dela, afastada, impassível, enquanto ele era espancado pela falta de colaboração da irmã. Mehmed jamais deixaria aquilo acontecer.

Seu amor por Mehmed fazia todo o sentido.

Por que, então, o olhar de Lazar ainda o fazia se sentir inadequado e errado?

Ele se distraiu com o som de passos pesados se aproximando pelo caminho de cascalho. Bem escondido, deu uma espiada pela cortina de folhas. Lada andava de um lado para o outro, avançando em uma direção e depois voltando, como se seu corpo estivesse no meio de um duelo e nenhum dos dois lados conseguisse levar a melhor. Depois de alguns minutos de indecisão furiosa, durante os quais uma geração inteira de flores foi sumariamente decapitada, ela ficou imóvel. Não em

sua imobilidade atenta e alerta, mas em uma interrupção contemplativa e sonhadora de movimentos. Os membros de sua irmã, em geral tão rígidos, pareciam quase suaves quando ela ergueu a mão e a passou nos lábios, de olhos fechados.

Radu prendeu a respiração, observando, tentando entender o que estava acontecendo com a cabeça da irmã. Fazia um bom tempo que ele vinha desejando compreender o que ela pensava. Na maior parte do tempo, ele sabia, embora fosse melhor não saber. Mas, naquele momento, ela parecia transformada, deixando de ser uma irmã determinada e brutal para ser...

Uma garota.

Era aquilo. Lada estava agindo como uma *garota*.

Ele bufou com força, escondendo uma risadinha de surpresa. Em um piscar de olhos, sua irmã deixou de ser uma garota para se tornar uma predadora novamente. Os olhos dela localizaram a fonte do ruído, e uma adaga brilhou em cada uma das mãos.

– Quem está aí? – ela perguntou, afastando os pés em uma postura baixa e equilibrada.

– Por favor, não me mata. – Radu abriu a cortina de galhos, erguendo as mãos em uma falsa súplica.

– Você estava me espionando? – A voz dela saiu estridente, em pânico, como se tivesse sido pega fazendo alguma coisa maligna.

Mas não, não era aquilo. Radu já a havia surpreendido fazendo coisas terríveis antes, quando eram crianças. Uma vez a encontrara nos estábulos estrangulando Vlad Danesti, o filho insuportável de um boiardo rival. Quando Radu gritou de surpresa, Lada simplesmente ergueu os olhos e informou calmamente que Vlad dissera que ela valia menos que o filho bastardo de seu pai. Ela o estava castigando, e se perguntava quanto tempo mais precisaria apertar a garganta dele até que desmaiasse.

Quando interrompida, Lada soltou o menino, todo vermelho e tossindo, que saiu correndo e chorando e nunca mais brincou com eles. Mas, ao relembrar o olhar concentrado e pensativo no rosto da irmã, Radu às vezes se perguntava se, caso não tivesse aparecido, ela continuaria estrangulando o menino até matá-lo.

Comparando a reação impassível com a raiva demonstrada agora, a curiosidade de Radu se multiplicou por dez. Ele a escondeu atrás de um olhar de medo e confusão.

– Só descobri que você estava aqui depois de ouvir seu grito – ele falou, com os olhos arregalados, a boca escancarada e as palmas da mão para cima. Era uma expressão que já o livrara de problemas incontáveis vezes. Seus olhos eram grandes e, quando ele os arregalava daquele jeito, ninguém conseguia acreditar que

Radu era culpado de qualquer coisa. Roubar comida da cozinha, ouvir conversas alheias, ignorar o protocolo dos janízaros: olhos arregalados e pedidos confusos de desculpas funcionavam para tudo.

Lada deveria saber o suficiente para não cair naquela história, mas seus ombros relaxaram e ela guardou as facas.

– O que está fazendo escondido aí?

Radu abriu os galhos para ela passar. A irmã hesitou, mas em seguida entrou debaixo da árvore com ele. Era um lugar meio apertado, mas havia espaço para os dois ficarem com as costas apoiadas no tronco. O ar estava mais fresco e úmido, impregnado do cheiro de novos brotos nos galhos mais antigos.

– É gostoso aqui – ele comentou.

Lada assentiu com a cabeça, a boca contorcida em desgosto.

– Parece... secreto. Seguro. – Ela falou em valáquio, enquanto brincava com o saquinho de couro que sempre levava no pescoço. Radu a ouvira falar naquele idioma com Nicolae, mas depois que ela o deixara apanhar do primeiro professor otomano, anos antes, ele quase sempre se recusava a falar em sua língua nativa. Os dois usavam outros idiomas para conversar. Ouvir a linguagem de sua infância compartilhada parecia uma estranha e perturbadora forma de intimidade.

– Nunca estive nestes jardins – Lada comentou.

Radu deu um tapinha na adaga presa ao pulso dela, tentando manter um clima leve para não arruinar aquele precário e precioso momento entre irmãos.

– Então que bom que veio preparada, porque eles costumam ser frequentados por assassinos e ladrões.

Lada deu uma cotovelada de brincadeira em suas costelas. Vindo de quem vinha, era quase o equivalente a um abraço. Eles tinham se aproximado durante os meses de ausência de Mehmed. Agora, escondidos atrás das folhas e do idioma de sua infância, Radu se perguntou como podia ter deixado a distância entre os dois crescer tanto, e se era possível eliminá-la de vez.

Uma voz ecoou à distância no caminho.

– Mehmed – sussurrou Radu.

Lada fechou a cara, irritada, e imediatamente começou a falar em turco.

– Claro que é Mehmed. Mas aonde está indo? Ele me falou que tinha uma reunião hoje sobre os impostos das províncias.

Radu franziu a testa.

– Ele me falou que ia se reunir com os comandantes dos janízaros para falar sobre o orçamento.

Os irmãos ficaram à espera, dois pares de olhos ansiosos para localizar seu objeto de desejo. Ele vinha na companhia de um homem que Radu não conhecia, mas cujo estilo lhe era familiar, com a túnica branca e a cabeça raspada. Um

eunuco. Mehmed deu risada ao passar diante da árvore, e por um instante Radu pensou que ele tinha visto os dois irmãos e ria da estranheza de seu esconderijo. Mas ele seguiu em frente com os passos sincronizados aos do eunuco, a uma distância confortável, conversando como velhos conhecidos.

Quando saíram do jardim, Lada deixou seu esconderijo e foi atrás deles. Radu se apressou para acompanhá-la. Ele nunca tinha ido até o portão daquela parte mais distante dos jardins. A irmã deteve o passo, olhando cuidadosamente para os lados antes de abrir o portão. Nos fundos da fortaleza, havia um caminho serpenteante, ainda dentro das muralhas, mas estreito e incomumente reservado.

Depois de uma curva, Lada parou de forma tão abrupta que Radu deu um encontrão nela. Mais à frente, uma construção que ele nunca tinha visto. A julgar pela expressão de Lada, ela estava igualmente surpresa com a descoberta. Os muros ao redor eram altos e estavam cobertos de trepadeiras, mas os dois pesados portões de entrada se encontravam escancarados. Através deles era possível ver um pedaço do suntuoso jardim, verdejante a ponto de parecer excessivo, com árvores carregadas de frutas e flores transformando cada espaço disponível em uma festa de cores.

Radu sentiu uma pontada de ressentimento por Mehmed esconder deles a parte mais bonita do local, então percebeu que no jardim havia várias mulheres. Eram como as flores, exibindo as mesmas cores, a mesma beleza e o mesmo viço temporário. Uma delas, parada bem no centro, segurava uma criança.

Demorou um tempo para Radu processar que era Mehmed quem estava dando um passo confiante à frente e segurando o bebê, que era Mehmed quem estava rindo e erguendo a criança como um leitãozinho na feira, que era Mehmed quem o estava beijando na testa. Nesse intervalo de tempo, os portões se fecharam, e o sonho vívido que se desenrolava lá dentro sumiu de vista. Radu não sabia dizer se os portões haviam reverberado ao serem batidos ou se era apenas a forma como se sentia por dentro.

– Você sabia? – A voz de Lada pareceu vir de um ponto distante, uma caverna subaquática onde a luz nunca chegava.

– Não.

Só depois de uma eternidade, Radu percebeu que o sol estava se pondo e que ele estava sozinho, ainda observando os portões e o mistério daquele Mehmed que havia visto lá dentro. O Mehmed que o deixara de fora.

Naquela noite, Radu e Lada ficaram sozinhos nos aposentos de Mehmed, esperando até bem depois da hora marcada para a última refeição. Eles não

conversaram nem se olharam. Radu estava envolvido por um manto sufocante de sofrimento e mágoa. Como Mehmed podia ter feito aquilo? Como poderia ser *pai*?

Ele estava chateado porque o amigo não havia comentado nada a respeito. Era aquele o motivo. Era aquela a razão daquele sentimento terrível e torturante.

Do sorriso malicioso de Lazar.

A porta se abriu e Radu soltou um grito de alívio. Mehmed estava lá e se explicaria. Tudo faria sentido, e as coisas voltariam ao normal. Então Radu sairia daquele estado de entorpecimento.

Lada também ficou de pé e se inclinou para a frente. A expressão dela era indecifrável.

O rosto de Mehmed, porém, tinha o aspecto de uma tempestade. Tudo em suas feições parecia indicar uma raiva extrema. Ele jogou um pergaminho no chão diante dos dois.

Lada o apanhou. Ela fez uma careta, revelando sua própria raiva.

– O que é isso? Está brincando comigo?

Mehmed sacudiu a cabeça.

– Garanto que estou tão surpreso quanto qualquer um. – Ele estendeu a mão para Lada, como se tentasse acalmar um cavalo assustado. Radu olhou para um, depois para outro. Havia alguma coisa errada ali, alguma coisa desconhecida. Alguma coisa que ele deixara passar em meio à espiral de confusão. O que seria? O que tinha acontecido?

Em pânico, Radu tentou pegar o pergaminho da mão da irmã, mas ela o apertava com força.

Um sorriso sarcástico contorceu os lábios de Mehmed quando ele voltou a falar.

– É do meu pai. Aparentemente, fui convidado para meu próprio casamento.

Edirne, Império Otomano

HAVIA OURO POR toda parte.

Ouro em dedos gordos e magros, ouro em narizes compridos e achatados, ouro em orelhas, testas, pescoços e pulsos, ouro em braços e tornozelos. E mais ouro ainda em um par de tornozelos delicados que apareciam sob uma saia de seda com barrado em fios de ouro, tornozelos frágeis que jamais sairiam em vantagem em uma briga ou corrida.

Sitti Hatun, a noiva de Mehmed, tinha tornozelos detestáveis.

Era o segundo dia da celebração do casamento, que duraria um mês inteiro, e Lada já estava com dor de cabeça por causa dos perfumes, das comidas exóticas e da música incessante. Tinha vontade de usar a arpa da orquestra como um arco para arremessar flechas de incenso queimando no coração de todos os presentes.

Não conseguira nem um único momento a sós para conversar com Mehmed desde o dia na lagoa, desde o beijo, desde que tudo se tornara complicado e confuso. E ele agora sorria e gargalhava ao lado de sua noiva de tornozelos finos, sua torturantemente linda noiva, deixando uma clareira carbonizada no local onde inflamara alguma coisa dentro de Lada.

Um jovem curvado e reluzente como a espada de um janízaro estava em um pódio perto do casal, recitando poesia. A voz dele era como um rio, puxando-a para a correnteza, atraindo-a para seu leito e girando-a até aquelas histórias sobre coragem, amor e triunfo invadirem seus pulmões a ponto de Lada não conseguir mais respirar.

Ela apanhou um cálice das mãos de um criado com olhos gentis e virou o vinho azedo o mais depressa que conseguia, tentando tirar da boca o gosto deixado pela paixão do poeta. Era uma surpresa que fosse servido vinho no casamento de Mehmed, que não bebia por motivos religiosos. Mas Lada ficou muito, muito contente com aquilo.

Do outro lado do salão cavernoso, sob uma cortina brilhante de seda, recostados sobre almofadas de veludo, estavam Mehmed e sua noiva. Todos os convidados fluíam na direção deles como ondas. O coração pulsante do Império, alimentado pelo amor e pela adoração àquele par de vasos ornamentados.

Lada preferiria sangrar até a morte a fingir que estava feliz por ele.

– Lada! – O rosto de Radu estava iluminado como os lampiões pendurados mais acima. – Me concede esta dança? Precisamos conversar.

– Prefiro ser levada para o pátio pelo jardineiro-chefe – ela esbravejou.

Radu ficou desolado.

– Quero perguntar uma coisa a você.

Uma jovem passou deliberadamente perto dos dois, batendo os cílios para Radu e abrindo um sorriso tão convidativo que parecia quase obsceno. Lada se deu conta de que já o tinha visto dançar com praticamente todas as mulheres presentes. Ele nunca havia se interessado por ninguém em Amásia, tampouco surgira uma oportunidade. Ela deixou o vinho dominar seu estômago vazio.

Se Radu queria conselhos sobre como cortejar otomanas, deveria saber que ela não era a melhor pessoa para aquilo.

– Você pode muito bem se virar sozinho – ela falou, com uma careta.

Radu pareceu magoado, mas cerrou os dentes e se afastou. Irritada com ele e consigo mesma, Lada virou para ir embora e deu de cara com Huma. Os lábios dela estavam pintados de vermelho, do mesmo tom do manto que a envolvia. Ela parecia estar em carne viva.

– Venha comigo – disse a mulher, estendendo a mão.

De cara fechada, Lada permitiu que Huma a pegasse pelo cotovelo e a conduzisse para o canto mais distante do salão, um canto menos iluminado pelos lustres pendurados. Havia tantas chamas acesas que o teto estava escondido por uma névoa de fumaça, e seus padrões pareciam opacos e oscilantes.

Ou talvez Lada tivesse bebido demais.

– Você parece perturbada, pequenina.

Lada soltou uma risada amarga, remexendo nas próprias roupas. Ela havia sido vestida pelas criadas todos os dias daquela semana. Embora tenha insistido em usar o mesmo tipo de roupa que os janízaros, foi obrigada a ceder aos vestidos esvoaçantes e aos calçados de seda. O daquela noite era de um vermelho tão escuro que parecia quase preto, com um decote mais profundo do que Lada gostaria e uma faixa branca. Seus cabelos estavam penteados e presos em uma série de tranças e cachos caídos nas costas. Pelo menos ela estava de botas.

Huma passou o dedo pela clavícula de Lada.

– Você deveria usar um colar, para chamar a atenção. – Ela apontou para os seios de Lada.

A primeira a ser atingida pela flecha de incenso queimando seria Huma.

Mas, ao olhar para a cara da mulher, Lada se deu conta de que Huma tampouco estava contente. A garota pensara que estaria eufórica, sentindo-se em casa no

papel da mãe do noivo, pavoneando e desfilando seu poder. Huma não queria que Lada se casasse com Mehmed, e lá estava ele, casado com outra.

Mas, em vez disso, ela olhava ao redor, estreitando os olhos.

– Ainda não ofereci meus cumprimentos – comentou Lada.

Huma bufou, fazendo um gesto de negativa com a mão.

– Não precisamos fingir. Não fui consultada sobre nada disto. É uma aliança política feita por Murad para garantir as fronteiras do leste. Uma atitude estranha, se ele estiver pensando em abdicar em breve, agora que Mehmed está mais velho.

Lada esquadrinhou o recinto com novos olhos. Nenhum dos professores de Mehmed estava lá, nem seus clérigos favoritos. Ninguém com quem trabalhara em seu breve período como sultão. Mas Kazanci Dogan, que havia sido o líder da rebelião, *estava*. Com certeza Mehmed não o teria convidado. As veias do poder não tinham como origem o coração pulsante dos recém-casados, como ela pensava. Irradiavam de... Murad.

– Mas eu pensei que, com o casamento, e com Mehmed tendo um herdeiro...

Huma soltou uma risada amarga.

– Um bebê com uma concubina não é garantia de nada. E um casamento com uma tribo turca de quem já somos aliados é um gesto de fortalecimento, não de construção. Não está expandindo nada ou criando relações de poder para Mehmed. Fortalece Murad e não proporciona nenhum benefício para meu filho. O bebê e a noiva não significam nada. Não mudam nada.

Alguma coisa afrouxou no peito de Lada, facilitando um pouco sua respiração naquela atmosfera sufocante.

Huma olhou para o local onde o pai de Sitti Hatun conversava apaixonadamente com diversos paxás, que olhavam por cima do ombro dele para o local onde prefeririam estar.

– Você sabia que Murad teve um filho dois meses atrás? – perguntou Huma. – E teve a bênção de gerar mais um menino. – Houve uma pausa na conversa, e Lada ouviu um ranger horroroso, que desconfiou ser dos dentes de Huma. – Não é uma coincidência organizar um casamento tão pouco tempo depois, para que todos fiquem sabendo do novo herdeiro pela boca do próprio Murad? Quem é capaz de garantir que, com o aconselhamento de seu confiável conselheiro Halil Paxá, Murad não decida esperar mais uma década ou duas em favor de um herdeiro mais adequado?

– Então nada disso é para Mehmed. – Lada encostou na parede, avaliando a celebração pelo que exatamente era. Ela sabia que deveria se sentir enojada, preocupada com Mehmed, furiosa, mas só conseguiu sentir alívio. Aquele mundo, o poema de poder que não continham nenhuma palavra para ela... nada daquilo era para ele. Mehmed saberia?

– Não. Murad está lembrando a todos de que é forte, viril e não vai a lugar nenhum. Que Mehmed pertence a ele e... – Huma foi interrompida por um acesso de tosse, que ressoou profundamente dentro dela. Era como aquele que a afetara na Amásia, só que muito pior.

Limpou o rosto com um lenço puxado da manga. Uma camada de pó se desprende de seu rosto, revelando as olheiras e os espaços côncavos nas bochechas sempre tão cheias. Os lábios estavam mais finos, exibindo o contorno dos dentes e transformando em ódio o que antes era sensualidade.

– Tudo o que construí, tudo por que trabalhei, está sendo arrancado de mim. Não aguento ver isso. Tirei tudo o que podia dele, e Murad sempre tinha mais. – Os olhos dela se fixaram no sultão como se fosse uma presa distante demais para ser caçada.

E, naquele momento, Huma não era mais uma ameaça para Lada. Era uma irmã. Mehmed fora roubado das duas, forçado a viver uma vida que nenhuma delas queria para ele.

– Vamos matá-lo – murmurou Lada.

– Já tentei.

– Eu consigo.

Huma inclinou a cabeça, pensativa, e suspirou.

– Não. Não duvido que você enfiaria uma faca entre as costelas dele, mas não sairia viva daqui. Não seria uma vitória de verdade para você. Continue com Mehmed, ajude meu filho. Ele é nossa maior esperança. Precisamos proteger nosso investimento. – Ela pôs a mão seca e gelada no rosto de Lada, com uma expressão quase de carinho. – Pode casar com ele também, se quiser. Foi um erro pedir para se afastar. Garanta um lugar na vida de meu filho enquanto pode. Ninguém vai fazer isso por você.

Ela apontou com o queixo para um grupo de homens de capa e turbante no meio de um grupo perto de onde estava Mehmed. Radu estava no centro, aos risos, seus contornos nítidos em meio à fumaça do incenso.

– Já por seu irmão, as pessoas arrancariam o próprio coração. Radu nunca vai ter que sujar as mãos.

Huma estendeu as mãos diante de Lada e sorriu.

– Mas as mãos pintadas de vermelho são as que fazem o que precisa ser feito. – Ela se endireitou, recolocando a máscara de sensualidade no rosto, mas não com o mesmo encaixe perfeito da última vez. Então, como um sopro vermelho, Huma se afastou.

Mehmed continuava inacessível à medida que as semanas se arrastavam. O casamento chegava à quarta semana, e Lada não sabia como as pessoas ainda não tinham morrido de tanto divertimento. Até mesmo Radu servia como uma distração aceitável a essa altura, mas ele estava sempre no centro das atenções, ou então desaparecido. Ela não sabia para onde ele ia naqueles momentos. Provavelmente para festas dentro da festa, onde ainda mais gente feliz ficaria admirando sua boca linda e delicada.

As palavras de Huma reverberavam dentro dela. A posição de Mehmed era tão precária quanto antes, se não mais. E Lada não conseguia esquecer o que acontecera da última vez que haviam estado em Edirne. Ainda acordava com gosto de sangue na boca de tempos em tempos, com a lembrança dos dentes encravados no osso, da mão segurando uma adaga que não estava mais lá.

Nicolae, que havia acabado de ser dispensado pela noite, suspirava enquanto caminhava ao seu lado. Os alojamentos estavam às escuras, e eles pararam para encostar em uma parede. Um perfume floral pairava no ar noturno, mas pelo menos lá fora Lada conseguia respirar. Ela gostava mais do escuro do que das luzes artificiais daquele casamento sem sentido.

Nicolae tirou o quepe branco de janízaro, esfregando os cabelos molhados de suor.

– Entendo por que está preocupada com a segurança de Mehmed, e concordo com você. Mas existe uma diferença entre a última vez que Mehmed esteve aqui e o momento atual.

– E qual é?

– Antes ele estava sob a proteção da velha guarda dos janízaros. Aqueles homens estavam na cidade fazia tempo. Tinham sua própria política, suas próprias alianças, e nenhuma delas o incluía, o que o deixava vulnerável. Desta vez, ele está sob nossa proteção. Estamos com Mehmed há anos. E ele não é mais um zelote insuportável, um pestinha que ninguém respeita e de que ninguém gosta. Lutamos sob as ordens dele e vamos lutar *por* ele. Não tem nenhum traidor nas nossas fileiras. Você sabe disso, Lada. – Ele deu um tapinha em seu ombro. – Que Mehmed só se preocupe em agradar sua linda noiva. Nós nos preocupamos com a segurança dele.

– E eu me preocupo com o quê?

– Com nada! Durma um pouco, menina-dragão. É uma ordem. – Nicolae foi caminhando para os alojamentos, para se juntar a seus soldados, deixando Lada sozinha com suas questões. Elas eram uma péssima companhia, cutucando-a o tempo todo, puxando seus cabelos e sussurrando em seu ouvido.

Mehmed morto. Mehmed apaixonado. Mehmed esquecendo que ela existia. Todo mundo esquecendo que ela existia. Lada continuando a existir em um mundo

que não dava a mínima para ela. Continuando a existir em um mundo em que jamais seria beijada de novo.

Ela estava preocupada com a possibilidade de ser ou não beijada de novo... Maldito Mehmed e seus lábios, sua língua, e tudo o que vinha junto!

Lada precisava de um trabalho, de alguma incumbência verdadeira, algo em que pudesse se concentrar e dedicar suas energias. Nicolae não achava que Mehmed estava em perigo porque não o via mais como uma ameaça. Murad estava de volta, o país estava estável, todos pareciam felizes. Mas, enquanto Mehmed continuasse vivo, havia a promessa de que retomaria o trono. Quem se sentia mais ameaçado por isso?

Halil Paxá.

Halil Paxá! Lada o escolheu como seu novo objetivo. Ele sempre fora uma ameaça, e provavelmente estivera por trás da tentativa de assassinato. Com certeza ainda representava um risco para Mehmed. Ela ia segui-lo, seria sua sombra, em antecipação a qualquer perigo que se aproximasse de Mehmed. Energizada por seu novo propósito, não tinha tempo a perder. Parou diante das instalações do harém, aceso como uma fogueira contra o céu noturno, e pediu ao eunuco que guardava o portão para falar com Huma. Ela não a tinha visto nas celebrações diurnas, e àquela hora muitos convidados já estavam em casa dormindo.

O eunuco franziu a testa enquanto a encarava.

– Huma não está se sentindo bem.

– Ela vai querer me ver.

Ele fez que não com a cabeça, a pele clara reluzindo sob a luz que saía pelas janelas.

– Huma não está em condições de receber ninguém. Você pode deixar um recado.

Lada desanimou, pois o primeiro obstáculo já tinha surgido. Mas não. Ela não precisava da permissão nem da orientação de Huma.

– Você pode me dizer onde vive Halil Paxá?

Com um olhar passivo que denunciava anos de treinamento para não demonstrar nenhuma reação emocional a um pedido, o eunuco passou as instruções.

Lada se locomoveu como uma sombra do palácio até as ruas próximas, onde viviam os mais ricos paxás e vizires. A casa de Halil Paxá era gigantesca, um testamento sólido de sua influência e visibilidade dentro do governo de Murad. Evitando o portão principal, Lada encontrou um beco estreito entre o muro de Halil Paxá e a propriedade ao lado, onde ela poderia escalar as pedras e pular para dentro da casa dele. Ela ficou agachada, imóvel, sentindo as pedras sob seus pés ainda quentes do sol.

Um vozerio animado vinha dos fundos da construção. Esgueirando-se pela parede, ela chegou até um pátio. Os lampiões estavam acesos, iluminando uma reunião ainda animada, apesar do horário. Era uma confraternização mais modesta que os banquetes e bailes do casamento, e obviamente mais íntima. Lada não tinha ideia do que fazer. Aquilo para ela significava uma perda de tempo. Olhou para a construção principal, que provavelmente estaria quase vazia.

Voltando pela lateral da casa, encontrou uma pequena porta, com cascas de legumes e lixo espalhados ao redor. Do lado de dentro, um corredor estreito levava a uma cozinha bagunçada e exaurida, ainda sendo utilizada tão tarde da noite. À direita, uma escadaria estreita. Ela subiu e abriu uma porta. O corredor lá em cima era largo, com teto alto e tapetes grossos no chão. Lada seguiu em frente sem saber o que procurava, mas desesperada para encontrar alguma coisa.

Uma risada grave a avisou um pouco tarde demais que não estava sozinha. Ela deteve o passo quando dois homens, um olhando para ela e o outro com a cabeça voltada para a direção oposta, saíram de um cômodo.

Seus olhos se cravaram em Radu.

O rosto dele ficou paralisado de terror, mas em seguida se abriu em um sorriso enquanto punha a mão nas costas de seu acompanhante e apontava para algo bem longe de Lada.

– Você já viu esse retrato do paxá? Parece que foi pintado por um elefante. Um elefante velho e doente.

O outro homem deu risada, sem virar, e Radu lançou um olhar em pânico para Lada, apontando com o queixo para a escada de serviço.

Lada saiu antes mesmo que Radu e seu amigo chegassem à pintura, e em seguida deixou a propriedade de Halil Paxá com passos apressados, antes que fosse descoberta. Ela não havia encontrado nada. E, para piorar, tinha sido pega. Por *Radu*. O que ele estava fazendo lá? Por que agia como quem conhecia a casa? Como se tivesse motivo para estar lá?

Ela voltou ao palácio. Em vez de ir para seu quarto, foi para o de Radu, onde ficou andando de um lado para o outro como uma fera enjaulada. Ondas de fúria e vergonha se alternavam dentro dela, com a desconfiança surgindo e se dissipando logo em seguida. Por fim, quando pensou que fosse enlouquecer, Radu surgiu. Ele fechou a porta atrás de si e se recostou na superfície de madeira, esfregando a cabeça, exausto. Lada abriu a boca para falar, mas ele foi mais rápido.

– Onde você estava com a cabeça, Lada?

– Como assim, onde eu estava com a cabeça? Halil Paxá já ameaçou Mehmed antes e pode muito bem fazer isso de novo!

– Sim! Mas o que você estava querendo, invadindo a casa dele no meio da noite?

– Eu... eu pensei que, se pudesse impedi-lo antes... se pudesse descobrir alguma coisa, então a gente saberia... – Ela se interrompeu. Na verdade, não sabia o que pretendia. Só queria agir, fazer *alguma coisa*. Tomar uma atitude em vez de ficar parada em um salão cheio de desconhecidos pomposos, vendo Mehmed com outra mulher.

– Você viu quem forma o círculo mais próximo de Halil Paxá? – Radu questionou, erguendo as sobrancelhas, andando de um lado para o outro em torno dela. – Quem estava na reunião, quem falou com quem, quem mais conversou com Halil?

Lada bufou.

– Eu nunca poderia ter visto tudo isso e continuar escondida.

– Não, claro que não. Precisaria ter sido convidada. Teria que ser amiga de todos os paxazes, em especial Salih, o filho de Halil Paxá. Você precisaria ser querida e ganhar confiança para ser bem recebida nos rios de influência que fluem daquele homem.

– Então você agora é amigo dele, é? Já se esqueceu do que tentou fazer?

Radu jogou as mãos para o alto e se jogou na cama.

– Ele nunca falou comigo. Duvido que saiba que existo. Mas, por causa do filho dele, posso entrar naquela casa. Sou convidado para as reuniões. Posso circular em torno de Halil, escutar, observar, trocar segredos falsos por verdadeiros, tomar conhecimento dos planos malignos dele. Quando você apareceu rondando o corredor como uma ladra, eu estava no escritório pessoal do paxá como o querido amigo de seu muitas vezes ignorado filho do meio.

– Você nunca me disse nada sobre isso.

– Eu tentei. Mas você não quis saber de escutar.

Era verdade. Lada andava tão afundada no próprio sofrimento, com tanta inveja da felicidade aparente de Radu, que o afastava sempre que ele tentava dançar ou conversar com ela. Mas aquilo havia sido quatro semanas antes. E como ela poderia imaginar que ele estava metido em algo do tipo?

– Você... Isso não é a sua cara. Jamais imaginei que pudesse fazer uma coisa dessas.

Radu ficou tenso.

– Você pode ter sido a pessoa que deteve a adaga da última vez, mas da próxima *eu* vou ficar sabendo muito antes de a lâmina chegar perto de Mehmed.

Lada sacudiu a cabeça, incrédula. Radu havia chegado à mesma conclusão, a de que Halil Paxá ainda era uma ameaça a Mehmed, mas em vez de sair correndo às cegas, pulando muros e invadindo uma casa sem planejamento, descobrira uma maneira de protegê-lo. Algo que Lada, apesar de todo o seu treinamento de

combate e de sua ferocidade, jamais seria capaz de fazer. Não era à toa que ele não a havia incluído naquele plano.

– O que posso fazer? – ela murmurou.

A voz de Radu era pura exaustão.

– Fique fora do meu caminho.

Lada foi cambaleando para a porta, ignorando os pedidos de desculpas imediatos de Radu. Ela atravessou o corredor, felizmente vazio, para chegar a seu quarto, trancou a porta atrás de si e deitou encolhida na cama.

Queria sonhar com a Valáquia.

Nem mesmo isso conseguiu fazer.

RADU ADORAVA DANÇAR.

A batida, a melodia, o ritmo – ele sentia que o dominavam dos pés à cabeça enquanto rodopiava pelo salão em perfeita sincronia com os demais dançarinos. Alguma coisa naqueles movimentos coletivos, guiados pela música, fazia tudo parecer perfeito, como se todos fossem parte de algo maior, abrindo mão da própria individualidade para criar uma forma bela. Ele não precisava pensar em nada, sentir nada além do movimento. Era quase como uma oração.

Uma canção se fundia à outra, e Radu dançou aquela noite com quase todas as mulheres da corte. Uma palavra elogiosa, um sorriso charmoso, uma garantia de que cada uma era a mais graciosa companheira de dança. E, obviamente, quando as devolvia ao marido, um reconhecimento do bom gosto e da sorte do homem que havia conquistado a joia mais reluzente do reino.

Era fácil ser querido, ser agradável.

E muito *útil*, também, ele pensou ao sorrir e aceitar o convite de Salih, o filho de Halil Paxá, para um banquete particular.

As distrações eram muitas, e bem convenientes. Na maior parte do tempo, Radu conseguia controlar seu desespero para falar com Mehmed, para estar perto dele, e se conformava em fazer parte de sua vida de outra forma, agora que era um pai e um marido. Se tivesse com o que se ocupar, poderia transformar seus pensamentos relacionados a Mehmed de trombetas em altos brados para a mais suave melodia de flauta doce.

Uma mulher com lábios cheios e um rosto reluzente e meigo como uma lua cheia sorriu para Radu do outro lado do salão. Era jovem e, embora não conseguisse reconhecê-la, tinha algo familiar. Radu foi até ela e fez uma medida.

– Você não se lembra de mim – ela falou.

– Eu deveria ser açoitado por me esquecer de um rosto como o seu.

Ela deu risada.

– Suas palavras são doces como o mel e têm a mesma falta de substância. Sou Nazira, irmã de Kumal.

Radu endireitou a postura, olhando ao redor, empolgado.

– Kumal está aqui?

– Não, ele odeia a capital. Estou aqui com meu tio, só por esta noite. Eu queria ver isto. – Ela fez um gesto para o salão, com seu luxo resplandecente.

– Ah. – A decepção causou um forte impacto no ânimo de Radu. Fazia tempo que ele queria agradecer a Kumal pela gentileza em um momento tão difícil, por ensiná-lo a orar quando não tinha mais nada a que se agarrar. Fazendo outra medida, ele estendeu a mão. – Quer dançar?

Ela fez que sim com a cabeça, e os dois se juntaram aos demais dançarinos. Radu espiava Mehmed o tempo todo com o canto do olho, imaginando se o amigo o estaria vendo e se não preferia se juntar à festa em vez de ficar só sentado.

Nazira dançava lindamente, e no fim lhe agradeceu com um sorriso discreto. Radu não a viu dançar com mais ninguém depois, mantendo-se próxima de um homem mais velho com feições desgastadas.

Quando ele estava prestes a se juntar a Salih e vários outros filhos de paxás proeminentes, percebeu um ponto de imobilidade no enorme salão: Lada, encostada a uma parede ao lado de uma porta dupla alta. Sob o vestido, Radu notou que ela não estava usando suas botas favoritas de janízaro, e sim um par de sapatilhas bordadas.

A irmã não parecia desejar matar ninguém. Não parecia estar à espera de nada. Parecia estar como Radu se sentiu ao ver o filho de Mehmed.

Ele sentiu uma pontada de compaixão atingir seu peito. Tinha tentado amenizar as palavras que dissera na semana anterior, quando ela quase arruinara tudo sendo pega espionando, mas Lada fugira antes que pudesse dizer alguma coisa. E uma parte dele, uma pequena e compacta bolinha de maldade escondida no fundo de seu peito, tinha ficado contente. Que *ela* se sentisse inútil também. Que se sentisse um fracasso. Que entendesse que Radu podia fazer coisas de que ela mesma nunca seria capaz.

Mas, depois de vê-la naquele momento, só sentiu compaixão. Ele atravessou o salão até ela, trocando cumprimentos e combinando danças para mais tarde.

– Lada?

Ela piscou algumas vezes e lentamente pousou o olhar sobre o irmão.

– O quê? – Lada falou, com um tom de voz seco e sem nenhuma inflexão.

– Quer dançar?

A testa dela se franziu, temperando seu rosto com um toque da velha Lada.

– Você me odeia tanto assim?

Ele deu risada.

– Pode ser divertido.

– Ah, sim, adoro me humilhar na frente de centenas de desconhecidos.

– Você não deve ser pior do que a mulher de Nebi Paxá. Ela tem a elegância de uma leitoa preta.

Lada bufou.

– É, e eu tenho a elegância de um javali depois de levar uma flechada.

– Mesmo depois de uma flechada um javali é capaz de matar um homem. Com isso, finalmente veio um sorriso, que Lada se apressou em desfazer.

– Vamos. Lembra como dançávamos juntos quando éramos pequenos?

– Lembro que derrubava você no chão e esfregava sua cara nas cinzas da lareira.

– Exatamente! E sabe esse tempo todo que você passou treinando com os janízaros?

– Sim, para o combate.

– O combate é como uma dança! Só que eu acabo com ferimentos um pouquinho menos graves. – Radu estendeu a mão e, para sua surpresa e alegria, sua irmã a aceitou.

Lada era, na verdade, uma dançarina estranhamente graciosa. Embora seus movimentos não tivessem nada de belos, eram fluidos e poderosos, e por isso atraíam o olhar. Ela demonstrava uma noção instintiva de espaço, afiada depois de muitos anos de treinamento para a luta. E, se sua expressão era a de alguém planejando um assassinato... bom, Radu estava acostumado com aquilo.

E até sentia saudade.

Rodopiando entre os demais dançarinos, eles passaram pela mulher de Nebi Paxá. Radu lançou um olhar para ela e ergueu as sobrancelhas para Lada, que soltou uma gargalhada não suficientemente disfarçada pela música. Ele não conseguiu conter o riso quando terminaram a dança.

Lada apoiou a cabeça em seu ombro, ainda rindo.

– Você tinha razão! Ela parece mesmo uma leitoa prenha.

Radu concordou com um aceno de cabeça.

– Existe uma verdadeira fazenda de parceiras de danças aqui, e já passei por todas elas.

– Me diga que tipo de animal é Huma.

– Uma gata com quadris desconjuntados, mas orgulhosa demais para desistir de tentar caçar ratos.

Ela deu uma risadinha, mantendo o rosto escondido em seu ombro.

– E a mulher de Halil Paxá?

– Uma alce com pés chatos.

– E a querida noiva de Mehmed? Que tipo de animal é?

– Sim – interrompeu uma voz grave. – O que é minha noiva?

Lada teve um sobressalto, afastando-se de Radu em um pulo. Ficaram ambos olhando para o chão, sem encarar Mehmed. Era a primeira vez que ele se aproximava dos dois em meio às celebrações. Mehmed estava sempre separado dos demais por uma cortina ou um círculo de dignitários, mantendo-se ao lado de Sitti Hatun.

– Viemos oferecer nossos parabéns pelo casamento – disse Radu.

– Para.

Radu ergueu os olhos, surpreso com o tom de voz de Mehmed.

– Por favor, vocês dois também não. Não aguento mais isso... – Ele fez um gesto apontando para o salão e os presentes. – Não me digam que esse pesadelo me roubou meus únicos amigos.

Lada não disse nada. Ficou encarando Mehmed com um olhar como carvão em brasas.

Radu arriscou um sorriso.

– Talvez um passarinho?

Mehmed soltou um riso de deboche.

– Se diz isso é porque não ouviu a voz dela. Não, minha preciosa noiva é uma ratinha assustada, tremendo, guinchando, absolutamente inútil.

Talvez a maldade no peito de Radu não estivesse extinta, afinal, porque se inflou de alegria ao ouvir aquilo.

– Mas ela é linda – ele argumentou. Se para disfarçar a própria mesquinhez ou na esperança de que Mehmed discordasse ele não sabia ao certo.

– Ela é uma perda de tempo. – Mehmed remexeu a cabeça para os dois lados e se espreguiçou, pontuando cada movimento com uma energia nervosa. – Quero dançar.

Radu olhou para o pódio onde a noiva de Mehmed ainda estava sentada, esquecida. Parecia que estivera chorando pouco tempo antes.

– Não acho que Sitti Hatun vá querer...

– Não com *ela* – esbravejou Mehmed. Ele estendeu a mão para Lada. Radu ficou só observando, e percebeu que a irmã fazia o mesmo. Só que ela não olhava a mão de Mehmed confusa, mas raivosa.

– Agora? – A voz dela tremeu com o ódio contido. – *Agora* você quer dançar? *Agora* você quer falar comigo? – As brasas dos olhos dela se acenderam. Radu deu um passo para trás, mas, em vez de atacar, Lada deu meia-volta e saiu correndo do salão.

– O que foi que eu fiz? – Mehmed perguntou, franzindo a testa.

Radu esfregou a nuca. Ele não sabia ao certo por que Lada tinha reagido daquela maneira exaltada, mas fazia tempo que não tinha uma oportunidade de falar com Mehmed e não a desperdiçaria.

– Nós... vimos você. Antes de virmos para cá. No harém.

A expressão de Mehmed se manteve a mesma.

– Com... o bebê.

Mehmed fechou os olhos com força e soltou um suspiro pesado.

– Ah. Sim. Meu filho. – Ele pôs a mão no ombro de Radu. Todas as saudações, todas as danças, todos os toques casuais de outras pessoas em meio a conversas

assumiram o aspecto de um sonho. O toque de Mehmed era como um despertar. – É estranho, não?

Radu se sentiu aliviado. Mehmed sabia como era quando os dois estavam juntos! Era normal, uma coisa compartilhada, eles poderiam...

– Vivo esquecendo que sou pai.

Um pequeno suspiro escapou dos lábios de Radu, levando embora todo o falso alívio.

– Sim. É estranho.

– Olho para o bebê e me sinto tão alheio, como se estivesse dormindo em uma cama que não é minha. – Mehmed soltou o ombro de Radu e ergueu as duas mãos espalmadas. – Mas, como meu pai diria, é meu *dever*.

– Como Sitti Hatun.

– Sim, como Sitti Hatun. Vou ficar contente quando isso finalmente acabar. Poderemos ir para casa e tudo vai voltar a ser como era antes.

Radu assentiu com a cabeça. Era o que queria também. Era um desejo doloroso e imperativo dentro dele. Que tudo voltasse a ser como antes.

Com um breve aceno e uma expressão de tristeza no rosto, Mehmed se afastou. Radu ficou observando, sem nunca perder de vista onde estava o amigo, como se ele fosse o sol de seu céu. Quando Mehmed escapuliu por uma porta lateral no momento em que as atenções se voltaram para um poeta que começava uma recitação, apenas ele viu.

Radu sabia que Mehmed não deveria ficar sozinho. Nunca. Quando chegou à porta, viu só uma parte do manto dele desaparecendo em um canto. Radu não fora convidado, e Mehmed provavelmente precisava de um momento a sós, já que saíra de fininho. Por isso, o seguiu à distância, em silêncio. Estava tão concentrado em não o perder de vista nem em ser visto que não percebeu onde estava até vê-lo batendo na porta do quarto de Lada.

– Abra!

– Vá para o inferno!

– Precisamos conversar!

– Não quero nada com você!

Mehmed apoiou a cabeça na porta e respirou fundo. Quando voltou a falar, foi com um tom de voz mais contido. Radu precisou se esforçar para ouvir, e Lada sem dúvida tinha que fazer o mesmo do outro lado da porta pesada de madeira.

– Só descobri o bebê depois que voltei, depois que encontrei você na lagoa. E não sabia como contar. Ainda não sei, não tenho ideia de como me sentir a respeito. É um... um dever. O mesmo que encarar infinitas reuniões, ouvindo as reclamações dos paxás e as disputas mesquinhas entre janízaros e sipahis.

Mehmed fez uma pausa, como se estivesse ouvindo alguma coisa, e então sacudiu a cabeça negativamente.

– Ela é detestável. E sobre o harém, eu... Aquilo não é real, Lada. Quando vou até lá, elas ficam me rondando como fantasmas, como imagens na parede. Nenhuma delas é real para mim. – Ele fez outra pausa, encostando a mão na porta. – Você é a única coisa real da minha vida.

Radu soltou um suspiro de susto ao sentir o impacto físico que aquelas palavras lhe provocaram. Mas o som de seu sofrimento foi encoberto pelo ruído da porta se abrindo. Mehmed estendeu o braço e puxou Lada para fora, e então a boca dele se colou à dela, e as mãos dele foram para os cabelos dela, e ele a abraçou com tanta força que os dois cambalearam para dentro do quarto de Lada, fechando a porta.

Radu foi arrastando os pés até a porta. Ele queria estar lá dentro. Queria ser a única coisa real para Mehmed, assim como Mehmed era para ele.

Radu queria...

Não, por favor, *não*.

Sim.

Radu queria que Mehmed olhasse para ele da mesma forma que olhara para Lada.

Radu queria que Mehmed o beijasse da mesma forma como beijara Lada.

Ele queria ser Lada.

Não, não queria. Queria continuar sendo *ele mesmo* e que Mehmed o amasse assim. O mistério representado por Mehmed enfim estava resolvido, arrancando seu coração do peito e o deixando estatelado no chão.

Não era a resposta que ele queria.

MEHMED PRECISOU IR embora logo em seguida, para que ninguém notasse que tinha se ausentado, mas Lada ainda sentia a presença das mãos e dos lábios dele.

Ela não sabia o que aquilo significava, nem quais seriam as consequências. Mas Huma estava certa no fim das contas. Por causa da maneira como Mehmed a olhara, Lada se sentia mais poderosa do que nunca.

Os dois se veriam de novo em uma festa no fim daquela noite. Até lá, os homens ficariam nos banhos e as mulheres se reuniriam para uma refeição mais íntima.

Lada não pretendia ir, mas seu quarto parecia apertado demais, seu corpo parecia pequeno demais para contê-la. Precisava fazer alguma coisa, caso contrário ia explodir. O último lugar em que gostaria de estar era com Nicolae e os janízaros, e Radu não estava nos aposentos dele. Sendo assim, foi à reunião das mulheres, com seu segredo preso à pele como uma armadura.

Quando viu Sitti Hatun na cabeceira da mesa – miudinha, perfeita, absolutamente infeliz –, Lada quase deu risada. Sua rival parecia diminuída, indigna até de seu deboche.

Lada localizou um rosto conhecido e foi se sentar ao lado de Mara, que franziu a testa, pensativa, e então abriu um sorriso.

– Ladislav. Você cresceu.

Somente naquela tarde, Lada sentiu que havia crescido várias léguas. Ela abriu um sorriso discreto ao se lembrar do que ocorrera.

– Sim. Você parece bem. Onde está Halima? – Lada olhou ao redor, mas não conseguiu encontrá-la. As portas do recinto eram controladas pelos eunucos, e a maioria das esposas e concubinas de Murad estava presente.

Ela sentiu um nó no estômago ao pensar que pelo menos algumas das mulheres ali eram de Mehmed.

Não. Ela se recusava a pensar naquilo. De qualquer maneira, eram como Sitti Hatun: deveres, obrigações impostas a ele. Não uma escolha, não um desejo. Não como ela.

Mara sorriu, mas sem um pinga de humor.

– Não ficou sabendo? Halima teve um bebê há menos de dois meses. Ainda está em resguardo.

Lada não conseguiu conter o suspiro de surpresa.

– O novo filho de Murad é de Halima?

– Ah, sim. Ela passou os nove meses de gravidez doente e quase morreu no parto. É o bebê mais feio que já vi. Não para de chorar. Halima está feliz como nunca.

Lada soltou uma risadinha.

– Pobre da feliz Halima. E você? Como está?

Mara deu um gole de vinho. A maioria das mulheres à mesa não bebia, mas ela não fazia a menor questão de evitar o álcool.

– A Sérvia está em paz. Meu marido não solicita nem exige minha presença. Estou muito bem. E você também.

Lada ficou vermelha, baixando os olhos e brincando com seu prato. O efeito do toque de Mehmed em sua pele era tão óbvio que todo mundo conseguia ver?

– Como assim?

– Você não é mais aquela criaturinha infeliz e apavorada que conheci. Parou de resistir.

As palavras de Mara a tocaram fundo, e Lada fez força para discordar. Mas era verdade. Ela dirigiu seu olhar para o espaço vazio ao redor de Sitti Hatun, para as mulheres que falavam com ela sem dizer nada. Mesmo cercada de gente, Sitti Hatun estava sozinha. Havia sido negociada pelo pai. Lada suprimiu rapidamente um breve sentimento de pena. Era aquilo que os pais faziam. Cabia às filhas descobrirem uma forma de sobreviver da melhor maneira possível.

Ela virou para Mara e falou com sinceridade:

– Não sei mais contra o que resistir.

Mara ergueu a taça.

– Que você encontre felicidade em sua rendição. – Ela deu um grande gole. – Que todas encontremos.

Quelônios com velas enormes derretendo nos cascos passeavam pelo jardim, pontos de luz se deslocando lentamente para iluminar diferentes grupos de pessoas, como trechos de conversas ouvidas por um passante. As flores ao redor, todas obscurecidas pela noite, ganhavam um toque repentino de cor antes de se esconderem de novo nas sombras.

Quando um dos animais passou ao seu lado com passos arrastados, Lada se sentiu como se tivesse sido içada da escuridão por uma luz brilhante. Dentro dela, porém, havia uma chama muito maior, pois sabia que Mehmed estava por perto. Ela havia bebido vinho demais no jantar, incomodada com os questionamentos de Mara. Não queria dúvidas aquela noite. Queria algo simples. Palpável. Real.

Uma música começou a tocar, e o cantor narrou a história de Ferhat e Shirin.

Sozinha e imóvel como uma montanha, Lada deixou que a vela revelasse sua localização, mantendo os olhos fixos no ponto onde sentia que Mehmed a observava, apesar de não conseguir mais vê-lo. Um sorriso surgiu em seus lábios com a lembrança dos dele, e ela voltou para as sombras, para os cantos secretos do jardim onde a trilha dos quelônios ainda não tinha chegado.

Até mesmo a música era emudecida pela escuridão, chegando apenas em soluços, distorcida pelo vento e transformada em meros rumores de melodia. Ela se sentia solitária. Não era mais uma sensação de desespero, e sim de ansiedade. Mehmed deixaria o pavilhão que compartilhava com Sitti Hatun e iria ao encontro dela. Lada tinha certeza daquilo. Era uma tolice e um risco, o que só tornava tudo ainda melhor. Ela não queria pensar no futuro. Naquela noite, ele se resumia ao momento em que Mehmed ia encontrá-la.

Lada achou abrigo sob os galhos de uma árvore e se encostou no tronco, apreciando o toque da casca de madeira contra sua pele. Por mais que estivesse acostumada a usar o corpo como ferramenta, nunca havia desfrutado plenamente de sua pele antes.

– Lada – chamou Mehmed, em um sussurro áspero trazido pelo ar pesado da noite e carregado pelo aroma das flores.

Ela conseguia vê-lo, diante da luz de fundo da festa no jardim. Mehmed virou para um lado, depois para o outro, à sua procura. Uma onda de excitação percorreu seu corpo ao vê-lo desesperado para encontrá-la.

A lembrança das semanas anteriores ainda estava fresca como o gosto dele em sua boca, então Lada não disse nada. Que ele esperasse, que procurasse, que experimentasse a solidão. Lada iria até Mehmed quando *ela* quisesse, assim como em seu quarto ele a tocara apenas com sua permissão.

Então a cabeça dele virou em sua direção, e Mehmed começou a avançar com passos cautelosos, tateando ao redor. Em seguida, estendeu os braços e encontrou seu rosto sem dificuldade.

– Como você sabia onde eu estava? – ela questionou, decepcionada e empolgada na mesma medida.

Mehmed soltou uma risadinha silenciosa.

– Este é o melhor ponto do jardim em termos táticos. Suas costas estão protegidas, mas você tem uma visão ampla do que está acontecendo, mesmo escondida. Claro que estaria aqui.

Lada fechou a cara por ser tão previsível, mas a boca de Mehmed encontrou a sua logo em seguida, com uma intensidade sedenta. Ele pressionou o corpo contra o seu, imprensando-a na árvore. Ela o agarrou pelos ombros e o girou, deixando as costas dele no tronco. Mehmed abriu um sorriso com a boca colada à sua, e ela mordeu o lábio inferior dele com tanta força que provocou um leve sobressalto.

Mehmed levou os dedos aos seus cabelos, puxando-a com força, abandonando sua boca e encontrando seu pescoço com os lábios. Todos os lugares que ele tocava se acendiam com uma temperatura febril, com uma sensibilidade máxima. Ele a segurou pelos pulsos, então ficou imóvel.

– O que são essas coisas? – Mehmed perguntou junto a seu pescoço ao sentir seus braceletes.

Seus batimentos cardíacos estavam tão acelerados quanto sua respiração, e ela fechou os olhos e prendeu o fôlego para se concentrar em...

Houve um ruído atrás dela. Lada tapou a boca de Mehmed, abafando a respiração acelerada dele. Ficando de costas para ele, Lada estreitou os olhos na direção da noite.

Um vulto os espreitava. E não estava usando um quepe de janízaro. A maneira predatória como se movia excluía a possibilidade de se tratar de um criado. Criados tinham um andar submisso, contornos encurvados. Aquele homem caminhava com passos leves e as mãos prontas para entrar em ação. Um raio de luz desgarrado iluminou como um farol um objeto metálico em suas mãos.

Lada arrancou as adagas das bainhas. O agressor estava bem à sua frente, inclinado em uma tentativa de esquadrihar a escuridão sob a árvore.

Ela avançou em um pulo, bloqueando com um braço a mão com a arma enquanto o outro cravava a adaga no alvo com um baque úmido. O agressor ficou imóvel por um momento que durou uma eternidade, e então, com um grito de agonia despejado dos lábios noite adentro, desmoronou no chão. Lada ficou de pé ao lado dele, vendo a vida se esvair pelo pescoço do homem, que se contorceu mais duas vezes antes de abandonar a existência por completo.

Foi só então que Lada percebeu que estava enxergando bem o sangue vermelho de sua vítima e ergueu os olhos. Um quelônio mais ousado enfim havia chegado às profundezas do jardim. Ela estava iluminada, com a adaga em punho e a mão coberta de sangue, com Mehmed logo atrás.

– Lada? – ele chamou, com os olhos fixos no cadáver.

Mas os demais presentes, inclusive Murad em pessoa, olhavam todos horrorizados para ela.

— **T**EM CERTEZA DE que está se sentindo bem? — Salih se inclinou para a frente, solícito. Os olhos dele, caídos nos cantos, o faziam parecer sempre triste e preocupado. Com dezoito anos, era apenas dois anos mais velho que Radu, e parecia sempre ansioso para ter sua companhia.

Radu fez que sim com a cabeça, incapaz de esconder o atordoamento.

Os lábios de Mehmed.

As mãos de Mehmed.

O coração de Mehmed.

Entregues a Lada, não a ele. Lada, que não seria capaz de amar alguém nem se a própria vida dependesse disso. Lada, que roubava toda a atenção de seu pai, que preferia Bogdan ao próprio irmão. Lada, que havia abandonado Radu às surras e à solidão a vida toda. Lada, que era fria e violenta, leal apenas a si mesma.

Lada, que nem ao menos era bonita.

— Não sou bonito? — Radu perguntou sem pensar, deixando as palavras se derramarem como lágrimas de seus lábios.

Salih ergueu as sobrancelhas, assumindo uma expressão quase cômica com seu misto de tristeza e surpresa.

— Você... é, sim.

— E não mereço ter amor?

A surpresa no rosto de Salih se transformou em algo mais visceral e apavorado.

— Merece, sim.

Radu baixou a cabeça. O que ele sabia sobre o amor? Aquele não era um amor do qual já tivesse ouvido falar, não era um amor cantado pelos poetas, celebrado nas grandes histórias. Era algo... diferente, para o qual não tinha palavras. E com quem poderia contar? Quem poderia lhe explicar como amar outro homem?

Ou como não amar?

Trêmulo, Salih encostou os dedos grossos e atarracados em seu ombro.

— Radu, eu...

Um criado bateu no batente da porta, interrompendo a conversa. Radu ergueu os olhos e viu o mesmo garoto magro e seboso que havia pagado no dia anterior. Quando a intriga ainda lhe interessava. Quando ainda se enxergava como o protetor de Mehmed.

No dia anterior, antes do fim do mundo.

– Salih, visita para você. – O criado baixou a cabeça e se pôs à espera.

O rosto de Salih se crispou de preocupação.

– Desculpa, eu...

– Pode ir – Radu falou, com os olhos voltados para o chão. Os pratos de comida, quase intocados, estavam frios e abandonados na mesa. – Posso esperar no escritório do seu pai. Tem um livro sobre o Profeta, que a paz esteja com ele, que quero ver.

– Não demoro.

Assim que Salih saiu, Radu se deslocou para o corredor, com os passos pesados e arrastados como as batidas de seu coração. Não estava se sentindo ousado nem esperto. Seus esforços eram inúteis, assim como seu amor por Mehmed. Assim como sua vida.

Ele nem se preocupou em fechar a porta atrás de si. Puxou lentamente a cadeira da ornamentada escrivaninha, com um tampo de padrões de madeira mais clara e toques de madrepérola. O que pensava que ia encontrar, afinal? Nada mais importava. Radu deveria procurar mesmo um livro sobre o Profeta, que a paz estivesse com ele. Deus era a única coisa que restava para ele. A única coisa que não poderia perder.

A única coisa que Lada não conseguiria tirar dele.

Radu ficou de pé, batendo sem querer o joelho na parte inferior da mesa. O praguejar que soltou foi interrompido. Alguma coisa tinha se mexido. Ele se agachou e observou a parte de baixo do tampo da mesa. Um painel falso, movido pela pancada de seu joelho, indicava algo escondido ali.

Radu moveu o painel e sacou um maço grosso de pergaminhos, preenchidos de alto a baixo por uma caligrafia meticulosa em latim. Começou a ler o mais depressa que podia, deixando de lado o desespero. A maior parte da primeira carta era sobre um homem chamado Orhan, uma reivindicação, uma permissão. Não significava nada para Radu, mas ele guardou a informação e seguiu folheando as cartas, parando com um sobressalto ao final da uma curta missiva. Assinada por Constantino XI.

O imperador de Constantinopla.

Os passos no corredor o deixaram em pânico. Ele enfiou as cartas de volta no compartimento secreto e pôs o painel no lugar. Não ficou exatamente alinhado, mas não havia tempo. Radu se lançou para o outro lado do cômodo e se posicionou diante de uma prateleira de livros, tentando esconder sua culpa.

A porta pesada foi batida, mas ele não ousou virar para ver. Se nunca o fizesse, não teria que encarar a pessoa por quem fora descoberto.

Uma mão encostou em seu ombro, não com força e violência, mas com delicadeza.

– Radu – disse Salih, com a voz hesitante como seu toque.

Ele virou com um suspiro trêmulo e um sorriso falso estampado no rosto. Salih estava bem perto, perto demais, a apenas alguns centímetros de distância.

Antes que Radu pudesse dizer alguma coisa, sua boca estava coberta pela de Salih.

Radu ficou tenso, confuso e chocado com o ataque. As mãos de Salih agarraram sua cintura, puxando-o para mais perto, a boca sedenta e desesperada contra a sua. Finalmente, o cérebro de Radu, perdido em meio ao pânico, processou o que estava acontecendo. Ele ergueu as mãos, sem saber o que fazer com elas. Então decidiu colocá-las sobre os ombros de Salih e empurrá-lo.

Os olhos de Salih encontraram os seus com o mesmo desespero que Radu sentia. Era um desejo tão visceral e óbvio que doía.

Fora aquilo que Lazar vira quando surpreendera Radu olhando para Mehmed. Uma onda de humilhação e desespero o dominou. Todo mundo devia saber. Se Radu era tão óbvio, Mehmed devia ter percebido o que ele era e como se sentia antes de qualquer outro.

Lada devia saber também.

A raiva brotou dentro dele, devorando a humilhação. Radu estreitou os olhos, voltando a se concentrar em Salih. O triste e solitário Salih. Mas que o desejava.

Radu levou os lábios aos dele com uma ferocidade que fez com que sua boca se chocasse com os dentes do outro. Salih escancarou os lábios com um suspiro de susto, e Radu o segurou pela nuca, enfiando os dedos sob o turbante para agarrá-lo pelos cabelos. Salih começou a mexer na túnica de Radu, desamarrando a faixa na cintura. Ele puxou suas roupas para cima, passando a mão pela sua barriga e pelo seu peito.

Radu não sabia se aquilo era desejo, raiva, nojo ou uma combinação das três coisas. Odiava Salih por desejá-lo, odiava a si mesmo por gostar daquilo, odiava Mehmed e sobretudo odiava Lada.

Ele beijou Salih com mais força.

A tranca da porta estalou, e Salih se afastou com um pulo, o pavor estampado no rosto. Radu virou para a prateleira, puxou um livro ao acaso e abriu na metade. Uma página ilustrada e escrita com uma bela caligrafia árabe, com bordas revestidas de ouro, surgiu como um borrão diante de seus olhos.

– Salih? – perguntou uma voz grave, em tom de reprovação. – O que está fazendo aqui?

Radu deu uma olhada e viu Halil Paxá. O homem estava ofegante e transpirando. Lançou para a escrivainha um olhar reflexivo, então se voltou para o filho.

– Viemos procurar um livro – respondeu Salih.

Finalmente Halil Paxá notou a presença de Radu. E percebeu tudo, o que ficou evidente em sua expressão, nos lábios contorcidos de desgosto. A túnica desarrumada de Radu. A boca vermelha de Salih. Radu se sentiu mais sujo do que nunca, pois as provas do que tinha acontecido estavam expostas para todo mundo ver.

– Este é meu escritório particular – grunhiu Halil Paxá.

– Eu sei! Desculpe. Pensei que... você estivesse na festa no jardim. Terminou assim cedo?

Halil Paxá fez um gesto de desdém com a mão, mas quando voltou a falar foi com um tom de voz tenso.

– Houve um assassinato. Uma das vadias de Mehmed matou um dos convidados.

Radu deixou cair o livro. Halil Paxá o fuzilou com o olhar, mas ele não reagiu como deveria. Não era possível que houvesse outra mulher capaz de matar alguém. Apenas Lada.

– Espere. Eu conheço você. – Halil Paxá estreitou os olhos e enfim olhou para o rosto de Radu em vez de apenas registrar sua culpa. – Você cresceu. Era amigo de Mehmed quando ele era sultão. – Todas as peças enfim se encaixaram. – Sua irmã. Eu me lembro dela também.

Radu engoliu em seco.

– Preciso ir. Peço desculpas por qualquer inconveniente. – Ele baixou a cabeça e se retirou às pressas, sem olhar para Salih.

Radu foi primeiro ao quarto de Lada, mas estava vazio. Os corredores largos do palácio apresentavam uma falta de atividade preocupante. Radu tomou a direção dos aposentos de Mehmed e quase deu um encontrão em Lazar no caminho.

Ele segurou o soldado pelo braço.

– Onde está Lada? O que aconteceu?

O outro franziu a testa.

– Ela está encarcerada. É melhor você não se envolver.

– *Onde?*

– Venha comigo. – O soldado suspirou.

Eles caminharam apressados pelos corredores até chegar ao salão que, dois dias antes, estava abarrotado de comidas, bebidas e luzes.

Naquele momento, abrigava um julgamento.

Lada estava de pé a um canto, em uma postura ereta e desafiadora. Cercado por vários guardas, Murad estava do outro lado, balançando a cabeça enquanto um homem furioso vestido em trajes italianos gesticulava e gritava na direção dela.

Mehmed estava no centro do recinto, observando o pai com uma mistura de medo velado e raiva transbordante. A qualquer um que não o conhecesse, pareceria apenas entediado. Mas Radu entendia cada expressão e cada transformação naquele rosto.

Radu sentiu seu estômago se revirar e cruzou os braços, como se aquilo pudesse impedir que seu coração fosse devorado pela amargura e pelo desprezo. Lazar pôs a mão em seu ombro.

– Melhor sairmos daqui – ele murmurou. – Agora não é o melhor momento para atrair atenção.

– Ainda não. – Radu foi se esgueirando pela parede, desaparecendo entre os grupinhos que cochichavam. Parecia que a maior parte dos convidados do casamento estava ali, esperando para ver que outra distração inesperada a noite traria.

Lada estava sozinha. A barra de sua saia estava manchada de um tom de ferrugem. Uma de suas mãos também ostentava a prova de sua culpa. Ela não fazia nenhuma tentativa de esconder ou limpar o sangue seco. Em vez disso, olhava fixamente para todos, como se estivesse disposta a dar sequência à matança assim que possível.

No lugar dela, Radu sabia que estaria um trapo, desfazendo-se em soluços. Da primeira vez que ela matara, ele vira o quanto ficara abalada. Era possível ver um toque daquele mesmo sentimento no olhar vazio da irmã, mas, assim como no caso de Mehmed, quem não a conhecesse nunca saberia o quanto ela estava perturbada.

Radu a conhecia. E a entendia.

Mas a odiava mesmo assim.

– Já chega. – Murad fez um gesto para interromper o discurso cada vez mais exaltado do italiano. – Mehmed, diga o que aconteceu.

Ele respondeu por entre os dentes cerrados.

– Não sei, pai.

– Por que você estava naquela parte do jardim?

– Precisava tomar um ar. O perfume de Sitti Hatun é de revirar o estômago.

Os espectadores se inquietaram, e várias pessoas reagiram à crueldade com que Mehmed se referiu à noiva. Murad franziu ainda mais a testa.

– E por que *ela* estava naquela parte do jardim?

Mehmed contraiu os lábios e ergueu as sobrancelhas em desafio. Houve um suspiro coletivo no salão quando todos chegaram à mesma conclusão simultaneamente.

O rosto de Murad ficou roxo de raiva. Ele atravessou o salão a passos largos para se postar diante de Lada. Era vários centímetros mais alto e se colocou de forma ameaçadora. Ela não se moveu.

– O que *você* estava fazendo no fundo do jardim?

Radu se perguntou por que Murad estava direcionando sua raiva a Lada, e não a Mehmed, se fora seu filho quem o envergonhara em público.

Ele queria desesperadamente saber a verdade, embora desejasse que fosse possível haver desdobramentos. Lada, porém, disse apenas:

– Estava seguindo Mehmed.

– E por que *você* faria isso?

– Para protegê-lo.

– Em seu próprio casamento? O que acha que poderia ter acontecido com ele?

Ela enfim alterou sua expressão petrificada, levantando uma sobrancelha.

– Uma facada na escuridão. Exatamente o que consegui evitar.

– Não encontramos nenhuma faca com o homem que *você* matou.

Foi Mehmed quem retrucou:

– Várias pessoas tiveram acesso ao corpo antes dos seus janízaros. Qualquer um poderia ter pegado a arma.

Murad virou para Mehmed.

– Aquele homem atacou *você* ?

– Ele estava me procurando.

– E ninguém poderia procurar por *você* no seu próprio casamento sem que tivesse a intenção de matá-lo?

– Não sou tão popular assim – Mehmed respondeu, ácido.

O rosto de Murad ficou pálido. Ele apontou para Lada.

– Por que *você* matou aquele homem?

– Vi que ele estava seguindo Mehmed. E vi um brilho metálico na escuridão. Agi sem hesitação para proteger seu filho, como já fiz antes.

Murad inclinou a cabeça para o lado.

– Do que está falando?

Radu fez uma careta ao ouvir aquele passo em falso, e Lada empalideceu. O atentado à vida de Mehmed nos tempos em que era sultão era um segredo. Ela não poderia trazê-lo à tona naquele momento. Lada sacudiu a cabeça e gaguejou:

– E-eu... quer dizer, da maneira como fui treinada para fazer.

– *Treinada?*

– Sou uma janí... – Ela se interrompeu, como se estivesse chocada com o que estava prestes a dizer, da mesma maneira que os demais. Nem todo treinamento do mundo faria dela uma janízara. E aquilo a deixava sem nenhum motivo claro para matar quem quer que fosse.

– *Você* não é um janízaro. Quem é *você* ?

Lada encarou Murad com uma fúria gelada, a voz trêmula de mágoa.

– *Você* não lembra?

Radu encostou na parede, uma risada amarga presa na garganta. O homem que os havia roubado, o homem de quem tinham morrido de medo por tantos anos, o homem que destruíra suas vidas *nem se lembrava deles*. O segredo de sua sobrevivência, portanto, estava revelado: não se devia a Mehmed nem à graça divina, mas ao desinteresse de um homem por eles.

– Eu sei quem ela é. – A multidão se abriu para a passagem de Halil Paxá. Ele olhou ao redor, e Radu sabia quem estava procurando. Lazar entrou discretamente na sua frente, escondendo-o do paxá. – É Ladislav Dragwlya, filha de Vlad, aquele voivoda traiçoeiro da Valáquia. O que não cumpriu o trato. Para ser príncipe, ele devia se manter leal ao sultão. Colocando a vida de seus filhos em risco.

Mehmed deu um passo à frente.

– Não é isso que está em questão aqui! Estamos falando de um atentado contra minha...

Halil Paxá fez um gesto de desdém e continuou falando:

– Quantas vezes a Valáquia já agiu contra seus interesses? Não devemos aproveitar a oportunidade para lembrar Vlad das consequências da deslealdade?

Uma clareza fria se abateu sobre Radu, como uma primeira geada de outono. Assim como ela sinalizava a chegada do inverno, era possível ver o que viria pela frente. Halil Paxá não tinha interesse em continuar investigando o incidente no jardim. Estava distraído Murad com outro assunto: a traição de seu pai. E, ao fazer aquilo, eliminaria a garota que duas vezes impedira o que Radu suspeitava serem tentativas suas de fazer com que Mehmed jamais governasse o Império.

Lada morreria naquela noite.

Murad a observava, estreitando os olhos. O Campo dos Melros, onde a batalha contra os valáquios acontecera, deve ter lhe voltado à memória. Sem dúvida, estava pensando em todos os soldados de Vlad que o tinham desafiado. Ali, Lada representava um país inteiro.

Radu deu um passo na direção da porta. Ele tinha ganhado presentes de Mehmed e outras pessoas, coisas que podiam ser vendidas, além de um cavalo e roupas de viagem. Podia cavalgar noite adentro e desaparecer. Lançou um olhar para Mehmed, que olhava para Lada.

Só tinha olhos para Lada.

Uma amargura pesada dominou sua boca, e Radu virou para sair. Mas, nesse momento, seus olhos pousaram na irmã. Em vez de ver a escolhida de Mehmed, em vez de ver a garota que tantas vezes havia falhado com ele, Radu viu a mesma expressão de quando andou sobre o gelo fino para salvá-lo, muito tempo antes. Na ocasião, ele pensou que fosse raiva. Agora estava vendo que era pavor, e ousadia diante do próprio medo.

Radu baixou a cabeça. Lada se lançou sobre o gelo por ele apesar do perigo da morte. Sabia que sua irmã faria aquilo de novo sem hesitação.

– Como posso ter me esquecido de você? – Murad perguntou a Lada. A voz do sultão estava no limiar entre a maldade e o divertimento.

Radu deu um passo à frente, desvencilhando-se de Lazar, soltando uma risada como se tudo não passasse de uma brincadeira entre amigos. Bem a tempo, todos se voltaram para ele e não viram a careta que deformou o rosto de Lada, denunciando sua ira assassina.

Com um floreio, Radu fez uma mesura profunda.

– Meu sultão, joia da Anatólia, veículo de todo poder, escolhido e amado por Deus, que honra! Posso garantir que *nós* nunca nos esquecemos de *você*. – Ele se endireitou, com um sorriso benevolente no rosto. – Na verdade, adotei a tradição dos janízaros de vê-lo como um pai. Espero que não seja muito impertinente da minha parte. Durante anos, desejei uma oportunidade de lhe agradecer.

Murad levantou as sobrancelhas até o turbante.

– Me agradecer?

– Por nos salvar. Por nos educar, por nos tirar da escuridão e, acima de tudo, por nos levar até Deus.

– Do que está falando? – esbravejou Halil Paxá.

– Minha irmã e eu nos convertemos ao islã anos atrás. É a maior fonte de luz e alegria da minha vida, e eu teria sido deixado na escuridão se não fosse pela generosidade de nosso pai, o sultão. Falo por nós dois, claro.

O rosto de Lada ficou vermelho de raiva. Radu sorriu para ela, estreitando os olhos por uma fração de segundo. Se estragasse tudo, ambos morreriam.

Murad se virou para Lada, e por um segundo assustadoramente longo ela não fez nada. Então todos os músculos do corpo dela se enrijeceram, e Lada baixou a cabeça.

– Mas e o pai deles? – O tom de voz de Halil Paxá era o de alguém que esperneava de raiva.

Radu sorriu.

– Ele entrou em contato com o sultão desde a traição, três anos atrás?

Murad fez que não com a cabeça, ainda desconfiado.

Radu fez sua risada ecoar pelo salão, mostrando seu deleite a todos os presentes.

– Então ele pensa que estamos mortos faz tempo! Que belo castigo para o maldito infiel. Espero que ainda hoje sinta o tormento da culpa dia e noite! Se ele for informado de que estamos vivos, felizes e adaptados a nosso novo lar, imagine como vai ficar contente. Logo em seguida ele poderia ser informado de nossa conversão, o que acabaria com sua alegria. – Radu bateu as mãos uma na outra. – Mas estou exagerando, lamento. É claro que cabe a sua magnificência, o sultão,

decidir como lidar com aquele homem. Mas me sinto muito grato por finalmente poder lhe agradecer por tudo o que nos proporcionou. Sua graça e sua benevolência deram um novo rumo à minha vida. – Ele fez outra medida, ainda mais profunda, e ergueu a cabeça de forma reverente.

Murad estava sorrindo. Mehmed pareceu aliviado e grato ao olhar para Radu. Ele não ousou dar uma espiada em Lada, para não atrair atenção para ela. Precisava que todos se concentrassem nele, em sua grande encenação.

Mas aquilo não era muito difícil. Apesar de odiar Murad, ele considerava aquele seu lar. E havia *mesmo* se convertido, com Molla Gurani como testemunha. O islã lhe proporcionara um lar, um local de pertencimento, uma paz que nada mais fora capaz de oferecer.

Na verdade, quase nada. Ele desviou os olhos de Mehmed. Ainda podia contar com Deus.

O sorriso de Murad parecia pensativo, mas não cruel.

– Não vou me esquecer de vocês de novo.

– É a maior honra imaginável para mim ser lembrado por você. – Radu fez outra medida quando Murad passou por ele. O sultão pôs a mão em sua cabeça e saiu do salão. Radu se endireitou e deu de cara com o olhar frio e calculista de Halil Paxá.

– Ao que parece – o paxá comentou baixinho, para apenas Radu ouvir –, o sultão esqueceu totalmente que sua irmã assassinou um convidado.

Radu abriu um sorriso malicioso, como se ele e Halil Paxá tivessem interesses em comum. Ele sabia algumas coisas sobre o homem e não hesitaria em usá-las.

– Talvez seja melhor que ninguém investigue muito a fundo o que aconteceu.

– Como assim? – O tom de voz de Halil ficou mais cauteloso.

– Digamos apenas que estamos em um casamento. Uma celebração. Vamos pôr uma pedra sobre esse incidente infeliz, rezar pela alma do homem e antecipar o dia da volta de Mehmed à província, onde ficará bem distante e esquecido.

Com um grunhido que pareceu ser de consentimento, Halil Paxá se retirou do salão, seguido pelos demais espectadores, que agora tinham certeza de que nada de interessante aconteceria. Se alguém estava incomodado com a falta de resolução a respeito do assassinato, ninguém disse nada.

Lada chamou Radu, com a testa franzida e os braços estendidos em sua direção. Mehmed o encarou, à espera de que se juntasse aos dois para discutir o acontecido.

Ele só virou as costas e foi embora.

LADA CALÇOU AS botas com um suspiro de alívio. Sua estadia ali havia sido interminável. Depois da confusão da semana anterior, precisara se manter nas sombras. Mehmed passava o tempo todo cercado de guardas. Talvez Murad não ignorasse totalmente que alguém havia tentado matá-lo.

Porque era aquilo que realmente acontecera.

Lada tinha certeza de que vira o brilho metálico de uma arma, mas ninguém soubera identificar o homem, e a lista de convidados desaparecera, de forma bem conveniente. Aquilo era parte da razão para o assunto ser abafado. Ninguém apareceu para reconhecer o cadáver do homem assassinado, o que confirmava que ele não deveria estar lá, fossem quais fossem suas motivações.

Mas não mudava o fato de que ela havia matado o sujeito sem nem saber se ele estava mesmo atrás de Mehmed.

Lada franziu a testa, amarrando uma faixa em torno da túnica. Se o homem fosse inocente, ela lamentava, mas teria feito de novo. O que aquilo revelava a seu respeito?

Deixando o restante da bagagem para os criados arrumarem, ela se dirigiu ao quarto de Radu. Ele vinha sendo tudo menos discreto, e de um momento para o outro havia se tornado o queridinho da corte. Lada não conseguira falar com o irmão a semana toda. Radu não andava mais na companhia de filhos mais novos e oficiais de baixa patente. No banquete da noite anterior, passara a noite ao lado de Murad, sendo exibido à mesa como um filho pródigo. Enquanto isso, Lada ficara quieta em seu canto, e Mehmed permanecera isolado em sua prisão de luxo com Sitti Hatun.

Lada esmurrou a porta de Radu. Ele abriu, ainda com suas roupas de dormir.

– Anda logo! Vamos sair em uma hora. De volta para Amásia, finalmente. – Ela passou por ele e sentou na cama desarrumada. – Vou ficar muito feliz quando este pesadelo tiver acabado.

Radu a encarou com uma intensidade fora do comum. Em geral ele sorria ou dizia alguma coisa engraçada para amenizar seu mau humor. Agora se limitava a olhá-la, como se esperasse uma explicação, sem a menor boa vontade.

Lada se remexeu na cama, fechando a cara.

– Você anda me evitando. Eu queria agradecer. Lidou muito bem com Murad. Mas como teve a coragem de dizer que me converti ao islã? Eu poderia matar você.

– Aquilo foi o máximo que ela conseguiu dizer, porque na verdade sabia que estaria morta sem a brilhante intervenção do irmão. Ela era capaz de mostrar alguma gratidão, por mais que estivesse irritada, irada e até com inveja. Radu ficava à vontade no meio daquela gente, enquanto Lada não poderia se sentir mais deslocada.

A expressão dele permaneceu a mesma. Lada ficou de pé e jogou as mãos para cima.

– O que mais você quer?

– Eu sei – ele respondeu.

– O quê?

– Sobre você e Mehmed. – Ele falou aquele nome da mesma maneira de sempre, como se estivesse rezando. Mas havia uma entonação a mais de desespero e saudosismo. Lada virou, na defensiva, tirou uma vela do castiçal e começou a brincar com a chama.

– O que pensa que sabe?

– Você não o merece.

Baixando a vela com um movimento brusco, Lada virou para Radu.

– Talvez ele não me mereça! Eu não queria nada disso! Como pode me julgar por ter encontrado um pouco de felicidade com... – Ela se interrompeu, examinando o rosto do irmão. Estava lá, claro como as estrelas em um céu sem nuvens. Talvez sempre tivesse estado. Ela sentou outra vez na cama, sentindo todo o desejo de brigar se esvair.

Lada já ouvira boatos sobre aquele tipo de coisa. Piadas e histórias obscenas de Nicolae e dos janízaros sobre homens que amavam outros homens como se fossem mulheres. Nunca fizera sentido, mas ela nunca havia amado ninguém como sabia que seu irmão amava Mehmed.

E *sempre* tinha amado.

Com uma clareza absoluta, os sentimentos de impotência e solidão que experimentara desde que fora tirada da Valáquia vieram à tona. Como devia ser querer *alguém* da mesma maneira que ela queria *alguma coisa* e saber que nunca teria?

– Desculpa – Lada falou, sem nenhuma emoção na voz, porque não sabia como expressar o que havia acabado de entender.

A angústia de Radu era perceptível e tornava difícil para Lada até respirar.

– Você não o ama.

Ela fez que não com a cabeça. Não sabia o que sentia por Mehmed, só que ele amenizava sua desesperança. Não queria abrir mão daquilo.

– Eu gosto dele.

– Você gosta de como se sente quando está com ele. Mas é incapaz de amá-lo.

Radu estava trêmulo, com os punhos cerrados, consumido pelos próprios sentimentos. Aquele amor acabaria com ele. A não ser que Lada fizesse o trabalho antes. Não seria a primeira vez que o deixaria sofrer para protegê-lo.

Quando ela voltou a falar, foi com toda a amargura da verdade, emitindo cada palavra como uma chicotada no coração de Radu.

– Ele nunca vai amar você. Nunca vai olhar para você do jeito que olha para mim. É algo que você não pode ter, Radu.

Eles se encararam, permanecendo imóveis. Por fim, Radu despencou no chão, recolhendo os joelhos junto ao peito e cobrindo o rosto com as mãos.

– Você não tem nenhum amor para oferecer, e o que eu tenho para dar ele nunca vai aceitar. O que podemos fazer?

Lada se inclinou para a frente e estendeu a mão espalmada. Em seguida, cerrou o punho. Ela era incapaz de confortá-lo, de resolver aquela situação. Radu precisava ser mais forte. Era a única solução.

– Levanta. Para de sentir pena de si mesmo. Estamos indo embora, e as coisas vão voltar a ser como antes.

– As coisas nunca vão voltar a ser como antes. – Radu a encarou com os olhos vazios, e aquelas palavras reverberaram dentro dela como um sino. Era verdade. Não havia como Radu voltar atrás em seus sentimentos, e nem como Lada apagar o que acontecera com Mehmed. Talvez tudo tivesse sido um grande erro.

– Vai se vestir! – ela esbravejou, dominada pela raiva.

– Não. – Um distanciamento se tornou visível no rosto dele, que mantinha os dentes cerrados.

– Não vamos esperar por você.

– Eu não vou.

Irritada, Lada começou a pegar roupas do armário aleatoriamente.

– Você é um inútil. Vai fazer o quê? Ficar aqui?

– Sim. – Ele ficou de pé, todo ereto e mais alto que ela, e se aproximou o bastante para que a irmã tivesse que olhar para cima para encará-lo. Radu a olhou de cima a baixo, e o irmãozinho que ela precisou arrastar consigo a vida toda deixou de existir. – Vocês estavam tão ocupados aprendendo táticas e estudando batalhas que não perceberam como os tronos são ganhos e perdidos de verdade. Nas fofocas, nas palavras e nas cartas entregues em corredores escuros, nas alianças secretas e nos pagamentos às escondidas. Você me acha inútil? Sou capaz de coisas que você nem sonha em fazer.

Lada deu um passo atrás. Aquelas palavras atingiram o ponto fraco que ela vinha evitando tocar.

– Mas... precisamos ficar juntos. Só podemos contar um com o outro contra esse Império.

Radu abriu a porta e ficou olhando por cima de sua cabeça.

– Seu erro é achar que vemos as mesmas pessoas como inimigas.

– Você não pode estar falando sério. Somos valáquios. – A raiva e o desgosto se derramaram pelos lábios de Lada.

– *Você* é valáquia. Eu estou em casa. Fora daqui.

Lada não conseguiu pensar em mais nada para dizer. Queria bater nele, imobilizá-lo no chão e fazê-lo ceder, como quando eram crianças. Mas aquele não era o menino que ela conhecia. Aquele homem era um desconhecido para Lada. Ela havia perdido seu irmão em algum lugar no caminho, e não sabia como recuperá-lo.

Lada saiu, passando por Radu sem esboçar reação. A porta quase a acertou quando foi batida com toda força.

Atordoada, ela se viu na sela de seu cavalo uma hora depois. Mehmed vinha logo atrás, acompanhando sua grande carruagem. Parecia feliz e tranquilo, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros.

Só quando entraram na zona rural ele olhou ao redor, intrigado.

– Onde está seu irmão?

Lada imaginou que Radu ficaria de coração partido porque a pessoa que ele mais valorizava no mundo tinha demorado tanto para notar sua ausência.

Ela pensou em como Radu tinha quebrado seu coração.

– Não tenho irmão – respondeu, acelerando o galope de seu cavalo e deixando a comitiva para trás.

Amásia se revelou apropriada como um par de botas que não serviam mais. Seus contornos a apertavam nos lugares errados e a deixavam incomodada em sua própria pele. Tudo o que era confortável e seguro por lá deixara de existir.

– Cuidado! – Nicolae gritou quando Lada bateu com a espada de madeira nas costelas de um dos novos janízaros, um sérvio da idade dela, mas que parecia muito mais novo. Ela o detestava por sua juventude, por sua risada feliz e tranquila. Odiava todos eles. Lada se virou e bateu no garoto outra vez. Ele gritou e largou a espada, dando um passo atrás.

– Calma. – Nicolae ergueu as mãos. Ela arremessou a espada para ele, que deu risada ao apanhá-la no ar. – Pensei que tivéssemos combinado que as surras ficariam restritas a Ivan.

Os demais soldados caíram na risada. Ivan ficou furioso e deu um pontapé no janízaro com quem treinava combate corpo a corpo em um canto.

Ignorando todos, Lada saiu pisando duro. Ela vinha praticando cada vez mais com os janízaros, mergulhando na rotina, mas uma hora o treino acabava. Sempre

acabava. Todas as noites eles voltavam ao alojamento, e ela, ao quarto vazio.

Mehmed ia para onde quer que fosse sem ela, nunca ficava o suficiente para fazer tudo parecer melhor.

E Radu não estava em lugar nenhum.

Ela subiu no muro de pedra que cercava a fortaleza, saltou para o chão e se dirigiu para as árvores na encosta. Ali ainda se sentia quase em casa, com o cheiro das folhas dos pinheiros caídas no chão, da terra esquentada pelo sol, das sombras frescas. Respirou fundo, e então suprimiu um medo súbito: e se o cheiro de sua casa não fosse aquele? E se aquele local tivesse substituído as lembranças que tinha de sua própria terra?

Lada foi cambaleando se sentar junto ao tronco de uma árvore, aproximando os joelhos do peito e apertando o saquinho em torno do pescoço. Estava morrendo de medo de abrir e encontrar apenas pó, sem nem sinal de algum cheiro. Ou pior, deparar com um cheiro que não conhecia.

Talvez Radu tivesse razão. Talvez Amásia fosse seu lar agora, e ela precisasse aceitar isso.

Lada ouviu um passo um segundo antes de levar uma pancada forte na lateral da cabeça. Sua visão ficou turva quando ela foi ao chão, batendo o rosto em uma pedra afiada e encontrando as folhas dos pinheiros. Um chute no estômago expulsou o ar de seus pulmões, e um ruído parecido com um estalo escapou de sua boca. Ela entrou em pânico, torcendo para conseguir respirar em meio aos pontos brilhantes que marcavam seu campo de visão.

Levou a mão à bainha no pulso, mas uma bota atingiu seu braço, prendendo-o no chão.

– Conheço seus truques, vadiazinha.

Seu cérebro atordoado e dolorido reconheceu aquela voz. Ela respirou fundo pela boca, grata por seus pulmões voltarem a funcionar.

– Ivan? – Ele era um vulto escuro contra o sol, de pé sobre ela. Em seguida se ajoelhou, montou nela, prendeu suas pernas com as dele e segurou seus punhos sobre a cabeça. O rosto dele estava tão próximo que era possível ver as cicatrizes miúdas que cobriam as bochechas, e as raízes escuras dos pelos da barba sob a pele.

– Você se acha especial? Não vale nada. – Ele cuspiu em seu rosto, e a saliva grudenta correu por suas têmporas e seu cabelo. – Você é uma vadia, e vadias só prestam para uma coisa. Deveria se colocar no seu lugar. – Ele deu uma bofetada em seu rosto com o dorso da mão, então segurou seus pulsos com uma das mãos enormes, enquanto com a outra mexia na calça.

Lada tentou se debater, mas o peso dele prendia suas pernas. A incredulidade disputava espaço em sua cabeça com o atordoamento, em virtude das pancadas. Ela

não podia estar ali. Aquilo não estava acontecendo. Não podia ser superada por *Ivan*.

– Você nunca vai ser um de nós – ele falou, posicionando o rosto acima do dela, para que Lada não conseguisse olhar para mais nada enquanto erguia sua túnica e começava a mexer em suas roupas de baixo.

Ela deu uma cabeçada poderosa no nariz dele. Aproveitando a distração momentânea, impulsionou o corpo para cima, desequilibrando-o e conseguindo livrar uma perna. Lada bateu com o joelho livre bem no meio das pernas dele, que gritou de dor, rolando para o lado. Ivan ficou de pé, e Lada saltou em suas costas, envolvendo-o pela cintura com suas pernas e passando o braço em torno da garganta dele. Em seguida, agarrou o próprio pulso e fez força com o braço. Ivan cambaleou para trás, batendo-a contra uma árvore, mas Lada aguentou firme. Ele cravou as unhas em seu braço, tentando arrancá-lo. Lada enfiou o salto da bota na barriga e na virilha dele em três golpes certos.

Por fim, ele se inclinou para a frente, caindo de joelhos.

– Não sou um de vocês – Lada falou, com a boca colada ao ouvido dele. – Sou *melhor*.

Ivan tombou para a frente, e Lada caiu com ele, sem tirar a pressão do braço, embora seus músculos implorassem por um respiro. Mesmo depois de ele parar de se mover, ela continuou lá por um bom tempo. Então levantou e saiu andando.

Era o terceiro homem que matava.

E daquela vez suas mãos não estavam sujas de sangue.

Ela encontrou Mehmed em seu quarto, à sua espera. Passou direto por ele, arrancou a túnica e jogou na lareira. As chamas baixas foram devorando pouco a pouco o tecido, que escureceu e pegou fogo.

– Tem um cadáver na mata atrás da fortaleza – ela falou, observando a roupa contaminada pelas mãos de Ivan virar cinzas.

– Quê? – As mãos de Mehmed ficaram paralisadas em pleno ar, cada uma de um lado dos quadris de Lada.

Ela virou para encará-lo, carregando o fogo em seus olhos como um escudo flamejante contra tudo o que vira.

– Além disso, quero comandar meu próprio contingente de janízaros.

RADU JAMAIS IMAGINOU O quanto ser querido podia ser solitário.

No banquete daquela noite, ele se sentou a apenas três assentos de Murad. Uma posição de honra, que o tornava altamente visível – e desejável – a todos os paxás, paxazes, vális em visita à capital, comandantes locais sipahis em busca de vantagens em relação aos comandantes janízaros e até mesmo vários beis poderosos presentes. Homens que, em virtude do berço, eram todos mais importantes que Radu.

Mas ele estava sentado ali, e eles não, e todos queriam saber por quê.

Radu sorriu, com os olhos arregalados e inocentes, como se estivesse maravilhado com tudo o que tinha diante de si. Halil Paxá estava imediatamente à sua esquerda, e era difícil prestar atenção em qualquer um além dele.

Quando foi servido um prato de aves de caça assadas com um molho cremoso e delicado, Halil lhe dirigiu a palavra:

– Você não visitou meu filho Salih desde que seu querido amigo Mehmed foi embora no mês passado.

Radu engoliu o pedaço de carne que ameaçava matá-lo sufocado. Havia muitas armadilhas diferentes naquela frase, muitas coisas a evitar ou conduzir para uma direção mais apropriada. Sem dúvida Halil Paxá o encarava com desconfiança, e ele era o homem mais perigoso de Edirne. Radu encolheu os ombros, abrindo um sorriso envergonhado e patético.

– Descobri que Salih e eu não... não temos os mesmos interesses.

O olhar de Halil Paxá se endureceu visivelmente quando se virou para Salih, que estava do outro lado da mesa, em um lugar discretíssimo. Em todos os eventos aos quais compareciam, Salih tentava fazer contato visual com Radu, e lhe mandara vários convites para uma visita, mas ele achou melhor ignorá-lo do que fazê-lo pensar que havia alguma coisa real entre os dois.

– Sim, os interesses de Salih são bem peculiares. – Halil Paxá recomeçou a comer e, com um tom de voz casual como uma faca lançada no escuro, perguntou: – E quanto a seu amigo Mehmed? Alguma notícia dele?

Radu suspirou, exibindo uma expressão de culpa no rosto antes de virar para onde estava Murad.

– Minha proximidade de Mehmed não reflete bem meu caráter. É uma fonte de vergonha para mim.

Halil Paxá se inclinou para mais perto.

– Ah, é?

– Quando foi embora, ele me acusou de usar sua amizade para me aproximar de seu pai... Infelizmente, estava errado. Sou grato pela generosidade de Mehmed comigo, mas nunca concordei com suas visões radicais sobre o islã, nem com suas ideias equivocadas no campo militar. Por outro lado – Radu continuou, inclinando a cabeça, pensativo –, nesse sentido, ele já está bem mais equilibrado. Acho que o tempo passado longe da capital acalmou bastante seu temperamento. Nosso sultão é um erudito e um filósofo de renome, e sempre foi meu sonho me aproximar dele e absorver uma fração de sua sabedoria.

Halil Paxá soltou um resmungo pensativo do fundo da garganta, e franziu a testa enquanto digeriria aquelas palavras. Radu voltou a comer, como se as informações que oferecera ao paxá não fossem cuidadosamente elaboradas ou totalmente falsas.

Do outro lado da mesa, uma conversa vinha ficando mais acalorada, em volume suficiente para Radu capturar algumas palavras. Uma em especial, *Skanderbeg*, era repetida sem parar.

– Quem é esse Skanderbeg de quem estão falando? – perguntou Radu, inclinando-se para Halil Paxá.

– Não ficou sabendo? Ele era um dos favoritos de Murad, ainda que na época fosse conhecido como Iskander Bei. Um janízaro albanês que foi subindo de patente até ser transformado por Murad no bei de Kruje. E Skanderbeg retribuiu sem demora a generosidade de Murad com uma traição, declarando que aquela parte da Albânia agora era sua. Já fizemos duas tentativas de reconquistá-la e fomos repelidos. – Ele deu uma pausa para abrir um sorriso venenoso para Radu. – Os favoritos às vezes se revelam outra coisa.

Murad se remexeu na cadeira, com o rosto todo vermelho. Se Radu estava ouvindo a conversa sobre Skanderbeg, ele também estava. Devia ser um motivo de tremendo embaraço para o sultão.

Enxergando uma oportunidade de cair ainda mais nas graças do sultão, Radu ficou de pé.

Todos os olhos se voltaram para ele, que fez uma mesura para Murad.

– Se não se incomoda, meu pai, escrevi um poema sobre a glória do seu governo.

Era uma das muitas armas de seu arsenal, que ele esperara manter embainhada por muito mais tempo. Mas Murad estava ansioso por uma distração. O sultão abriu um sorriso e fez um gesto para que Radu se posicionasse em uma plataforma em um canto do salão.

Radu havia ensaiado seu poema tantas vezes que era capaz de recitá-lo até dormindo. Algumas partes eram roubadas de poemas árabes famosos, que reunira

como um corvo para criar seu próprio ninho. A linguagem era complexa e floreada, hiperbólica ao extremo. Murad ouviu tudo encantado, já que seu reino era comparado ao oceano e seu legado, a um rio poderoso.

Enquanto Radu recitava suas longas estrofes, observou que a refeição chegara ao fim e que os homens começavam a se espalhar pelo salão. Murad se mantinha sentado e imóvel, mas quase todas as figuras importantes se viram atraídas a prestar respeito a Halil Paxá, que estava no centro de uma ampla teia de influências.

Radu sorria e aumentava o tom de voz para disfarçar o desespero que sentia ao observar seu inimigo, a aranha, perguntando-se como pôde imaginar que algum dia seria capaz de derrotá-lo.

Mais tarde, a oração não foi capaz de proporcionar muito conforto à mente de Radu. Mesmo comparecendo cinco vezes ao dia a uma belíssima mesquita, onde ficava cercado por irmãos de fé, ele se sentia solitário. Com o coração apertado e a cabeça pesada, desceu pelos degraus da mesquita, com a noite já começando a devorar o azul do céu. Caso perdesse sua fé, o que mais restaria?

– Radu?

Ele ergueu a cabeça e deu de cara com um homem que o encarava de braços abertos e com uma expressão admirada.

– Será possível que esse é o menino perdido com quem rezei tanto tempo atrás?

O reconhecimento despontou em Radu, aquecendo-o por dentro como o sol.

– Kumal?

Com uma risada, o homem lançou os braços sobre ele, puxando-o para um abraço. Era o primeiro gesto sincero de afeto que Radu recebia desde aquela terrível noite com Salih. Alguma coisa cresceu em seu peito, e ele abraçou Kumal com força, agarrando-se a ele.

A voz de Kumal era suave como o toque nas costas de Radu.

– Ainda está perdido, então?

– Acho que sim.

– Venha comer conosco. – Mantendo um dos braços sobre o ombro dele, Kumal o conduziu da mesma maneira que fizera quando Radu era bem mais novo. Eles encontraram uma hospedaria que servia jantar. Um prato de carnes temperadas, fumegando e com um aroma perfumado, foi servido diante deles.

– Por onde você andou? – perguntou Radu. – Não o vi na corte.

– Não venho com frequência. Tenho muito o que fazer em meu váli e prefiro me ocupar com meus deveres a passar o tempo aqui.

Radu assentiu com a cabeça. Ele tinha visto muitos vális e beis prósperos na capital ultimamente, governantes locais que abandonavam ou negligenciavam seus deveres na esperança de conquistar ainda mais.

O sorriso beato de Kumal se iluminou ainda mais.

– E acabei de voltar da umrah.

Radu se inclinou para a frente, atraído pelo brilho do sorriso de Kumal.

– Você fez a peregrinação para Meca? E a umrah, não o hajj. Então já estive lá antes! – O hajj, uma viagem ao local de nascimento do Profeta em Meca, era um dos cinco pilares do islã, com a oração, o jejum no ramadã, a caridade e a declaração de que não existe Deus além de Deus. De todos os rituais, era o que Radu menos conhecia, e duvidava de que algum dia fosse conseguir cumpri-lo. Mas ali, diante dele, estava o homem que o havia ajudado a encontrar de verdade o islã, que realizara o hajj e então voltara para mais um período de devoção. – Não sei quase nada sobre a umrah. Me conte tudo.

Kumal descreveu a longa viagem, os altos e baixos entre a exaustão e a empolgação. A cidade de Meca, onde vivera o Profeta, que a paz estivesse com ele, e onde os peregrinos circulavam a Kaaba. Era a cidade mais sagrada do mundo, o local para onde todos os que faziam orações se voltavam fisicamente. E Kumal estivera lá. Durante a umrah, realizara os rituais em honra de Ibrahim, sua esposa Hajar e seu filho Isma'il.

Quando Kumal terminou de falar, Radu mais uma vez se viu tomado pela exaustão.

– Talvez seja disso de que preciso. Talvez se eu fosse para Meca, se eu visse...

Kumal abriu um sorriso gentil.

– Um dia, você irá, e sua vida vai ser abençoada por isso. Mas não é uma solução para tudo, seus problemas ainda estarão aqui, à sua espera. Primeiro você precisa conseguir alcançar a paz no lugar onde está, para só depois fazer a peregrinação e celebrá-la.

Radu sacudiu a cabeça negativamente.

– Não sei se é possível encontrar a paz nesta cidade.

– Esse é o problema, então. A paz não deve ser encontrada nesta cidade nem em qualquer outra. Nem mesmo em Meca. Deve ser encontrada aqui. – Ele apontou para o coração de Radu.

Radu levou a mão ao peito, sentindo o batimento sob a pele. A pulsação que se acelerou por tanto tempo com o nome de Mehmed.

– Acho que meu coração é o problema.

Kumal pagou pela refeição e ficou de pé.

– Quero que você visite meu váli. Talvez possamos ajudar seu coração por lá.

Radu encontrou um eunuco à sua espera em seus aposentos com um recado de Huma, exigindo uma visita. O homem se manteve de pé, silencioso e impassível, e Radu achava que seu cansaço não era uma justificativa aceitável, tanto por Huma como pelo eunuco. Então ele o acompanhou até o harém.

Huma não ficava mais nos quartos luxuosos de antes. Ela ficava em uma ala lateral, com janelas estreitas, onde mal havia espaço para duas pessoas. Radu se sentou em um banco almofadado junto à parede. Huma, com um tom de pele amarelado e pouco saudável, estava em uma poltrona em frente, e os joelhos dos dois quase se tocavam.

– Você está bem? – perguntou Radu.

– Quero que mate Halil Paxá.

Radu suprimiu um suspiro de surpresa.

– Quer que *eu* faça isso?

Huma se remexeu no assento, estreitando os olhos em uma contradição flagrante com seu sorriso inocente.

– Sei o que sente pelo meu filho.

Radu teve que se esforçar para não virar para o outro lado nem revelar a tensão que tomava conta de seu corpo. Sem dúvida, Huma saberia identificar o que cada movimento significava, por menor que fosse.

– Ele é meu amigo.

– Não minta para mim. Você o ama como as flores amam o sol.

– Não sei o que...

Ela fez um gesto para interromper seu protesto.

– Essas coisas acontecem. Existem precedentes. Sabia que alguns sultões tinham homens em seus haréns?

Era tarde demais para Radu se dar conta de que seus olhos haviam traído seus sentimentos.

Huma se recostou na cadeira, toda satisfeita consigo mesma.

– Posso ajudar você. Não precisa se desesperar, achando que seu amor é impossível.

Radu fez que não com a cabeça, com os protestos entalados no peito em razão da perspectiva sinistra de esperança que ela apresentava. Ele poderia *mesmo* ter algo mais com Mehmed?

Huma deu um gole de água em um copo simples de cerâmica, para o qual olhou com desdém.

– Vou ajudar você – ela falou, sem erguer os olhos – depois da morte de Halil Paxá.

A NOTÍCIA DO teste de Lada se espalhou pela cidade. Espectadores se alinharam às sombras das árvores, em cadeiras trazidas por criados ou no chão caso não os tivessem, que era o caso da maioria.

– Isso é ridículo. – Ela cruzou os braços com força junto ao peito protegido. Estava usando cota de malha sob a túnica, e os elos pesados de metal recaíam sobre seu corpo. Deixara a cabeça descoberta, embora os homens mais atrás estivessem todos com o quepe dos janízaros.

Mehmed sorriu, acenando para a multidão reunida.

– Por favor, não torne as coisas piores do que precisam ser – ele falou com o canto da boca. – Você sabe que a autoridade maior sou eu. Se Ilyas decidir levar isso ao meu pai, sou eu quem vou sofrer as consequências. Só o fato de o comandante ter concordado em permitir que você faça um teste de mérito já diz muita coisa sobre sua reputação entre as guarnições locais.

Lada olhou para o outro lado do vasto campo, onde era possível ver Ilyas Bei, superior da guarnição pessoal de Mehmed. Ele havia sido uma bela aquisição às forças reunidas ali, e dera a Lada sua permissão para treinar com os janízaros. Ela respeitava Ilyas e até o admirava.

Mas ao que parecia ele não acreditava que ela pudesse *comandar* homens. Permitira que escolhesse um regimento de vinte soldados para um confronto com sua própria equipe de mesmo número. Ambos os lados estavam com espadas cegas e flechas não afiadas, mas com panos cobertos de farinha presos na ponta para servir de comprovação de que atingiram o alvo. No entanto, o lado de Ilyas contava com uma cavalaria leve, para representar um desafio que os janízaros enfrentavam com frequência.

Ela ouviu risos vindos dos espectadores enquanto Mehmed caminhava para assinalar o começo do confronto. Ilyas permaneceu onde estava, imóvel, esperando que Lada tomasse a iniciativa.

– Está na hora – ela falou.

Nicolae lançou os braços para cima, incomodado.

– É loucura, Lada! Não vou arriscar minha reputação por isso.

– Você prometeu! – ela gritou, puxando-o pelo ombro.

Nicolae se desvencilhou de Lada, lançando a espada ao chão, e saiu andando na direção da fortaleza. Metade dos homens foi atrás, engolida pelas sombras das

árvores.

– Covardes! – Ela apanhou a espada de Nicolae e jogou na direção deles. – Seus cães! Rastejem em seu próprio vômito!

Respirando fundo, Lada virou para os demais homens, que se inquietaram, olhando o tempo todo para trás por cima do ombro.

– Escudos para cima – ela falou, contorcendo a boca em linha reta.

Eles entraram em formação, ombro a ombro, com os escudos erguidos diante de si enquanto marchavam para a frente. Uma saraivada de flechas foi lançada, caindo no chão. A plateia riu.

Ilyas sacudiu negativamente a cabeça, erguendo o braço com um gesto sem muita convicção para ordenar um massacre.

Ele foi interrompido por uma chuva de flechas que vinha de trás da plateia, acertando os flancos de quase todos os cavalos. Antes que Ilyas tivesse tempo para processar o que havia acontecido ou remover os homens que estavam fora de combate, mais uma saraivada os atingiu, deixando apenas um punhado de homens ainda em combate. Enquanto discutiam se deveriam atirar por cima da cabeça da plateia na direção dos agressores, as forças de Lada largaram os escudos e revelaram os arcos, atirando nos “sobreviventes” até não sobrar mais ninguém.

Os espectadores não estavam mais rindo.

Ilyas deu um passo à frente, encontrando Lada no meio do campo, com a expressão impassível, mas com algo parecido com orgulho brilhando nos olhos. O bigode do homem se contorceu sobre os lábios.

– Isso foi... surpreendente. Você jogou com nossas expectativas.

Nicolae apareceu do meio da cobertura das árvores, sorrindo. Ele virou e fez uma mesura para os espectadores.

– Muito obrigado pela ajuda!

– Não esperávamos ter plateia. – Lada apontou com o queixo para a multidão reunida.

– E mesmo assim deu um jeito de usá-la como escudo. Admirável. E questionável também. E se eu não tivesse escrúpulos de atirar em espectadores inocentes?

Lada deu de ombros.

– A culpa seria toda sua, não minha. Além disso, conheço você, Ilyas. É um homem honrado.

Ele deu risada.

– E você?

– Não sou um homem.

Mehmed foi até eles com um sorriso no rosto.

– Isso foi brilhante!

Ilyas assentiu, franzindo a testa.

– Agora vamos à questão principal: você é capaz de comandar esses homens, mas eles a conhecem. Confiam em você. Acha mesmo que uma guarnição de desconhecidos obedeceria a você de bom grado no campo de batalha? Ou um grupo de cadetes ajamis, recém-saídos do treinamento? Não digo isso como um insulto, mas como um questionamento prático do seu comando. Acho que essa situação poderia levar ao fracasso, tornando-se motivo de vergonha para os janízaros.

– Concordo. – Lada abriu um sorriso tenso ao notar a surpresa de Mehmed. – Me deixe encarregada de um grupo de janízaros na fronteira. Me deixe escolher meu próprio grupo, homens que não vão questionar minhas ordens, que não têm medo de seguir uma mulher. Me deixe treiná-los como eu achar melhor para serem guardas pessoais de Mehmed. A vida dele foi ameaçada duas vezes diante dos meus olhos. Seria uma vantagem ter um grupo que pensa diferente e que não age de acordo com os padrões dos janízaros. Vamos conseguir ver coisas que os outros não são capazes de ver. E, se meus soldados forem subestimados por serem comandados por uma mulher, bom – ela fez um gesto para os homens que limpavam a farinha dos cavalos –, posso usar isso a meu favor.

Ilyas estreitou os olhos, analisando a proposta. Ele precisava concordar. Lada merecia. E *precisava* daquilo. Por fim, quando ela pensou que teria de sacar a espada e bater na cabeça de Ilyas para arrancar uma resposta dele, o homem fez que sim com a cabeça.

– Muito bem. Você pode escolher seus janízaros. Leve o tempo que for preciso para reuni-los. Vai se reportar a mim a cada três meses, mas pode abrigar e treinar seus homens onde quiser e do jeito que achar melhor.

Sacudindo a cabeça e rindo por não acreditar no que havia concordado em fazer, Ilyas virou as costas e foi se juntar a seus comandados.

– Você nunca sorri para mim desse jeito – disse Mehmed, observando Lada.

Ela virou para ele, levando a mão à boca, que havia revelado toda sua felicidade. Por cima do ombro de Mehmed, notou que na multidão de espectadores havia várias flores delicadas do harém, acompanhadas de guardas eunucos. Quando baixou a mão, o sorriso tinha desaparecido. Erguendo uma sobrancelha, Lada respondeu:

– Você nunca mereceu.

Mehmed levou a mão ao coração e deu dois passos cambaleantes para trás, como se estivesse ferido. Em seguida, endireitou-se e lançou um olhar cheio de intensidade para Lada.

– Venha para o meu quarto.

Ela se inclinou na direção dele, chegando mais perto do que seria apropriado, ciente do peso do olhar de todos no campo. Inclusive de mulheres que o conheciam de forma mais íntima que Lada.

– Tenho um trabalho a fazer.

Ela se virou, ergueu a mão e fez um gesto para que seus homens a seguissem. Nicolae foi o primeiro a alcançá-la.

– Conseguimos – Lada murmurou, com o sorriso de novo no rosto.

– Você conseguiu. – Ele bateu com o cotovelo na armadura sobre as costelas dela. – Por onde começamos?

– Quero valáquios. *Só* valáquios.

Nicolae ergueu as sobrancelhas.

– E por que isso?

– Se Ilyas perguntar, explique que é para eu gritar comandos em uma língua que os inimigos não vão entender.

– E se *eu* perguntar?

– Porque não confio em homens que não saibam que não foi para isto que eles nasceram.

Nicolae olhou por cima do ombro para o local onde estava Mehmed, que os observava. A voz dele saiu tranquila como uma brisa, mas carregando um odor distante de fogo selvagem.

– E quanto ao homem que nasceu exatamente para isto?

Lada não olhou para trás. Parte dela confiava em Mehmed acima de qualquer um. Parte dela queria deixar Nicolae e ir para o quarto dele. Tê-lo como amante em vez de continuar naquela situação de agonia para ambos. Aceitar a simplicidade de ser apenas dele.

E parte dela queria matá-lo por aquilo.

– Isso eu não sei responder – ela disse, com toda a sinceridade.

RADU PRATICAMENTE FUGIU da cidade.

Era uma viagem de meio dia até a casa de Kumal. Quanto mais se afastava de Edirne, mais fácil se tornava conseguir respirar. Mas ele sabia que Kumal estava certo quando dissera que ir para outro lugar não era a solução. Quando Radu voltasse, tudo continuaria lá. A paz que talvez encontrasse seria um sonho, algo efêmero e temporário.

Mesmo assim, cavalgando pelos campos e passando por assentamentos de chalés limpos e bem organizados, era fácil fingir que Huma não havia lhe oferecido o impossível, que ele não precisaria encontrar uma forma de matar Halil Paxá, que Lada não tinha partido seu coração outra vez, que Mehmed nunca seria seu da maneira como gostaria que fosse.

Ou, o que era ainda mais doloroso, que havia uma chance de Mehmed *ser* seu algum dia, sim.

Embora, na pressa de ir embora de Edirne, Radu não tenha mandado nenhum aviso, Kumal estava à espera nos portões. Ele saudou Radu como um irmão, beijando seu rosto e conduzindo o cavalo enquanto seu amigo caminhava um pouco, esticando as pernas cansadas.

A casa era belíssima, construída em torno de um pátio central com uma fonte. Enquanto em Edirne tudo parecia competir pelos olhares, exigindo atenção, aquele lugar era simples e limpo. As paredes eram revestidas de madeira, tapetes cobriam o piso de cerâmica e apenas na comprida sala de visitas havia decoração ornamental: um verso do Corão escrito em dourado no alto da parede.

Era hora de orar. Kumal estendeu dois tapetes, e eles rezaram juntos. Radu permaneceu ajoelhado depois, tentando manter a sensação.

– Tenho alguns assuntos para tratar – disse Kumal. – Fique à vontade para conhecer o lugar. Nós nos encontramos de novo para a refeição da noite, depois que escurecer. – Kumal apertou de leve o ombro de Radu e se retirou.

Radu perambulou pela casa térrea, respeitando as portas fechadas. Ficou sentado por um tempo no pátio, desfrutando do sol baixo da tarde, que se esparramava pelas pedras das paredes caiadas de branco. Em seguida se encaminhou para trás da casa, para os jardins. Eram bem cuidados como todo o resto, só que mais elaborados. As cercas vivas altas e bem podadas formavam um labirinto com

trilhas de flores abertas, saudando a primavera. Ao centro, elevando-se acima de tudo, ficava uma árvore alta.

Radu seguiu as curvas das cercas vivas, tentando encontrar o caminho até a árvore. Houve um farfalhar, e duas meninas surgiram à sua frente, rindo e se abraçando. O cabelo delas estava bagunçado, e seus olhos brilhavam.

– Ah! – Nazira deu risada. Ela se endireitou e largou sua acompanhante. A outra menina se afastou um passo, olhando para o chão e rapidamente escondendo o cabelo sob o véu que tinha caído. – Olá! Tinha uma... – Nazira estava ofegante, com um sorriso escancarado no rosto. – Tinha uma abelha. Estávamos fugindo dela.

– Você foi picada?

– Sim! Várias vezes! Foi maravilhoso! – Nazira falou, e levou a mão à boca para abafar a risada. Sua acompanhante deu uma cotovelada de leve em suas costelas e, fazendo uma mesura, se retirou rapidamente.

Radu não lembrava que ela fosse tão estranha, mas aquela alegria era contagiante.

– Aquela era Fatima, minha aia. – Nazira se inclinou para o lado, a fim de olhar para um ponto além de Radu, para onde a outra menina se dirigira. – Venha, vou mostrar para você o resto do jardim. – Ela o pegou pelo braço e o conduziu pelo local, tagarelando alegremente. Havia um banco no centro do pátio, diante da árvore, e um balanço pendurado em dois galhos, com um assento de madeira pequeno demais para acomodar um adulto.

Radu percebeu com um sobressalto que não fazia ideia se Kumal era casado ou tinha filhos. Ele perguntou a Nazira a respeito.

A boca alegre dela se curvou para baixo. Nazira sacudiu a cabeça e levou a mão à corda do balanço.

– Ele era. Seu filho, Ibrahim, adorava este balanço. O menino morreu quatro anos atrás. Só tinha três anos. No ano seguinte, a mulher de Kumal, Ine, morreu no parto. Era uma menininha. Só viveu três dias além da mãe.

Radu fechou os olhos, sentindo uma pontada de dor e compaixão. Kumal havia perdido tanto. Mas fazia três anos que eles haviam se conhecido.

– Quando ele me encontrou em Edirne...

– Estávamos lá para prestar nossos pêsames à família de Ine.

– Ele estava em pleno luto. – Mesmo assim Kumal dedicara tempo, compaixão e gentileza a um menino perdido. – Seu irmão é um homem bom.

– O melhor que já conheci.

Eles ficaram sentados em silêncio, pensando na perda de Kumal, antes de voltar pelo caminho serpenteante até a casa. Nazira tinha uma forma de provocar Radu

que o fazia se sentir mais importante do que era, ao contrário de Lada, que só o diminuía com suas provocações.

A refeição foi a melhor que ele teve em muito tempo. A comida era simples, mas não havia discussões sobre política nem medo nem mentiras, ou a necessidade de fingir ser alguma coisa só para obter vantagens.

– Estou contente que você tenha vindo, Radu – disse Nazira, com um tom de voz estranhamente solene. – É bom ter alguém aqui para mostrar a meu pobre irmão como as pessoas devem se vestir. Tento ajudá-lo sempre, mas não basta.

Kumal ergueu os olhos para o teto.

– Para me salvar de uma irmã tão prestativa.

– Eu adoraria tirá-la de você – Radu falou, e ficou vermelho imediatamente ao perceber que sua afirmação podia ser mal interpretada. – Quer dizer, como irmã. Ela é muito mais agradável que a minha. Não me jogou no chão nenhuma vez, não torceu meu braço nem me venceu em nenhuma disputa de força.

Nazira fez um gesto negativo com a mão.

– Ah, nós deixamos as disputas de força para *depois* do jantar.

Mas a menção a Lada tirou Radu do clima, e ele passou a participar do jantar apenas como observador. As frutas em seu prato, servidas como sobremesa, ganharam um gosto amargo.

Depois de terem comido, Fatima apareceu na porta. Nazira pediu licença e saiu, e Kumal e Radu se retiraram para a sala de estar.

– Agora entendo por que você nunca vai a Edirne.

Kumal sorriu.

– Sou muito feliz aqui. Embora fique muito preocupado com Nazira. O tempo está passando para ela. Preciso me esforçar mais para encontrar um pretendente, mas ela não demonstra o menor interesse, e eu, por egoísmo, gostaria de mantê-la aqui o máximo que puder. Mas sei que vai ser melhor para ela ter um casamento feliz e uma família para cuidar. Se eu morresse hoje, minha propriedade seria revertida ao Império, e ela ficaria sem nada. Ainda assim, minha irmã insiste em dizer que não quer ir embora nunca.

Radu assentiu.

– Entendo o lado dela. Se pudesse ter seu aconselhamento para sempre, tampouco ia querer ir embora.

– E que conselho pediria?

Radu suspirou, pensando no peso que carregava e em como se sentia paralisado.

– O que faria diante de um problema que não tem uma solução boa?

– Como assim? – Kumal franziu a testa.

– Em certas situações, não existe escolha fácil. Então qual é a escolha certa? Cometer um mal por um bom motivo ou evitar o mal, sabendo que as

consequências serão piores? – Radu nem ao menos sabia a qual mal estava se referindo. Matar Halil Paxá, com certeza. Mentir e enganar para manter sua posição na capital, em um esforço para ajudar Mehmed. Inclusive o que sentia e pensava sobre Mehmed, que não *parecia* um mal, mas ele imaginava que fosse, porque ninguém falava a respeito, e Huma agira como se o conhecimento daquilo lhe desse poder sobre ele.

– Acho que sua vida se complicou demais.

Radu baixou a cabeça, cobrindo os olhos com as mãos.

– Não sei o que fazer.

– Estou a cargo da vida de muita gente no meu vilaiete. Às vezes, uma decisão que tomo tem um impacto negativo sobre alguém. Talvez um fazendeiro queira mais acesso à água, mas conceder isso significaria restringir o acesso de outras famílias à irrigação de que precisam para suas plantações. Tenho que negar ao primeiro fazendeiro a oportunidade de expandir suas lavouras e ganhar mais dinheiro para salvar outras famílias da miséria. Em alguns anos precisei aumentar os impostos para fazer provisões para o inverno, o que é um fardo para meu povo. Mas também significa que vamos ter como nos sustentar em um período de maior dificuldade. Preciso arrancar homens do convívio dos entes queridos por terem cometido crimes, tirando de uma família seu provedor, mas mantendo o restante do meu povo a salvo. – Ele suspirou. – Nunca é fácil. Tento proporcionar o melhor futuro que posso, criando um impacto positivo para o maior número possível de pessoas. Às vezes preciso tomar decisões difíceis, mas tento fazer isso com uma oração e o bem-estar do meu povo no coração. Já cometi erros, mas uso o arrependimento como motivação para ter mais consideração e cautela. Procuro ser mais bondoso e generoso em todos os meus assuntos.

Radu agradeceu, embora tivesse ficado no escuro com relação a seus próprios problemas. Ele deveria buscar o bem para si mesmo ou para os outros? E se Halil Paxá pensasse que estava fazendo o bem ao impedir Mehmed de assumir o trono? A ideia de Mehmed de futuro era bem diferente da noção dos cidadãos de Constantinopla de um bom futuro, por exemplo. Qual tinha mais valor? Qual estava certa?

E como ele poderia ser generoso a ponto de desejar a felicidade da irmã se ambos amavam o mesmo homem?

A estadia de Radu na casa de Kumal foi curta. Depois de alguns dias abençoados de paz, ele não estava nem um pouco mais próximo de resolver seus problemas. Mas Edirne o chamava de volta.

Com a promessa de uma nova visita em breve, Radu voltou à cidade e descobriu que Murad, ainda encantado com seu poema, em um ato de generosidade tornou-o comandante de um pequeno destacamento de janízaros de fronteira. Perplexo, Radu foi até os alojamentos conhecer seus homens. Ele era um bom cavaleiro, excelente com o arco e flecha e razoavelmente talentoso com a espada, mas nunca pretendia ser comandante. Considerou estranho que Murad achasse que um poema o qualificasse – com a idade que tinha – para liderar soldados.

Um rosto familiar foi saudá-lo.

– Lazar – disse Radu. Ele não sabia como se sentir a respeito do soldado, ciente de que conhecia o segredo mais profundo de seu coração.

Lazar fez uma saudação formal e então uma mesura, levantando-se com um sorriso contagiante.

– Eu sabia que tinha tomado a decisão certa ficando em Edirne. Pedi para fazer parte do seu grupo de fronteira.

– Não tenho ideia do que preciso fazer – admitiu Radu.

– É para isso que estou aqui. – Lazar apresentou os cinquenta homens sob seu comando, e os medos de Radu se dissiparam. Lazar deixou de lado a familiaridade que em geral dispensava a ele, emitindo ordens secas e diretas aos homens e demonstrando a deferência necessária ao tratar com o comandante. Radu manteve uma postura ereta, acenando com a cabeça com seriedade e tentando memorizar os nomes.

Depois da ronda, os homens se dispersaram, Lazar acompanhou Radu de volta ao palácio.

– Você vai se sair bem. Posso cuidar da organização do dia a dia e dos treinamentos. Esses cargos são mais cerimoniais do que qualquer outra coisa, mas você é querido. Os homens estão felizes por ter você.

Radu assentiu com a cabeça.

– Fico contente.

Lazar chegou mais perto dele enquanto os dois caminhavam.

– Estou feliz por ter você também.

Radu limpou a garganta, imaginando se haveria algum sentido oculto na afirmação, mas nesse momento uma capa contornando uma parede mais à frente chamou sua atenção. Ele acelerou o passo e chegou a tempo de ver Halil Paxá cumprimentar outro homem antes de entrarem por uma porta.

– Quem era aquele com Halil Paxá? – Radu perguntou a Lazar.

– Kazanci Dogan, o comandante de todos os janízaros. Você vai ser apresentado a ele em algum momento, tenho certeza.

– Halil Paxá costuma vir aqui?

Lazar encolheu os ombros.

– Já o vi aqui algumas vezes. – O soldado fez uma pausa, estreitando os olhos, pensativo. – Quer que eu monitore as visitas dele?

– Sim. E de todo mundo que se encontrar com Kazanci Dogan e que não seja um janízaro.

Lazar levou o punho fechado ao peito e se afastou.

Radu voltou ao palácio pensativo. A teia de Halil tinha ramificações por toda parte. Vizires, paxás, beis e ambas as forças militares: os líderes nativos dos sipahis e suas forças regionais e os janízaros sob o comando de Kazanci Dogan. No centro de tudo, gordo e letal, estava Halil Paxá, a aranha.

Se ele fosse morto, como Huma desejava, a teia permaneceria armada. Todas aquelas linhas de poder interligadas, alinhadas contra Mehmed. E quem poderia saber se outra aranha, ainda mais perigosa, não assumiria seu lugar?

Não. Huma estava errada. Primeiro, era preciso destruir a teia. Assim a aranha ficaria indefesa.

LADA E NICOLAE estavam deitados de bruços, olhando por cima da beirada para a cidade que se espalhava mais abaixo. As casas de madeira se estendiam até o rio, disputando espaço nas barrancas, dominando desde a beira d'água. Amásia era uma adição relativamente recente ao Império Otomano, com uma longa história, que ficava evidente pelas tumbas romanas que faziam sombra nas pernas de Lada. Da última vez que subira ali, ela estava com Mehmed e Radu, olhando para o céu e sonhando com as estrelas.

Agora olhava para baixo e tramava incêndios.

– Podemos usar o rio – sugeriu Nicolae, falando em valáquio, conforme exigido por Lada. – Descer a correnteza de barco no meio da noite pondo fogo nas casas. Isso vai manter os moradores e muitos soldados ocupados.

– Quem comanda as forças dos sipahis aqui?

Atrás dela, Petru, um jovem valáquio recém-saído do treinamento, soltou um comentário de desprezo.

– Sipahis! Um bando de porcos gordos e preguiçosos. Por que se preocupar com eles?

Lada o escolhera porque ele fora trazido da Valáquia relativamente tarde, quando já tinha catorze anos. Mas o garoto era arrogante e teimoso, e de uma maldade que a fazia se lembrar de seu irmão mais velho, Mircea. Às vezes aquilo a fazia gostar mais dele.

Mas na maior parte do tempo a fazia querer jogá-lo de cima do penhasco.

– E quem disse que os sipahis são porcos gordos e preguiçosos? Já lutou contra algum deles?

– Por que faria isso? Estamos do mesmo lado.

Lada e Nicolae se entreolharam. Talvez fosse melhor dispensar Petru de seu regimento.

– Os sipahis são proibidos de usar barba?

– Não. – Petru soltou um risinho de deboche.

– Mas você pode ter no máximo um bigode.

– Isso se ele conseguir deixar crescer um – comentou Matei, um homem magro com uma aparência sempre faminta que Lada recrutara em Edirne. Petru atirou uma pedra nele. No total, Lada dispunha de dez homens, entre dezoito e vinte e poucos anos. Havia poucos valáquios à disposição, pois os otomanos preferiam

soldados de outras nacionalidades, por achá-los mais inteligentes e eficientes no campo de batalha.

Tolos. Lada estreitou os olhos, procurando por casas que pudessem ser explodidas com a pólvora dos janízaros da forma mais eficiente possível para bloquear os caminhos que levavam à fortaleza.

– E os sipahis são proibidos de casar e ter filhos?

– Não.

– Mais uma coisa que Petru jamais conseguiria fazer – brincou Nicolae.

Lada esperou que as risadas cessassem.

– E os sipahis são escravos, roubados de sua terra natal e trazidos para cá para servir ao governante e ao deus de outro povo?

Suas palavras foram recebidas com silêncio.

– Os sipahis têm inveja do nosso poder cada vez maior. Têm inveja da nossa organização, da nossa capacidade no campo de batalha, da nossa posição mais próxima do sultão e de seus herdeiros. Não pensem que vocês estão do lado deles, porque eles não estão do lado de vocês. Eles lutam para conquistar terras, prestígio e riquezas. Nós lutamos porque é a única coisa que podemos fazer. – Ela esperou alguns instantes, então continuou: – Quem organiza as defesas da cidade?

– O comandante sipahi. – Petru pareceu mais concentrado quando rastejou até ela para olhar a cidade de cima.

Lada traçou o contorno do rio com o dedo como se fosse uma serpente.

– Arranque a cabeça no primeiro golpe e o corpo fica impotente diante de você.

Matei continuou afiando uma adaga em uma pedra, sentado sobre a lápide de uma tumba.

– Por mais que eu fosse achar bom cortar a cabeça de alguns sipahis, não sei se tenho tempo de pôr fogo na cidade hoje à noite.

– Mas planejar destruições imaginárias é minha prática de treinamento favorita.

– Nicolae se espreguiçou e deitou de costas. – É muito relaxante.

Lada levantou, espanando a poeira da túnica e ajustando o quepe branco que passara a usar.

– Ilyas Bei está em serviço hoje?

Stefan, um sujeito calado cuja expressão era como um céu sem nuvens – impassível e impossível de decifrar –, assentiu com a cabeça. Ele falava pouco, mas Lada descobriu que sua mente era ativa como um formigueiro, constantemente em busca de informações para alimentá-la.

Lada assentiu de volta.

– Ótimo. Hora de assassinar Mehmed.

– Isso é bem menos relaxante – Nicolae grunhiu.

Mas os outros homens já estavam recolhendo seus pertences, com a ansiedade estampada no rosto. Enquanto desciam a montanha na direção da fortaleza, eles faziam seus planos. Stefan foi na frente, para ver se Mehmed estava do lado de fora ou de dentro. Em geral, ele conseguia determinar aquilo apenas pela presença ou ausência de guardas em certas áreas.

Se Mehmed estivesse do lado de fora, eles fariam um ataque sorrateiro por cima da muralha, atirando as flechas com a maior rapidez possível. Se estivesse do lado de dentro, Matei e três outros iam se aproximar o máximo possível, torcendo para que ninguém percebesse que não estavam em serviço, enquanto Nicolae ia determinar a localização de Mehmed. Aquilo deixaria a Lada, Petru e mais quatro soldados leves e fortes a incumbência de escalar as muralhas da fortaleza.

Bastava que um deles se aproximasse. Uma flechada, uma adaga, uma chance era suficiente para eliminar o herdeiro.

Stefan os encontrou em um pinheiro retorcido que crescia lateralmente do meio das rochas. Lada sempre escolhia aquele ponto de encontro, embora deixasse seu coração apertado por causa das memórias felizes e distantes, no tempo e no espaço.

O rosto de Stefan estava, como sempre, indecifrável. Mas havia algo de defensivo em sua postura, o que a deixou preocupada. Ela soube o que ele ia dizer antes que abrisse a boca, e também que ele sabia que aquilo a deixaria irritada, o que era quase tão ruim quanto.

– Há janízaros nos portões do harém e dois eunucos de plantão.

Os homens soltaram um suspiro coletivo. Se era de alívio ou frustração, ela não sabia. A voz de Nicolae soou deliberadamente animada.

– Bom, isso encerra a prática de hoje. Não podemos atacar o harém.

– E por que não? – Lada cerrou os dentes até senti-los doer. Ela se concentrou naquela dor concreta e específica. Desde que começara a treinar seus homens, quase não vira Mehmed. E, quando ele a via, era sempre em cantos escuros, com beijos roubados, mãos desesperadas.

– Porque... – Nicolae começou, deixando a palavra pendurada como em um anzol, esperando que Lada mordesse a isca e não o obrigasse a explicar. Ela não mordeu. – Porque – ele continuou, com um suspiro – os muros são altos demais, as janelas têm grades, as portas têm guardas. Já tentamos bolar uma estratégia para isso antes, Lada, e a conclusão sempre foi a de que devemos esperar que ele saia. Não temos como entrar.

– *Vocês* não têm como entrar – repetiu Lada. – Stefan, você reconheceu os guardas que estão em serviço?

Ele fez que não com a cabeça.

– Ótimo. Então eles não vão reconhecer você. Preciso de uma saia, uma túnica e um véu.

A boca de Petru se abriu, fazendo-o parecer o peixe que Nicolae queria fisgar.

– Saia? Mas por quê?

Lada fez um sinal para que a seguissem.

– Porque dá para esconder uma enorme quantidade de armas debaixo de uma saia, e porque Stefan está prestes a entregar um presente do sultão em pessoa.

Nicolae a acompanhou enquanto ela se dirigia à construção interna que havia sido designada para sua guarnição. Era mais um impedimento para Mehmed encontrá-la – Lada agora vivia nos alojamentos precários dos homens. Se ela ficasse sozinha, não haveria barreira, nenhum obstáculo, nada que os impedisse de...

Ele estava no harém.

– Lada. – Nicolae falou baixo o suficiente para que os outros não ouvissem. – É mesmo uma boa ideia? Acho melhor esperar. Podemos pegá-lo saindo. Está tudo planejado.

– E é um bom plano, o que significa que é óbvio, o que significa que Ilyas pode tê-lo descoberto. O novo plano é melhor.

– Lada, para. – Ele a segurou pelo braço.

Ela avançou sobre Nicolae, em chamuscas, o que a fazia parecer maior e mais forte.

– Não me diga o que fazer.

O soldado ergueu as mãos no ar.

– Só não sei se o harém é o lugar ideal para você entrar.

A expressão de preocupação no rosto dele a fez querer arrancar seu cabelo. E depois estrangulá-lo.

– Acha que eu não sei o que acontece lá? Está preocupado em ferir minha sensibilidade? – Lada esbravejou.

– Não! Jamais imaginei que você fosse sensível, juro. – Ele sorriu, deformando a cicatriz. – Mas fico em dúvida sobre sua... reputação. As mulheres que entram no harém não saem mais de lá. É uma posição permanente.

Ela ignorou a sugestão com um gesto de desdém. Lada sabia que ele ia dizer algo mais e não estava disposta a ouvir.

– Não vou entrar como mulher. Vou entrar como assassina. Então não temos nada a temer.

Alguns minutos depois, ela estava coberta dos pés à cabeça com o que restara das roupas finas do casamento de Mehmed. Metade dos trajes que Lada recebera nunca fora usada, mas uma criada de boa vontade empacotara tudo e mandara junto na viagem de volta. Sem as roupas rasgadas que envergonhariam até uma criada, Lada parecia uma mulher. E, com um véu no rosto, estaria irreconhecível.

Ficou decidido que apenas Stefan ia acompanhá-la. A presença de mais guardas geraria desconfiança. Então, sem grande alarde, ele a levou ao portão do harém e a

entregou ao eunuco mais próximo.

– Um presente da mãe de Mehmed – Stefan avisou.

O eunuco assentiu, com um gesto de desinteresse, e a conduziu para dentro do harém, passando pelos dois janízaros.

Lada teve um sobressalto quando a porta se fechou atrás dela. Era algo que parecia tão formal, tão definitivo. Seu coração disparou e sua respiração ficou ofegante e acelerada enquanto seguia o eunuco por um emaranhado de corredores, tentando memorizar o caminho. Tudo ali dentro era limpo e iluminado. Padrões elaboradamente adornados e um piso de cerâmica os conduziram às profundezas da construção.

O eunuco abriu a porta de uma pequena sala de espera.

– Alguém vai aparecer dentro de uma hora para determinar seus aposentos e explicar tudo para você. – Ele saiu sem dizer mais nada e fechou a porta atrás de si.

Mas não a trancou.

Não que faria diferença, mas a presunção daquilo encheu Lada de raiva. Apenas por causa da porta, ela disse a si mesma. Da incapacidade do eunuco de ver uma mulher como uma potencial ameaça.

Ela sacou uma de suas adagas e cravou no sofá, puxando a arma até abrir um rasgo irregular. Em seguida embainhou a arma e ajeitou o véu. Lada saiu para o corredor. Era perfeitamente capaz de cumprir a missão sem se distrair com o fato de que estava no harém de Mehmed.

Seu único instinto era seguir em frente, então apanhou um vaso grande com um buquê de flores e posicionou cuidadosamente nos braços, como se estivesse caminhando com um propósito. Carregar um buquê de flores pelos corredores parecia uma ocupação possível naquela prisão de luxo.

Depois de passar por várias portas fechadas e entrar em três corredores diferentes, Lada foi atingida por uma onda de desespero. Mehmed provavelmente terminaria seus *assuntos* ali e iria embora antes que o encontrasse. O que ela diria aos homens então?

O som estridente de um bebê chorando invadiu seus ouvidos. Ela o seguiu até chegar a um quarto com a porta de madeira entalhada aberta.

Quando entrou, virou imediatamente para a esquerda, onde havia um painel pintado com delicadeza diante de uma enorme janela aberta. Lada se escondeu entre ele e a parede, enquanto os ruídos de seus movimentos eram mascarados pela criança aos berros.

A risada áspera de Mehmed preencheu o recinto, caindo sobre os ombros dela com o impacto de um golpe.

– Estou segurando errado? Ele não gosta de mim.

– Claro que gosta! – A voz da mulher era até pegajosa de tão doce. Lada sentiu aquele tom melado grudar em suas orelhas de modo que nem uma lavagem pesada seria capaz de remover todos os resíduos. – Ele é forte, está vendo?

– Meu pequeno Beyazit. Seja forte enquanto eu estiver fora. Voltarei logo.

As palavras de Mehmed exalavam afeto, e Lada desejou que a situação pudesse ser qualquer outra. Pensou que o pior que poderia acontecer seria encontrá-lo com outra mulher, mas aquilo...

Ela não sabia como sentir raiva daquilo.

Mas conseguiu mesmo assim.

– Quanto tempo vai ficar fora? – a mulher perguntou.

– O tempo necessário para derrotar Skanderbeg. Você precisa de alguma coisa?

– Não, não. Estamos bem aqui. Tome cuidado.

– Adeus, meu garoto!

Lada notou, para sua satisfação, que Mehmed falava com a concubina com o mesmo tom que usava com qualquer outra criada. Mas ele claramente sentia algo diferente pelo menino. E fora a concubina quem o gerara.

Os gritos do bebê deixaram o quarto. Lada ouviu alguém levantar e saiu de trás do painel, ainda com o vaso na mão.

Mehmed mal olhou para ela enquanto se dirigia para a porta. Lada arremessou o vaso à direita de sua cabeça. Ele se encolheu todo quando o vaso se arrebentou na parede, espalhando flores e água por toda parte, além de cacos de cerâmica.

Mehmed a encarou com o rosto vermelho de raiva.

– Mas o que você pensa que...

Ela arrancou o véu. Por um instante, a raiva dele se manteve, então se dissolveu em um sorriso.

– O que você está fazendo *aqui*, Lada?

Ela fechou a porta. A esperança iluminou os olhos de Mehmed, que deu um passo à frente.

Lada se desvencilhou do toque dele.

– Eu poderia ter matado você.

– Fique à vontade, me mate. – O sorriso dele não demonstrava nenhuma preocupação ao abrir os braços para ela. Fazia tempo que não tinham um momento a sós.

Não aqui, ela pensou. *Em qualquer lugar, menos aqui*.

– Skanderbeg? – ela perguntou, mudando a direção da conversa. Iskander Bei era um dos janízaros favoritos de Murad, e agora era um dos favoritos de Lada. Ele era uma pedra no sapato do Império fazia anos, usando o que tinha aprendido com os próprios otomanos para mantê-los à distância.

Lada estudara cada relato de suas batalhas com o mesmo fervor que Mehmed dedicava ao islã.

Ele fechou a cara.

– Sim, meu pai ordenou uma nova campanha. Vou viajar com ele e comandar um flanco do cerco.

O peito de Lada se encheu de empolgação. Ela podia provar seu valor, e o de seus homens e... poderia *viajar*, finalmente ver algum outro lugar, mesmo que não fosse seu lar.

– Quando partimos?

Mehmed não a encarou. Ele agachou e começou a recolher as flores, evitando cuidadosamente os cacos do vaso quebrado.

– Vou hoje à tarde.

Lada correu para a porta.

– Podemos nos aprontar em uma hora. Eu...

Mehmed a segurou pelo braço, puxando-a para trás.

– Você não vai.

– Eu... O quê? Estamos prontos. Meus homens estão prontos. Minhas forças não são numerosas, mas podemos ser batedores, e eu vou...

– Você vai ficar aqui!

Lada afastou a mão dele e deu um passo atrás.

– Por quê?

Mehmed de repente pareceu fascinado com as flores que tinha na mão.

– Preciso deixar alguém em quem confio encarregado da cidade.

– Qualquer um pode fazer isso! Nada de valor vai ser deixado aqui!

Mehmed a encarou com os olhos pesados.

– Nada de valor?

A compreensão baixou sobre Lada. Ela arrancou as flores da mão dele e jogou no chão.

– Não vou ficar cuidando do seu pirralho! Não sou uma ama-seca!

Mehmed piscou algumas vezes, então sacudiu a cabeça.

– Lada, não estou falando do meu filho. Você pensa que ele é a única coisa aqui que valorizo?

– Então do que está falando?

– De você! Não quero que vá para a batalha! Você não faz ideia das condições, das muitas formas possíveis de morrer lá.

– Sei me virar.

– E quanto a mim? O que eu faria se alguma coisa acontecesse com você? Preciso mantê-la em segurança!

Lada deu um empurrão nele, fazendo-o cambalear e amassar os cacos sob as botas.

– Não sou uma coisa a ser preservada! Daqui a pouco vai me dizer que quer me manter entre quatro paredes, em salas almofadadas e perfumadas, manter-me *aqui*. Não sou sua concubina, Mehmed!

– Não é isso que estou pedindo! – Ele jogou as mãos para o alto, andando em círculos. – Você é preciosa para mim. O que tem de errado em querer cuidar de você?

– Se eu precisasse de alguém para cuidar de mim, seria como qualquer outra mulher aqui! E não sou.

– Não, claro que não. É você que eu *amo*, Lada. – Ele fechou os olhos e baixou o tom de voz, tentando recobrar o controle. – Por favor, me deixe amar você. É a pessoa mais importante da minha vida. Você e seu irmão são os únicos que me conhecem de verdade.

Lada fez uma careta, e Mehmed ergueu as sobrancelhas ao notar sua reação, sem entendê-la. Ela não contara a respeito de sua briga com Radu nem tivera notícias do irmão desde que os dois haviam se separado. Mehmed permanecia às cegas quanto à dimensão do amor de Radu e à falta que Lada sentia do irmão.

– Por favor – disse Mehmed. – Já perdi Radu para meu pai. Ele quase nunca me escreve e quando manda notícias é como se falasse com um estranho. Não posso perder você também.

– Você não pode perder aquilo que não tem. Me leva junto.

Com um grunhido de frustração, Mehmed arrancou o véu dos cabelos de Lada e jogou no chão.

– Você está ridícula. Uma armadura fica bem melhor em você do que um traje de seda.

Lada levou a mão ao rosto dele. A pele de Mehmed era macia e quente, sempre quente, como se a paixão dele ardesse mais forte que a dos outros. A voz dela saiu como um ronronado, tão parecida com a de Huma que Lada até se assustou.

– Me leva com você e eu vou usar uma armadura o tempo todo. – Ela puxou o rosto dele para baixo, deixando o fogo que ardia dentro de Mehmed se espalhar por seu corpo.

Ele a agarrou pela cintura, apertando-a contra si com a mesma ferocidade dela. Lada pressionou o quadril contra a virilha dele, onde era possível sentir uma rigidez. Aquilo a apavorou, mas também a deixou animada, por ter o poder de despertar aquela reação. Mehmed grunhiu junto à sua boca, tornando o beijo cada vez mais profundo e frenético.

– Lada – ele falou, beijando seu pescoço, sua orelha, seu cabelo. – Lada, Lada.

– Me leva com você – ela murmurou no ouvido dele.

Mehmed enterrou o rosto no cabelo dela, agarrando-a com tanta força que Lada achou que tinha vencido. Mas ele sacudiu negativamente a cabeça.

– Não.

Soltando um grito, ela o afastou. Ele caiu, com os sapatos molhados pela água do vaso. Lada sacou uma adaga, inclinou-se para a frente e cortou a faixa da roupa dele. Amarrotando a seda nas mãos, ela o encarou.

– Você me quer em segurança? Quem vai manter *você* em segurança? Acabei de matá-lo outra vez bem debaixo do nariz dos seus guardas.

Ele teve a audácia de deitar no chão e dar risada.

– Lada, ninguém no mundo vai se dar ao trabalho de criar formas tão elaboradas de me matar quanto você. – Mehmed estendeu os braços, com a súplica estampada nos olhos pretos. – Por favor, vamos passar essas últimas horas juntos. Eu estava com saudade.

Ela se inclinou para longe do alcance dele.

– É bom ir se acostumando com a sensação.

Sua saída foi mais fácil que a entrada, embora devesse ser justamente o contrário no caso de mulheres no harém. Ela passou por um perplexo Ilyas e jogou a faixa do traje de Mehmed aos pés dele.

– Nós o matamos de novo. Vocês perderam. Tentem trazê-lo vivo da Albânia pelo menos.

Suas palavras cruéis para Mehmed ainda a afetavam quando fez um aceno para Stefan, que estava à sua espera, indicando que a prática havia sido bem-sucedida. Se Mehmed morresse, eles teriam se separado com uma declaração de amor da parte dele e uma crueldade da parte dela. Mehmed jamais saberia como ela se sentia – que ele a atormentava, que era como uma estrela brilhante na noite escura de sua vida.

Seria exatamente o que Mehmed merecia, morrer sem saber, já que a deixara para trás.

E Lada jamais ia se perdoar.

1451: Kruje, Albânia

COM SUA NOVA armadura e seus armamentos, além de um criado pessoal, uma barraca, suprimentos e uma belíssima égua, Radu se sentia mais rico do que nunca, depois de vários anos sem nada para chamar de seu. Mas seria bem melhor se sua recém-conquistada prosperidade fosse resultado de outra coisa que não ir para a guerra ao lado de Murad.

Ele sabia também que em algum lugar entre as dezenas de milhares de homens ao redor, Mehmed estava trabalhando para o mesmo objetivo.

Ficar em Edirne teria sido bem solitário sem os paxás, paxazes, janízaros e vários amigos que fizera, todos envolvidos no cerco às forças de Skanderbeg na Albânia. Ele teria tempo demais para pensar sem suas tramas, espionagens e interações diárias. E acabaria pensando em Mehmed.

Não era uma alternativa favorável. Radu se via esquadrinhando o mar de rostos ao redor o tempo todo – desejando e esperando ter uma breve visão de seu amigo.

Mas as forças de Murad e Mehmed estavam em posições opostas na expedição, separando Radu e Mehmed por um dia inteiro de marcha. As complicações logísticas envolvidas na locomoção de tantos homens e equipamentos eram impressionantes. Carroças com suprimentos e filas de animais vinham atrás dos soldados, além de centenas de mulheres oferecendo aos homens vários tipos de... serviços.

Murad pareceu satisfeito quando Radu recusou a investida de uma mulher.

– Você é mesmo um filho devoto de Deus.

Ele ficou sem saber se ria ou chorava ao ouvir o elogio.

A três dias de viagem de Kruje, a cidade que era o alvo da investida, Radu cavalgava na frente com Lazar e os batedores sob seu comando. A paisagem ampla e verdejante começava a mostrar sinais da presença de civilização. Radu brecou sua égua, acariciando o pescoço preto e comprido do animal enquanto esperava Lazar alcançá-lo.

– O que aconteceu aqui? É o lugar onde eles lutaram antes? – Radu olhou para a vasta extensão de terras calcinadas a ponto de se tornarem inutilizáveis para a agricultura.

Lazar sacudiu negativamente a cabeça.

– Pelas chagas divinas. É o presente de boas-vindas de Skanderbeg. Não vamos encontrar suprimentos até a cidade.

– Ele queimou suas próprias terras? – Radu não conseguia ter uma dimensão da enormidade dos campos queimados. Era época de plantio, o que significava que Skanderbeg teve que destruir um ano inteiro de lavoura, deixando seu povo sem nada para tirar da terra na época da colheita.

– Ele provavelmente envenenou os poços e lagos por garantia.

– Mas e o povo? O que as pessoas vão fazer quando o cerco terminar?

– Não é problema nosso. – Lazar encolheu os ombros.

Ele cavalgou de volta para o destacamento principal a fim de reportar suas descobertas. Radu guiou a égua com passos lentos, observando os campos assolados. Aquilo certamente dificultaria a missão. Eles contavam com os animais e suprimentos que encontrariam no caminho. As coisas ficariam mais difíceis e complicadas, e os homens seriam obrigados a se desdobrar para defender os suprimentos que levavam, agora cruciais. Aquilo também elevaria o custo do cerco a níveis astronômicos.

Mas foi a imagem de uma fundação de pedra com paredes de madeira carbonizada denotando os contornos do que um dia fora uma casa que ficou gravada na mente de Radu pelo resto da viagem. Suas forças jamais teriam incendiado a casa de civis. E, depois que tomassem a cidade, permitiriam que todos os habitantes dos domínios de Skanderbeg continuassem a viver como antes, mantendo sua fé e com sua segurança e prosperidade garantidas.

Radu se perguntou quanto Skanderbeg estava disposto a sacrificar e destruir sob o pretexto de proteger seu povo.

Quando chegaram às muralhas de Kruje, Radu já não suportava ficar sobre a sela. A montagem e organização do acampamento levou quase uma semana. A cidade estava à vista, mas eles se mantinham fora do alcance dos canhões de defesa. Os homens de Radu montaram suas barracas no perímetro do vasto pavilhão de Murad, erguido no centro do acampamento, com dezenas de milhares de pessoas ao redor como escudo. O acampamento dos otomanos tinha uma população maior que a de qualquer cidade em um raio de quilômetros, inclusive Kruje.

Radu comandava uma força de fronteira. Seu trabalho era reforçar linhas de defesa, não participar de cercos. Ele ajudava no que podia, ficava fora do caminho quando não podia ajudar e observava com uma mistura de orgulho e temor a ampla superioridade de suas forças no cerco ao traidor Skanderbeg.

Cinco vezes por dia, estendia seu tapete e orava, fazendo um pedido extra a Deus para que o cerco terminasse depressa.

Radu caminhava pelo perímetro do acampamento. Fazia dias que tinham chegado e pouquíssima coisa acontecera. Havia mandado centenas de batedores para tentar cortar o suprimento de água da cidade, sem sucesso. Tentaram subornar o comandante da cidade e foram refutados. As muralhas continuavam de pé, serenas e galhofeiras.

– É um cerco – dizia Lazar, encolhendo os ombros. – O segredo é saber esperar.

Radu não estava gostando daquela brincadeira. Seus homens quase não vinham sendo usados, apenas escoltando um ou outro carregamento de suprimentos e ficando de guarda duas noites por semana. Ele tivera medo de participar do cerco, mas agora estava entediado. Aquela espera podia enlouquecer um homem.

Suspirou, afastando-se do acampamento até um ponto em que as fogueiras não interferissem mais em sua capacidade de se localizar no escuro. Radu poderia ter ficado em sua barraca, mas, se seus homens estavam lá fora, também estaria. Era o mais justo.

Perto dele, Yazid, um jovem janízaro, murmurava enquanto os dois caminhavam.

– O que fica pendurado na coxa de um homem e quer entrar em um buraco em que já entrou muitas vezes antes?

Alguém soltou um grunhido de irritação. Lazar pediu que Yazid ficasse quieto. Radu ficou vermelho, contente por estarem na escuridão. Ele já tinha uma reputação de ser sensível e delicado demais para aqueles assuntos, e se perguntou o que os homens diziam pelas suas costas.

Um estranho clique chamou sua atenção. Ele estreitou os olhos.

– Abaixa! – Lazar se jogou sobre ele e o segurou no chão. Alguma coisa passou acima deles, mais um rumor do que alguma coisa concreta.

Radu saiu de baixo de Lazar, perplexo e em choque. Se não fosse por ele, poderia estar morto. Seu primeiro e poderoso impulso fora correr. Não era talhado para aquilo. Se Lada estivesse lá, ela teria...

Não. Ele estava no comando. E conduziria seus homens.

– Fiquem junto de mim! Flechas de balestra! Ergam os escudos e formem uma fileira! – ele gritou.

Radu ergueu o escudo diante de si, tenso e fazendo uma careta, esperando ser atingido por um projétil a qualquer momento. Lazar ficou de pé ao seu lado, com o escudo pressionado ao seu. Com uma velocidade que o deixou orgulhoso, seus homens se juntaram a eles. Avançaram em bloco, seguros e tranquilos, na direção dos agressores ocultos que disparavam em sua direção.

Não encontraram ninguém.

Os homens de Skanderbeg já haviam desaparecido na escuridão, depois de atingirem qualquer que fosse seu objetivo. As forças de Radu desfizeram a fileira, mantendo os ouvidos e os olhos em alerta.

– Uma chave – Yazid murmurou ao arrancar a flecha de balestra alojada em seu escudo. – Essa é a resposta da charada. Apesar de que *uma flecha* também seria uma boa resposta.

Lazar se manteve próximo de Radu, mas aquilo não lhe proporcionou muito conforto. Todos pareciam bem calmos, resignados à realidade familiar da batalha. Radu estava com frio, encharcado de suor, com o coração batendo loucamente. Ele sempre soube que seria atacado, mas até então apenas na teoria. Não sabia como seria de fato.

Ele seguiu andando, sentindo cada parte de seu corpo exposta, como se estivesse nu. Mais uma vez, sentia-se pequeno e fraco demais, como o menino apavorado que era vítima das explosões imprevisíveis de violência de Mircea. Só que agora não havia castelo onde se esconder, nem cortinas para entrar atrás.

E ele era responsável por muitas outras vidas além da sua.

TRÊS MESES DEPOIS de o restante dos janízaros ir embora, os homens de Lada finalmente tinham alguma coisa para fazer. Eles estavam esperando um carregamento de pólvora. Normalmente, não seriam envolvidos em algo do tipo. Mas, com todos os outros janízaros no cerco a Kruje, cabia a eles decidir como usar o que receberiam. A decisão mais responsável seria colocar no paiol e esperar a volta de Ilya. Com certeza ele tinha em mente homens específicos para treinar nos usos e nas estratégias envolvendo a pólvora.

Mas Ilyas não estava lá.

E com Radu tão longe, só pensando em política, e sem nenhuma carta de Mehmed, Lada sentia vontade de queimar coisas.

Ela estava à espera no portão da fortaleza quando a carroça chegou. Uma mulher desceu do veículo, com a testa franzida e uma postura arqueada.

– Onde está o comandante?

– Eu sou a comandante.

Embora suas costas continuassem curvadas, as sobrancelhas da mulher se ergueram.

– Você. – Ela observou o uniforme de Lada, mas manteve os olhos fixos em seu peito, com uma expressão de interrogação.

Lada resistiu à ideia de cruzar os braços por cima dos seios.

– Sim.

– Não é o que eu esperava.

Dando de ombros, Lada respondeu:

– Posso dizer a mesma coisa.

A mulher sorriu, revelando vários dentes faltando.

– Estamos em guerra. De novo. Meu marido e meus filhos sempre são chamados para servir nosso líder sipahi. Nós temos habilidades únicas.

– Nós?

– Entendo de pólvora tanto quanto qualquer homem.

– E mesmo assim foi deixada para trás. – Lada fechou a cara, dando um passo à frente para examinar os barris na carroça. – Isso não deixa você furiosa?

– Claro. Agora tenho que fazer sozinha o trabalho do meu marido e dos meus três filhos.

– Não, o que estou dizendo é que você tem o mesmo direito de estar na batalha que eles. Não deveria ser deixada aqui como se fosse uma inútil.

– Bah. Carregamos um fardo pelo Império, assim como os homens. Quem mais poderia manter tudo em funcionamento enquanto eles disputam quem mija mais longe?

Apesar de tudo, Lada deu risada.

– Você não me diria isso se eu fosse homem.

– Transporte pólvora e ensino idiotas a evitar que se matem. Posso falar o que quiser na frente de qualquer homem.

Nicolae foi até elas, quase dançando de empolgação.

– O que vamos explodir primeiro? – Seus olhos estavam acesos o suficiente para pôr fogo na pólvora sem precisar de chama e pavio.

A mulher suspirou.

– Meu nome é Tohin. Acho melhor nos apresentarmos, porque ao que parece vou passar mais tempo que o normal por aqui para evitar que vocês se matem.

– Muito prazer. – Lada ficou surpresa com a sinceridade de sua afirmação.

Tohin fazia Lada se lembrar da ama, embora a ama não tivesse as pontas dos dedos queimadas e calejadas e não fosse especialista no uso de pólvora em combate. Havia uma qualidade em Tohin, um jeito direto que beirava a hostilidade e trazia à mente de Lada a maneira como a ama resmungava consigo mesma quando achava que não havia ninguém ouvindo. Além disso, o brilho de aprovação nos olhos de Tohin vendo Lada comandar seus homens a fazia se sentir de volta à frente da lareira, tendo seus cabelos escovados.

Mas aquela mulher não vinha com um Bogdan.

Ou um Radu.

Depois de vários dias treinando com pequenas quantidades de pólvora – como carregar, como usar o comprimento do pavio para conseguir fugir antes da explosão, como armazenar –, os homens de Lada estavam prontos para um teste de verdade. Eles escalaram a encosta da montanha e desceram por um cânion estreito, longe de onde ficavam as casas. Cada homem carregava uma porção de pólvora, e eles se revezaram para empurrar um canhão tremendamente pesado. Era um trabalho suarento e pontuado por palavrões.

Lada imaginou que estava subindo com Mehmed ao seu lado, para uma batalha. Então fantasiou mirar o canhão no peito dele.

Ela não sabia qual cenário a fazia se sentir melhor.

Por fim, chegaram ao destino e posicionaram o canhão.

– Gosto mais de balestras – disse Petru, resmungado e massageando as mãos.

Tohin deu um tapa na nuca dele.

– Pense grande, pequeno idiota.

O cenário da simulação era bem simples. Um exército estava vindo em sua direção pelo cânion. Eles precisavam disparar tantos tiros quanto fossem possíveis para desmobilizar as fileiras imaginárias.

Lada sabia que o impacto do canhão seria mais psicológico do que qualquer outra coisa. Uma artilharia leve o bastante para ser transportada com facilidade não produziria muito mais estrago que as balestras de Petru, mas o ruído e o fator-surpresa do canhão podiam ser usados como tática de intimidação para desorganizar fileiras e forçar uma retirada.

Mesmo assim, era trabalho demais para relativamente pouca recompensa. Lada manteve distância enquanto Matei e Stefan ajustavam o ângulo dos canhões, com a orientação de Tohin. As paredes do cânion eram estreitas e inclinadas, oferecendo uma cobertura mínima. Se um exército estivesse descendo por lá, não haveria como avançar nem recuar depois de atirar, e precisariam tentar de novo.

Lada olhou por cima do cânion para os dois lados, notando a presença de rochas pesadas apontando lá no alto. E se não houvesse lugar para onde ir?

– Parem – ela ordenou. – Posso tirar um exército inteiro de combate com duas explosões.

Tohin soltou um suspiro de irritação.

– Vocês soldados sempre superestimam sua capacidade de provocar estragos. Não temos pólvora suficiente, e você seria morta se ficasse parada perto o suficiente de um exército para acender o pavio.

– Não por baixo. – O sol bateu nos olhos de Lada por uma fresta nas rochas mais acima. – Por cima.

Tohin e Lada estavam sentadas juntas nas pedras arrebentadas, que bloqueavam o fundo do cânion.

Em uma batalha de verdade, teria sido muito mais difícil e cronometrado. Eles teriam que esperar o exército rival se posicionar inteiramente no cânion. A precisão e o fator-surpresa seriam fundamentais – um único tiro contra um dos soldados que ficassem para acender o pavio arruinaria tudo.

Mas havia funcionado. O uso da pólvora para provocar uma avalanche em ambos os lados do vale bloqueara tanto o avanço como a retirada. Com paredes inclinadas e nenhuma cobertura, uma força reduzida como a de Lada poderia matar centenas de homens encurralados, escolhendo a dedo um a um.

– Você tem uma cabeça muito boa – disse Tohin. O restante dos janízaros já havia iniciado o longo e cansativo processo de levar o canhão de volta.

– As condições precisariam ser bem específicas para funcionar.
– Mesmo assim. Usar o relevo como arma... é uma ideia que a maioria das pessoas não teria. Você ouviu aquele idiota, com a cabeça mais dura que esta pedra. Ele só enxerga como arma algo que consegue segurar na mão.

– E, apesar de toda a minha inteligência, estou enfrentando inimigos imaginários em um cânion dentro de uma fortaleza que ninguém conseguiria invadir.

– Você preferiria estar no campo de batalha em Kruje? Esmagando homens contra uma muralha que se recusa a ceder? Vendo todos morrerem de doença em meio à podridão?

Lada sentiu uma pontada de pânico. Não havia quase nenhuma notícia do cerco. Ela supôs que aquilo significasse que as coisas estavam indo bem.

– Doenças?

– Em um acampamento daquele tamanho as doenças se espalham.

– Você teve alguma notícia?

Tohin fez que sim com a cabeça.

– Meu marido e meus filhos me escreveram. Não houve nenhum progresso. As doenças estão devassando o acampamento mais depressa do que o esperado.

– E quanto a... – Lada se interrompeu. Era impossível deixar de imaginar Mehmed deitado em um leito, definhando, vendo sua vida se esvaír. Durante aquele tempo todo ela o visualizara com uma espada na mão, comandando seus homens, realizando grandes feitos sem nunca querer nem precisar da presença dela. Mas a doença era um inimigo inesperado. Ela limpou a garganta, tentando amenizar o nó que se instalara ali. – Alguma outra notícia?

– Não. Eles vão continuar pressionando as muralhas até cederem ou o inverno chegar, e então vão voltar para casa. Vencendo ou perdendo, o resultado é o mesmo. Os homens voltam para casa, e eu vou ter menos trabalho para fazer, só que mais bocas para alimentar.

– Por que tanto trabalho? Que diferença faz Kruje? É um lugar tão valioso assim para o Império para justificar tanto risco? – Lada ficou de pé e começou a caminhar de um lado para o outro. O medo que ela sentia por Mehmed serviu como um pavio para acender sua raiva. – Malditos tolos!

– A questão não é Kruje – disse Tohin.

– Claro que não. É o orgulho de Murad! Ele não aceita a ideia de ser traído por seu protegido, então está arriscando a vida de Mehmed... – Lada fez uma pausa, respirando fundo. – Está arriscando a vida de milhares de homens para se vingar de apenas um.

– A questão tampouco é Skanderbeg. – Tohin ergueu a mão, interrompendo o argumento que estava na ponta da língua de Lada. – Sim, ele quer fazer de

Skanderbeg um exemplo, quer puni-lo. Mas o que acha que vai acontecer com as cidades da fronteira se Murad não resolver esse problema?

– Elas voltariam para seus governantes de direito! Ele está dando um passo maior que a perna. Não tem nada que se envolver com o que acontece lá.

– E se ele deixasse Kruje se emancipar? Se libertasse todos os Estados vassalos, se fizesse as fronteiras do Império Otomano voltarem para como eram antes de chegar à Europa?

– Não entendi.

– Onde isso ia parar? Devemos abrir mão de *todas* as cidades, voltar para os desertos do leste? Virar nômades a cavalo?

– Claro que não.

– Então ficamos aqui. Você sugere que fiquemos apenas com os primeiros territórios conquistados por nós... quanta generosidade. Acha que Hunyadi se daria por satisfeito? Acha que Bizâncio agradeceria e voltaria a viver feliz com seu quinhão de terra? Acha que o papa deixaria de convocar cruzadas?

– Não acho que...

– Quando foi que as fronteiras ficaram imóveis? Nosso povo veio do leste, fugindo da destruição. Eles viram cidades e muralhas, e queriam isso. Então tomaram. Se não o tivessem feito, teriam morrido. E outras pessoas viriam e tomariam as cidades do mesmo jeito.

– Então defenda o que é seu! Por que se concentrar em mais conquistas?

– Kruje é nossa. Skanderbeg é nosso. Se não formos para cima, reivindicando o que é nosso e procurando conquistar o que não é nosso, outros vão fazer isso. É assim que o mundo funciona. Você pode tomar a ofensiva, pode enfrentar os cruzados nas terras deles, ou pode ficar em casa esperando que venham. E eles *viriam*. Viriam trazendo o fogo, a doença, o sangue e a morte com suas espadas. A fraqueza é uma isca irresistível.

Lada se lembrou de Hunyadi entrando montado na capital de seu pai como se fosse o dono de tudo. Vlad era fraco, e por causa disso – porque queria manter o que tinha e evitar um confronto – a Valáquia sofreu.

Tohin continuou:

– Murad leva a guerra para outros países para que aqui, no Império, possamos levar a vida de sempre. Nós nos expandimos porque, se não fizemos isso, morreremos. E é responsabilidade de Murad zelar pela nossa vida.

Lada ficou olhando para o cânion em ruínas.

– O preço da vida parece ser sempre a morte.

Tohin ficou de pé, com as juntas estalando audivelmente.

– E é por isso que você se transformou em uma mercadora da morte. Você a leva a quantas pessoas puder para mantê-la saciada e com os olhos bem distante dos

seus.

Uma mercadora da morte. Lada voltou para a fortaleza pensando naquela frase. Fronteiras e avanços militares, cercos e doenças. Mercadores da morte.

Lada rezou para que Mehmed não tivesse sido um dos homens entregues à morte para que esta fosse mantida distante do coração do Império Otomano.

NINGUÉM FICOU MAIS SURPRESO ao ver a haste de uma flecha no meio do peito de Yazid do que ele.

O soldado olhou para Radu com um meio sorriso no rosto, como se a flecha fosse o encerramento de uma piada que estivesse contando. E então caiu do cavalo e foi esmagado pelas rodas de uma carroça de suprimentos que vinha logo atrás.

– Emboscada! – gritou Lazar.

Radu era quem deveria gritar aquilo. Mas ele continuava olhando para o espaço no lombo do cavalo onde estivera Yazid. E agora não havia mais nada.

Uma flecha voou pelo ar, tão perto de seu rosto que ele sentiu o zunido do vento. Mais duas vieram em rápida sucessão, com as pontas em chamas, mas não o tinham como alvo. Estavam destinadas à madeira e à lona da carroça.

Os gritos se espalharam pela caravana de vinte carroças, o que revelou a Radu que estavam todos sob ataque. Havia árvores próximas, com seus galhos como dedos gigantes prestes a puxá-los para as profundezas da floresta. Para esmagá-los em suas entranhas verdejantes, abafando o massacre com o canto dos pássaros até que tudo voltasse à imobilidade.

Os gritos eram muitos.

Radu estava encharcado. Alguém tinha jogado um balde d'água na carroça e molhado mais seu corpo que a madeira. Uma movimentação entre as árvores chamou sua atenção, e ele saltou da montaria, dando um grito, sacando a espada e correndo na direção do inimigo.

Um braço apareceu, e Radu ouviu um berro e viu um olho arregalado. Então...

Então havia um cadáver aos seus pés, e sua espada estava vermelha, denunciando o fato terrível. Radu lançou a cabeça para trás e soltou um uivo de triunfo. Tudo o que viu por entre as árvores foram homens correndo, fugindo dele, da caravana de carroças. Haviam vencido.

Radu havia vencido.

Não tinha ninguém lá para protegê-lo, não daquela vez, e ele havia...

Radu olhou para baixo.

O inimigo – a terrível ameaça que ele extinguiu com as próprias mãos – era um menino. Seus pulsos eram estreitos, seus cotovelos, magros. Os olhos arregalados e surpresos com a morte eram órbitas vazias em um rosto marcado pela fome e pelo desespero. Tinha poucos, pouquíssimos anos de vida.

Radu caiu de joelhos e estendeu os braços. Suas mãos pairaram sobre o buraco que tirara a vida do menino. Ele já tinha lançado flechas em inimigos antes, e provavelmente matado alguém, mas nunca daquela maneira. Nunca vira um rosto caído diante de si, perguntando *por quê*.

– Radu? – Uma mão pousou em seu ombro. – Você está ferido?

Radu se contorceu para se desvencilhar do toque, estremecendo.

– Vou na frente. – Ele subiu de novo na montaria, galopando atrás da caravana, para além da fila, para além dos últimos batedores ajoelhados em torno dos mortos. Quando deixou todos para trás, tentou respirar fundo, mas o ar não veio.

Pela primeira vez, sua vida estivera em perigo e não havia ninguém por perto para salvá-lo. Ele salvara a si mesmo.

Mas ninguém salvara o menino na floresta, e Radu chorou por ele, desejando que alguém tivesse tentado fazer aquilo.

Radu baixou os mapas, esfregando o rosto, exausto.

– Podemos pôr fogo nas árvores.

– Em quais delas? – Lazar se inclinou para trás, espichando as pernas compridas e sorrindo preguiçosamente. Vinha passando mais tempo na barraca de Radu do que na dele à medida que o cerco se estendia de forma interminável e as linhas entre as fileiras eram rompidas. Fazia cinco meses que estavam lá. Cinco meses.

– Em todas. Todas as árvores daqui até a Itália. Todas as árvores em toda parte. Todas as árvores que possam esconder Skanderbeg e seus malditos homens em qualquer estrada que nossas caravanas de suprimentos usam.

– Você ouviu? Os venezianos mandaram avisar que não vão mais vender suprimentos para nós.

Radu suspirou, apoiando todo o peso do corpo no poste central que mantinha a barraca de pé.

– Bom, isso resolve o problema de como proteger as carroças, pelo menos. Se não tivermos suprimentos, os homens de Skanderbeg não têm como roubá-los.

– O inverno está chegando. Vamos morrer congelados antes de morrermos de fome, se isso serve de consolo.

Radu ficou de pé.

– Você está atrasado para sua visita às mulheres do acampamento. – Lazar passava a maior parte do tempo livre com as prostitutas que acompanhavam os soldados. No início, Radu fingiu que não notava, mas agora, com tanta coisa acontecendo, não se preocupava mais em manter as aparências.

– Gosto que elas sintam minha falta às vezes. Sou generoso com meu amor. Tenho o suficiente para *todo mundo*. – Ele subiu na cama de Radu, deitado de

barriga para cima com um olhar de pretensa inocência. Lazar estava ficando mais ousado, fazendo provocações deliberadas quando estavam sozinhos, e Radu não sabia como reagir. Gostava dele, valorizava sua amizade e seus conselhos, mas...

Não tinha cabeça para responder àquele desafio. Em vez de encarar Lazar, saiu para a noite. A fumaça pairava pesadamente no ar. Radu respirou fundo, aspirando os odores. Tinha certeza de que aquela fumaça ia se alojar de forma permanente em seu nariz, e nunca mais conseguiria sentir o cheiro de nada.

As fileiras cuidadosas erguidas cinco meses antes tinham se degenerado em um arranjo caótico de barracas, lamaçais e pilhas de lixo. Radu evitava as piores partes, contornando à distância as fogueiras onde os homens se reuniam, com os olhos sempre atentos e os punhos cerrados.

A barraca de Kumal parecia um cogumelo doente brotando no meio do acampamento. Radu se agachou para entrar, fazendo um aceno de cabeça para os criados de expressão desolada. O ar estava carregado, com um cheiro sutil mas inescapável de suor azedo e doença. Parecia que era possível sentir o cheiro de alguma outra coisa além de fumaça.

Ele caminhou em silêncio até o leito de Kumal, sentando em um tapete ao lado. O rosto dele estava magro, com pálpebras tão finas sobre os olhos que era possível ver as veias delicadas atravessando a pele. Muita gente no acampamento estava doente, depois de viver em condições ruins e com tanta proximidade por tanto tempo. Pelo menos Kumal podia manter sua dignidade morrendo em um ambiente privado.

Kumal ergueu a mão quente e ressecada, e Radu a segurou.

– Como está hoje, meu amigo?

Os lábios ressecados de Kumal se abriram em um sorriso.

– Bem – ele respondeu com a voz rouca.

Radu retribuiu o sorriso da melhor maneira possível.

– Está precisando de alguma coisa? Água?

Kumal sacudiu a cabeça.

– Preciso de uma promessa.

Radu estalou a língua.

– Desculpa, a carroça que trazia o suprimento de promessas foi interceptada por Skanderbeg na semana passada. Estamos sem nada no estoque.

O peito de Kumal chiou, sacudido por uma risada.

– Estou falando sério. Preciso que me faça uma promessa.

– Qualquer coisa.

– Cuide de Nazira.

Radu piscou algumas vezes e olhou para o tecido do teto da barraca, manchado de preto por causa da fumaça, encardido e arruinado como todas as coisas ali.

– Sua irmã vai ficar muito brava com você quando voltarmos e ela descobrir que tentou se livrar dela.

Kumal apertou com mais força do que o esperado a mão de Radu, considerando seu estado.

– Eu prometo. Vou cuidar dela – disse Radu.

Kumal soltou um suspiro de alívio, e seu corpo murchou sob o cobertor, até parecer que não havia mais um homem adulto embaixo do tecido. Radu permaneceu com ele por mais uma hora, mas não voltaram a conversar.

Quando Radu saiu, começou a vagar a esmo. Perdido em seus pensamentos, foi chegando cada vez mais perto do limite do acampamento. Parou diante das últimas e maltratadas barracas, encarando os contornos escuros da muralha. A maldita muralha.

Por três vezes tinham atacado diretamente, e nas três foram repelidos.

Nunca haviam conseguido cortar o suprimento de água da cidade.

Tentaram até subornar os governantes outra vez, sem sucesso.

Houve um ruído alto e trovejante, e o chão sob seus pés estremeceu. Uma nuvem de poeira se ergueu no céu, obstruindo as estrelas. Os homens gritavam, mas não havia nada do típico impacto de metal contra metal e os relinchos dos cavalos que assinalavam um ataque-surpresa de uma cavalaria. Aquilo era novidade, e uma novidade ruim.

Radu saiu correndo e sacou a espada. Ele cambaleava no escuro, levando o braço à boca para não inalar a poeira que pairava no ar como uma tumba que engoliria todos.

À sua esquerda, um homem se juntou a ele.

– Não, não, não! – gritou.

Radu tropeçou e caiu no chão gelado, quase empalando a si mesmo com a espada. Ele conhecia aquela voz. E conhecia a mão que se estendeu para puxá-lo.

– Vamos, precisamos ajudar! Os túneis desabaram!

Na escuridão, Mehmed não o reconheceu. Mas Radu o identificaria em qualquer lugar. Ele segurou aquela mão e a apertou como se fosse a âncora de seu mundo. Em uma questão de segundos, não estava mais lá. Mehmed desaparecera noite adentro.

Radu hesitou. Se voltasse ao acampamento naquele momento, Mehmed jamais saberia. Eles não conversariam. Radu poderia voltar para seus dias de monotonia manchada de sangue. Mas seria uma mentira. Porque, nem quando estava ausente de sua vida, Mehmed deixava de ser o sol em torno do qual tudo girava. Radu ainda orbitava ao redor dele, mesmo estando afastados.

Ele saiu correndo e alcançou Mehmed, que estava parado diante de uma abertura no chão. Sua trajetória levava do local onde estavam até poucos passos da muralha.

Mehmed caiu de joelhos e levou as mãos à cabeça, desesperado. Alguns homens corriam de um lado para o outro, berrando freneticamente, mas era evidente que ninguém que estava dentro do túnel conseguiria sair.

Radu se ajoelhou ao lado de Mehmed, levando a mão ao ombro dele. O filho do sultão ergueu a cabeça, surpreso, mas o que ia dizer morreu antes de sair dos lábios. Ele estreitou os olhos para Radu e se lançou para a frente, abraçando-o e enterrando o rosto em seu ombro. A terra começou a se mover sob Radu, ou talvez dentro dele, de modo que todas as promessas que fizera a si mesmo entrassem em colapso.

Mehmed.

Seu Mehmed.

Radu pôs a mão na nuca dele e o abraçou.

– Eu fracassei. Eu fracassei e estão todos mortos – disse Mehmed.

Radu sacudiu a cabeça, roçando o rosto no cabelo de Mehmed.

– Todos fracassamos. Não é culpa sua.

– Mas o plano era meu. Era minha ideia para salvar o cerco.

– Não existe o que salvar. Não se responsabilize pela loucura do seu pai. Aprenda com ela.

Mehmed assentiu com a cabeça ainda em seu ombro, e então se afastou. Ele apertou seus ombros com força, como se estivesse com medo de que Radu fosse desaparecer. Como poderia? Mehmed era seu sol. Radu sempre voltaria.

– Por que você está aqui?

– Vim com seu pai. Estou aqui desde o começo.

Mehmed pareceu ao mesmo tempo chocado e magoado. Ele não parecia bem de saúde, era possível notar a magreza e a palidez mesmo no escuro. Ou estava doente ou estava adoecendo. Radu queria acariciar seu rosto, tocá-lo, curá-lo.

– Por que não me procurou antes? – questionou Mehmed.

– Eu... – *Porque sou apaixonado por você. Porque não posso ficar muito perto, para que você não veja o que está escrito no meu coração. Porque não consigo suportar a dor de estar perto de você.* – Eu não podia, não sem trair a confiança do círculo mais próximo do seu pai. Eles precisam achar que sou indiferente a você.

– Não entendi.

– Estou servindo como espião para você, Mehmed. Aprendendo como as coisas funcionam na cidade, descobrindo os esquemas de suborno, corrupção, conspiração. Então, quando você reassumir o trono, posso proporcionar aquilo que não teve da outra vez. Aliados. Informações. Planos.

Mehmed baixou as mãos.

– Foi por isso que você ficou?

Radu confirmou com a cabeça, estremecendo pelo frio que sentiu na ausência do toque de Mehmed.

– Você ficou para me ajudar. Não porque me odeia.

A voz de Radu estremeceu, de tão ansioso que ele estava para dizer:

– Eu jamais odiaria você.

Mehmed o puxou para mais perto, colando a testa à sua. Sua pele estava febril.

– Meu coração ficou apertado de saudade.

Com os olhos fechados, Radu soltou um suspiro trêmulo.

– O meu também.

– Você é meu melhor amigo, o mais sincero. Vai voltar comigo? Vamos para casa! – Radu quase disse sim, pois não conseguiria negar, mas então Mehmed complementou: – Lada também precisa de você.

Radu baixou a cabeça, comprimindo-a com mais força contra a de Mehmed, e então se endireitou e se afastou.

– Como vai minha irmã?

– Cuspindo fogo e ácido.

– Na mesma, então.

Mehmed soltou uma risada amarga.

– Na mesma. Acho que ela nunca vai me perdoar por não ter vindo, mas aqui não é lugar para uma mulher.

– Lada não é uma mulher.

– Pode até não ser, mas eu não poderia trazê-la para um perigo assim. E você! Eu poderia ter você do meu lado o tempo todo.

Radu se sentou sobre os calcanhares, aumentando a distância entre os dois. Ele não sabia se ficava contente que Mehmed preferisse sua presença ali à de Lada ou se ficava desolado com o fato de sua irmã ser considerada preciosa demais para correr aquele risco, enquanto Radu era bem-vindo no campo de batalha. Depois de tudo por que passou, com tudo o que fizera enquanto estava lá, Radu jamais voltaria a ser como antes. Muita coisa havia sido perdida. Mas Mehmed não conseguia ver aquilo.

– Preciso ficar com seu pai. – Radu ficou de pé e seus joelhos quase o traíram, mandando-o de volta ao chão, para junto de Mehmed. Ele firmou as pernas, assumindo uma postura ereta diante da cidade inexpugnável à sua frente. – Caso contrário... – Caso contrário Radu não conseguiria refazer as barreiras em torno de seu coração, que estavam novamente em frangalhos. – Caso contrário todo o meu trabalho vai ser perdido, e eu pretendo ser o Dragwlya mais útil para você. – Ele abriu um sorriso forçado, suavizando o tom de voz. – Lada já está duas tentativas de assassinato na minha frente. Preciso correr atrás do prejuízo.

Mehmed se levantou.

– Você diz que precisa fazer isso. Mas o que *quer* fazer?

Radu estendeu a mão na direção de Mehmed, tocando com os dedos a bainha da túnica dele. Atrás de seu amado, viu um grupo de janízaros que vinha correndo até eles.

Ele abriu o sorriso mais inocente de que era capaz. Um sorriso sem culpa, que dizia: *Me conte todos os seus segredos, nada de ruim vai acontecer, ou Sou só isso mesmo que você está vendo, confie em mim.*

– Isso não importa. O que importa é que estou preparando o terreno para você ser o sultão que nós dois sabemos que deve ser. Você vai ser a mão de Deus na Terra, e eu vou fazer o que puder para garantir isso.

Radu voltou ao acampamento sozinho, imaginando que talvez fosse capaz de entender Skanderbeg no fim das contas. Porque ele mesmo não hesitaria em sacrificar qualquer coisa por Mehmed.

Inclusive a própria vida.

Lazar ficou de pé, alarmado, quando Radu entrou na barraca. Ele não esperava ver o soldado de novo naquela noite.

– O que aconteceu? Parece que viu o demônio.

Radu sacudiu a cabeça e sentou, desejando que Lazar não estivesse lá, para poder pensar sobre Mehmed e curtir sua dor com privacidade.

– O demônio não. Mehmed.

Lazar abriu um sorriso amarelo.

– Não vejo muita diferença. Como ele estava?

– Parecia doente. O cerco não está fazendo muito bem para ele.

– Nenhuma surpresa.

Radu se encolheu e virou para o outro lado. Lazar pôs a mão de leve em seu ombro.

– Você ainda se sente da mesma forma em relação a ele?

– Nunca vai deixar de ser assim.

– E sua irmã?

Radu fez uma careta, lembrando-se do tratamento cuidadoso e protetor que Mehmed dispensara a Lada. Ele se arrependeu de ter revelado a Lazar que sua irmã e Mehmed tinham algo que Radu desejava muito.

– Por favor, Lazar, pare de falar.

Lazar tirou a mão, e Radu escutou enquanto ele remexia algumas coisas no baú perto de sua escrivaninha.

– Estou fazendo seus relatórios. Vai demorar um pouco. Você se incomoda?

Radu grunhiu e assentiu com um gesto. Ele queria ficar sozinho, mas não queria escrever pessoalmente os relatórios. Lazar com frequência fazia aquilo por ele, coletando as informações necessárias. Radu só precisava assinar. Depois de vários minutos, Lazar se ajoelhou ao lado dele com uma pilha de papel na mão, mas só mostrou a última página, em que sua firma era necessária.

Radu assinou sem hesitar. E então, finalmente, Lazar saiu. Ele enfiou a cabeça no cobertor, sentindo seu coração bater no ritmo da tristeza e da alegria de Mehmed, Mehmed, Mehmed.

— **O** QUE EU não daria por uma horda furiosa de hunos agora... — suspirou Nicolae, deitado de barriga para cima no meio do campo de treino. A terra sob suas costas estava compactada por décadas de pisadas. Na cerca baixa de madeira da arena havia ganchos para pendurar os equipamentos dos homens em treinamento.

Como todos os dias naqueles últimos seis meses, os ganchos estavam vazios.

Tohin tinha ido embora logo depois que eles destruíram o cânion. Havia outros postos a visitar, outros soldados a treinar. Lada sentia falta dela. E principalmente de explodir coisas. Eles não podiam continuar praticando com a pólvora, porque não tinha sobrado quase nada.

Havia pouquíssimas coisas para fazer. Naquele dia, Petru e Matei realizavam a patrulha com Stefan. Lada não sabia onde se encontravam os outros, e não estava nem um pouco interessada em saber. Todos haviam sido alocados para tratar de questões locais menores, em virtude da ausência dos sipahis e dos vális. Na semana anterior, tinham investigado o roubo de porcos de uma propriedade rural. O ladrão, surpreendido em flagrante, era na verdade um buraco na cerca, que dava aos porcos acesso a um campo cheio de trufas.

Até mesmo a raiva que sentia de Mehmed por deixá-la para trás havia perdido a força, em razão do medo gerado pelas notícias que Tohin tinha do cerco. Cada vez mais, Lada pensava nele com uma sensação de arrependimento. De ternura, até. Ela se pegava imaginando o que faria se ele estivesse lá. E então reprimia aqueles pensamentos com a mais afiada das adagas, extirpando-os de sua mente. Ele saberia se virar sem ela, e ela sem ele. Mehmed ficaria bem sem Lada.

Ela estava sentada na cerca ao lado de Nicolae, olhando para ele.

— Você quer me beijar? — Lada perguntou.

Nicolae soltou uma risadinha sufocada.

— Quê?

— Você quer me beijar? — Ela não sentia nada quando olhava para Nicolae, mas o mesmo valia para Mehmed antes de se beijarem. Talvez o segredo para o remover de suas entranhas fosse substituí-lo. Em geral, Lada considerava Nicolae mais do que apenas tolerável, e ele sabia acatar ordens.

— Por favor, não encare o que vou dizer como uma ofensa — ele falou, ficando de pé e dando um passo atrás para aumentar a distância entre os dois, com os olhos

grudados na faca na mão de Lada. – Mas prefiro começar um romance com meu cavalo. E desconfio de que meu cavalo também gostaria disso mais do que você.

Lada ergueu o queixo.

– Seu cavalo merece coisa melhor.

– Concordo. – Agora relativamente seguro de que não seria esfaqueado, Nicolae sentou perto dela na cerca. O fato de Lada não ter ficado chateada com a rejeição era sinal de que beijá-lo não teria feito nada para aliviar seus problemas.

– Vejo você como uma irmã – ele falou. – Uma irmã genial, violenta e às vezes assustadora que eu seguiria até o fim do mundo, em parte porque a respeito demais, em parte porque tenho medo do que faria se eu me recusasse.

Lada balançou a cabeça.

– Eu faria *mesmo* coisas terríveis.

Nicolae deu risada.

– As piores.

– E depois ainda roubaria seu namorado cavalo, para irritar você.

– Sua crueldade não tem limites.

Lada ficou de pé, alongando-se e desejando ter algum lugar para ir. Não era mais possível se refugiar na floresta, como costumava fazer. Havia uma voz-fantasma que a seguia, murmurando *vadia* em seu ouvido, e o cheiro da terra despertava lembranças que preferia esquecer.

– Vou patrulhar o perímetro – ela anunciou.

Nicolae assentiu com a cabeça, e seu rosto jovial assumiu uma expressão mais séria.

– Estou falando sério, sabe? Sigo você até o fim do mundo.

Um calor incomum se espalhou dentro de seu peito. Ela desviou os olhos, tentando esconder o sorriso nos lábios.

– Claro que segue.

Lada tomou o caminho do enorme portão da fortaleza, sentindo-se leve como não ficava havia semanas. O que quer que acontecesse, tinha seus homens. E estava no comando. Aquilo não era pouca coisa, afinal.

Um mensageiro com léguas de poeira encrustadas no manto conduziu um cavalo cansado até o portão. Ele tirou uma bolsa do ombro e estendeu para ela.

– Cartas da Albânia.

– Pode deixar que eu recebo. – Lada pegou a bolsa e chamou um criado. Juntos, eles separaram as cartas. A maioria era para criados cujos familiares serviam como soldados, e algumas para homens sob seu comando que tinham amigos participando do cerco. Fazia um mês que não recebiam notícias, e ela precisou se esforçar para não abrir as cartas.

Então apareceu uma endereçada a ela. Seu coração disparou, tornando difícil até respirar. Mehmed finalmente tinha resolvido escrever?

Abandonando o criado sem dizer palavra, Lada se retirou para seu quarto nos alojamentos dos soldados. Deixou a carta sobre a mesa e ficou andando de um lado para o outro, encarando o papel com desconfiança, como se fosse desaparecer a qualquer momento. O que poderia informar? O que ela *gostaria* que informasse? Depois de tanto tempo, o que ele poderia dizer para obter seu perdão?

Nada. Não havia nada que Mehmed pudesse dizer.

Lada rompeu o lacre, abriu a carta e passou os olhos rapidamente pelo conteúdo. Não era de Mehmed.

A caligrafia era desconhecida, mas a assinatura ao final com certeza era de Radu.

Ela desabou na cadeira, e o choque tornou difícil a leitura. Radu estava no cerco? Como? Por quê? Estaria com Mehmed?

Uma estranha sensação a dominou, uma inveja por Radu estar em um lugar que fora proibido a ela, e com *Mehmed*. Ele devia ter resgatado seu irmão de Edirne e o levado para lá. Cerrando os dentes, Lada começou a ler. A carta era breve, com algumas linhas apenas. Ele a saudava sem preâmbulos nem explicações, apenas afirmando que o cerco estava sendo um desastre e terminaria logo. Então...

Lada interrompeu a leitura, deixando a carta ir ao chão. Em seguida a apanhou de novo, como se relendo com mais cuidado fosse possível alterar seu conteúdo.

“A doença está se espalhando rapidamente. É um segredo que deve ficar apenas entre nós, mas Mehmed adoeceu. Não imagino que vá se recuperar ou sobreviver à viagem de volta. Quando ele morrer você vai estar à mercê de Murad, que ainda deseja sua morte. Sem a proteção de Mehmed, temo pelo seu destino. O que quer que tenha havido entre nós, eu não conseguiria conviver comigo mesmo se não a alertasse. Junte o que puder e fuja enquanto é tempo.”

Quando ele morrer.

Não se.

Quando.

Lada viu a data na carta, que tinha sido escrita mais de um mês antes. Aquilo significava que Mehmed poderia já estar morto, e fazia tempo. Todo o veneno que ela nutrira, a amargura, a raiva. Suas últimas palavras para ele. O pensamento de que, mesmo se ele não voltasse, não merecia saber de seus sentimentos. Ela se dobrou com a mão sobre a barriga, segurando um grito que ameaçava romper de sua garganta.

Mandara Mehmed para a morte com nada além de crueldade e, pior, uma morte que nem ela poderia ter impedido. Não podia lutar contra a doença com uma

espada, não podia pará-la com uma adaga, não importava quão esperta e sagaz fosse.

Ela se jogou na cama e se encolheu toda, incapaz de imaginar um mundo sem Mehmed. Radu tinha razão, não haveria espaço para ela. Radu não estava tão ameaçado quanto ela, porque havia encontrado um papel para desempenhar.

Radu conquistara seu lugar. Lada só tinha alguma coisa agora – sua casa, seus homens, sua vida – porque Mehmed gostava dela. Todos os seus fios estavam atados a ele, e com sua morte arrebentariam.

Ela rolou para fora da cama e releu a carta, desejando poder mudar seu conteúdo. Em seguida, cravou-a na mesa com um grito, enfiando-a tão profundamente na madeira com sua adaga que só era possível ver o cabo para fora, sem nenhum pedaço da lâmina.

Uma semana depois, Lada estava quase pronta para partir. Ela roubaria um cavalo. Como parte do corpo dos janízaros, não dispunha de um cavalo só para si, mas ainda havia alguns nos estábulos da fortaleza. Só precisava de mais alguns dias. Se pelo menos tivesse ganhado ou exigido presentes excêntricos de Mehmed, poderia contar com outra coisa que não fosse o pagamento destinado aos janízaros. Lada procurou o tesoureiro para receber seu salário adiantado, mas o velho tolo não quis descumprir o cronograma. Roubar mais do que o estritamente necessário chamaria muita atenção, então era preciso esperar.

Era uma agonia.

Todos os seus homens haviam notado a mudança em seu comportamento, mas ninguém sabia o motivo. Nicolae em especial parecia bem apreensivo, e Lada ficou com receio de que ele tivesse ficado sabendo do falecimento de Mehmed em uma carta que recebera, ou desconfiasse que ela pretendia fugir.

Enquanto Lada olhava para o céu de cara fechada, desejando que o sol pudesse se pôr mais depressa para adiantar sua fuga, Nicolae pôs a mão em seu ombro, em um gesto cauteloso. Os demais janízaros tinham ido comer. Ela não notou que ele ficara para trás.

– Podemos conversar sobre o que está incomodando você – ele disse, com uma voz tensa. – Se quiser.

Lada virou para ele, estreitando os olhos.

– Por que acha que tem alguma coisa me incomodando?

– Desde semana passada você anda...

– *O quê?* – O que ele poderia ter notado? Teria comentado algo com os outros?

Ela não sabia em quem podia confiar, e quanto menos gente soubesse de seu plano melhor.

Ele encolheu os ombros.

– Você quase quebrou o braço de Petru no treinamento. E ontem nem apareceu. Não escuta quando falamos, ou responde com uma grosseria de doer. Desculpa. Eu pensei... não achei que você estivesse falando sério. – Nicolae ficou inquieto, mexendo no colarinho. – Se você quiser, se for importante mesmo, eu... A gente pode se beijar.

Lada se limitou a encará-lo, incrédula. Então a tensão acumulada transbordou, e ela jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada, brotando dentro dela como uma fonte de água em uma montanha seca, desabando como uma cachoeira de seus lábios, em uma correnteza fria e irrefreável. Ela riu tanto que caiu no chão e pôs a mão na barriga, que começava a doer.

Nicolae a cutucou com o pé, fechando a cara.

– Essa é a rejeição mais ofensiva que já sofri em uma investida romântica. E olha que foram *muitas*.

– Seu idiota – ela falou, ofegante. – Seu arrogante de uma figa. Acha que ficaria chateada por *sua* causa?

Ele sentou ao seu lado.

– Pois é. Pode poupar o que restou da minha dignidade?

Lada suspirou, limpando as lágrimas dos olhos, e sentou, encostando o ombro no dele. Ela conhecia Nicolae. Podia confiar nele.

– Vou embora. – Fazendo uma careta, acrescentou: – Vou fugir.

– Por quê?

– Radu me escreveu do campo de batalha. Mehmed está... estava... doente. – Ela engoliu em seco a dor que se instalou como um câncer em sua garganta e não queria sair de lá. A carta estava guardada dentro de sua blusa, bem perto do saquinho de couro em seu pescoço, cutucando a pele sobre o coração. – Está morrendo. Ou já morto. Mehmed é a única razão por que tenho alguma liberdade e poder. Com ele morto, eu perco tudo isso. – Ela apontou para o campo de treino, para o pequeno quarto privativo a que tinha direito nos alojamentos mais adiante. – Murad adora Radu, mas ainda quer me ver morta, e agora ninguém vai impedi-lo. Ninguém vai se importar. Então vou embora.

– Pelas chagas divinas, já estava na hora.

Lada virou para ele, surpresa.

– Como assim?

– Só estranho que tenha demorado tanto tempo para você decidir fugir! Nunca entendi por que ainda estava aqui, sendo que claramente tem inteligência e capacidade para ter se mandado anos atrás.

– Eu... eu não podia. Se pudesse, já teria feito!

Nicolae ergueu as sobrancelhas, fazendo sua cicatriz se enrugar na testa.

– Você tem acesso a dinheiro e montarias. Sabe caçar, rastrear, lutar. Com um pouco de planejamento, pode atravessar a fronteira e voltar para casa quando quiser.

Lada se apoiou na parede, com a cabeça girando. Ele estava certo. Não havia nada de diferente em sua situação com relação aos dois ou três anos anteriores. A não ser...

Mehmed.

Ela havia ficado porque ele lhe dava um motivo para ficar.

– Não tenho uma casa para voltar – Lada respondeu, evitando o olhar de Nicolae para não ver a reação provocada pela verdade. – Radu e eu fomos traídos e abandonados pelo nosso pai duas vezes. A primeira quando ele nos deixou aqui, depois quando desrespeitou o acordo e assinou nossa sentença de morte. Ele era...

– Lada fechou os olhos, sentindo-se enojada pelo tanto que o admirara, por tudo o que fizera para atrair a atenção dele. – Ele nunca foi um grande homem, e agora sei disso. Se eu voltar para lá, meu pai vai arrumar outra maneira de me trocar por migalhas de poder. – Era verdade. Se ela fosse para a Valáquia, estaria casada antes que seu pai percebesse que ela se tornara mais do que qualquer coisa com que ele pudesse sonhar.

– Então vamos para outro lugar.

Lada arregalou os olhos para Nicolae.

– Vamos?

– Aqui não era divertido antes de você chegar, e vai ficar menos ainda na sua ausência. Eu estava falando sério... sigo você até o fim do mundo. Mas prefiro ir para um lugar mais perto, porque cavalgar por muito tempo faz doer uma parte muito querida do meu corpo.

– Não posso pedir para você me acompanhar.

– Você não pode me pedir para ficar.

– Você tem um trabalho aqui. Dinheiro. Uma posição.

– Sou um escravo que ganha salário. Nós dois sabemos disso.

Lada assentiu, sentindo o alívio percorrer seu corpo como o calor da lareira no inverno. Seria bom contar com Nicolae como companhia.

– Você deveria chamar os outros homens também – sugeriu Nicolae.

Lada fez que não com a cabeça.

– Quanto mais gente for, maior a chance de sermos descobertos. Não vou arriscar a vida deles. E duvido que iam querer vir.

– Acho que você ficaria surpresa. Soube escolher muito bem.

– Vou pensar a respeito. Temos dois dias. Prepare o que for preciso.

Ele ficou de pé e estendeu a mão para ajudá-la a levantar, segurando-a por mais tempo que o necessário.

– Até o fim do mundo – ele disse.
– Até o fim do mundo. – Com um sorriso tenso, ela virou para sair.
– Lada? Lamento muito quanto a Mehmed. Sei o que ele significava para você.
Ela quase tropeçou nos próprios pés.
– Que estranho – Lada comentou, com os olhos em chamas. – Porque acho que nem eu mesma sei mais.

Ela só sabia o que sentia, uma mistura de raiva, amargura, ciúme, desejo e afeição que provavelmente jamais permitiria ver o que havia no centro de tudo.

Lada foi até seu antigo quarto na fortaleza para ver se havia alguma coisa que valesse a pena levar. Estava da maneira como o deixara, intocado, com uma camada de poeira cobrindo tudo. Vazio. Um passado vazio, um futuro vazio, sem ninguém que se preocupasse com ela.

– Que o diabo o carregue, Mehmed! – ela gritou, com uma tristeza envenenada pela raiva. Aquilo era culpa dele. Lada ficara por ele, permitira que a atraísse com uma promessa de segurança, de um futuro. Mas, como sempre, ela estava à mercê dos homens que faziam parte de sua vida. E, assim como seu pai, Mehmed a abandonara.

– E para onde o diabo vai me carregar?

Lada virou para ele com o coração na boca. Mehmed estava encostado no batente da porta, contorcendo a nova expressão que o cerco havia conferido a seu rosto. Ele parecia maltratado, com as bochechas magras e olheiras carregadas depois de semanas sem dormir direito. Avançou em sua direção de braços abertos.

– Você morreu! – Ela o empurrou, encarando-o. Estava mudado, mas era ele. Vivo. Saudável.

– Ah, é? Que decepção. Queria muito estar vivo para nosso reencontro. Apesar do medo de que *você* me matasse.

Ela o puxou para perto, permitindo que ele a abraçasse, ainda trêmula, sem acreditar naquele milagre.

– Recebi uma carta. Dizia que... Pensei que você estivesse morto. – Lada apanhou a carta e a estendeu para ele. Mehmed a apanhou franzindo a testa. A ruga entre as sobrancelhas dele se aprofundou.

Lada adorava aquela ruga. Pensou que a tivesse perdido para sempre. O alívio e a alegria lutavam contra a raiva dentro dela. Como pensava que o havia perdido, estava se sentindo desamparada. Não podia continuar fingindo que tinha uma vida ali. Mas ele estava de volta. E aquilo a deixava... confusa.

– Não é a caligrafia de Radu, mas a assinatura é dele. Não sei quem escreveu isso, mas não foi seu irmão. Alguém queria que você fosse embora. – Mehmed franziu a testa para a carta, como se aquilo pudesse revelar verdades ocultas. – Quem desejaria isso?

Por alguns instantes sinistros, os mais sinistros de sua vida, ainda piores do que quando pensou que Mehmed estava morto, Lada se perguntou se Radu não poderia estar por trás de tudo, no fim das contas. O que ele mais queria era dela. Seria uma forma perfeita de se livrar de Lada sem matá-la.

Mas não. Ela não poderia pensar aquilo dele. O que quer que houvesse entre os dois, seu irmão não a prejudicaria daquele jeito. Porque Lada jamais faria algo do tipo com ele, e Radu não era capaz de ser mais cruel que ela.

Mehmed continuou:

– Teria que ser alguém próximo dele. Com acesso à sua assinatura. – Ele a encarou, à espera de uma sugestão.

– Você deve saber disso melhor do que eu. – Sua língua estava encharcada de veneno, fermentado em meses de espera e tristeza. – Fiquei aqui, onde você me deixou. E Radu estava ao seu lado.

Mehmed fez que não com a cabeça.

– Ele está com meu pai. Só nos encontramos uma vez. Radu comanda um pequeno grupo, sob ordens diretas do sultão.

– Então pode ser qualquer um. Não sou muito querida pelo seu pai, nem por Halil Paxá, ou por vários deles. Minha ausência não seria lamentada.

– Eu lamentaria. A cada minuto do dia.

– E fez isso?

Os olhos de Mehmed estavam carregados de desejo.

– Sim.

Ela virou as costas.

– Eu estava indo embora.

Ele a puxou para perto de si, enterrando o rosto em seu cabelo.

– Eu proíbo.

– Você não pode me proibir de fazer nada. – Suas palavras, no entanto, soaram vazias. Ela havia passado uma semana inteira pensando exatamente no que tinha sem ele. Um cavalo roubado, um amigo leal e um futuro sombrio e complicado.

Mehmed passou de seu cabelo para sua orelha, percorrendo-a com os lábios. Seu corpo reagiu ao toque dele, apesar de sua determinação de ficar brava e puni-lo.

Ele ainda a queria. E ela sabia o quanto era importante para uma mulher ser querida de alguma forma que a fizesse se sentir importante. Estava pronta para abandonar tudo quando acreditou tê-lo perdido, mas agora...

Lada jamais admitiria para Nicolae e mal conseguia admitir para si mesma, mas ia ficar por causa de Mehmed. Ia ficar por causa da maneira como se sentia quando a boca ou os olhos dele estavam nela. E ia ficar por causa do poder que aquilo lhe proporcionava.

Os lábios dele encontraram os seus, e ela retribuiu o beijo com uma ferocidade implacável. Lada o tocou em todas as partes – no rosto, no cabelo, nos ombros, nas mãos –, porque Mehmed estava lá, estava vivo, e pela primeira vez um homem que amava havia voltado para ela. A vida que tinha construído ali não podia ser abandonada, nem os fios de poder e segurança à sua disposição. Ele não estava perdido para sempre.

– Diga que você é minha. – Mehmed baixou os lábios para seu pescoço. Ela acolheu o toque, cravando as unhas nas costas dele.

– Sou sua – ela murmurou. Foram palavras cortantes como facas, abafadas imediatamente depois de saírem de sua boca, quando os lábios dele encontraram os seus outra vez.

A CARAVANA SE deslocava mais devagar que o restante do exército, deixada para trás para seguir o rastro de cem mil fracassos na areia diante deles.

Radu não estava com a mínima pressa de alcançá-los.

Ele recebera a permissão de Murad, com muita má vontade, para auxiliar o contingente de Kumal, que tentava mantê-lo vivo pelo menos até chegar em casa. Embora soubesse que aquilo não ajudaria em nada seu objetivo de levar Mehmed ao trono, ele simplesmente não podia virar as costas para o amigo. Não daquela maneira. Kumal estava começando a melhorar, mas ainda estava fragilizado a ponto de Radu temer que não sobrevivesse à viagem de volta.

Kumal ajudara Radu a entender sua própria alma, e ele não o deixaria definhar sem oferecer nenhum tipo de apoio.

Radu brecou seu cavalo e ergueu o punho para que os homens atrás dele fizessem o mesmo. Ele conduzia seus janízaros, reduzidos a quatro pobres almas, e os sipahis de Kumal. Não sabia quantos homens Kumal havia perdido, mas temia ainda mais a perda inaceitável que sofreria caso ficassem ali por mais tempo.

Mais adiante, um grupo de homens montados mais ou menos do tamanho do seu bloqueava a estrada. Com a mão no cabo da espada, Radu avançou. Lazar fez menção de acompanhá-lo, mas ele sacudiu negativamente a cabeça. Um homem se destacou do outro grupo para saudá-lo. À distância, Radu pensou que fosse um jovem; somente quando chegou mais perto notou que o rosto dele tinha sido barbeado. As rugas profundas em torno dos olhos denunciavam a idade, e Radu se perguntou por que não teria aderido ao costume de deixar crescer a barba ou o bigode, de acordo com aquilo a que tivesse direito.

O homem abriu um sorriso amarelo e ergueu a mão em saudação. Embora estivesse vestido com trajes típicos da região, falava turco com fluência.

— Olá, cachorrinho do sultão. Você se perdeu do dono?

Radu estreitou os olhos. Havia alguma coisa de familiar naquele homem. Ele se deu conta de que já havia visto aquele rosto em um retrato, agora levemente alterado pela passagem do tempo.

Skanderbeg.

Radu olhou por cima do ombro. A carroça que levava Kumal parecia um besouro no meio da estrada, um alvo fácil e vulnerável. Embora suas forças estivessem em igualdade numérica, Radu tinha visto muitas caravanas serem

atacadas e sabia que a vantagem estava sempre com o agressor. Ele precisava proteger algo, enquanto seus adversários não tinham nada a perder.

Com um suspiro pesado, virou de novo para Skanderbeg.

– Meu amigo está doente.

O homem fixou os olhos ao longe, distantes e fora de foco.

– Meu país inteiro está doente. – Ele se voltou de novo para Radu, observando suas roupas, seu quepe, sua montaria. – Qual é seu nome?

– Radu.

– Só Radu? Não tem nome de família?

Ele abriu um sorriso amargo.

– Meu pai me deu como garantia para ele ficar com o trono da Valáquia. Você há de entender por que prefiro não o usar.

Skanderbeg assentiu com a cabeça.

– Entendo. Às vezes precisamos nos desvencilhar da nossa história. Você precisa de um novo nome.

Skanderbeg era uma corruptela do nome que ele havia recebido dos otomanos, Iskander, e do título de bei contra o qual se rebelou.

– Talvez Radu, o Belo. – A boca do homem se contorceu de modo brincalhão.

– Eu estava pensando mais em Radu, o Exausto.

– Humm. Pois é. – Skanderbeg coçou o rosto, observando os homens atrás de Radu. – Quem você está escoltando?

– O nome dele é Kumal. É o váli de uma zona rural a meio dia de viagem de Edirne. Sua propriedade é pequena, ele não conta com nenhum favorecimento do sultão e não tem nenhum parente vivo a não ser uma irmã mais nova que vai ficar sem nada no caso de sua morte. E provavelmente vai estar morto antes que a ajuda chegue.

Skanderbeg deu risada.

– Entendi. Então por que está arriscando sua vida escoltando um cadáver sem valor?

– Ele foi bondoso comigo mesmo sem ter nada a ganhar.

Com um grunhido, Skanderbeg tirou um frasco de metal amassado da sela, deu um gole e limpou a boca. Não havia sinal de tensão em seu corpo, nenhum indício de um ataque iminente. Olhando para os homens de Skanderbeg, Radu viu que estavam relaxados e voltados uns para os outros, sem dar o menor sinal de que se preparavam para uma batalha. Eles pareciam mais interessados nos campos secos e devastados ao redor. Radu se perguntou se teriam sido eles que provocaram as queimadas.

– Você não parece muito contente com sua vitória – Radu disse.

– Ah, sim, minha vitória. – Skanderbeg escancarou os dentes e abriu os braços. – Continuo sendo o senhor de uma terra esvaída e calcinada, com cofres vazios, um povo doente e lavouras destruídas. Mas meu orgulho permanece intacto! Meu maldito orgulho e a liberdade do meu povo não vão encher a barriga de ninguém quando o inverno chegar. Algumas vitórias não passam de derrotas disfarçadas. – Ele cuspiu no chão. – Quantos homens você acha que vamos perder se meu orgulho me forçar a desafiar uma última vez o sultão?

– Eu com certeza vou perder a carroça. Mesmo que você decida não levar Kumal, o atraso e a dificuldade que isso vai representar para a viagem implicarão a morte dele. Meus homens estão cansados e irritados. Os seus estão amargurados com os rivais que lhe custaram tantos sacrifícios. Imagino que você vá sair vivo, como sempre, mas sem nada além do sangue dos janízaros misturado ao dos seus homens para regar suas lavouras mortas. Acredito que eu mesmo não vou sobreviver, o que vai ser uma decepção.

Skanderbeg balançou a cabeça, pensativo.

– Ele é um homem bondoso, você disse?

– O mais bondoso que já conheci.

– Pois bem. Estamos atrasados para nossa refeição da tarde. Mande lembranças a Murad, Radu, o Belo.

Radu fez o máximo de esforço para que o alívio que dominava seu corpo não transparecesse em seu rosto. Ele se limitou a baixar a cabeça em sinal de respeito, e em seguida incitou sua montaria a avançar quando Skanderbeg abriu caminho, acenando para que seus homens fizessem o mesmo.

Durante o quilômetro seguinte de viagem, Radu ficou tenso, esperando que uma flecha o atingisse nas costas a qualquer momento, o que não aconteceu. Ele fez uma prece silenciosa agradecendo a bondade de Kumal, que salvara sua vida mais uma vez.

Murad não parava de beber. Estavam todos tão preocupados em não fazer nenhum comentário sobre o assunto que se tornou claro que era aquilo que monopolizava todas as atenções no momento.

Radu estava caminhando tarde da noite pelas ruas de Edirne. O frio do inverno havia se instalado com força nas pedras da cidade, irradiando e roubando o calor de seus ossos. As pessoas imitavam as construções e se fechavam em si mesmas, com espiadelas pelos olhos semicerrados, amargurados, desconfiados e frios.

Ele parou em todos os pontos de encontro possíveis: as mesquitas, as hospedarias, os mercados. Em toda parte o tom era o mesmo. Os alojamentos dos janízaros, em geral agitadíssimos durante as refeições, estavam silenciosos como as

árvores cobertas de gelo. Radu entrou usando o quepe de janízaro e sentou à ponta da mesa, com a cabeça voltada apenas para o prato.

– ... ainda mantém as terras e a renda? Depois de todos os fracassos dos sipahis no cerco? E nosso pagamento continua o mesmo. Ele deveria ter seu salário confiscado para dar uma parcela para nós daquilo que...

– ... doente, e minha menina disse que ele não vai durar muito mais. Em que ponto estamos, então? Se não conseguimos tomar a cidade de Skanderbeg, imagine o que um cerco a Constantinopla vai fazer com nossas fileiras. Prefiro desertar a servir sob as ordens do pequeno zelote...

Ele não estava ouvindo nada de novo. Com um suspiro, Radu afastou o prato e retomou a caminhada noturna. Nuvens baixas pairavam sob Edirne, privando a cidade da vista das estrelas. Talvez fosse até melhor. Radu duvidava que a sorte escrita nas estrelas teria algo positivo a revelar naquela noite.

Quando chegou ao palácio, o ar estava azedo e viciado como o de uma tumba. Ele pisou leve ao passar pelas portas de onde poderiam solicitar sua presença, até alcançar seu objetivo: o quarto.

Tirou as botas e as jogou no chão diante da lareira. O fogo estava baixo, mas era suficiente para aquecer o cômodo.

Ele estava muito cansado.

Murad requisitava sua presença a qualquer hora do dia ou da noite, muitas vezes obrigando-o a ficar acordado até o amanhecer. Radu havia recitado seu poema tantas vezes que com frequência acordava com a cabeça doendo e a boca seca, dando-se conta de que estava declamando durante o sono, como uma vez comentou de brincadeira que conseguiria fazer.

Se existisse alguma misericórdia no mundo, naquela noite Murad ia se esquecer dele.

Uma pilha de cartas fora deixada na mesinha ao lado da cama. Ele remexeu nos papéis, descartando os convites de vários conhecidos que tentavam fingir que seu retorno era motivo para comemoração. Depois de Kruje, não tinha mais ânimo para fingir que se divertia naquele tipo de ocasião social. Tinha visto homens morrerem.

Tinha matado outros homens.

E agora estava de volta ao ponto de partida, sem a menor possibilidade de ajudar Mehmed. E ele estava mais distante do que nunca.

Radu parou para olhar uma carta com uma caligrafia um tanto trêmula, que abriu imediatamente.

Era de Kumal. Ele se recostou na cama e abriu um sorriso de alívio. O amigo estava se recuperando e aos poucos recobrava as forças. Mas uma frase no final da carta o deixou ao mesmo tempo chocado e desolado.

Espero que, na primavera, eu esteja bem para comparecer a seu casamento com Nazira, uma ocasião feliz que esperamos ansiosamente. Até lá, meu caro irmão, se cuide.

Radu soltou uma risadinha incrédula. Pelo jeito Kumal não encarava sua sobrevivência como uma quebra do contrato feito no leito de morte. Mas seria preciso esperar para dizer a ele que era impossível. Radu não queria que nenhuma decepção atrapalhasse a convalescença do amigo.

Ele não sabia nem se tinha permissão para casar. Os janízaros não tinham, mas não era exatamente um deles, apesar do posto de comando. Tudo devia estar sujeito aos caprichos do sultão. Nazira não tinha nenhum valor político, pois a posição de Kumal dependia do favorecimento da capital, e sua família não dispunha de grandes posses. Mesmo assim, havia a possibilidade de ela casar com alguém de maior importância do que ele, como um paxazade ou outro váli. Por que Kumal ia querer aquilo para a irmã?

Uma pontada de compreensão, ao mesmo tempo doce e amarga, atingiu seu corpo. Kumal queria o que fosse melhor para Nazira, o que significava zelar pela felicidade dela. Todas as gentilezas que ela lhe dispensava, os sorrisos com o rosto corado, a alegria quando os visitara... Radu não era a escolha de Kumal. Era a escolha dela.

Mas como entregar seu coração a Nazira se batia de forma tão descontrolada por Mehmed? O dela ainda poderia permanecer puro e aberto a outras possibilidades. Ele precisaria convencer Kumal de que Nazira não merecia o que tinha a oferecer.

Uma leve batida na porta lhe provocou um sobressalto. Um criado, um menino de olhos arregalados e desconfiados, entrou com uma mesura.

– O sultão solicita sua presença.

Radu suspirou.

– Que grande novidade. – Ele abriu um sorriso malicioso para o criado, e o rosto do menino se iluminou quando se deu conta de que os dois estavam na mesma situação. – Tem conseguido dormir nos últimos dias?

O menino fez que não com a cabeça.

– Ninguém consegue. Ele quer todas as velas acesas, cantoria constante e comida e vinho a toda hora.

O criado lançou um olhar por cima do ombro, dividido entre a empolgação da maledicência e o medo de ser pego.

Radu sorriu para mostrar que não estava preocupado.

– Acho que o sultão tem medo do escuro. Quem fica com ele quando eu não estou lá para fazer companhia?

– Halil Paxá, na maioria das vezes. Ele me bateu na semana passada por ter derrubado uma gota de sopa em seu sapato. – O menino fez uma careta.

– Ah, como eu detesto esse sujeito. Ele é terrível. – Radu sacou uma moeda da bolsa ao lado da cama e a entregou ao menino. – Qual é seu nome?

O criado fez uma mesura, respondendo com a voz fina:

– Amal.

– Amal, lamento que você tenha que trabalhar tanto por tão pouco. Quando Halil Paxá estiver aqui, venha me procurar que lhe dou uma moeda extra para compensar o fato de precisar suportar a presença dele.

Radu temeu que a cabeça grande de Amal fosse se desprender do pescoço fino de tantas vezes que assentiu.

Se Halil Paxá estava rondando o palácio como um corvo, só esperando a morte iminente de Murad, então Radu precisava ser mais rápido que ele.

LADA ESTAVA DEITADA de bruços na cama de Mehmed, com a cabeça para fora.

– Não, não, não. – Ela empurrou a mão dele, que apontava para um mapa de Constantinopla e arredores. – Seu pai só conseguiu enxergar a muralha, foi por isso que fracassou.

– Mas, sem passar pela muralha, não temos como tomar a cidade!

– Ignore a muralha. A muralha é o último passo. Se você quer a cidade, precisa do que primeiro?

Mehmed franziu a testa, contornando a cidade distraidamente com os dedos. Então sua expressão se tornou mais séria e pensativa. Seu dedo passou para o estreito de Bósforo. Era o ponto por onde todos os navios levando suprimentos, soldados e auxílio da Europa precisavam passar.

– Precisamos cortar o pescoço – ele falou, levantando da cama e pegando um pote de tinta e uma pena.

De um lado da passagem estreita havia uma torre construída por seu bisavô Beyazid, o último ponto de possessão otomana antes do início dos domínios de Bizâncio. Ele desenhou uma torre similar do outro lado, em território bizantino. E fez um traço com a pena na água que separava as duas.

Lada bateu palmas, um som que ecoou pelo quarto inteiro.

– Impedir qualquer auxílio. Enfrentá-los por água e por terra. Fazê-los lutar em todas as frentes, esticando a corda o máximo possível, para que acabe arrebentando em algum lugar. Batemos em todas as portas, mas só precisamos que uma se abra.

O sorriso de Mehmed se desfez, e suas mãos passearam com reverência por todo o mapa. Era daquela maneira que ele tocava Lada às vezes, e ela sentiu uma pontada de ciúme ao notar que Mehmed via aquela cidade com a mesma sede.

– Se eu fracassar – ele comentou –, vai ser o seu fim.

Lada deu risada.

– Então nem tente, carneirinho. Fique com seu rebanho. Patrulhe as fronteiras. Ninguém nunca disse que você precisa tomar Constantinopla. É só um sonho.

Os olhos de Mehmed estavam faiscantes quando a encararam.

– Não é um sonho só meu.

Ela revirou os olhos.

– Ah, sim, sei tudo sobre o sonho do seu precioso profeta.

– Não é disso que estou falando. Meu *país* inteiro foi fundado em cima de um sonho. Menos de duzentos anos atrás não passávamos de um tribo, sempre fugindo dos mongóis, sem nenhum lugar para chamar de nosso. Mas nosso líder, meu ancestral Osman Gazi, sonhou que podíamos ser mais. Ele viu uma lua surgir no peito de um grande xeiue e passar para o seu. Em seu umbigo nasceu uma árvore, cujos galhos se espalharam por todo o mundo. Nesse momento, ele soube que seus descendentes, seu povo nômade e sem lar, governariam o mundo. O ponto a que chegamos não é uma comprovação da veracidade dessa visão? Eu herdei tudo isso, Lada. É um chamado e um sonho que não posso negar. Cabe a mim fazer a árvore crescer, é meu *dever*.

Lada queria zombar dele ou argumentar em contrário, mas sua alma não permitia. Ela entendia a ideia de que havia algo maior do que uma pessoa, algo que envolvia tudo ao seu redor e era impossível ignorar. E sabia que Mehmed nunca ia se sentir realizado sem a cidade que atiçava seu desejo de conquista, assim como sabia que ela mesma jamais ia se sentir realizada sem seu país.

Mehmed se aproximou dela.

– Posso fazer isso. *Nós* podemos. Juntos.

– Nem sempre conseguimos o que queremos, por mais forte que seja nosso desejo – ela murmurou.

Mehmed não interpretou direito a resposta e pulou de novo na cama, encostando o rosto em seus seios e tentando enfiar a mão sob sua roupa. Como sempre, ela segurou os dedos dele e torceu até fazê-lo gritar de dor e desistir.

– Você é cruel – Mehmed falou, escondendo o rosto no cabelo dela.

– Quer mesmo discutir isso agora? – Eles tinham chegado a uma espécie de trégua sobre a questão do harém: Lada fingia que aquele lugar não existia, e Mehmed jamais o mencionava. Mas ela se recusava a ceder em tudo o que ele queria. Manter a virgindade era a única maneira que tinha de se proteger, de impedir que seu coração se entregasse de vez a Mehmed.

Além disso, havia o medo de que, caso fizesse aquilo, Mehmed deixasse de vê-la como Lada e a encarasse da mesma forma como encarava a mãe de seu filho. Mais ainda: Lada tinha medo de engravidar, de ser arruinada por dentro. Ela não queria que nada mudasse. Queria viver com ele aqueles dias gelados de inverno, abraçados para espantar o frio, como se os dois fizessem parte de uma sociedade secreta. Mas era impossível não admitir que a cada dia ficava mais difícil fazê-lo parar.

Ela deixou o casulo quentinho da cama, dominada por um pânico repentino de que, se não se desvencilhasse dele naquele exato momento, quando saísse daquele quarto outra vez estaria diferente, irreconhecível até para si mesma.

– Aonde você vai? – Mehmed estendeu a mão para segurá-la, mas Lada se contorceu para afastá-la.

– Treinar.

– Você já comanda a força mais letal entre as fileiras de janízaros. O que precisa fazer de tão urgente?

Ela não respondeu. Em vez disso, saiu às pressas do quarto e correu para os alojamentos.

Encontrou Nicolae agachado no chão, jogando dados com Petru, cuja expressão indicava que não estava se saindo muito bem.

– Ah – disse Nicolae, erguendo os olhos. – Então ela nos agraciou com sua presença! A que devemos a honra?

– Isso é maneira de falar com sua líder? – Aquelas palavras provocaram um sobressalto em Petru, que ficou de pé e fez uma medida.

Nicolae não demonstrou a mesma prontidão, espreguiçando-se um pouco antes de levantar.

– Não sabia que você estava nos liderando para algum lugar. – O tom dele era de brincadeira, mas Lada se sentiu atingida. Nicolae estivera disposto a acompanhá-la em sua fuga, mas ela decidira ficar sem nem pensar nele. As coisas não tinham voltado ao normal entre os dois desde então, mas Lada vinha ocupando seu tempo com Mehmed, fingindo que não se importava.

– Quando eu tiver para onde ir – ela falou, encarando-o e erguendo o queixo –, vou querer você ao meu lado.

Ele suspirou e ergueu uma sobrancelha, levantando a cicatriz.

– Assim espero.

– Agora, se a gente puder...

Mehmed entrou às pressas no recinto, ofegante, com um garoto apavorado em seu encalço.

– Diga para ela – ele ordenou ao menino.

O garoto, que tinha a cabeça grande e o pescoço fino, começou a falar.

– “Murad não chega até o fim da semana. Halil Paxá quer jogar a cidade toda contra você para impedir que assuma o trono. Vá para lá agora e só leve as pessoas em quem você mais confia. Entre na capital em segredo. Ele tem vigias em todos os portões. Vou ficar esperando o menino voltar com notícias suas. Tenho cicatrizes de roseiras nos braços. Seu amigo fiel, Radu.”

Mehmed ficou olhando para Lada.

– O que essa última parte significa?

– Já fui enganada antes por uma mensagem falsa de Radu. Mas ninguém mais saberia disso a não ser nós dois. A mensagem é dele, sem sombra de dúvida. – Lada se interrompeu, sentindo uma inesperada saudade do irmão apertar seu peito.

– Reúna os homens. Vamos sair agora mesmo. Leve cavalos extras para trocarmos de montaria.

– E quanto a Ilyas? – questionou Mehmed.

– Você confia nele?

– Confio.

Lada assentiu.

– As forças dele são grandes demais. Precisamos levar você ao palácio sem ser notado. Vou falar para Ilyas se deslocar com suas tropas dois dias depois de nós. Por ora, precisamos viajar rápido, só com os meus homens.

– Vai ser como uma simulação de “ataque à cidade” contra Edirne? – Petru perguntou, com os olhos se acendendo.

Lada tentou demonstrar a mesma empolgação que ele com um sorriso que revelava seus dentes pequenos e afiados.

– Sim. Vamos nos infiltrar na capital.

– Mas, se nós nos dividirmos – argumentou Matei, agachado junto ao fogo enquanto assavam os coelhos caçados por Stefan –, ficamos mais vulneráveis. Mehmed não é exatamente desconhecido. Precisamos de todos os olhos e espadas que tivermos.

Petru, Nicolae, Stefan e Matei, os primeiros janízaros de Lada, eram também seus conselheiros. Os outros homens estavam espalhados pelo bosque nos arredores, tentando dormir sob o sol do início da tarde. Eles tinham avançado bem, cavalgando principalmente à noite, evitando os povoados e as cidades na beira da estrada.

– Não podemos entrar na cidade como janízaros. – Nicolae tirou o quepe. – Podemos ser parados e questionados. E todo mundo vai notar a chegada de uma tropa de janízaros liderada por uma mulher.

Lada grunhiu, chutando a terra.

– Por que eu preciso ser mulher?

– É, por quê? – questionou Mehmed, com um tom de divertimento.

– Nunca penso em você assim – disse Petru, com uma sinceridade que arrancou uma risadinha de Mehmed.

– Stefan, me dê o peitoral da sua armadura.

Com a expressão impassível de sempre, ele começou a desafivelar a peça. Embora a maioria usasse cota de malha, para não atrapalhar a movimentação, Stefan preferia uma armadura inteiriça de metal.

Lada a apanhou e a colocou sobre o peito. A armadura amassava seus seios, mas o incômodo não era insuportável. Ela queimou um graveto na fogueira, esperou

esfriar e passou a ponta carbonizada de leve sobre o lábio superior e o contorno da mandíbula.

– Se entrarmos com a cobertura da noite, posso passar por homem.

– Mas ainda assim um janízaro – argumentou Nicolae.

Amal, miudinho e sempre rondando o grupo, falou tão baixo que Lada quase não o ouviu:

– Para os criados ninguém nunca olha.

Lada abriu a boca para argumentar. Ela mal havia dirigido o olhar para ele durante toda a viagem. Até mesmo o cavalo que usava era um velho pangaré. Não era à toa que Radu o escolhera, em vez de alguém mais forte ou mais veloz. Era o mensageiro mais inofensivo e invisível que alguém poderia conseguir.

Mehmed franziu a testa.

– Então vou entrar na minha cidade como um criado?

O sorriso de Nicolae veio com a facilidade de sempre, mas Lada o conhecia bem o suficiente para saber que o comentário que viria não seria muito afetuoso.

– O que é um sultão, senão um servo do povo?

Lada entregou a armadura de volta a Stefan, então virou para Amal.

– Quanto tempo você demora para roubar as roupas certas para mim?

Ele abriu um sorriso tímido e desapareceu entre as árvores na direção da estrada.

Depois de comerem, os homens tiraram a farda. Os quepes de janízaros foram deixados em uma pilha que brilhava levemente sob o pôr do sol, parecendo um saco cheio de crânios. Eles haviam trazido várias roupas extras, que não davam nenhum indicativo de sua patente. Com turbantes simples na cabeça, passariam por criados na escuridão. Desde que ninguém os revistasse nem descobrisse uma peça de armadura.

Lada, porém, não tinha nenhuma roupa a não ser a farda e o vestido ridículo que usara para entrar no harém meses antes, o qual havia deixado em Amásia. Era um papel que preferia nunca mais desempenhar, nem mesmo para defender Mehmed.

Ela estava prestes a desistir e elaborar um plano para pular as muralhas quando Amal voltou, ofegante, segurando uma trouxa nas mãos.

– Muito bem – disse Lada, cobrindo a armadura com um vestido simples e uma faixa drapejada. Ela amarrou os cabelos e pôs uma echarpe por cima, cobrindo a testa.

Nicolae tossiu para disfarçar o riso.

– Talvez seja melhor você se barbear.

Lada franziu a testa, então se lembrou do carvão que ainda não havia limpado do rosto.

– Acho que uma mulher barbada chamaria atenção mesmo – ela falou em um tom sarcástico, limpando a fuligem da cara.

Quando todos estavam prontos para ir, já havia anoitecido. Eles pararam a meia légua da cidade e seguiram a pé em grupos de três ou quatro, encontrando-se em uma hospedaria que todos conheciam. Lada viu suas forças minguando, até por fim ser deixada apenas com Stefan, Nicolae e Mehmed. Amal foi na frente para avisar Radu de que eles estavam a caminho. A senha combinada era lembrar a Radu que apenas um idiota usava um escudo como trenó.

– Estou me sentindo como um ladrão – Mehmed comentou enquanto eles se esgueiravam pelas árvores à beira da estrada, esperando o último momento possível para sair a campo aberto.

– Nós *somos* ladrões – respondeu Lada, detendo o passo quando as muralhas da cidade surgiram à vista. – Agora vamos roubar sua cidade.

UM HOMEM SURTIU de trás da parede dos fundos da hospedaria. Era alto, com um rosto tão inexpressivo e olhos tão frios que Radu estremeceu.

– Radu – disse o homem, mais como uma afirmação do que como uma pergunta.

Ele confirmou com a cabeça. Deixara Amal para trás, a fim de não expor mais o garoto ao perigo.

– Acho que estou sendo seguido. – Embora tivesse ido até lá caminhando com passos casuais e aparentando tranquilidade, um eco de passos e a visão ocasional de um manto o acompanharam por todo o trajeto.

O homem apontou para o manto elegante de Radu, usado para protegê-lo do frio da noite. Radu o desamarrou e o entregou a ele. Depois de duas batidas em uma porta, o homem vestiu o manto sob os ombros, ajustou a postura e o andar para se passar por Radu e foi andando na direção do fim da rua. A porta se abriu e Radu entrou. Nicolae o puxou em um rápido abraço, com um sorriso um pouco mais tenso que o normal, mas mesmo assim aliviado ao vê-lo depois de uma difícil jornada.

– Venha, estamos em um quarto. – Ele conduziu Radu por um lance de degraus instáveis rumo aos fundos da construção, notando o crepitar do fogo e o cheiro de comida chegando e se afastando quando passaram por trás de uma cozinha. – Temos um homem no saguão principal para vigiar a entrada.

– Vocês chegaram em boa hora. – Radu queria ser capaz de dizer mais, porém o nó na garganta estava apertado e seu peito ofegava, então não foi possível falar mais nada.

Ele estava prestes a ver Mehmed.

E Lada.

Nicolae abriu uma porta no segundo andar, revelando uma sala de visitas cheia de homens espremidos como árvores em um bosque denso. Em um movimento sincronizado, olharam em sua direção, erguendo as mãos e as armas. Os homens relaxaram quando viram Nicolae, que fechou a porta atrás deles. Radu não notou ninguém, não em detalhes, porque estava procurando desesperadamente por...

Mehmed. Ele estava debruçado sobre uma mesa rústica, com a luz de uma lamparina iluminando seus olhos, deixando-os suaves e afetuosos. Apontava para um pergaminho aberto sobre a mesa, fixado no lugar sob o peso de várias armas, seus longos dedos traçando intrigas e complôs no ar.

Ao lado dele estava Lada, com a testa franzida, a mais baixa da sala, mas ainda assim no controle. Usava roupas de mulher, o que parecia uma incongruência.

Lada ergueu os olhos primeiro. O rosto dela mudou, e Radu instintivamente baixou os ombros e se encolheu, preparando-se para o impacto. Apenas depois de ela se voltar para a mesa sem reagir à sua presença ele teve tempo de ver que a expressão de raiva no rosto da irmã se transformara em tristeza.

Porém, tudo o mais foi esquecido quando Mehmed se endireitou e o viu. Um sorriso aliviado surgiu no rosto dele, que se levantou e foi abraçá-lo. Radu fechou os olhos, retribuindo o abraço por um brevíssimo momento. Ele temia que, se prolongasse muito o gesto, poderia acabar se traindo. Então se afastou, colocando as mãos sobre os ombros de Mehmed para mantê-lo à distância.

– Você está bem?

Mehmed fez que sim com a cabeça, apontando para um banco baixo que ocupava uma parede inteira da sala. Ele se sentou e Radu fez o mesmo, virando-se para o amigo.

– E meu pai? – perguntou Mehmed.

– Vai ser uma surpresa para mim se ainda estiver vivo no fim do dia amanhã. Está inconsciente há três dias.

– O que temos contra nós? – perguntou Lada, ficando de pé e se aproximando com os braços cruzados, sem olhar para Radu ao falar com ele.

– As forças de Halil Paxá estão espalhadas pela cidade, guardando todas as entradas. O palácio está sendo vigiado como sempre. Vai ser um problema pôr Mehmed para dentro sem ser notado.

Lada franziu ainda mais a testa.

– O que Halil pensa que está fazendo? Ele não pode reivindicar nada. Mesmo se o povo não quiseser ser governado por Mehmed, o trono não pode ser entregue a um paxá.

– Tem o irmão de Mehmed – falou Radu.

– Ele ainda é um menino!

– Se alguma coisa acontecesse comigo – explicou Mehmed –, Halil Paxá poderia se nomear grão-vizir e governar como regente em nome do meu irmão até a maioridade dele. Provavelmente até depois disso. Não conheço bem a mãe do menino, mas ela não tem poder suficiente para nomear a si mesma como regente.

– Mas se Halil Paxá não conseguir matar você, vai ficar sem opções – afirmou Lada.

Radu sacudiu a cabeça.

– Não. Pode ter outro jeito. – Ele se inclinou para trás, fechando os olhos, vasculhando a memória em busca de pistas de qual poderia ser o grande plano de Halil Paxá. E então ele se lembrou daquela noite, daquela noite terrível com Salih.

A carta de Constantinopla. Qual era o nome mencionado? Radu pôs a mão na testa, tentando recriar as palavras, mas só conseguia pensar no beijo que queria e não conseguira, e no beijo que não queria e conseguira.

Foi quando ele se deu conta.

– Orhan! Esse nome significa alguma coisa para vocês? Eu o vi em uma carta de Constantinopla para Halil Paxá.

Mehmed estreitou os olhos.

– Ele é um postulante, um suposto herdeiro do trono por outra linhagem. Desconfiamos que nem seja nosso parente, mas Constantino o usa contra nós há anos. Meu pai paga um tributo anual para o sustento do homem, para que não seja mandado para cá e crie problemas. Halil Paxá quer jogar a cidade contra mim e tornar Orhan sultão. Se conseguir causar turbulência suficiente, pode tomar Edirne e provocar uma guerra civil, mantendo Constantinopla a salvo. Nem imagino quanto devem ter pagado para essa cobra.

Radu empalideceu.

– Muitos otomanos morreriam. Como ele pode não se importar com o estrago de uma guerra civil?

Lada apanhou uma adaga da mesa.

– A solução é simples. Matamos Halil hoje à noite. Ilyas chega com os janízaros daqui a dois ou três dias e tomamos a cidade.

– *Não* é assim tão simples – disse Radu.

Lada bufou em desprezo, mas Mehmed virou para Radu, o que a abalou tanto quanto um soco e fez com que fechasse a cara.

– Me diga então – falou Mehmed. – O que acha que devemos fazer?

Radu vibrou por dentro.

– Tenho uma ideia.

– Sempre pensei que eu ficava melhor de vermelho que de azul – comentou Nicolae, com a boca e o nariz cobertos por um véu enquanto remexia na saia esvoaçante.

– Não vamos falar sobre isso com ninguém – Mehmed disse com um grunhido. Caso alguém examinasse mais de perto as novas concubinas, sem dúvida ficaria assustado com o olhar assassino no rosto delas.

Lada não disse nada, simplesmente esperou que o último homem terminasse de pular o muro e entrasse nos jardins ressecados pelo inverno das instalações do harém. No fim, ela levaria apenas quatro homens consigo: Matei, Nicolae, Stefan e Petru. Radu não conseguira mais roupas de mulher, e quanto menor fosse o grupo

menos atenção chamariam. Os demais deixaram a cidade para esperar Ilyas e informá-lo do plano.

Depois que todos pularam o muro, Lada recolheu a corda, enrolou e enfiou de volta sob sua faixa. Por mais mal que lhe fizesse, Radu não conseguia evitar notar a maneira como Mehmed estava sempre de olho nela.

– Eles vão estar vigiando Huma – explicou Radu. Para entrar no harém, ele mentira sobre um encontro com a mulher convalescente, mas a verdade era que Huma não estava envolvida nos planos. Era volátil demais, imprevisível demais, uma escolha óbvia demais. – A menor distância daqui ao palácio é pelos aposentos do sultão. Esse deve ser nosso melhor ponto de acesso. – Radu esfregou o queixo e sorriu. – Aqui todos me conhecem, por ser um dos favoritos de Murad. Venham comigo. E tentem parecer mulheres.

– Como é que eu faço isso? – resmungou Petru.

– Imitando Lada? – sugeriu Matei. Felizmente, as risadinhas foram abafadas pelos véus, e ela fingiu não ter ouvido. Mas alguma coisa na maneira como estreitou os olhos sugeriu a Radu que aquilo a tinha incomodado.

– Deem passos curtos – disse Lada. – E tentem mexer o corpo o máximo possível. Balancem os ombros e os quadris. Andem como se não tivessem nada no meio das pernas, o que não vai ser problema para Nicolae e Petru.

Mais risadinhas ásperas se seguiram.

– E talvez seja melhor parar com as conversas e as risadas – disse Radu, sacudindo a cabeça. Ele foi na frente, caminhando com confiança, liderando a comitiva. Quando chegaram ao portão de entrada, ele fez um aceno para o guarda.

O eunuco olhou por cima do ombro dele, erguendo as sobrancelhas.

– Os médicos sugeriram que tentássemos acordar Murad aguçando seus sentidos. Então pensei que... – Radu abriu um sorriso tímido, apontando para as mulheres.

O eunuco abriu o portão, e eles entraram. Radu fez uma prece silenciosa para que o homem não examinasse muito de perto as “mulheres” ou seus pés. Ele não conseguira encontrar sandálias para os homens, e as botas de couro estavam longe de ser comuns para mulheres que passavam a vida confinadas a uma única construção e aos jardins ao redor.

A porta seguinte levava aos aposentos de Murad e era vigiada por vários janízaros. Suando em bicas por baixo das roupas, Radu deu breves explicações, com um sorriso malicioso e envergonhado. Os janízaros deram de ombros, obviamente entediados pela incumbência de proteger um homem praticamente morto.

E assim eles entraram.

– Você quer vê-lo? – perguntou Radu, parando na porta do quarto de Murad e olhando apreensivo para o corredor, com a certeza de que a qualquer momento os janízaros se dariam conta do erro cometido e entrariam às pressas, com as espadas em punho. Ou de que apareceria um médico e daria o alarme. Ou então de que Halil Paxá em pessoa estaria a postos.

Mas eles estavam sozinhos, pelo menos por ora.

Mehmed olhou para a porta do quarto do pai e fez que não com a cabeça.

– Não tenho motivo nenhum para isso.

Radu se sentiu estranhamente tentado a entrar e prestar suas condolências. Independente de qualquer coisa, Murad era a razão para estarem ali. E Radu não mudaria aquilo por nada no mundo. Murad havia tirado muito dele, mas também tinha lhe dado Mehmed e o islã.

Radu pôs a mão no ombro de Mehmed e apertou de leve. Em seguida, conduziu o grupo pelos suntuosos aposentos até um cômodo lateral pouco usado. Era pequeno demais para receber visitantes e, com Murad doente, pouca gente aparecia por lá. Além disso, ficava entre os recintos principais.

Depois de fecharem a porta, os homens tiraram o disfarce, alguns com mais pressa do que outros.

– Prefiro sua cara com véu – Nicolae disse para Petru enquanto o jovem se despia.

– E eu prefiro sua boca fechada – ele retrucou.

A relação entre os dois era serena, com a segurança de velhos conhecidos. Talvez até não se gostassem, mas sabiam que, caso fosse necessário, dariam a vida para defender um ao outro.

Radu se perguntou como seria ter uma amizade sem reservas – sem medos, sem sentimentos indesejados e confusos envolvidos. Kumal era mais um mentor do que um amigo – a diferença de idade entre os dois era grande demais para isso. Confiava em Lazar, mas sempre havia uma pontada de desconforto, uma sugestão de desejo da parte do homem que o deixava na defensiva. Ele mantinha os outros homens à distância, por receio de que vissem nele o que Lazar vira, o que Huma vira, o que Lada vira. E o que Mehmed não vira.

Radu não sabia se era um alívio ou uma afronta que o outro não percebesse a maneira como ele o olhava.

– E agora? – Mehmed olhou para Radu.

Ele sentiu um aperto no peito e remexeu os ombros para aliviar o desconforto.

– Agora vou mandar chamar o capitão dos janízaros.

Lada fez que não com a cabeça.

– Arriscado demais.

– Pode ser, mas é muito mais arriscado deixar os janízaros da cidade no bolso de Halil Paxá. Ele pode até ficar contra nós, mas, se não conseguirmos convencê-lo a apoiar Mehmed, vamos ter que enfrentá-lo nas ruas de qualquer maneira.

– Exatamente – disse Mehmed.

Não foi difícil requisitar a presença do capitão dos janízaros nos aposentos de Murad. Radu simplesmente não disse à criada quem o estava chamando. Kazanci Dogan se mostrou impassível ao ver Radu, pois havia estado com ele por tempo suficiente no cerco para considerá-lo uma presença familiar. Radu sorriu e fez um gesto para o capitão segui-lo.

Na verdade, Kazanci Dogan demonstrou apenas uma leve surpresa quando a porta foi aberta, revelando Mehmed sentado em uma poltrona muito bem decorada, usando uma túnica roxa e um turbante vermelho-escuro. Ele ergueu a espada com a tranquilidade de quem boceja.

– Entre – disse Mehmed.

Kazanci Dogan baixou a cabeça em sinal de saudação e entrou, observando a expressão dos homens sérios parados junto às paredes. Lada estava sentada em um canto, com uma perna sobre o banco e a outra balançando preguiçosamente. Ela terminou de apertar o laço que tinha feito e o largou no chão, deixando-o caído como se não desse a menor importância para o que estava fazendo.

Radu sentiu uma pontada de afeição que superou até mesmo sua raiva. Ela era incrível em certas ocasiões.

– Não sabia que você tinha chegado – Kazanci Dogan disse a Mehmed.

– Sim, é estranho como ninguém teve a ideia de me contar que meu pai estava morrendo. Mas, com a mudança que está por vir, achei que eu e você deveríamos ter uma conversa.

Kazanci Dogan ficou em silêncio.

– Durante meu governo anterior, tivemos problemas disciplinares com seus homens. Consegui retomar o controle sobre eles desde então?

O rosto de Kazanci Dogan ficou ligeiramente vermelho.

– Meus janízaros fazem mais pelo Império do que os outros soldados. É minha função cuidar de seus interesses.

– Claro. Me fale sobre a linha de comando.

Franzindo a testa, Kazanci Dogan explicou que era o chefe de todos os soldados, a quem os líderes de cada divisão e guarnição deveriam se reportar. Mehmed assentiu, pensativo.

– E você deve satisfações ao sultão e a mais ninguém?

A voz de Kazanci Dogan se revelou ligeiramente apreensiva.

– Sim.

– Mas o sultão não é o comandante das tropas. Você é.

– Sim.

Mehmed balançou a cabeça.

– É bom que se mantenham apartados dos sipahis e de suas intermináveis disputas políticas. Valorizo os janízaros acima de tudo. Me diga então: o que posso fazer para ajudá-lo a comandar seus homens?

A expressão de Kazanci Dogan ficou mais séria.

– Estamos cansados, senhor. O cerco contra Skanderbeg foi longo e desanimador. Muitos dos meus homens voltaram doentes e só se recuperaram agora. Existe uma preocupação de que... – ele fez uma pausa, como se escolhesse com cuidado as palavras que diria a seguir – ... quando *você* assumir o trono sejam obrigados a encarar outro cerco mal pensado e frustrado.

Mehmed inclinou a cabeça, surpreso.

– Não tenho nenhuma intenção de atacar Skanderbeg. Essa era uma rivalidade do meu pai.

– A questão não é essa.

A confusão fingida no rosto de Mehmed quase fez Radu dar risada.

– E contra quem eu faria um cerco? Já tenho nas mãos um Império que demanda atenção, e vou precisar de tempo e de ajuda para aprender a governar. Dependeria dos meus janízaros para serem meu braço direito. Esse é meu único plano para o futuro.

Kazanci Dogan se limitou a tossir de leve.

– Me diga, você acha que meu pai conduziu bem o Império? – Mehmed sorriu diante da expressão de susto no rosto de Kazanci Dogan. – Ora. Ele está morrendo. Não é um ato de traição pensar no que podemos melhorar. Por exemplo, o que seus homens acham do pagamento que recebem?

Kazanci Dogan limpou a garganta.

– Tem havido reclamações. Fazemos um trabalho pesado para o Império, e vemos que outros homens são mais bem recompensados.

– Concordo. Meu primeiro ato vai ser examinar as finanças, determinar onde o dinheiro dos impostos está sendo mal utilizado e direcionar todos os fundos disponíveis para aumentar o salário dos janízaros. É importante para mim que seus soldados, e você, saibam que ninguém os valoriza tanto quanto eu. – O sorriso de Mehmed desapareceu, e seu rosto se tornou tão determinado quanto o tom da conversa. – *Ninguém* pode oferecer o mesmo que eu. Se alguém tentasse isso, seria *traição*.

Kazanci Dogan baixou a cabeça em sinal de respeito.

– Aguardo ansiosamente para servi-lo como nosso sultão.

– Como seu *pai*.

– Sim. Nosso pai.

Mehmed assentiu.

– Tenho certeza de que vai manter nosso encontro em segredo. Ainda não estou em condições de revelar minha presença. Gostaria de ter algum tempo e privacidade para lamentar o falecimento iminente do meu pai. Se alguém me descobrir, vou saber quem me traiu.

O pomo-de-adão de Kazanci Dogan subiu e desceu quando ele engoliu em seco.

– Sim, meu pai.

Mehmed sorriu, abrindo os braços generosamente.

– Mal posso esperar para comprovar sua liderança. Assim que meu pai morrer, vamos acertar o aumento nos pagamentos, e você vai poder anunciá-lo aos seus homens.

Depois de mais uma medida, Kazanci Dogan foi acompanhado até a saída por Matei.

– Aham que deu certo? – perguntou Mehmed, com a testa franzida.

Radu desabou em uma cadeira, aliviando a tensão acumulada em seu corpo desde a chegada do líder dos janízaros.

– Ele não é tolo. Sabe muito bem que você pode oferecer mais que Halil Paxá. E foi sincero sobre o cansaço dos homens. Não vai querer lutar em uma longa guerra civil. Tem mais a ganhar com uma aliança com você.

– Concordo. – Mehmed ficou de pé, alongando-se. – Assim que eu estiver garantido no trono, vamos matá-lo.

Radu piscou algumas vezes, em choque, mas Lada apenas assentiu, apertando seu laço.

– E agora? – perguntou Petru.

– Esperamos meu pai morrer e Ilyas chegar.

Ambos os eventos ocorreram no dia seguinte. Amal trouxe da muralha a notícia de que Ilyas havia chegado com todas as suas forças e simplesmente marchado portão adentro quando os guardas tentaram impedi-lo. Mehmed observara tudo da torre acima do quarto de seu pai, uma procissão de quepes brancos proporcionando um tremendo espetáculo nas ruas.

– Está feito? – ele perguntou.

Radu não sabia do que ele estava falando, mas Petru assentiu com a cabeça.

– Seu pai está morto.

– Então vou me encontrar com meu povo. – Ele se afastou da janela, com os fios metálicos de seu turbante reluzindo. As roupas dele eram roxas, a cor tradicional

dos imperadores romanos. Um pesado colar de ouro carregado de rubis adornava seu pescoço de um ombro a outro, e uma capa descia pelas suas costas.

Eles saíram a cavalo. Os janízaros de Kazanci Dogan o receberam, crescendo em número à medida que se aproximavam da praça central da cidade e se juntavam aos homens de Ilyas. Mehmed cavalgava na frente, com a espada em punho, enquanto os sinos espalhavam a notícia da morte de seu pai. Depois de desfilar por toda a cidade, ele voltou ao palácio.

Halil Paxá estava à espera na sala do trono, com o ódio estampado no rosto. Mehmed foi andando diretamente até ele e o segurou pelos ombros. Lada se mantinha logo atrás, com a espada em riste. O medo em estado bruto imediatamente substituiu o desejo de violência no olhar de Halil Paxá. Aquilo tinha sido ideia de Radu, o grande plano por trás de todas as suas manobras secretas.

– Halil Paxá, o conselheiro mais confiável do meu pai, o homem mais sábio do nosso grande Império. – Mehmed virou para os nobres ali reunidos, alguns ainda ajeitando os trajes depois de chegar às pressas. – Você será meu grão-vizir, para ajudar a me orientar em uma nova era de paz e prosperidade, para a glória dos otomanos!

A plateia vibrou. O terror de Halil Paxá foi substituído pela incredulidade, e então surgiu o sorriso astuto e triunfante de uma raposa que rouba a caça de outro predador. Mas o que a raposa não percebeu foi que estava cercada pelos cães de caça de Radu, na posição exata que o caçador queria.

Pobre raposa, pensou Radu.

MEHMED RECEBEU A espada de seu ancestral Osman Gazi. Ele a empunhou com reverência antes de embainhá-la. Agora os sonhos que moviam a história do país estavam à disposição dele.

Lada não sabia como se sentir enquanto via tudo acontecer. Aquele não era o Mehmed que falava de forma tão passional sobre seu sonho quando estavam a sós. Aquele Mehmed estava coberto de sedas e protegido por uma armadura, com um turbante escondendo a cabeça e uma expressão fria e inabalável como aço. Ele se mantinha em uma plataforma, apartado dos demais. Havia um homem cujo único papel, oficialmente designado, era carregar um banquinho para pôr sob os pés dele quando requisitado. Havia outro cujo trabalho era cuidar dos turbantes do sultão. Outro ainda ficava a postos à esquerda dele com um frasco de perfume e um leque caso algum odor ousasse se aproximar do intocável.

Porque era aquilo que Mehmed tinha se tornado.

Em meio às intermináveis cerimônias, com a nomeação de vizires, as demonstrações de lealdade e as entregas de presentes, Mehmed ficava parado no mesmo lugar, parecendo cada vez mais distante.

Lada se perguntou se os testadores de veneno farejariam o ciúme que se espalhava por sua veia enquanto ela montava guarda e observava o sonho dele se enraizar.

Lada foi pega de surpresa por uma obrigação ainda mais odiosa e constrangedora do que observar a interminável coroação. Mehmed teve que conversar com cada uma das esposas e concubinas de seu pai na parte externa dos aposentos do sultão. A mando de Lada, havia dois guardas em cada porta, enquanto um de seus homens se mantinha ao lado de Mehmed o tempo todo.

Naquele dia, a tarefa coube a ela mesma. Foi entrando uma mulher após outra, a começar pelas de menor *status*, que haviam deixado de ser criadas pouco tempo antes para fazerem parte do harém. Para Lada, ficou impossível ignorar a realidade daquele aspecto de ser sultão. Ela levava a mão o tempo todo ao cabo da espada. Só não sabia exatamente quem queria matar.

Uma concubina toda trêmula saiu, substituída por uma mulher que Lada conhecia. Mara ainda usava roupas inadequadas para a corte, um vestido com

bordados intrincados e nada de véu na cabeça. Seu cabelo estava puxado para trás e preso em um coque elaborado. Não havia nenhum toque otomano em seu visual. Ela não fez nenhuma medida para Mehmed, simplesmente ergueu uma sobrancelha.

– Bom dia – Mara falou em latim, em vez de turco.

Mehmed sorriu, achando tudo divertido.

– Mara Brankovic.

– Minha fama me precede. – Ajeitando a saia, ela sentou em um sofá paralelo à cadeira dele, em vez de se acovardar diante dele.

– É bom saber que está com saúde.

– A viuvez me cai bem.

Lada soltou uma risadinha. Mara notou sua presença com um breve olhar e abriu um sorrisinho frio.

Mehmed limpou a garganta para reconquistar a atenção de Mara.

– Não sei ao certo o que fazer com você. – A maioria das outras mulheres havia sido mandada para propriedades diversas, a depender da posição no harém e do parentesco. Filhas de famílias importantes foram devolvidas, algumas com novos casamentos já acertados entre Mehmed e os pais delas. Naquele momento exato, Radu estava tratando de um casamento com um paxá importante em nome do sultão. As mulheres eram negociadas entre os homens como moedas trocando de mão.

Os dedos de Lada apertaram o cabo da espada.

– Recebi uma oferta de casamento de Constantino – disse Mara.

Mehmed não conseguiu esconder a surpresa.

– *Constantino?*

– Acho que quer enfraquecer sua aliança com a Sérvia, já que foi em parte por influência minha que meu pai ficou fora do conflito em Varna. Perder a Sérvia como Estado vassalo seria um baque para seu Império, e uma fonte de embaraço para sua recente ascensão ao trono. A Europa não espera muito de você.

Mehmed balançou a cabeça, com uma expressão calculadamente impassível.

– Estou surpreso com a ousadia dele. E com a rapidez. Mas não sei se é muito prudente da sua parte me revelar isso.

Lada não estranhou. Mara pretendia obter alguma coisa com aquela conversa. Ela era esperta demais para deixar passar uma oportunidade.

Mara encolheu os ombros e inclinou a cabeça.

– Deus me libertou. Nunca mais vou casar. Já fiz uma carta de recusa a Constantino, que vai ser assinada e enviada assim que eu estiver a caminho da Sérvia.

Mara podia não empunhar uma espada, mas sabia usar a si mesma como arma. Mehmed não tinha como fazer nada contra ela sem arriscar a aliança que mantinha com o pai dela; se a irritasse, poderia fortalecer Constantinopla com um novo aliado. Ela não seria usada de nenhuma outra maneira a não ser a que escolhesse.

Uma inveja repentina e feroz tomou conta de Lada. A paciência de Mara dera resultado. Ela escrevera o próprio destino, livre dos homens que tentavam controlá-la.

Mehmed ficou de pé e inclinou respeitosamente a cabeça.

– Vou tomar as providências agora mesmo. Podemos mandá-la amanhã de manhã, com presentes para você e seu pai, e um novo tratado de paz assinado por mim.

Mara levantou e fez uma mesura elegante. O sorriso que abriu para Lada foi genuíno. Em seguida, a expressão de gratidão desapareceu, e ela se recompôs e saiu.

– Vou sentir falta dela – comentou Lada.

Mehmed deu risada.

– Isso não me surpreende. Ela sempre foi a esposa mais temível do meu pai.

– E por falar em esposas temíveis... – Lada apontou com o queixo para a porta, onde Huma estava à espera, amparada por um eunuco.

– Concubina. Não esposa – Huma disse com uma voz trêmula que em nada lembrava seu jeito de falar de antes. A pele dela assumira um tom amarelado que fez Lada querer desviar os olhos, e o corpo do qual a mulher tanto se orgulhava agora definhava sob as roupas largas.

– Mãe. – Mehmed se levantou para ajudá-la a sentar. – Você não precisava vir.

– Claro que vim. Você é meu filho. O sultão.

Lada esperava notar algum sinal de orgulho ou até de euforia, mas aquelas palavras pareciam ter saído com amargura da boca de Huma.

– Sobre seu futuro não existem dúvidas – Mehmed falou. – Você vai ficar aqui no palácio.

– Não é o meu futuro que me preocupa. Precisamos planejar. Conseguimos colocá-lo no trono e agora precisamos mantê-lo nele.

Mehmed balançou negativamente a cabeça, segurando a mão dela.

– Você não precisa se preocupar. Quero que se concentre em recuperar a saúde.

Ela continuou falando, como se não tivesse ouvido:

– Não podemos fazer nada quanto a Orhan agora, mas tem a questão do pequeno Ahmet, seu meio-irmão. Ele é uma ameaça que precisa ser abordada.

Mehmed se afastou dela.

– Vou tomar providências para mandá-lo para alguma propriedade na zona rural, onde vai ficar seguro.

Huma tossiu, fazendo seu peito chiar e se sacudir sob os seios murchos.

- Seguro? Você quer manter seguro seu principal rival ao trono?
- Ele é uma criança.
- Mas não vai continuar assim para sempre. Pense no seu pai, nos anos que perdeu brigando com os irmãos. Eles quase destruíram o Império. Não podemos deixar que o mesmo aconteça com você e Ahmet!

Mehmed largou as mãos dela e ficou de pé, fechando a cara.

- Essa não é uma questão para *nós*, mãe. Vou manter Ahmet em segurança... longe daqui, longe de quem quiser usá-lo contra mim, longe da pobre Halima, sua mãe, e longe de qualquer um que possa pôr os interesses dele acima dos meus. O menino vai crescer como prisioneiro. Por favor, entenda se não quero falar mais sobre isso.

A expressão de Huma era tão feroz quanto a dele, e fez Lada perceber o quanto os dois se pareciam. Ambos tinham uma intensidade diferente no rosto, alguma coisa no olhar que perfurava tudo o que se tornava seu alvo.

Huma acabou cedendo, vítima da doença e da exaustão.

- Pelo menos me diga que tem um plano para Halima. Que vai fazer bom uso dela.

Mehmed coçou o rosto entre os olhos.

- Sim, sim. Vou falar com ela em breve. Acho que vou casá-la com Ishak Paxá. Vou mandá-lo a Anatólia para ser o novo beilerbei. Quero afastar Ishak de Halil. Eles são fortes demais juntos.

– Sim, é uma boa ideia. Mas acho que Halil teria mais serventia para você depois de empalado. – Huma ficou de pé e estendeu o braço. O eunuco que a levaria até lá apareceu correndo. – E você está errado sobre o pequeno Ahmet. Mas deve fazer o que acha melhor.

- E farei.

Depois que ela saiu, Mehmed soltou um suspiro.

- É duro vê-la assim tão fraca.

– Acho que ela nunca vai ficar fraca. Para mim, continua tão assustadora como sempre. E... ela tem razão. – Lada franziu os lábios, porque detestava concordar com Huma e sentia pena de Halima. – Se Constantinopla está apoiando um primo distante contra você, imagine o que vão fazer se tiverem acesso ao outro filho de seu pai. Halil vai querer usá-lo.

- Vou mantê-lo longe de Halil. Quando Ahmet tiver idade para ser útil, já terei acabado com esse maldito paxá.

– Vizir – corrigiu Lada, e Mehmed lhe mostrou a língua. – Foi ideia de Radu, não esqueça. Se dependesse de mim, Halil já estaria morto.

- Eu sei, eu sei. Mas precisamos pensar no futuro. Estamos formando uma base sólida. Cada pedra tem que ser colocada com todo o cuidado. Precisamos derrubar

o muro que Halil construiu antes de removê-lo. Caso contrário, outras pedras vão ocupar seu lugar e o muro vai continuar no meu caminho. Nisso Radu tem razão.

– E o que o sábio e genial Radu acha de Ahmet? Que é uma pedra também ou um ponto fraco que ameaça derrubar a construção inteira?

Mehmed não respondeu.

OS DEDOS MANCHADOS de tinta do guarda-livros oficial do Império batucavam nervosamente na própria perna. A voz dele era insegura e sufocada, como se não estivesse acostumado a falar.

– Quer ver os registros de impostos?

O rosto de Mehmed era pura impaciência.

– Sim. Quero ver a prestação de contas de todas as receitas sujeitas a impostos.

Radu ficou com pena do guarda-livros, que estava com a testa encharcada de suor. Ele desconfiava que o pobre homem nunca havia sido chamado à presença do sultão.

– Quais impostos?

Mehmed manteve a seriedade.

– Todos.

– Hã... todos?

– *Todos*. Quero rastrear cada moeda que entra no tesouro e cada moeda que sai. Quero ver quanto cada Estado e cidade está arrecadando, quem está a cargo do dinheiro, como estão gastando meu ouro e que resultado está dando. Pensões. Gratificações. Pagamentos a países estrangeiros. Taxas pagas por Estados vassalos.

– Mas... vai demorar semanas para eu juntar todas essas informações, e seria uma tarefa gigantesca.

– Então é melhor começar. Agora.

O homem saiu correndo da sala, como se a declaração de Mehmed tivesse mordido seus calcanhares. Mehmed suspirou, esfregando a testa.

– Perdemos muito tempo. Vai demorar meses, anos talvez, para pôr tudo em ordem. Quando penso no quanto poderia ter avançado se meu pai não tivesse tomado o trono de volta, se eu não tivesse sido banido para Amásia...

Radu conseguiu sentir toda a raiva que emanava de Mehmed, e sua boca ficou seca. Apesar de nunca terem conversado a respeito, muitas vezes se perguntava se Lada também não estaria arrependida do que haviam feito no passado. Talvez houvesse outra saída. Uma solução que mantivesse Mehmed no trono da primeira vez que o herdara. Eles estavam assustados. Eram apenas *crianças*. E tinham tomado uma decisão com grande impacto sobre o futuro de Mehmed sem consultá-lo.

– Você está bem? – perguntou Mehmed.

– Sim! Sim. Só estou apreensivo. Vou encontrar com Kumal e Nazira hoje.

– E por que isso deixaria você apreensivo?

Com uma pontada de dor, Radu se deu conta de que, apesar de se encontrar com Mehmed quase todos os dias, a relação entre eles jamais retornara ao estágio em que podiam conversar sobre tudo um com o outro. Radu tinha segredos demais que não podia revelar, então falava o mínimo possível. Era mais fácil daquele jeito. Mehmed estava sempre cercado de gente. Naquele exato momento havia dois guardas no recinto e um homem atarracado de dedos grossos que segurava um banquinho para pôr sob os pés do sultão quando requisitado. A presença deles não permitia momentos de intimidade, o que em outros tempos deixaria Radu chateado, mas agora lhe parecia um ato de misericórdia divina.

– Não contei a você? Kumal quer que eu case com Nazira.

Mehmed se inclinou para trás como se tivesse levado um soco. O carregador de banquinho deu um passo atrás, mas o sultão fez um sinal para que se afastasse.

– Casar? Você vai me deixar?

Radu sentiu algo surgir dentro dele que não era exatamente uma esperança, mas um sentimento parecido, ainda que mais obscuro e carregado de agonia. Talvez a incredulidade e a indignação de Mehmed fossem um sinal de ciúme.

– Não tenho permissão para casar? Sei que os janízaros não podem, mas não sou exatamente um deles. Não sei ao certo o que sou aqui.

A expressão de Mehmed se amenizou.

– Você é meu amigo. Não é um escravo de jeito nenhum. Se quiser casar com ela... – Mehmed se interrompeu, franzindo as sobrancelhas e o observando com uma intensidade que tornava até respirar difícil para Radu.

– Não é Nazira que eu amo. – As palavras despencaram de sua boca como água morro abaixo, como uma torrente gelada. Ele não sabia como interrompê-las, e continuou falando: – Gosto dela e me preocupo com seu destino, e Kumal sempre foi muito bom comigo. Mas não sei se seria um bom noivo. Acho que ela poderia casar com alguém em posição melhor. E meu primeiro dever, meu único dever, sempre vai ser com você. Ninguém pode mudar isso.

Ninguém pode me tirar de você.

Por favor, pensou Radu, por favor, entenda o que estou dizendo.

Os olhos de Mehmed se arregalaram, as pupilas se dilatando de forma quase imperceptível. Então um sorriso amenizou a intensidade e a sinceridade transmitidas por aquele olhar.

– Vou deixar por sua conta, então. Kumal Váli é um bom homem. Vou transformá-lo em Kumal Paxá. Você está livre para fazer o que quiser, desde que Nazira saiba que exijo sua presença ao meu lado.

Radu levou as mãos às costas, para longe de Mehmed, apertando-as com tanta força que até doeram.

– Não existe outro lugar em que eu queira ficar.

Mais palavras ficaram entaladas em sua garganta, querendo sair. Radu sabia que, caso começasse, jamais conseguiria conter a enxurrada de sinceridade que viria, afogando-o em seu rastro.

Então ele fez uma medida e se retirou, com a respiração trêmula e o coração disparado.

O amor era uma praga.

Radu ia conversar com Nazira e Kumal no mesmo jardim onde vira Mehmed pela primeira vez.

Eles o encontraram de pé diante da fonte, encarando seus fantasmas, conjecturando se, caso não tivesse se deparado com aquele menino chorando ali, seria capaz de amar Nazira.

– Radu!

Ele virou, ainda mergulhado no passado, e abraçou Kumal. Seu amigo estava mais magro. A proximidade da morte provocara manchas escuras sob os olhos dele, e seu rosto ficara mais fino. Mas ele estava vivo.

– Que bom ver você recuperado. – Radu o abraçou com mais força antes de soltá-lo.

– Tudo graças a você.

Radu virou para Nazira. Ela usava um véu rosa-claro sobre os cabelos escuros; os olhos negros e suaves estavam pintados, o que a deixava agradavelmente tentadora. Os lábios eram cheios e arredondados, e logo se abriram em um sorriso.

– Radu.

Ele fez uma medida. Estava feliz em vê-la, mas não sabia ao certo como agir. Onde antes havia a tranquilidade da amizade, uma relação fraternal até (já que Radu imaginava que Lada não tinha nascido para ser irmã), agora havia um abismo que ele não sabia como superar ou manter distância. Ele a considerava uma irmã; ela, ao que parecia, queria algo mais.

– Estou vendo um arbusto interessante ali – Kumal apontou com um sorriso. – Vou observar mais de perto por um tempo, acho.

Radu não conseguiu nem cogitar a ideia de sentar à beira da fonte, então conduziu Nazira até um banco de pedra sob uma árvore de grande porte, com os galhos secos por causa do inverno. Eles se sentaram protegidos da vista. Radu não sabia o que dizer.

Olhando apenas para a frente, Nazira falou:

– Quero casar com você.

O jeito direto dela desorientou Radu, que estava acostumado aos floreios e às conversas cheias de indiretas da corte.

– Eu... Você é muito... Eu...

Ela virou para ele e sorriu, pondo a mão sobre a sua.

– Radu, doce Radu. Não há nenhum desejo em seus olhos quando os põe em mim. Passei um bom tempo observando como os homens olham para as mulheres, e você não olha para mim com luxúria.

O medo surgiu em suas entranhas, cravando as garras por todo o seu corpo.

– Você é muito bonita e...

Ela apertou sua mão e sacudiu a cabeça.

– Não é desejo que eu quero. Por isso o escolhi. Você é gentil, inteligente e... solitário. E acho que sempre vai ser. – Nazira disse aquilo quase como uma pergunta, procurando com os olhos uma verdade que ele não queria que fosse descoberta. – Você se lembra da nossa dança?

Radu fez que não com a cabeça.

– No casamento de Mehmed e Sitti Hatun.

– Ah, sim.

– Metade das mulheres no salão estava de olho em você, querendo sua atenção, esperando sua vez. E você não olhou para nenhuma delas. Então percebi. Eu entendo. Entendo como é olhar para o que você deveria querer e não sentir nada. – Ela fez uma pausa e então sussurrou: – Eu *entendo*.

Radu notou que estava com lágrimas nos olhos.

– Entende?

– Entendo. Como sua esposa, esperaria ter apenas sua amizade. Nada mais. – Ela olhou para o chão com o rosto vermelho. – E pediria que minha aia, Fatima, pudesse me acompanhar. Sempre.

– Fatima. – Radu se recostou no banco, puxando pela memória. A maneira como o olhar de Nazira seguia a aia aonde quer que fosse, o dia em que ele as surpreendeu no jardim, ofegantes e vermelhas, com os cabelos desalinhados por terem sido *atacadas por uma abelha*.

O sol apareceu no céu depois da passagem de uma nuvem, agraciando-os com sua luz e seu calor. Uma clareza reveladora lhe veio. Radu sorriu.

– Você ficou *contente* por ter sido picada por aquela abelha no jardim. Foi ali que encontrou sua felicidade.

Ela assentiu.

– Sim. Você pode... por favor, pode me ajudar a protegê-la? Me deixa ser sua amiga, uma amiga de verdade, que conhece e ama você?

Radu encostou a testa na dela e fechou os olhos. Era impossível não sentir inveja naquele momento. Nazira encontrara a felicidade e, milagrosamente, Fatima sentia a mesma coisa. Mas a amargura logo foi substituída pelo amor genuíno que ele tinha por ela. Se podia ter o que o próprio Radu temia jamais poder, faria o que fosse preciso para ajudá-la.

– Nazira, seria uma enorme honra para mim ser seu marido.

Ela soltou uma risada alta misturada com um suspiro de alívio e enlaçou seu pescoço.

– Obrigada, obrigada, doce Radu. Obrigada.

Ele deu um beijo carinhoso na testa dela.

Quando se juntaram outra vez a Kumal, ele observou o rosto cheio de lágrimas da irmã com uma expressão alarmada antes de perceber que os dois estavam de mãos dadas.

– Irmão! – Kumal abraçou os dois. Nazira estremeceu, ao mesmo tempo rindo e chorando, e ele começou a fazer planos para o casamento.

– Podemos convidar o sultão! – falou.

– Não – Radu interrompeu, depressa demais, enfático demais. Nazira ergueu as sobrancelhas em uma expressão de interrogação. Radu fez um aceno de cabeça, um gesto discreto apenas para ela. A noiva apertou sua mão, e foi uma grande surpresa para ele o conforto que sentiu por ser compreendido.

Quando voltou a falar, Radu tomou cuidado para soar mais calmo e comedido.

– Ele está muitíssimo atarefado no momento. E ia se sentir culpado por não poder comparecer. É melhor não o convidar. Vou pedir a ele uma propriedade próxima, mas fora da cidade. Mais perto de você. Vai ser um ambiente mais saudável para Nazira, e eu poderei me dedicar tanto a ela como a meus deveres para com o sultão com facilidade. Gostaria que fosse uma cerimônia simples e que acontecesse o quanto antes.

– Esse é meu desejo também. – Nazira brilhava mais que o próprio céu.

Kumal soltou uma risada.

– Parece que vocês dois sabem exatamente o que querem.

– Sabemos mesmo – respondeu Radu. Mas apenas um deles podia ter o que queria.

A EXAUSTÃO ATORMENTAVA Lada, tornando sua mente e seus membros mais lentos. Nicolae estava ocupado vasculhando os janízaros de Edirne em busca de recrutas valáquios para engrossar suas fileiras. Stefan treinava os poucos que tinham encontrado. Com Petru e Matei doentes, ela teve que emendar duas vigílias noturnas. Já tinha amanhecido, e ela só conseguia pensar em dormir.

Era estranho ficar no quarto de Mehmed enquanto ele dormia. O sultão pedira a Lada para se juntar a ele na cama, provocara e flertara, mas ela o lembrara de que só ficaria ali no escuro com uma faca na mão.

Se ele não ficasse quieto e não dormisse, a faca poderia ter um bom uso.

Mesmo assim, a experiência tinha um toque de tremenda estranheza. Era como vê-lo durante a coroação. Ele estava lá, era o mesmo Mehmed, mas parecia muito distante dela. Inalcançável. Seu rosto enquanto dormia tinha a mesma aparência que durante a cerimônia: de alheamento.

Durante as horas mais longas e solitárias da noite, foi difícil para Lada não o acordar para ver como os olhos dele mudavam quando a viam, como sua boca formava palavras e anunciava intenções. Ela gostava de ver o desejo estampado em Mehmed. Mas resistia. Naquele momento, tão perto da cama e do sono, Lada viu seu caminho bloqueado por uma mulher.

– Lada? – O rosto redondo da mulher era agradável, com lábios igualmente arredondados. Mas os olhos eram fracos e expressivos, e estavam cheios de lágrimas.

– Quê?

– É... sou eu. Nazira.

Ela franziu a testa, confusa. A moça parecia mesmo familiar.

– Eu me apresentei a você no casamento de Mehmed... Estava dançando com Radu.

– Todo mundo dançou com Radu.

Nazira deu risada. Aquilo era natural para ela, uma reação que Lada nunca conseguira desenvolver.

– Sim, é verdade. Ele não falou sobre mim?

Lada sentiu todos os músculos de seu corpo ficarem tensos. Aquilo era alguma espécie de teste? Uma armadilha? Alguém mais sabia a respeito da verdadeira

inclinação de Radu e dos sentimentos dele por Mehmed? Se Halil tivesse descoberto, tentaria tirar proveito daquilo. Lada não ia trair o irmão tão facilmente.

– Radu e eu não conversamos muito. Somos muito ocupados.

– Ah. Desculpe. Mas você deve conhecer meu irmão, Kumal...

Lada despertou completamente ao ouvir aquele nome. Ela nunca havia prestado atenção nas mulheres que rondavam a corte, mas conhecia Kumal, o ladrão de almas. O homem que havia atraído Radu para o coração do deus muçulmano.

– Eu o conheço, sim.

Nazira não devia ter percebido a aspereza na voz de Lada, porque abriu um sorriso de alívio.

– Bom, pelo jeito Radu ainda não conversou a respeito com você, mas eu... nós... vamos nos casar amanhã.

– *Como é?*

– Decidimos faz pouco tempo. Queríamos casar logo, sem muito alarde. Tem um monte de coisas acontecendo, e Radu precisa estar sempre disponível para Mehmed.

Lada ficou atordoada, como se tivesse cavalgado o dia todo e ainda sentisse o chão se movendo sob seus pés ao desmontar.

– Ele vai casar com você.

– Não estamos seguindo as tradições mais rigorosas, mas eu queria passar o dia hoje no banho com minhas primas e tias. E você, claro. É a única família que ele tem. – Nazira confundiu a expressão horrorizada de Lada com uma interrogação. – É uma tradição passar a véspera do casamento nos banhos. Radu reservou um para nós, então não vamos ser incomodadas. Como vamos ser irmãs, gostaria que se juntasse a nós.

Quem era aquela mulher? Primeiro, o irmão dela entregara a alma do seu próprio irmão a um deus estrangeiro, e agora que Radu tinha o ouvido do sultão ao alcance ela o tinha convencido a casar? Lada sabia que Radu não a amava. E desconfiava que ele não fosse capaz de amar ninguém a não ser Mehmed. Por que, então, teria concordado em casar? Eles teriam algum controle sobre Radu? Estavam fazendo algum tipo de chantagem perversa?

Se Nazira o estava usando para chegar até Mehmed, Lada precisava conseguir o máximo de informações possíveis. Ela também podia ser sutil como o irmão. Ele não era o único capaz de se adaptar àquele jogo. Cerrou os dentes ao sentir que estava prestes a sorrir.

– Me dá um minutinho para eu me trocar?

Lada seguiu Nazira por uma passagem cercada por arvoredos verdejantes, onde o vento frio do inverno não chegava. Ela nunca havia ido aos banhos, preferia fazer sua higiene em particular, em vez de passar seu tempo com outras mulheres. A parte externa da construção era simples, quase austera. Mas, quando entraram, um novo mundo se revelou. Azulejos pintados à mão se juntavam em um motivo floral que crescia pelas paredes e chegavam até o teto com cores vermelhas e amarelas acentuadas por tons escuros de azul.

Janelas altas deixavam entrar a luz do dia, filtrada pelo vapor denso que pairava no ar. Nazira cumprimentou várias mulheres com a maior alegria, trocando beijinhos. Todas pareciam contentíssimas e surpresas. Comentavam a rapidez dos arranjos e a sorte dela de fígar o homem mais bonito de Edirne.

Lada se perguntou se sua cabeça ou os azulejos quebrariam primeiro caso se atirasse contra a parede.

Abrir um sorriso foi uma agonia.

Uma atendente conduziu as mulheres à área reservada, com tapetes sobre os quais deixar as roupas e longas toalhas de tecido em que se enrolar depois de se despir. Lada ficou para trás, imaginando como Radu lidava com aquele tipo de coisa. Ela deveria participar das conversas? Ou tentar permanecer invisível e só ouvir?

As outras mulheres não hesitaram e começaram a tirar a roupa, rindo e conversando, totalmente à vontade. Não tinham nenhuma vergonha do próprio corpo. Quando a maioria já havia entrado na água, Lada arrancou as roupas o mais depressa possível, tirando o saquinho de couro do pescoço e o enfiando entre as vestes. Em seguida, entrou na água pela borda mais próxima, em vez de descer nua pelos degraus rasos.

Ela permaneceu distante, com os braços cruzados com força sobre os seios, torcendo para que alguém dissesse algo desagradável, que lhe desse um pretexto para ir embora.

Embora a água fosse muito bem-vinda por seus músculos tensos e fatigados, ela estava se sentindo mais do que nua. Estava exposta e vulnerável. Queria ter uma arma, uma cota de malha, alguma coisa entre sua pele e o restante do mundo.

Lada chegou mais perto das outras mulheres, com o cabelo flutuando atrás de si. Mas, em vez de comentar sobre a posição de Radu na capital, com relação estreita com Mehmed, elas falavam sobre os olhos dele. E o sorriso. E o charme e a gentileza. Cada uma tinha uma história para contar, um relato de algo que Radu havia feito para elas ou um conhecido. Uma brincadeira no momento perfeito, uma narrativa cativante, um momento de impressionante generosidade.

Uma estranha pontada no peito fez com que Lada experimentasse uma estranha sensação de perda. Sentia saudade de Radu. Ela não conhecia o homem de quem

estavam falando, mas achava que ia gostar de conhecê-lo.

Talvez estivesse errada. Talvez Radu amasse Nazira. Talvez o sentimento dele por Mehmed tivesse se transferido para aquela jovem de expressão doce sem a menor importância. Lada obviamente não tinha a mesma imagem de seu irmão que o restante da cidade.

Mas não. O jeito como Radu olhava para Mehmed e a maneira como estava sempre orbitando em torno dele não haviam mudado. O restante do mundo era um detalhe para seu irmão. Apenas Mehmed importava.

Lada já havia sido importante para ele. Como deixara aquilo escapar?

Nazira deu risada, e Lada lembrou. Kumal tinha ensinado seu irmão a rezar, e aquilo o afastara. Agora a moça também estava se apossando dele. Lada se aproximou de Nazira, que estava parcialmente bloqueada por duas tias de ombros largos.

– Vamos ensinar alguns segredos para você – disse uma delas, sibilando pelo espaço em que deveriam estar os dentes da frente –, para que a beleza de Radu não seja desperdiçada.

A outra tia soltou uma risada maliciosa.

– Beleza não vai contar muito se ele não for um bom aprendiz.

– Shhh! – fez Nazira, com o rosto vermelho por causa do calor do banho ou de vergonha. Ela levou as mãos ao rosto, sacudindo a cabeça.

– Ora, vamos, você vai se tornar uma esposa. Precisa saber que os maridos são inúteis a não ser que sejam bem ensinados. Principalmente a dar prazer à mulher.

Lada se afastou, absolutamente sem jeito. Se elas fossem falar sobre cobras e jardins, sobre a responsabilidade da mulher de oferecer um porto seguro para a semente de um homem...

– Por favor, tias, ela está ficando escandalizada – disse uma das primas casadas, aos risos, sem demonstrar nenhum incômodo com o assunto. – Espere até depois da noite de núpcias, quando ela não estiver mais com medo. Aí podem contar como uma mulher é capaz de sentir tanto prazer quanto um homem.

– Ora! – a tia sibilante exclamou. – Quanto tempo depois do seu casamento você veio até mim chorando, reclamando da sua infelicidade com as obrigações noturnas?

As primas caíram na risada.

– Cinco amargos anos. E depois de pôr duas crianças no mundo sem nenhuma noite de alegria em troca. Você tem razão, não desejo isso para minha pobre Nazira.

A noiva jogou água nelas.

– Já chega! Se eu tiver alguma dúvida, escrevo uma carta. Tenho confiança na generosidade e na *habilidade* de Radu.

Lada soltou um suspiro de choque, e todas as cabeças se voltaram para ela.

– Ah, Lada! Desculpe! – exclamou Nazira. – Estamos falando do seu irmão.

Soltando alguma coisa vagamente parecida com um pedido de licença, Lada correu para seu tapete e nem esperou a pele secar totalmente para vestir as roupas e pôr o saquinho de couro de volta no pescoço. Ela não descobriria nada do que queria nos banhos.

Mas, enquanto corria para o quarto, com as calças agarradas nas pernas, uma frase voltou à sua mente, mais reveladora do que qualquer descoberta política: *Uma mulher pode sentir tanto prazer quanto um homem.*

– Ele casou com ela? Já? – Mehmed ficou de pé, depois sentou de novo e levantou outra vez. – Mas seu irmão falou sobre isso três dias atrás! E nem queria casar! Pediu uma propriedade modesta, mas quando concordei não pensei que... *Casado?*

– As coisas mudam, pelo jeito. – Lada tentou conversar com Radu antes do casamento, mas ele sempre se safava com seus olhos expressivos e seu sorriso vazio, afirmando repetidas vezes que Nazira seria uma esposa maravilhosa. Ela fora obrigada a ver os dois casando em turco. Radu entregara sua vida a outro deus, em outra língua.

Nazira ficara com o rosto vermelho durante toda a cerimônia, com uma aia ao lado. Quando terminou, o casal mal se tocou: parecia uma dupla de crianças brincando de casar. Lada fora convidada para um banquete na casa de Kumal depois do casamento, mas temera não conseguir ser civilizada. Não com *aquele* homem. Jamais.

Radu apenas fizera um aceno de cabeça e se despedira quando ela dissera que ia embora. E agora estava casado.

– Não faz sentido – disse Mehmed. – O que Kumal Paxá tem a ganhar com uma aliança com Radu?

Lada soltou um risinho de deboche.

– Não é óbvio? Kumal é um paxá agora. Radu é próximo de você. Ele quer mais proximidade também. Precisamos ficar de olho nesse homem.

Mehmed fez que não com a cabeça.

– Kumal não tem nenhuma ligação com Halil Paxá. Na verdade, já revisei todos os impostos e prestações de contas do vilaiete dele. Sua postura é irrepreensível. Ele e seus homens se comportaram de forma muito honrada durante o cerco a Skanderbeg. Kumal já sabe que o estimo e valorizo, e sempre se mostrou respeitoso sem nunca pedir nada em troca. Essa situação não o beneficia. Mas Nazira é a irmã caçula dele. Talvez seja mimada, por isso pôde escolher o marido.

Lada não queria que aquilo fosse verdade. Queria que existisse uma razão obscura, um motivo para odiá-los, uma razão para puni-los. Mas Radu era esperto. Se estivesse encrocado, teria procurado Mehmed, talvez até ela.

– Talvez... Talvez ela o ame de verdade. – Lada sabia que Radu não amava Nazira. Mas, se ficasse feliz tendo outra pessoa a quem dar atenção além de Mehmed, aquilo poderia ser bom para ele também.

Mehmed sacudiu a cabeça.

– Claro que sim. Metade da cidade é apaixonada por seu irmão. Mesmo assim, não faz sentido. Ele não a ama.

Lada o observou mais atentamente, em busca de um sentido adicional para aquelas palavras, mas não encontrou nada.

Mehmed olhava para a parede, pensativo.

– E ela não pode fazê-lo feliz.

Uma das conversas nos banhos voltou à mente de Lada.

– E quanto a Nazira?

– Hã? – Mehmed enfim se concentrou em Lada, mas continuava um pouco distraído. – O que tem *ela*?

– Por que é obrigação de Nazira fazê-lo feliz? O que Radu tem que pode fazê-la feliz?

Mehmed fez um gesto de desdém com a mão.

– Ele casou com ela. Vai garantir seu sustento. Pode lhe dar... filhos. – Mehmed franziu os lábios, como se sentisse nojo do que dissera. Como se ele não tivesse feito a mesma coisa.

– E os filhos seriam a recompensa dela por aguentá-lo?

– Aguentá-lo? Ela tem é muita sorte!

– Me diga – disse Lada, com os pensamentos voltados para cobras, jardins, sementes e obrigações conjugais misturados com ideias improváveis de prazer, que iam muito além de beijos. – O que *você* faz para manter suas mulheres felizes?

Mehmed contorceu a boca em uma linha reta e estreitou os olhos.

– Minhas mulheres? Do que você está falando?

– Seu harém. Elas existem para servir você. Para ter seus *filhos*. – Lada cuspiu aquela palavra. – O que você faz por elas?

– Prefiro não falar sobre isso com você. É minha obrigação, você sabe...

– Não estou falando das suas obrigações! Você gosta delas? Sente amor por elas? Qual você ama mais?

– Não sei! Elas são... É diferente. Elas são como o homem que carrega meu banquinho. Não gosto nem desgosto delas. Estão lá para cumprir um propósito. Por que quer falar sobre isso?

– Porque quero saber se você alguma vez pensou em alguma coisa que pudesse dar prazer a elas! Ou é só uma transação formal, parte do trabalho de sultão? Elas são como *banquinhos* para você?

Ele franziu a testa, com uma expressão incomodada no rosto.

– O que você quer ouvir, Lada? Qual seria a melhor resposta?

Ela recuou.

– Não sei.

Mehmed deu um passo à frente, diminuindo a distância entre os dois, mas mantendo os olhos voltados para o chão, estranhamente inseguro.

– Se você quisesse... Eu faria o que você quisesse, o que quer que fosse para ficarmos juntos. Qualquer coisa.

Com uma batida rápida na porta, Nicolae a abriu. Lada se afastou do sultão. O janízaro sorriu, sem se dar conta da atmosfera do recinto.

– Só vamos trocar de guarda em uma hora, quando você vai me acompanhar à tesouraria imperial – esbravejou Mehmed, sentando.

Nicolae fez uma medida profunda.

– Minha ansiedade é tão grande que não consigo esperar. Mas não estou aqui pelo senhor, meu pai. Tenho uma surpresa para Lada. Venha.

– Traga aqui. – Mehmed afundou na cadeira, fechando a cara.

Nicolae encolheu os ombros, mas o rosto marcado pela cicatriz não conseguia esconder um sorriso.

Um homem de ombros largos entrou na sala, com peito estufado e movimentos pesados. Vestia uma farda de janízaro. Lada estava prestes a gritar com Nicolae que um novo recruta não era motivo para interrupção, então viu o que o quepe do homem não cobria.

Duas orelhas de abano como as alças de uma jarra.

Quando sorriu, foi como se a Valáquia inteira se abrisse para ela.

– Lada – disse Bogdan.

Ela correu até ele. Bogdan não hesitou, e a tomou nos braços, girando-a pela sala. Lada enterrou o rosto no pescoço dele, sem conseguir acreditar que aquilo estava acontecendo. Bogdan, seu Bogdan, perdido fazia tanto tempo.

Estava vivo. E era seu. Seu.

– Quem é você? – Mehmed quis saber.

Sem soltar Lada, Bogdan respondeu com uma voz grave que ela não conhecia, mas que combinava *tanto* com ele que a fez se sentir uma criança de novo.

– Sou o marido dela.

Lada deu risada e um tapa na cabeça dele. Bogdan a pôs no chão, mas ela manteve uma das mãos no ombro dele, porque precisava se certificar de que era real e não iria a lugar nenhum.

– Duvido que nosso casamento tenha valor. – Ela pegou a mão dele, sentindo os dedos curtos e cheios de calos. O rosto de Bogdan estava mais largo, com feições que pareciam mais agradáveis agora que tinha crescido. Bogdan era robusto, forte, exatamente como ela o imaginaria, se tivesse tido coragem para isso.

– Quer se explicar, *por favor*? – pediu Mehmed. O rosto dele estava frio e impassível como um piso de cerâmica.

– Este é Bogdan, meu amigo desde criança. A mãe dele era minha ama, e nós crescemos juntos, atormentando a vida dela e de Radu. Não nos vemos há muito tempo. Pensei que o tivesse perdido para sempre! Ah, Bogdan. – Ela pôs a mão no rosto dele, levando um susto ao sentir os pelos da barba feita, o que a fez lembrar todo o tempo perdido.

– Você não faz ideia de quantos Bogdans tive que abordar até encontrar o certo – comentou Nicolae.

Lada não conseguiu conter o sorriso.

– Obrigada.

– Parece ser uma bela aquisição para nossa tropa. Tem tamanho suficiente para sentar em cima de Petru quando ele encher o saco.

– Vocês já terminaram? – Mehmed ergueu uma sobrancelha.

O sorriso de Lada desapareceu. Qual era o problema dele? Por que não conseguia ver o quanto estava feliz em reencontrar Bogdan? Ela notou que o sultão olhava para sua mão apoiada no ombro de Bogdan.

Ela ergueu o queixo, sem tirá-la de lá.

– Bogdan, este é o sultão Mehmed.

Bogdan fez a mesura apropriada, mas alguma coisa na movimentação dele fez com que Lada pensasse que era só por cortesia. Certo automatismo, como se Mehmed nem ao menos estivesse lá.

Lada o puxou pela mão.

– Venha, vou mostrar para você o...

– Quero que você me acompanhe até a tesouraria – Mehmed falou.

– Quê?

– Tem algumas contas que preciso que você veja.

– Mas era Nicolae que...

– Nicolae pode mostrar a... Bogdan, é isso?... onde ficam os alojamentos. Podem ir.

– Não! Eles vão ficar.

Bogdan permaneceu parado, impassível, sem nenhuma expressão no rosto.

– Lada – ele murmurou.

Ela percebeu que os estava obrigando a desobedecer a uma ordem de Mehmed. Mehmed para ela, mas para eles o sultão, o pai. Caso fizessem o que Lada

mandara, poderiam ser executados por traição. Ela sabia que Mehmed não faria aquilo, mas, por outro lado, não podia pedir a Nicolae e Bogdan que o desafiassem.

– Podem ir – ela falou com os dentes cerrados. – Encontro vocês mais tarde.

Lada observou enquanto os dois saíram e caminhou cinco passos à frente de Mehmed durante todo o trajeto até a tesouraria. Estava furiosa.

– Lada – ele chamou.

Ela não virou nem respondeu.

Quando chegaram à tesouraria, Mehmed se viu ocupado com uma montanha de pergaminhos: livros de registros, recibos e contratos. Lada ficou parada junto à porta, supostamente para prevenir ameaças, mas dedicando todas as suas energias a olhar feio para ele pelas costas.

Por fim, os guarda-livros saíram.

– O que foi tudo isso? – Lada perguntou.

– Do que está falando? – Mehmed não ergueu os olhos.

– Você me arrastou até aqui sabendo que eu não queria vir. Não vejo Bogdan há anos, pensei que estivesse morto, e você de repente decide que os assuntos da tesouraria são mais importantes?

– Desculpe se fiquei sem reação ao conhecer seu marido.

Lada bufou.

– Ele não é... Foi uma brincadeira entre duas crianças. – Ela ergueu o queixo para encará-lo. – Além disso, você não está em posição de reclamar. Como anda Sitti Hatun?

Mehmed levantou em um pulo da cadeira, agarrando-a pelos ombros antes que tivesse tempo de reagir. Lada se preparou para o confronto, mas a expressão dele se amenizou, e Mehmed a soltou, levando a mão a seu rosto.

– Desculpe. É que não vejo você tão feliz desde... Fiquei surpreso, só isso. Não soube como reagir. Fico contente por ter encontrado seu amigo.

Lada assentiu, ainda cautelosa.

– Pode ir, vá falar com ele, pôr a conversa em dia. Depois vá até meus aposentos no jantar e me conte tudo. – Mehmed sorriu, e ela não teve tempo para verificar se era um sorriso sincero ou falso antes que ele se inclinasse para a frente e colasse os lábios nos seus. A insistência da boca dele a venceu, e Lada retribuiu o beijo.

Eles não tinham um tempo a sós desde que haviam voltado a Edirne. Suas mãos e sua boca lhe revelaram que ela estava sedenta por ele. Mehmed sentou de volta na cadeira, puxando-a para junto de si. Acomodando-se no colo dele, ela o enlaçou com as pernas. Podia sentir a pulsação acelerada dele enquanto a puxava para cada vez mais perto. As mãos de Mehmed percorreram todo o seu corpo, se movendo para outro lugar assim que Lada registrava a presença delas em um ponto. Deixaram um rastro de fogo em sua pele por onde passaram.

Lada ouviu a batida na porta como se estivesse debaixo d'água, e só depois de vários segundos registrou o que aquilo significava.

Ela se inclinou para trás, ofegante.

Mehmed abriu um sorriso perverso, ajeitando a túnica dela.

– Você precisa ir.

– Eu preciso ir – ela repetiu.

– Vejo você à noite.

Lada foi embora em um frenesi de luxúria, imaginando que tipo de prazer era possível ter com um parceiro disposto a proporcioná-lo. Mas demorou apenas um instante para se lembrar de Bogdan. Com uma desconfiança de que Mehmed só estava tentando fazer com que pensasse apenas nele, correu para a ala do palácio que abrigava seus homens.

Ela passou de quarto em quarto. Suas fileiras estavam inchadas, graças à diligência de Nicolae, e Lada foi recebida por rostos pouco familiares até encontrar o lugar que procurava.

Nicolae estava de pé, conversando tranquilamente com Bogdan, que guardava seus pertences em uma gaveta.

Lada ficou paralisada na porta. Depois do primeiro impacto do reencontro, ela não sabia como saudá-lo. Eles não eram mais crianças com a intimidade de quem passava um bom tempo juntos. O que todos aqueles anos teriam feito com ele?

O que teriam feito com ela?

Horrorizada, pensou em como era quando chegara e na Lada que estava ali naquele momento.

Bogdan a olhou com a expressão vazia.

– Então esta é a vida que você vem levando. – Apesar de o comentário não ter nenhum tom de julgamento, Lada se irritou. Ela não precisava se justificar. Nem para Bogdan nem para quem ela costumava ser.

– Sim. E comando a melhor tropa de todo o Império.

– Estou vendo. E obedece ao sultão.

Ela cruzou os braços.

– Só obedeco a mim mesma.

– Então por que ainda está aqui? Por que não pega o que puder e vai embora? – Ele observou seu rosto como se buscasse algo que não estava mais lá.

– Eu... não é tão simples assim.

A cicatriz de Nicolae se contorceu em um sorriso sarcástico.

– Quase fomos uma vez. Mas ela mudou de ideia.

– Não mudei de ideia! Só levei outras coisas em consideração. Além disso, se tivéssemos ido embora, eu não estaria mais aqui. Como a gente ia se reencontrar?

Bogdan assentiu, aceitando o argumento como um cachorro que ganha um osso.

– Então vamos agora.

– Para onde?

– Para a Valáquia.

– Não posso voltar para lá. Meu pai me *vendeu*, Bogdan. Me trouxe para cá e usou minha vida como moeda de troca para recuperar o trono. Não existe mais nada para nós lá. Nunca vou voltar para meu pai. – Por mais que ela tivesse mudado, tornado-se mais forte, mais inteligente, mais brutal, mais amada, seu pai ainda ditava o rumo de sua vida. – Prefiro um sultão ao meu pai – ela murmurou.

– Pais não vivem para sempre – disse Bogdan, dando de ombros. Mas ele usara a palavra turca para *pai*. A mesma que os janízaros usavam para se referir ao sultão.

DE VOLTA À cidade depois de uma breve licença nupcial, Radu passou pelo mais novo membro do grupo de soldados de Lada. Alguma coisa no rosto dele chamou sua atenção. Não era tão jovem quanto os demais e tinha o corpo mais robusto. Parecia deslocado ali.

Radu não gostava da maioria dos homens de Lada, mas não podia negar que eram os mais eficientes na proteção de Mehmed. Eles tinham uma parcela da determinação feroz e implacável que fazia sua irmã ser quem era. Às vezes, Nicolae ou algum soldado mais amigável o cumprimentavam em valáquio. Ele sempre respondia em turco.

Mehmed estava ouvindo Ishak Paxá falar sobre a condição financeira de Amásia e da Anatólia, para onde logo seria mandado como beilerbei, um governante local. Radu dissera a Mehmed que eles precisavam separar Ishak Paxá de Halil Paxá, e o sultão confiara em seu julgamento. Ele se perguntou o que teria sido decidido nos poucos dias que passara fora. Estivera tão ansioso para voltar que Nazira e Fatima o tinham provocado por passar o tempo todo olhando para a estrada que levava a Edirne.

Mehmed viu Radu. Alguma coisa nos olhos dele revelou um incômodo. Mas desapareceu logo depois de surgir, e em pouco tempo o sultão voltou a assentir com a cabeça.

À direita de Mehmed estava Halil Paxá. O grão-vizir Halil, Radu lembrou a si mesmo.

Assim que Ishak Paxá parou de falar, Mehmed levantou.

– Radu! Já está de volta? Como teve coragem de se afastar de sua belíssima noiva?

Foi difícil não ficar vermelho de vergonha. Seu sorriso malicioso não saiu muito largo, mas Radu era um especialista naquele tipo de coisa.

– Obrigado, sultão, pela linda propriedade. Ela está encantada com o processo de transformá-la em um lar. Infelizmente eu só estava atrapalhando, e fui banido de casa até que Nazira coloque tudo no lugar.

Os homens soltaram risadinhas. Kumal abriu um sorriso suave. Mais uma vez, Radu se perguntou se o cunhado conhecia a verdadeira razão de seu casamento. Mas não tinha coragem de perguntar. Se não soubesse, o que pensaria de Radu quando descobrisse?

Mehmed apontou para uma cadeira perto de si. Radu sentou, desejando poder afundar no assento e fechar os olhos.

A casa era mesmo *linda*. Uma propriedade isolada, grande o bastante para ocupar uma mulher e sua aia, com um vilarejo a uma curta distância onde adquirir o que a horta e as criações não forneciam. Nazira não conseguia parar de chorar enquanto percorria cômodo por cômodo, de mãos dadas com Fatima. Radu ficou com o quarto sobressalente, um espaço amplo e bem iluminado, pois não esperava muitas visitas. Ele estimava Nazira, mas a felicidade dela era tão plena que ameaçava provocar um cancro em sua alma. Radu não queria que sua inveja contaminasse a vida dela com Fatima. E tinha sido uma agonia para ele ficar tão longe de Mehmed.

Assim como era uma agonia ficar tão perto.

Um pajem apareceu na porta, interrompendo a conversa, que tinha se voltado para os planos para a lavoura. O menino fez uma mesura, todo trêmulo, e anunciou a chegada de uma delegação de Constantinopla.

Mehmed ergueu as sobrancelhas, a única reação perceptível de sua parte. Os outros homens no recinto soltaram suspiros de susto e trocaram cochichos. Embora muitos países tivessem mandado enviados com presentes e congratulações elaboradas, eles não esperavam nada de Constantinopla.

Mehmed e Radu trocaram olhares discretos. Ele apontou com o queixo para Halil.

Com uma expressão tranquila, Mehmed se virou para Halil.

– O que me aconselha? Devo mandá-los entrar agora ou peço para esperarem?

O peito de Halil se estufou como o de um passarinho cantando sua importância para o mundo.

– Acho que seria prudente mandá-los entrar agora mesmo, sultão.

– Muito bem. Que entrem então.

Três homens apareceram. Vestiam roupas berrantes em tons de amarelo, azul e verde, com botas vermelhas nos pés. Cada peça com bordados elaborados era desenhada para revelar a camada inferior, em uma luxuosa demonstração de riqueza. Roupas caras eram símbolo de *status*. Os bizantinos aparentemente faziam questão de mostrar todas elas de uma só vez, se possível. Usavam chapéus grandes como velas de navios e todos carregavam algo.

Halil ficou de pé.

– Apresento o sultão, a sombra de Deus projetada sobre a Terra, a glória do Império Otomano, Mehmed II.

Os três fizeram uma mesura respeitosa, mas sem tirar o chapéu.

– Viemos em nome de Constantino, o décimo primeiro Dragaş Paleólogo, imperador de Bizâncio, César de Roma, com presentes e petições.

Eles foram chamados a se aproximar. O presente, mandado em homenagem à ascensão de Mehmed ao trono, era um livro incrustado de joias, com ilustrações em cores vivas e bordas de ouro. Depois de admirá-lo um pouco, Mehmed o passou a Radu.

Como sempre acontecia ao abrir um livro, Radu se sentiu animadíssimo. Não havia nenhum no castelo em Tirgoviste, mas o Império Otomano era riquíssimo em livros. Aquele, escrito em latim, contava a história de São Jorge matando o dragão.

Radu a conhecia desde a infância. Um cavaleiro ungido, vagando por uma terra pagã, que descobrira um reino aterrorizado por um terrível dragão. A filha do rei tinha sido escolhida por sorteio para o sacrifício do dia. Jurando salvá-la, São Jorge enfrentou e domou a fera. Ele levou a princesa e o dragão à cidade, tomando o reino inteiro como refém e ameaçando de morte os habitantes locais caso não se convertessem ao cristianismo. Sua missão sagrada foi cumprida, e São Jorge por fim matou o dragão.

Era uma história antiga e ilustrada de uma ameaça. Radu ergueu os olhos para a delegação e viu que um dos homens, um jovem de pele clara e olhos cinzentos, o observava com atenção. Mas logo em seguida ficou vermelho e virou o rosto.

– Uma escolha de livro interessante – disse Mehmed, com uma expressão de divertimento no rosto.

A seguir, uma carta de Constantino foi lida em voz alta, com palavras elaboradas e ornamentadas como as bordas de ouro do livro. Radu tentou prestar atenção, mas havia tantos elogios circulares que ele perdeu o interesse e deixou que as frases o embalassem até chegar a um estado semiadormecido. Parecia um discurso da igreja que ele frequentara na infância: apaixonado pelas próprias palavras, frio e inacessível.

Mais uma vez, ele pegou o jovem de olhos cinzentos o encarando. Radu não sabia o que aquilo significava. Talvez ele também estivesse com dificuldade de prestar atenção à carta.

Então o nome Orhan foi citado, arrancando-o do estranho jogo em que estava envolvido.

Constantino não demorou muito para lembrar a Mehmed da ameaça do postulante ao trono. E, para piorar, teve a audácia de pedir que o sultão aumentasse os pagamentos a Constantinopla para manter Orhan por lá.

Mehmed batucou com os dedos sob o queixo, pensativo, à espera de que o líder da delegação terminasse de ler a carta.

– Ora – ele falou, com a tranquilidade de quem fazia um comentário sobre o tempo –, parece que Orhan é um hóspede bem dispendioso.

Ninguém deu risada. A tensão no recinto era pesada, como se todos tivessem prendido o fôlego e se recusassem a soltar o ar. Os enviados estavam pálidos. O

jovem agora só olhava para um ponto fixo da parede. Embora estivessem com cara de corajosos, era possível ver os chapéus empapados de suor, denunciando o estado de nervos dos três ao fazer tal exigência ao novo sultão.

Mehmed virou para Halil.

– Você tem mais experiência com Bizâncio do que eu. Isso parece justo?

Halil ergueu uma mão trêmula para secar a testa.

– Sim. – Ele balançou a cabeça, como se tentasse incentivar a si mesmo a falar de modo mais firme. – Sim, acho que os termos são bem razoáveis. Se eu fosse dar um conselho, diria para vossa graça concordar com as exigências. É melhor manter Orhan onde está e dar a Constantinopla um sinal de sua boa-fé.

Mehmed virou para os enviados.

– Muito bem. Halil, meu estimado vizir, vai providenciar um bom lugar para passarem a noite. Amanhã os mandamos de volta com notícias para nosso aliado Constantino. E que uma nova era de amizade se perpetue entre nossos grandes impérios.

A medida dos enviados foi menos formal dessa vez, com movimentos rápidos e aliviados. O jovem de olhos cinzentos lançou um último olhar para Radu. Um sorriso fugaz como um segredo se insinuou nos lábios dele. Radu sentiu algo acender dentro de si. Então Halil os acompanhou até a saída, seguido de seus principais conselheiros.

Radu sacudiu a cabeça para clarear os pensamentos. Ele ainda estava um pouco fora de ritmo depois do tempo que passara na zona rural. E aquilo era um desdobramento interessantíssimo.

Mehmed dispensou vários dos presentes, mantendo apenas Radu, Kumal, Ilyas, o líder dos sipahis de Edirne e Kazanci Dogan na sala. Aconselhado por Radu, tinha decidido poupar por ora a vida de Kazanci Dogan. Eles sabiam que o janízaro podia ser comprado, e precisavam de toda a ajuda disponível no momento.

Recostado na cadeira, com os braços estendidos sobre a cabeça, Mehmed bocejou.

– Meus amigos – ele disse –, gostaria de falar sobre nossa Marinha.

– Que Marinha? – questionou Radu.

– Exatamente. – Mehmed escancarou os dentes como um peixe predatório se deslocando pelas águas. – Me tragam relatórios sobre os navios que temos, e sobretudo sobre os que não temos. E façam isso em segredo.

Os homens presentes eram sábios o bastante para manterem a curiosidade sob controle, sem estampá-la no rosto.

Mehmed os dispensou e fez um sinal para que o soldado de Lada aguardasse do lado de fora. Assim que ficaram a sós, o indício de perturbação que Radu percebera ao entrar se tornou evidente na expressão do sultão.

– O que foi? – Radu teve que se controlar para conter o medo. – Está chateado comigo? Desculpe por não ter avisado com antecedência do casamento. Nem eu sei como tudo aconteceu tão rápido. Mas Nazira é...

– Não, não. Não tem nada a ver com isso. Estou feliz por você. – Mehmed andava de um lado para o outro, distraído, falando com um tom de voz distante. – Ela é belíssima e um bom partido. E você ainda vai continuar aqui. – Ele parou e ergueu os olhos. Uma pontada de medo se misturou à atribulação em seus olhos. – Você *vai* continuar aqui.

– Claro.

– Dependo de você. Confio em você mais do que em qualquer outra pessoa.

Radu sorriu, levando a mão ao coração.

– E eu em você.

– Você se lembra de um homem que conheceu na infância? Um amigo de Lada? Bogdan?

Radu franziu o nariz, incomodado.

– Sim. Os dois me provocavam o tempo todo. Ele era um idiota.

Mehmed fechou a cara.

– Ele está aqui.

– O quê? *Aqui*?

– Nicolae o encontrou.

O pânico tomou conta de Radu, e ele se sentiu como se tivesse oito anos de novo, todo tímido e propenso ao choro, um alvo fácil demais. Bogdan o forçava a pôr o xale da ama, dizendo que, se Radu a amava tanto assim, podia começar a se vestir como ela. Mas pior era o temor de que, independentemente de qualquer coisa, sua ama sempre amasse Bogdan mais do que a ele. Por mais que Radu desejasse o contrário, Bogdan era filho dela, e ele, uma obrigação.

A partida de Bogdan havia sido um dos pontos altos de sua infância, porque lhe proporcionara acesso ilimitado ao coração da ama.

E ao de Lada.

Mas a irmã não era mais dele, e já fazia um bom tempo. E ela tinha Mehmed. E agora tinha Bogdan também. Ele sentiu uma pontada de dor atrás dos olhos.

– Odeio Bogdan. – Radu fez uma careta, sabendo que deveria ter calculado melhor suas palavras. Mas havia uma expressão triunfante no rosto de Mehmed, como se Radu tivesse apenas comprovado uma impressão já consolidada.

O sultão voltou a se movimentar, virando as costas para Radu.

– Recebi notícias da Valáquia. Demorou para chegar, e eu bem que estava me perguntando sobre a ausência de um emissário de lá na minha coroação. – Ele deteve o passo. – Seu pai está morto.

Radu entendeu as palavras, mas elas não faziam sentido. Ele sacudiu a cabeça, tentando clarear os pensamentos. Seu pai. Uma risada aguda ecoou pela sala, e só depois de levar aos dedos à boca Radu percebeu que era dele.

– Sabe que nem me lembro mais de como ele era? Só da maneira como me sentia perto dele.

Mehmed segurou a mão de Radu.

– E como você se sentia?

– Como se eu não fosse nada. – Radu não conseguia tirar os olhos da mão de Mehmed sobre a sua. – E agora quem é nada é ele.

O sultão ficou em silêncio por alguns momentos. Radu sabia que deveria estar triste ou querendo mais informações, porém se sentia sobretudo aliviado. Vlad não existia mais, e Radu não conseguia considerar aquilo ruim.

– Gostaria de saber como aconteceu?

Radu assentiu com um grunhido.

– Foi Hunyadi, a pedido dos boiardos. Eles mataram Mircea também.

– Pobre Mircea. Deve ter ficado chateado.

Mehmed aproximou o rosto de Radu, bloqueando sua visão do teto. As sobrelhas dele estavam franzidas de preocupação.

– Você está bem?

Radu levou a mão à testa, tentando conter a tontura que o dominava.

– Acho que sim.

– Estou dizendo isso porque... porque é o herdeiro do trono. O primeiro da linha sucessória. E, como sultão, com a Valáquia como Estado vassalo, se for isso que você quiser...

Radu sentiu o peso do mundo despencar sobre suas costas. A Valáquia, com suas infinidades de bosques escuros, com fontes que afogavam em vez de deslumbrar, e invernos frios como a rejeição de um pai. A Valáquia, com Lada reunida a Bogdan, sem precisar de Radu, sem se importar com ele. A Valáquia, sem nenhuma mesquita, sem nenhum chamado para orações, sem um deus que o conhecesse e gostasse dele.

A Valáquia, sem Mehmed.

Ele o segurou pelos ombros.

– Sei que ajudaria você ter alguém de confiança naquele trono. E quero servi-lo, quero fazer o que for possível para ajudá-lo a conquistar Constantinopla e ser o sultão de que seu Império precisa. E *vou* fazer o que puder. Mas, por favor, estou implorando, não me peça isso. Não quero nada com a Valáquia, e a Valáquia não quer nada comigo. Meu lugar é aqui com você. Por favor, não me mande embora.

A expressão de Mehmed se amenizou, e ele deu um abraço em Radu, que soltou um suspiro trêmulo. Depois de sentir o cheiro do amigo, ele se acalmou.

– Não diga nada a Lada – pediu Mehmed. Radu assentiu com o rosto colado ao ombro dele, arriscando manter o abraço por mais tempo do que o recomendável, porque não suportava a ideia de largá-lo.

LADA NÃO CABIA dentro de si.

Seu corpo não era suficiente para conter tudo o que havia nela. Sua pele coçava, um calafrio subia por seu pescoço, seus músculos se contorciam de desespero.

Bogdan caminhava ao seu lado, com Nicolae do outro, protegendo-a contra o frio do anoitecer. Era sua primeira noite de folga em uma semana. Mehmed exigia sua presença o tempo todo, inventando pretextos para que ficasse ao lado dele, em especial na hora de montar guarda. Ou pedindo conselhos. Ou simplesmente alegando que precisava dela.

Aquelas demonstrações de carência calaram fundo dentro dela, e Lada estremeceu.

– Você está bem? – perguntou Nicolae.

Ela acelerou o passo.

Era reconfortante ter Bogdan de volta, como um retorno das coisas à maneira como deveriam ser. Ele acompanhava seu passo sem hesitar, sua sombra, seu braço direito. Era seu e sempre tinha sido, mesmo nos anos de separação.

Mas ela já não era a mesma pessoa. Tinha crescido, distorcido-se, tornado-se outra coisa. E a Lada que era com Bogdan, a que queria ficar perto dele, não era a mesma na presença de Mehmed.

Nicolae e Bogdan a encararam, como se estivessem à espera. Mas de quê? Ela queria esbravejar, bater neles, fazê-los esquecer a pergunta que pareciam fazer o tempo todo: *por quê?*

Por que ela ainda estava lá?

Aquela pergunta sequer parecia existir quando ela estava com Mehmed, mas assim que ficava sozinha se instalava em seu corpo feito pústulas, ou uma praga que atormentava sua alma. Por que ainda estava lá? O que tinha acontecido com a menina que era a filha de um dragão? Era daquele modo que terminava, então? Ela havia atingido todo o seu potencial? Uma tropa de cinquenta homens a serviço de quem Lada amava, mas que governava um império que ela odiava?

– O que mais existe aqui? – esbravejou.

Os dois interromperam o passo, olhando confusos para ela.

– O que mais existe onde? – Nicolae perguntou.

Ela cravou o dedo no peito dele.

– Parem de falar comigo. Parem de olhar para mim. Parem de querer que eu resolva isso.

Os lábios de Nicolae se abriram em um sorriso hesitante e perplexo.

– Se eu entendesse o que você está dizendo, com certeza tentaria obedecer. Mas agora pretendo mostrar o caminho para a loja de um comerciante que tinha um estoque de suco de uva que azedou da melhor maneira que poderia ter acontecido.

Um brilho alaranjado no céu noturno fez com que todos detivessem o passo.

Fogo.

Quatro anos antes, Lada andava por aquelas ruas imaginando uma chuva de fogo sobre a cidade. Seu coração disparou de alegria, com uma vontade fortíssima de descobrir de onde ele vinha.

– Aquilo é fumaça? – Nicolae perguntou.

Lada correu, desviando dos feirantes que desmontavam suas barracas depois do dia de trabalho, com Bogdan e Nicolae em seu encalço. Quando se aproximaram, ficou mais difícil avançar. As pessoas corriam na direção contrária, com o rosto pálido de pânico. Por fim, conseguiram chegar ao mercado.

No centro da praça, uma enorme fogueira se erguia para o céu, com faíscas dançando sob a fumaça. Lada se perguntou se haveria alguma celebração da qual não sabia.

Então ela viu o que estava alimentando o fogo. E quem.

Os janízaros estavam descontrolados, destruindo as barracas dos feirantes e jogando tudo nas chamas. Outros soldados se agrupavam nas ruas laterais, bloqueando a passagem. Lada escalou o muro da construção mais próxima com a ajuda de Bogdan. Era possível ver várias outras fogueiras sendo acesas pelas ruas nos arredores da cidade.

– Eles estão indo embora. – Ela desceu do muro. – Como foi que isso aconteceu?

Bogdan encolheu os ombros.

– Rebelião. Estão circulando boatos desde que Murad morreu.

– Mas Mehmed vai aumentar o pagamento! E fez um acordo com Kazanci Dogan antes de assumir o trono.

– Não ouvi falar de aumento nenhum. Se realmente negociaram um, ninguém falou para os homens.

Lada vinha se perguntando em que Bogdan havia se transformado enquanto os dois estavam separados. Ele não demonstrava nenhum sentimento. Era como falar com uma parede.

– Kazanci Dogan nos traiu. Não conseguiu impedir que Mehmed assumisse o trono, mas estava fazendo jogo duplo.

– Eles vão queimar algumas construções e talvez entrar em confronto com os sipahis nas ruas. – Os olhos de Nicolae brilharam na direção do fogo. – Mehmed vai aumentar o pagamento e tudo vai se resolver.

– Não faz sentido. – Lada observou as fogueiras se espalhando, cada vez mais distantes do palácio. O que Kazanci Dogan teria a ganhar deixando seus homens se rebelarem? Ele já sabia que Mehmed ia aumentar o pagamento. Talvez estivesse tentando um aumento maior, mas... – As fogueiras – ela comentou, com o coração disparado. – Estão mobilizando soldados para apagá-las.

– Sim. – Nicolae disse aquilo como se estivesse falando com uma criança. – Incêndios não são provocados para serem apagados, a não ser que a cidade inteira já tenha queimado.

– Vamos fazer uma simulação de assassinato do sultão, Nicolae. Pense. Os focos de fogo estão se distanciando do palácio, assim como os soldados. E todos os olhos.

A compreensão fez a cicatriz no rosto de Nicolae se contorcer.

– Eles vão matar Mehmed.

– Petru e Matei estão de guarda hoje à noite. Os outros homens eu não conheço bem. Precisamos ir até ele.

– As ruas estão bloqueadas – disse Bogdan. Se ele tinha alguma opinião sobre o lado que deveria apoiar, preferiu guardá-la para si. As ruas que davam acesso ao palácio estavam cheias de janízaros rebelados.

– Só tenho facas. – Lada lançou um olhar esperançoso para Nicolae, que simplesmente encolheu os ombros, mostrando as mãos vazias. – Vocês não têm *nada*?

– Nem todo mundo dorme armado, Lada.

– Como vamos conseguir passar pelos homens?

Bogdan foi até uma barraca que não havia sido desmontada por completo. Havia alguns janízaros rebelados por lá, mas quando viram seu quepe soltaram um grito. Ele se dirigiu à porta da construção mais próxima. Abriu-a, segurou a borda superior da porta e a arrancou das dobradiças.

– Acho que ele é um tipo de valáquio bem diferente de mim – Nicolae comentou.

Bogdan virou a porta de lado, segurando a maçaneta como uma alça. Lada deu risada, entendendo o que queria, e foi até a porta seguinte com Bogdan. Nicolae se juntou a eles.

Com um rugido mais alto que o fogo, Bogdan saiu correndo. Lada se posicionou atrás da porta, acompanhando o passo dele. Desejando poder ver o rosto de cada soldado, sentiu o impacto dos corpos que atingiram porque não haviam saído do caminho rápido o bastante. Nicolae tropeçou, rolou uma vez e reapareceu com uma

espada na mão. Bogdan não diminuiu o ritmo. Abriu uma clareira atingindo ossos com a madeira com a maior força possível.

Lada olhou por cima do ombro e viu dois homens que os perseguiram. Ela arremessou uma das facas, e o resultado foi um baque úmido e um grito. Com uma parada abrupta, esquivou-se da espada do segundo homem e arrancou uma arma similar dos dedos imóveis do primeiro.

O retinir de metal contra metal reverberou dentro dela, que escancarou os dentes e gritou, lançando-se contra o agressor. Ele tentou atingi-la na cabeça, e Lada se ajoelhou. Um jato quente de sangue confirmou que seu golpe havia acertado os tendões.

Não havia tempo para dar um fim nele. Lada disparou para alcançar Bogdan e Nicolae. Eles estavam no meio de uma multidão variada de civis apavorados e uma massa de janízaros. Os soldados gritavam, obviamente confusos, sem saber que estava havendo uma rebelião.

Bogdan jogou a porta para o lado, abrindo passagem para Lada.

– Há uma rebelião bem ali! – Lada gritou, apontando na direção oposta. – Glória e honra para quem vier comigo proteger o sultão!

Enfim deixando a aglomeração, ela saiu correndo, sem parar para ver se havia juntado homens ao seu lado com o chamado. Os passos ao seu redor, porém, não podiam ser apenas de Bogdan e Nicolae.

Os portões do palácio estavam escancarados e desprotegidos.

– Não confiem em ninguém! – berrou Lada. – Janízaros ou não! Desarmem todo mundo, tranquem todas as portas. – Os doze homens que a acompanhavam entraram pela porta principal, com a espada em punho.

Lada correu para uma entrada lateral, usada pelos criados da cozinha. Abrindo a porta com um pontapé, ela se preparou para o combate, mas não encontrou nada. Em seguida, atravessou a cozinha e subiu um lance de escadas escondida atrás de uma tapeçaria velha e empoeirada. Nicolae e Bogdan seguiam em seu encalço.

– Como você conhecia essa passagem? – questionou Nicolae.

– Ela leva diretamente ao quarto do sultão.

Lada não tinha tempo para se envergonhar com a revelação de seu conhecimento íntimo de passagens secretas para a cama de Mehmed. Aquela era usada pelo pessoal da cozinha para garantir que ninguém tivesse acesso ao que o sultão comia enquanto os pratos eram testados para presença de veneno e depois servidos. Lada a usava para pegar comida escondido quando os dois ficavam acordados até tarde conversando... e às vezes mais do que aquilo.

O corredor estava estranhamente silencioso atrás das espessas paredes de pedra que o isolavam do que acontecia no resto do palácio. Lada mal conseguia respirar, com imagens do que poderia estar à sua espera desfilando diante de seus olhos.

Mehmed morrendo.

Mehmed morto.

A túnica roxa de Mehmed tingida de vermelho-escuro.

A visão de Mehmed escurecendo para sempre.

Lada sabia que ninguém olharia para ela como Mehmed. Se ela perdesse aquilo...

– Ou eles já estão no quarto e chegamos tarde demais – ela falou, ofegante –, ou ainda não chegaram e podemos detê-los. Por aqui. – Ela abriu uma porta secreta que dava para o saguão do lado de fora dos aposentos de Mehmed. – Vigiem esta porta! – Lada sequer esperou que Nicolae ou Bogdan cumprissem a ordem para entrar no corredor e correr até o quarto de Mehmed. Se ele estivesse morto, precisava saber. Ela bateu com o ombro na porta escondida atrás de uma tapeçaria em uma das salas de visitas. Em seguida, arrancou a peça das roldanas que a prendiam.

Mehmed ficou de pé, com a boca aberta de susto.

A presença de Radu na sala ao lado era quase imperceptível. Um janízaro alto e magro segurava o braço dele, cochichando algo. Ninguém estava em pânico, ninguém estava morto.

E Ilyas, não Kazanci Dogan, estava ao lado de Mehmed.

Lada se apoiou na parede, com o alívio apagando o fogo que a conduzira até lá. Fora a porta que dava acesso ao cômodo onde estavam Radu e o janízaro, só era possível entrar pela porta que ela usara e a que dava para a varanda. Eles precisavam ir para um lugar mais seguro. Lada fechou a porta secreta, trancando-a com a barra de metal que prendia a tapeçaria.

– O que está acontecendo? – perguntou o sultão, incrédulo.

– Uma rebelião. Dos janízaros. Pensei... fiquei com medo de que fosse uma distração. Que estivessem tentando assassinar você.

– Pelas chagas divinas – Ilyas falou, mas não parecia em choque, apenas cansado. Foi até a sala de visitas e fez um sinal para o janízaro que estava com Radu, então fechou a porta pesada que dava acesso a ela.

Lada correu até ele, sacudindo a cabeça.

– Precisamos ir para uma sala mais protegida. Sem varanda. Alguém pode escalar até aqui, ou pular da varanda do quarto.

Ilyas suspirou, sacou uma adaga e a cravou nas costelas de Lada.

— **O**S JANÍZAROS se rebelaram? — perguntou Radu, chocado a ponto de se tornar incapaz de formar um pensamento coerente.

— Ao que parece. — A voz de Lazar estava exaltada, e seus olhos se voltaram para a porta trancada entre eles e Mehmed.

— Mas nós vamos aumentar o pagamento!

Lazar ergueu uma sobrancelha.

— Nós?

Radu sacudiu a cabeça.

— Mehmed. Ele se reuniu com Kazanci Dogan antes de Murad morrer. Está tudo arranjado. — Não fazia o menor sentido os janízaros se revoltarem àquela altura. Eles seriam mais bem pagos do que antes. O que Radu havia deixado passar? Como não fora capaz de se antecipar àquele movimento de Halil Paxá?

— Sem dúvida tudo vai se resolver. — Lazar lambeu os lábios, e então pancadas exaltadas começaram a ecoar pelo saguão que dava acesso aos aposentos de Mehmed.

— Será Petru? — Radu se aproximou da porta. Ilyas tinha mandado Petru e Matei para o saguão, para discutir planos confidenciais com Mehmed. — Por que a porta de fora está trancada?

— Ilyas deve ter trancado depois de sair. Uma medida inteligente. É mais seguro assim. — Lazar saltitava na ponta dos pés, alternando o olhar entre as duas portas trancadas como uma mariposa em torno de uma lamparina. — Talvez seja melhor irmos para os aposentos de Mehmed. Da varanda se pode ver o que está acontecendo na cidade.

Houve mais pancadas, mais altas agora, e acompanhadas de gritos. O pânico tomou conta de Radu.

— Você acha que a rebelião chegou aqui? O que vamos fazer?

— A ajuda vai chegar em breve. — Lazar segurou Radu pelo cotovelo, puxando-o para o outro lado dos aposentos. — Precisamos mesmo verificar o quarto de Mehmed.

— Está parecendo um grito de Nicolae. Melhor deixá-los entrar.

— Não! Se o combate chegou até nós, eles precisam defender a porta. Temos que assumir posição no quarto de Mehmed caso alguém tente ir para lá.

– Pare. – Radu desvencilhou seu braço. – Precisamos pensar direito. E levar Mehmed para um lugar melhor. A sala onde eles estão tem varanda também. Não é segura, e ele só tem Lada e Ilya para protegê-lo.

As batidas na porta se transformaram em pancadas fortes e ritmadas. Alguém estava tentando arrombá-la. Radu ouvia os berros de Nicolae. Não fazia sentido. Caso tivesse levado a pior no combate, ele estaria morto, não gritando.

Na sala de visitas, Lada berrava de raiva e de dor, e as paredes sacudiam com alguma coisa que era lançada contra elas.

Mehmed.

Radu correu para a porta, balançando-a com força, mas sem produzir nenhum resultado.

– Me ajuda! – ele falou, procurando por alguma ferramenta para destravá-la. A mobília era toda almofadada, só havia objetos delicados e macios. Não tinha nenhum utensílio, nenhuma pena, nada que não fosse de ouro ou frágil. Radu tinha uma faca no cinto, mas era grossa demais para entrar no buraco da fechadura.

– Radu.

– Vamos ter que arrombar.

– *Radu.*

– Por que não tem nada de útil nesta maldita sala? – ele gritou, chutando um banquinho almofadado.

Lazar o segurou pelo pulso, forçando-o a se virar.

– Por favor, me escuta. – A voz dele era grave, em um tom calmo demais. Não estava entendendo o perigo que corriam, nem mesmo Radu tinha ideia de quão grande era. O barulho era intenso e vinha de todas as partes. Ele precisava chegar até Mehmed.

Lazar não o soltou.

– Não tem nada que você possa fazer.

– Do que está falando? É claro que podemos fazer alguma coisa! Precisamos fazer, nós... – Radu se interrompeu. Lazar não parecia em pânico. Só demonstrava compaixão. E lamentava.

Com certeza era Nicolae berrando, acompanhado de Petru. Estavam gritando por Lada, para que os deixasse entrar. Eles jamais fariam aquilo se as forças inimigas estivessem do lado de fora.

– Você me tirou da sala – Radu falou, sentindo um frio na barriga ao se dar conta da verdade. – Não está esperando ajuda nenhuma. Está contando justamente com o contrário.

– Me deixa explicar.

Radu desvencilhou o pulso, correndo para a porta por onde os homens de Lada tentavam entrar. Estava bloqueada por uma barra metálica fácil de remover pelo

lado de dentro.

Lazar o atingiu por trás, e sua cabeça bateu contra o piso de cerâmica, fazendo-o ver estrelas.

– Por favor – o soldado falou, apoiando o joelho nas costas dele. – Só estou tentando manter você a salvo.

Radu cuspiu sangue do lábio cortado.

– Me manter a salvo?

– Não era para você estar aqui. Deveria estar com sua *esposa*. Quando Ilyas me contou que você estava de volta, eu implorei para me trazer junto, para mantê-lo fora disso.

Radu estreitou os olhos, dominado pela dor e pelo desespero, com os braços trêmulos, sem conseguir levantar.

– Por que Ilyas está nos traindo?

– Ele está nos *protegendo*. Você não é um janízaro. Não tem como entender. Só temos uns aos outros. Ninguém se importa conosco, ninguém nos valoriza, somos apenas corpos lançados contra os inimigos em nome do sultão.

O som das lâminas em ação na sala de visitas de Mehmed arrancou um soluço de Radu.

Lazar baixou a cabeça, apoiando-a nas costas dele.

– Eu lamento. Sei que você gosta dele. Sei disso. Mas o sultão pintaria as muralhas de Constantinopla com nosso sangue. Ilyas não vai deixar isso acontecer. *Ele* é nosso pai, não Mehmed. É assim que precisa ser.

– Não!

– Então me diga. Me diga que Mehmed não vai matar todos nós. – Lazar ficou esperando, mas Radu não tinha como negar. Ele sabia que o coração do sultão estava voltado para Constantinopla. – Mehmed quer a cidade como um dragão quer uma joia, apenas para ter, apenas para saciar seu apetite. Ele nunca vai estar satisfeito. Você viu como foi o cerco de Kruje. Vai parecer uma viagem de férias em comparação com Constantinopla. Vamos todos morrer, e ninguém vai lamentar. Eles são meus irmãos. – A voz de Lazar ficou embargada, e lágrimas quentes caíram sobre a túnica de Radu. – São a única família que tenho. Se você pensar bem, vai entender. Vai me perdoar. Eu sacrificaria tudo pela minha família. Você também.

Radu parou de resistir e deitou no chão. O peso de Lazar estava sobre suas costas, assim como naquela noite de patrulha em Kruje, na qual ele o derrubara para salvar sua vida.

Lada morreria defendendo Mehmed. Mehmed morreria. Mas Lazar estava certo. Se o sultão sobrevivesse, muitos janízaros, seus amigos e companheiros, morreriam. Tudo por uma cidade que não representava ameaça. Tudo por causa de

um sonho, por causa do Profeta, que a paz estivesse com ele, e de sua declaração tanto tempo atrás.

Radu virou a cabeça, tentando olhar para Lazar. Mantendo-o imobilizado, o janízaro redistribuiu o peso do corpo para poder ver seus olhos.

– Lamento muito – disse Radu. Lazar o havia salvado muitas vezes, com a gentileza em sua infância, no campo de batalha, naquela noite. – Amo você também, meu amigo.

O rosto de Lazar se acendeu de esperança.

Radu reagiu àquilo com uma facada, com o movimento da mão liberado apenas o suficiente para enfiar a lâmina na barriga do soldado.

Lazar rolou para o lado, com as mãos sobre o ferimento. Sangue vivo escorreu entre os dedos dele. Radu se ajoelhou ao lado do homem ferido. Ele jogou a espada de Lazar para o outro lado da sala e colocou a testa à do amigo.

– Lamento muito, muito mesmo.

Lazar abriu um sorriso torto e sem energia. Radu sentiu seu coração se partir.

– Você sempre fica do lado dele.

– E sempre vou ficar – ele murmurou.

Então correu, deixando Lazar para morrer sozinho. A porta do corredor do palácio mal estava lascada, apesar das investidas contínuas dos homens de Lada. Radu gritou para que parassem e posicionou o ombro sob a barra. Eles haviam deslocado a porta do batente, e Radu soltou um grito de raiva ao erguer a barra com todas as forças. Por fim, a tranca soltou.

Ele correu direto para o quarto do sultão.

– Mehmed está lá dentro! – gritou, apontando para a sala de visita trancada.

Esquadrinhou o quarto, com sangue nas mãos e a mente absolutamente concentrada. As longas cortinas, presas por um varão, chegavam até o chão. Radu deu um passo atrás, então correu e saltou, agarrando-se ao varão e sacudindo o corpo até arrancá-lo da parede com um guincho metálico.

Ele carregou o varão até a varanda, distante demais da sala onde estavam Lada e Mehmed. Os dois ainda não estavam mortos. Não podiam estar.

Radu não conseguiria pular de uma varanda a outra. A distância era grande demais. Ele jogou o varão para o outro lado, segurando a cortina no último instante antes que acabasse indo junto. O varão caiu ruidosamente no chão da outra varanda, e a cortina ficou bem esticada. Radu a puxou com força, fazendo uma oração.

O varão ficou preso à amurada de pedra.

Enrolando a cortina em uma das mãos, Radu subiu na amurada e saltou. O impacto da queda quase arrancou seu braço. Ele gritou de dor, e então começou a

se erguer, sentindo todos os músculos protestarem, até ser capaz de apoiar a mão livre na amurada de pedra da varanda. Com um último impulso, conseguiu subir.

Ele estava na escuridão, olhando para a sala iluminada. A cena lá dentro era um pesadelo. Mehmed estava agachado, desarmado, em um canto. Era uma prova do incrível talento de Lada que nada tivesse acontecido ainda. Ela corria pela sala inteira, esquivando-se, saltando e berrando. Sua lâmina bloqueava a de Ilyas, repelindo cada ataque dele.

Embora Radu tivesse perdido o começo da história, era possível ver o fim.

Lada estava sangrando em abundância, e a cada passo sua vida se esvaía sobre os delicados padrões florais do piso de cerâmica. Usava apenas o braço direito, e sua respiração estava ofegante e acelerada demais. Ilyas só precisava ser mais resistente que ela, e ambos sabiam daquilo. Lada lutava com tudo o que tinha, e ele se esquivava com a tranquilidade de um dançarino.

Nenhum dos dois notou sua presença. Radu levou a mão à espada...

Mas não tinha uma.

Nem uma faca.

Estava tão desesperado para entrar na sala que não pensara no que faria quando estivesse lá. A rendição ameaçava dominar seu corpo. Ele havia matado seu amigo de mais longa data. Agora, como recompensa, sua única parente e seu único amor seriam assassinados diante de seus olhos, enquanto ele só assistia, desarmado e inútil. Toda a sua esperteza e todo o seu charme não tinham servido para nada, no fim das contas. Mas pelo menos ele morreria ao lado de Mehmed. Radu deu um passo à frente, quase tropeçando na cortina.

O varão!

Ele o soltou da amurada, deixando a cortina cair.

Lada tropeçou no próprio sangue e foi ao chão, com a espada presa sob a mão. Ilyas ergueu a lâmina. Estava próximo o bastante para atacar Lada ou Mehmed. Radu não sabia quem ele ia querer matar primeiro, e não seria capaz de proteger os dois ao mesmo tempo.

Ele escolheu Lada. Com um grito, entrou na frente da irmã, empunhando o varão. A espada de Ilyas o atingiu com uma força que quase o arrancou das mãos de Radu. Lada deu um chute no joelho do inimigo, forçando-o a recuar.

Ela olhou para o irmão com os olhos arregalados de surpresa. Então eles retomaram o foco.

– Vamos fazer com que fique de costas para a varanda – ela sussurrou.

Lada levantou e Radu virou, colocando-se entre Ilyas e Mehmed. Ela correu para o outro lado do janízaro, brandindo a espada em um movimento de ataque tão previsível que até mesmo Radu saberia como bloquear. Ilyas se aproveitou da abertura, preenchendo o espaço que ela deixara livre.

O espaço diante da porta da varanda.

A espada de Ilyas cortou o ar. No último instante possível, Lada se jogou no chão, gritando:

– Agora!

Radu posicionou o varão na altura do ombro e correu com todas as forças. Ele pegou Ilyas desprevenido. O homem cambaleou para trás, mas Radu não tinha impulso suficiente para derrubá-lo da varanda.

Lada apareceu ao seu lado. Ela segurou a ponta do varão e empurrou como se fosse uma porta, direcionando-o para a direita para que desequilibrasse Ilyas. A parte posterior das costas dele acertara a amurada da varanda, e ela continuou empurrando com o varão.

Ilyas caiu.

Mas Lada não conseguiu parar, o impulso a conduzia para a frente. Ela deslizou por cima da amurada da varanda.

Por um instante o mundo morreu, permanecendo sem vida e sem ar à frente de Radu. Então ele sentiu o varão sendo puxado de suas mãos. Segurou com mais força e prendeu-o sob a axila.

– Depressa! – disse Lada, e na voz dela foi possível identificar a menina com quem crescera, aquela que preferia parecer furiosa a assustada. A menina que naquele momento estava apavorada. – Não estou conseguindo segurar!

Radu puxou o varão para baixo, usando a amurada como ponto de apoio da alavanca. O metal envergou, mas se manteve firme ao puxar Lada de volta. Assim que ela chegou à altura da varanda, Radu se lançou para a frente e a agarrou com as mãos sujas de sangue. Ele a puxou e caiu, com o corpo dela sobre o seu.

Lada estava trêmula como ele nunca havia visto, delirando depois de perder tanto sangue e passar por tamanho susto.

– Você me salvou – ela disse.

– Claro que sim.

Lada sacudiu a cabeça.

– Não quando eu estava caindo. Quando Ilyas encurralou nós dois no chão. Você me escolheu, em vez de Mehmed.

– Você é minha família – ele murmurou. Lazar estava certo no fim das contas.

Ele a abraçou, acariciando os cabelos dela e chorando, e então enfim veio o som da porta se abrindo e da entrada dos homens de Lada, como um rugido distante.

ILYAS NÃO TINHA morrido na queda, embora Lada desconfiasse que preferia ter morrido. Havia sido uma surpresa para ela quando Kazanci Dogan fora inocentado pelas informações que os guardas conseguiram arrancar do prisioneiro. Kazanci Dogan não fizera parte do complô de assassinato, apenas defendera tomar a cidade de Edirne para exigir um aumento de salário maior.

Tudo se resumira à entrada de Ilyas no palácio, ordenando aos janízaros que se espalhassem pela cidade provocando incêndios. Apenas ele e seu cúmplice sabiam do verdadeiro motivo da missão.

Lada se remexeu na cadeira, com a lateral do corpo protestando de dor da mesma forma quando se movia e quando não se movia, quando estava em movimento e quando estava imóvel. Ela estranhava o tempo todo o próprio corpo, ficando cansada e com dor de cabeça ao menor esforço. Mas ia se recuperar.

Lada olhou para o irmão. Os olhos dele estavam perdidos no pátio.

O jardineiro-chefe ergueu a estaca e plantou Ilyas. O homem que havia permitido que ela treinasse com seus comandados. Que lhe dera a chance de provar a si mesma e que a aceitara depois daquilo. Que lhe dera uma responsabilidade em um Império em que Lada era uma figura invisível.

Ilyas, que a apunhalara.

Lada não sabia se torcia para ele morrer depressa ou agonizar longamente. O cúmplice teve mais sorte, sangrando até a morte no chão enquanto um médico suturava o ferimento de Lada com uma linha preta.

– Você fez um favor para ele – ela disse a Radu, com uma voz bem baixa para que Mehmed e os demais oficiais reunidos ali não ouvissem. O grão-vizir Halil estava lá. Não estava envolvido na trama. Mas estava encarregado das rotações dos guardas da prisão que tinham arrancado as informações.

– Fiz um favor para quem? – Radu não conseguia olhar para ela e falava com um tom de voz sem vida.

– O janízaro que você matou. O cúmplice.

Um espasmo de dor contorceu as feições de Radu.

– Lazar. O nome dele era Lazar.

– Você o conhecia?

Radu não respondeu. Lada gostaria de saber o que fazer, ter algum conhecimento da maneira como as pessoas confortavam umas às outras. Caso a

situação fosse inversa, Radu teria uma ideia de como se comportar.

– Foi o primeiro homem que você matou?

– Não. Mas foi o primeiro que assassinei.

Lada bufou.

– Ele era um traidor. E você o salvou da agonia de uma morte prolongada. É mais do que merecia.

– Ele só estava lá para me proteger. – Radu abriu um sorriso que ela não reconheceu, uma imitação torturada de humor. – Ficou com medo de que eu me ferisse.

Lada procurou a mão de Radu. Ficou surpresa quando ele aceitou o toque, e a apertou uma única vez.

– Você salvou a vida de todos nós.

– Uma vez você me disse que algumas vidas valem mais do que outras. De quantas mortes precisamos antes que a balança fique contra nós?

Ela não soube responder.

Com a execução de Ilyas, a história oficial ficou sendo a de que os janízaros simplesmente se rebelaram, exibindo o mau comportamento que se apresentava de tempos em tempos. Naquela mesma tarde, Mehmed removeu Kazanci Dogan do cargo e mandou açoitá-lo publicamente até que houvesse mais sangue do que pele nele. O sultão anunciou um aumento para todos os janízaros, além de uma reforma estrutural nas Forças Armadas. Mehmed seria seu líder. Todos os fios de poder e autoridade levavam a ele.

Alguns dias depois do atentado, Lada estava forte o bastante para se juntar ao sultão no escritório e revisar os planos de reestruturação. Radu já estava lá. Parecia atormentado, sempre mais do que disposto a se ausentar para as salas laterais, com os olhos fixos à frente.

Lada se lembrou da floresta na encosta em Amásia, onde não conseguia mais entrar, e sentiu pena de Radu. Ela estava prestes a sugerir que fossem para os jardins quando foram surpreendidos pela chegada de um eunuco que trazia Halima.

– Halima Hatun – ele anunciou.

Ela fez uma mesura, endireitando-se com um sorriso tímido para Lada e um breve aceno. Lada tinha se esquecido do quanto ela era bonita, mas reprimiu rapidamente a pontada de inveja. Mehmed não ia querer a mulher que dera outro filho ao seu pai.

O sultão ficou de pé, com a confusão estampada no rosto.

– Halima, a que devo a honra?

– Você mandou me buscar. Para discutir meu futuro, segundo o mensageiro.

– Claro. – Mehmed assentiu, fazendo um gesto para que ela se sentasse. Ele lançou um olhar de interrogação para Lada e Radu quando ela estava de costas. – Claro, seu futuro. Tudo bem com você?

– Sim, obrigada.

– E o pequeno Ahmet?

O rosto dela se transformou, assumindo uma expressão de pura alegria.

– Ele tem muita energia. Acho que deve ter a mesma idade de Beyazit.

O nome do filho de Mehmed atingiu Lada como uma facada, e não nas costelas. Ela se remexeu desconfortavelmente, desejando que Halima fosse embora.

– Ah! – A mulher levou a mão à boca, envergonhada. – Eu não lhe dei os parabéns pelo nascimento de Mustafa. Dois filhos! Que bela sorte.

– Mais um? – Lada comentou antes que conseguisse se segurar, e aquelas palavras a deixaram mais ferida que as lâminas de Ilyas.

Outro filho.

E aquele não tinha sido concebido antes de seu primeiro beijo, antes que Mehmed a fizesse se sentir como se fosse a única mulher que importava no mundo.

Mais um filho.

Radu se abriu todo em uma alegria falsa.

– Com toda a empolgação, você deve ter se esquecido de contar.

Mehmed limpou a garganta e virou para eles.

– Sim, Gulsa teve que ficar em Amásia. Não era seguro para ela uma viagem tão longa no estado em que estava. Recebi a notícia ontem. Como soube?

Halima inclinou a cabeça com um ar conspiratório.

– Huma me contou. Ela sabe de tudo.

– Sabe mesmo. Bom, acho que não tenho nada de oficial para contar a você. Se quiser que eu faça alguma coisa em relação ao seu futuro, é só me dizer. É bem-vinda para ficar aqui o tempo que for. Esta é a sua casa.

Lada se perguntou por que ele ainda não havia mandado o pequeno Ahmet embora, para longe da mãe. Mas até mesmo aquilo não ocupou seu pensamento por muito tempo. *Gulsa*. Quem era ela? E como seria? Quando Mehmed a visitava? Em que ele pensara quando plantara sua semente em mais uma mulher?

Halima fez uma mesura elegante, e Lada notou um toque de alívio no rosto da mulher com o fim da entrevista. Depois que ela saiu, Lada manteve os olhos voltados para a porta. Afogada em suas próprias mágoas, viu-se incapaz de encarar Mehmed. Como ela podia continuar ignorando o harém se aquelas mulheres não paravam de ter filhos de Mehmed?

Ninguém abriu a boca.

Enquanto os pensamentos obsessivos atormentavam Lada, Huma apareceu na porta.

– Mãe. – Mehmed disse aquela palavra em um tom exausto, não reverente. – Não mandei chamá-la.

– Assim como não mandou me chamar quando Ilyas tentou matar você.

– Como foi que você... – Mehmed suspirou, esfregando a testa. – Já cuidei disso.

– Não, seu menino tolo. Cuidou nada. *Eu* cuidei disso.

A exaustão de Mehmed deu lugar a uma raiva não muito bem escondida.

– Como assim?

– Quando você vai perceber que, enquanto mantiver um governante alternativo sob sua proteção, vai continuar a ser visto como descartável? Se pode ser substituído, as pessoas vão tentar fazer isso. De novo, de novo e de novo. Basta uma adaga, uma refeição envenenada, um momento de descuido, e todo o meu sacrifício vai ter sido em vão.

– Você não precisa se preocupar com isso.

– Essa é a *única* coisa com que preciso me preocupar! Mas fique tranquilo, meu garotinho bobo. Já fiz o que seus guardas não conseguiram. Tornei você insubstituível.

Lada se ajeitou na cadeira. Suas conversas anteriores com Huma voltaram à sua mente com uma intensidade repentina. Seu estômago se revirou, como se houvesse algo muito errado acontecendo.

– Mehmed não mandou buscar Halima – ela comentou.

Huma ergueu os ombros emaciados.

– Enquanto ela estava reunida com o sultão, seu filho se afogou.

Ele foi correndo até o outro lado da sala, prensando a mãe contra a parede.

– O que foi que você fez?

– O que sempre fiz. Protegi você.

– Não. Não. Não me diga que você... Ele é uma criança.

– Ele *era* uma ameaça. E agora não é mais.

Por um longo instante que durou pouco mais de um segundo, Lada pensou que Mehmed fosse matar a própria mãe. Então a tensão abandonou o corpo dele. O sultão cambaleou para trás e caiu sobre uma cadeira.

– Ele tinha a idade de Beyazit.

– Só fiz o que você relutava em fazer. Garanti seu legado. Você agora está livre para ser o sultão que nasceu para ser. O sultão que eu pari. *Meu* filho. Meu Império.

– Fora daqui.

– Precisamos discutir...

Mehmed ficou de pé. Sem raiva, sem desespero, ele encarou a mãe com toda a frieza da autoridade.

– Guarda.

Stefan, o janízaro em serviço no momento, fez posição de sentido.

– Por favor, conduza Huma de volta aos aposentos dela. Pode levar quantos homens for preciso. Não deixe que fale com nenhuma das criadas, e os eunucos estão proibidos de ter contato com ela. Mandarei instruções sobre o local para onde deve ser mandada.

Huma estremeceu, e por entre os lábios finos e amarelados foi possível ver as gengivas cinzentas, com mais espaços vazios do que dentes.

– O que está fazendo? Não pode me mandar embora! Sou a sultana-mãe!

– Não – retrucou Mehmed. – Você me traiu. Não é mais nada.

– Traí você? Não faz ideia do que já fiz para protegê-lo. Das muitas vezes em que salvei sua vida. Se agir por trás de suas costas para mantê-lo vivo é uma traição, então eles deveriam ser banidos comigo. – Ela apontou o dedo retorcido e ossudo para Lada e Radu.

Mehmed fez um sinal para Stefan, sem esconder seu desgosto. O soldado segurou Huma pelo braço e a retirou da sala, trêmula e com os olhos arregalados. Lada pensou que eles haviam se safado, mas o sultão virou para os dois.

– Do que ela estava falando? O que vocês fizeram?

Radu parecia um coelho preso em uma armadilha. Lada entendia aquele medo. Mehmed jamais ia perdoá-los se soubesse de sua participação em sua queda do trono. E Huma não tinha mais nenhuma razão para não contar. Ela não tinha mais a que se agarrar, e Lada estava certa de que arrastaria outros consigo.

Os olhos de Radu se encheram de lágrimas. Ele baixou a cabeça, desesperado. Não era mais aquele homem desconhecido. Voltou a ser o menino no gelo, o menino na floresta, o menino nos arbustos.

Ele era dela.

– Radu não teve nada a ver com isso – disse Lada. – Aconteceu quando você assumiu o trono pela primeira vez. Depois que matei o janízaro, sabia que aquilo não ia parar. Radu insistiu que você poderia continuar sendo sultão. Ele estava sendo burro e cego, então recorri a Huma. Foi ideia minha provocar a rebelião, entrar em contato com Halil e negociar a volta do seu pai ao trono.

Lada viu quando o choque e a raiva transformaram o rosto de Mehmed daquele que conhecia e amava em outro que parecia distante demais para ser tocado. Foi uma transformação dolorosa de observar. Mas ela não desviou os olhos.

– Como você pôde fazer isso? Todo o poder que Halil ganhou! Todos os anos que eu perdi...

Lada ergueu uma pouco mais a cabeça.

– Fiz isso para salvar sua vida. E faria de novo.

Mehmed sentou, recusando-se a encará-la.

– Eu não... não consigo nem pensar nisso agora. Não depois do que aconteceu. Ahmet. O pequeno Ahmet... – Um véu baixou sobre os olhos dele, como se tivesse interrompido todos os pensamentos sobre a traição de Lada até que soubesse o que fazer com tanta informação.

Radu pôs a mão sobre o ombro de Mehmed, mas continuou olhando para Lada.

– Obrigado – ele fez com a boca.

Ela não esboçou nenhuma reação ao gesto nem à imensa gratidão que viu nos olhos dele. Estava em débito com Radu. E nada era mais importante para ele do que a confiança de Mehmed. Talvez tivesse sido melhor quebrar aquela confiança e forçar um afastamento. Talvez daquela forma Radu pudesse se libertar do amor impossível que carregava dentro de si. Mas a decisão não cabia a ela, e Lada podia muito bem assumir todo o fardo da culpa sozinha.

– Vão pensar que fui eu quem ordenou a morte de Ahmet – disse Mehmed, alheio aos sentimentos de Radu, como sempre. – Halima estava comigo quando aconteceu. Vou ter que revelar que foi Huma, que não foi...

– Não – interrompeu Lada. – Vão dizer que foi por ordem sua, não importa o que faça. Dizer que foi sua mãe só vai fazer com que seja visto como um mentiroso, além de assassino.

– O que eu faço?

Lada pensou no que ela faria. Era um momento para pulso firme, não sutilezas. Ninguém poderia questionar o poder do sultão.

– Transforme isso em lei. Você sabe o que os irmãos do seu pai fizeram. As guerras que eles travaram ainda são feridas abertas. Seu pai teve que matá-los no fim das contas. Faça um decreto dizendo que, quando um sultão for coroado, tem permissão para matar seus irmãos, pela segurança do Império.

Mehmed jamais a havia encarado com uma expressão horrorizada antes, mas foi o que aconteceu naquele momento. Lada deu um passo atrás e então ficou paralisada, com medo de que, com aquilo e com a revelação da traição, tivesse perdido seu amor.

Mas ela não seria fraca só para evitar seu julgamento. Lada não era assim.

– Você acha que minha mãe agiu certo? – perguntou Mehmed.

– Eu acho... – Lada expulsou dos pensamentos a imagem esperançosa e feliz de Halima ao falar do filho. O menino que estava sendo assassinado enquanto ela falava. Halima já saberia? Já teria descoberto que seu mundo havia sido arrancado dela? – Acho que às vezes, quando uma única vida põe em jogo o destino de uma nação, decisões impossíveis devem ser tomadas. Huma tomou essa decisão. Se estava certa ou errada, não faz diferença. Está feito.

– Se eu criar essa lei, vou condenar um dos meus próprios filhos à morte.

Lada não havia pensado naquilo, e sentiu o baque do olhar acusatório de Mehmed. Ele a considerava tão monstruosa a ponto de achar que desejava a morte de seus filhos? Ela sacudiu a cabeça negativamente.

– Se não criar a lei, vai permitir uma futura guerra civil que vai tirar a vida de milhões de cidadãos inocentes.

– Estamos falando de vidas, Lada. Você fala como se fosse uma simples questão de matemática, um problema a ser resolvido – disse Radu.

Ela ficou de pé, levando a mão à ferida nas costelas.

– Pensar assim é a única coisa que nos impede de enlouquecer.

– Mas e nossa alma?

Antes de sair, Lada parou na porta.

– Almas e tronos são inconciliáveis.

Naquela noite, ela e Bogdan estavam sozinhos no refeitório dos alojamentos, sentados lado a lado. Lada não o havia visto nem conversado com ele desde a tentativa de assassinato. Tivera vontade de fazer uma refeição com seus homens pela primeira vez depois daquilo, mas a maioria estava em serviço. Mehmed confiava neles mais do que nunca, e seus horários eram puxados.

– Como você está? – perguntou Bogdan.

Lada lançou para ele um olhar vazio, desejando ter forças para castigá-lo fisicamente por fazer uma pergunta tão idiota.

– Há uma semana fui esfaqueada e espancada por um mentor em quem confiava.

Ele a encarou com a mesma expressão.

– Eu estava lá.

Lada se perguntou se Bogdan havia ficado com medo ou com raiva do risco de morte que ela correria logo depois de se reencontrarem. Mas o rosto dele não demonstrava nada.

– Eu estava falando do seu luto.

Bogdan era um tolo se achava que ela estava de luto por causa da morte do meio-irmão de Mehmed. Ela não ficara feliz com o assassinato do menino, mas não podia fingir que não concordava com o raciocínio de Huma. Seria muita hipocrisia usar roupa preta. Desrespeitoso até.

– Está todo mundo sabendo então? – ela perguntou.

Radu tinha mandado um bilhete avisando que Mehmed pretendia baixar o decreto do fratricídio, mas Lada pensou que só aconteceria no dia seguinte. E estava chateada por Mehmed não ter pedido seu conselho sobre como proceder.

Lada se perguntou quanto tempo demoraria para ele perdoá-la por tudo o que acontecera. Tinha medo de que aquilo nunca acontecesse. Como ficaria sua

situação naquele caso?

Bogdan encolheu os ombros.

– Petru me contou.

Lada franziu a testa.

– Petru não estava em serviço naquele dia. Como ficou sabendo de Ahmet?

– Quem é Ahmet?

– O meio-irmão de Mehmed.

– Do que você está falando?

– Do que *você* está falando?

– Do seu pai. – Bogdan se interrompeu, cerrando os dentes e finalmente percebendo. – Ninguém contou para você.

Lada sabia que estava olhando para Bogdan, mas não conseguia vê-lo. Não enxergava nada.

– Meu pai morreu?

– Lamento muito. Petru pensou que você soubesse. Hunyadi e os boiardos mataram seu pai e Mircea.

Lada assentiu, balançando a cabeça para cima e para baixo contra sua vontade. Um rugido invadiu seus ouvidos. Como o do vento às margens do rio Arges, agitando uma árvore que crescia de lado em uma pedra.

– Quando?

– Petru ouviu uma conversa entre Mehmed e Radu uma semana atrás. Um pouco antes da rebelião.

– Uma semana. – Sua mão se ergueu para o saquinho de couro pendurado em seu pescoço... que não estava mais lá.

Ela não havia percebido, mas não o carregava no pescoço desde que enfrentara Ilyas.

Ele não estava mais lá.

RADU SÓ QUERIA dormir, mas as batidas na porta não paravam. Ele cambaleou até ela para abrir, disposto a gritar e esbravejar com quem quer que estivesse lá. O fantasma de sua irmã apareceu na porta, com os olhos grandes e vazios, o rosto imóvel como uma lembrança evanescente.

– Nosso pai está morto – Lada falou.

Radu se apoiou no batente em um gesto cansado. Lada passou por ele e entrou. Radu fechou a porta.

– Por que escondeu isso de mim?

Ele ficou contente por estar escuro dentro do quarto e não precisar ver o rosto dela.

– Eu não sabia como contar. – Radu pegou a mão dela, que parecia fria e pequena, contra a sua. – Desculpa. Sei que você o amava.

– Não era amor. Era idolatria. E ele nos traiu por ser humano, fraco e sem nenhum valor. Fomos abandonados aqui sem nada, sem poder voltar para casa.

– Eu morria de medo dele.

Lada soltou uma risada aguda.

– Você morria de medo de todo mundo, irmãozinho.

– Isso é verdade.

– Mircea está morto também.

– Sim. – Radu se lembrou do sofrimento que tomara conta de Mehmed depois do assassinato de seu meio-irmão. Radu não se sentia nem remotamente daquele modo ao pensar na morte de Mircea. Talvez significasse que havia algo de errado com ele. Queria saber se Lada lamentava a morte do irmão, mas não perguntou nada.

Foi Lada quem voltou a falar:

– Você se lembra daquele verão em que saímos da cidade com nosso pai?

– Sim. Levei tantas picadas de inseto que mal conseguia me mexer.

– Pensei que ele fosse prestar atenção em mim. Pensei que, saindo de Tirgoviste, deixando para trás o imbecil do Mircea, sem os boiardos e as intrigas constantes, ele conseguiria ver meu esforço para agradá-lo. E, por um dia, acho que isso aconteceu. Foi o dia mais feliz da minha vida. E aí ele foi embora, como sempre fazia.

– Ele amava você.

- Você fala com tanta certeza. Como sabe?
- Ele tentou salvar você no dia em que o sultão falou que ia ficar com a gente.
- Ele fracassou.
- Mas tentou. Por mim não fez nem isso.

Depois de um breve silêncio, Lada soltou uma risada áspera.

- Fico pensando no quanto Mircea deve estar irritado por ter morrido.
- Eu disse a mesma coisa!

Eles deram risada, depois ficaram quietos por alguns minutos, com as lembranças da infância servindo como uma rede de segurança entre os dois. As coisas que haviam tido e perdido, que só os dois poderiam entender.

– Tenho uma coisa para você. – Radu mexeu em uma caixa na mesinha ao lado da cama e sacou um medalhão. – Naquela noite, quando o médico estava suturando você, encontrei seu saquinho, aquele que estava sempre no seu pescoço. Estava destruído, mas... Bom, eu guardei o que tinha dentro e mandei fazer isto.

Ele estendeu a corrente para ela. O medalhão de metal era pesado e frio ao toque.

Respirando fundo, Lada posicionou a corrente no pescoço e segurou o medalhão sobre o peito.

- Obrigada. Ando perdendo muita coisa ultimamente.

Ela apoiou a cabeça em seu ombro. Radu sabia que sua irmã havia perdido algumas coisas para protegê-lo. Como ela sempre tinha feito, à sua própria maneira. Ele soltou um suspiro e se preparou para dizer que sentia muito. Que a amava. Que a entendia.

– O trono é seu – disse Lada, trazendo a escuridão da noite e todos os seus terrores para dentro de Radu.

- Não.

– É, sim. – Sua voz se elevou, demonstrando uma intensidade de que só ela era capaz. – Não tem nada mais prendendo a gente aqui. Você pode reivindicar o título de príncipe. Podemos voltar para a Valáquia juntos e mais fortes, e ninguém vai poder dizer para gente o que...

- Não! Lada. Não. Não quero voltar.

- Mas lá é a nossa casa.

Radu sacudiu a cabeça, sentando na beirada da cama.

- Minha casa é aqui.

– Mehmed está aqui, é o que você quer dizer. – Não havia nenhuma acusação no tom de voz dela, mas a maneira como dissera aquilo deixou Radu magoado.

– Sim. – Ele nem tentou fingir que não era, porque não conseguiria explicar as outras razões. As mesquitas, com as torres arredondadas que o faziam se sentir insignificante da forma mais reconfortante possível. Rezar em uníssono com os

irmãos ao redor. Ter um lugar, uma vida e uma posição em que fosse valorizado. E, sim, tudo aquilo ao lado de Mehmed. Ainda que nunca com a proximidade que ele desejava.

Como se adivinhasse seus pensamentos, Lada falou:

– Ele nunca vai amar você. Não do jeito como o ama.

Radu deu uma risada que pareceu mais de cansaço do que qualquer outra coisa.

– Pensa que eu não sei? E mesmo assim ainda é melhor do que a Valáquia. Como é que você não percebe? Ele é seu, Lada. O coração dele, os olhos, a alma. Vi como você fica ansiosa pelos olhares dele, pela atenção. Você finge que não o ama, mas não consegue me enganar. – Radu fez uma pausa. Incapaz de se conter, continuou com um tom pretensioso: – Ninguém vai amar você como ele, como uma igual, e sabe disso. E não vai deixar isso para trás. Não vai conseguir.

Ela ficou tensa. Radu viu sua irmã cerrar os punhos, preparando-se para o confronto.

– Vou, sim. E já comecei a fazer isso. Ele nunca vai me perdoar por tê-lo traído.

Radu se lembrou de quando sua irmã dera uma surra nos boiardos no bosque perto de Tirgoviste. Com aqueles mesmos punhos que desafiavam tudo o que era esperado dela. E que agora transformavam o amor que Lada sentia por Mehmed em um desafio a ser superado. Radu sentiu seu coração apertado por ter duvidado de que ela fosse embora, pois não havia garantia nenhuma de que não o fizesse.

E talvez ele soubesse daquilo o tempo todo.

– Venha comigo – ela ordenou. – Não vou voltar para casa sem você. – Lada esperou um instante, então surpreendeu Radu ao complementar com um tom suave e desesperado: – Você me escolheu.

Era verdade. Lada nunca havia pedido nada durante todo aquele tempo. Ela era sua irmã e só estava pedindo que a escolhesse de novo. Mas, talvez, se Lada fosse embora, Mehmed enfim pudesse amá-lo.

– Já estou em casa, Lada. – Radu deitou e virou de lado, dando as costas para ela.

EMBORA NÃO TIVESSE como saber o que aconteceria, Lada estava certa de duas coisas: ia doer, e ela precisaria ser forte.

Vestiu-se de cota de malha e com a farda de janízaro, mas sem o quepe. Deixou os cabelos soltos, com os cachos desalinhados desafiando tanto os códigos de vestimentas dos soldados como a moda entre as mulheres. Na cintura, levava a espada, e nos pulsos, as adagas.

Sua postura era de determinação pura. Seu coração estava blindado. Seus olhos continham fogo.

Ao seu lado iam Bogdan e Nicolae. O primeiro para lembrá-la do que deixara para trás e poderia reencontrar; o segundo para lembrá-la de que era capaz de comandar e ter seguidores.

Mehmed ergueu os olhos, surpreso, quando Lada entrou em sua sala. Ele estava sentado atrás da mesa, vestido de roxo, perfeitamente à vontade na cadeira ornamentada. O carregador oficial de banquinho estava agachado ali perto, à espera. Posicionado atrás de Mehmed, Radu evitou o olhar da irmã.

Sem saber o que deduzir da maneira como ela estava vestida, Mehmed ergueu as sobrancelhas em uma expressão de interrogação.

– Deixem-nos a sós – ele pediu, e seus assessores se dispersaram.

Lada plantou os dois pés no chão em uma postura firme.

– Nomeie Radu príncipe da Valáquia.

Seu irmão sacudiu a cabeça, virando para a janela e se afastando dela.

A expressão de Mehmed demonstrou desolação, mas em seguida se tornou deliberadamente neutra. Por quanto tempo ele soubera de seu pai e escondera a informação? E por quê? Mas ela não podia fazer aquelas perguntas. Fariam com que parecesse fraca. Lada estava lá para exigir, não para questionar.

– Por que eu faria isso? – retrucou Mehmed.

– Porque você precisa do máximo de estabilidade possível antes de investir contra Constantinopla. A Valáquia estar aliada à Hungria, à Transilvânia e à Moldávia é um problema para você. Nomeando Radu príncipe, você tem uma garantia de que nenhum tratado com esse Estado vai ser quebrado.

Mehmed se inclinou para trás e se alongou, flexível como um felino.

– Ele não quer a posição de voivoda. Existe outra maneira de fortalecer a aliança com a Valáquia.

Não! Lada não queria acreditar que Mehmed estava em contato com a família Danesti. Se eles já tivessem chegado a um acordo, sua posição estaria irreparavelmente enfraquecida.

– Você não pode confiar nos Danesti.

– Os Danesti? Não, eu vou me aliar à família Draculesti.

Lada soltou um grunhido de frustração.

– Com Mircea morto, só Radu poderia assumir o trono.

– Ele não é o único Draculesti. – A boca do sultão se curvou, e um sorriso ameaçou surgir no rosto dele. – Tronos não são a única maneira de garantir alianças.

– O que... – Ela enfim compreendeu o que ele estava dizendo e ficou sem fôlego. – Não.

Mehmed ficou de pé, contornando a mesa e se colocando diante dela. Ele a segurou pelo queixo e levantou seu rosto.

– Case comigo, Lada. É a solução perfeita.

Ela deu risada.

O sorriso de Mehmed se abriu, mas só até ele perceber que o riso dela não era uma brisa de leite, e sim um deserto brutal, que deixava um rastro seco e arenoso em seu encalço.

– Nunca vou me casar.

– Por quê? Fique ao meu lado! Governe meu Império comigo.

– Não quero ter nenhuma ligação com o Império Otomano.

Com a raiva faiscando nos olhos pretos, Mehmed soltou seu queixo.

– Por que odeia tanto meu país? Você não é feliz aqui?

– Você não me conhece? Não sou feliz em nenhum lugar que não seja a Valáquia.

Mehmed fechou a cara, apontando um dedo para ela.

– Você é feliz comigo.

Finalmente, Lada percebeu que estava sendo menos altruísta do que imaginava ao assumir a culpa e poupar Radu. De forma inconsciente, desejava que Mehmed jamais a perdoasse. Que não precisasse fazer a escolha de deixá-lo, mas que aquilo fosse decidido por ela.

O amor era uma fraqueza, uma armadilha. Lada aprendera aquilo com o pai no dia em que pusera os pés em Edirne, mas de alguma forma não conseguira se manter a salvo. Mehmed e Radu estavam diante dela, mantendo-a naquela armadilha. Mas, mesmo sabendo de tudo, era impossível não sofrer ao pensar em perdê-los.

Lada endureceu as feições do rosto, transformando seu coração em uma montanha de pedra. Uma montanha que não poderia ser escavada para deixar

passar a água pura e cristalina.

– Não tenho nada que me prenda aqui.

Mehmed fechou os olhos, alterando a expressão de raiva e mágoa para uma de súplica. Ele sabia se controlar muito bem agora, usar os sentimentos como armas. Eles haviam crescido mesmo.

– Você salvou minha vida três vezes. Eu estaria morto sem você. Preciso de você.

– Desista de Constantinopla.

– Quê?

Lada ergueu os ombros, impassível.

– Sua determinação cega em conquistar Constantinopla ameaça sua vida. Você não tem motivo nenhum para querer tomar a cidade, nenhum direito sobre ela, nenhuma razão ao seu lado. Desista, e os seus inimigos vão parar de tentar matá-lo.

– Você sabe que não posso! – Ele levou a mão às costas e começou a andar de um lado para o outro pela sala. – É um chamado, um desafio. O Profeta, que a paz esteja com ele, disse que a cidade vai ser nossa, e eu *preciso* ser o sultão que vai cumprir suas palavras. Assim como meu povo foi feito para coisas maiores que perambular pelo deserto, eu fui feito para coisas maiores do que manter um império estagnado e inofensivo. Vamos ser a joia do mundo, motivo de inveja em toda a Europa, o novo Império Romano. E eu vou fazer isso acontecer. Preciso mostrar ao mundo quem é meu povo. Essa é minha vocação. Não posso virar as costas para ela.

Lada assentiu, com as pálpebras semicerradas, carregadas do peso do futuro que a aguardava.

– Então nos entendemos perfeitamente. Não posso abrir mão da Valáquia. Não posso dar as costas ao meu lar em troca das migalhas que caem da mesa dos poderosos. Não vim para cá por escolha própria, Mehmed. Fui mantida aqui contra a minha vontade.

– Mas agora eu estou pedindo! Escolha ficar *comigo*!

– E ser deixada para trás quando você partir nas suas cruzadas? Você não quis me levar para a Albânia e não vai querer me levar para Constantinopla. Vou ficar com raiva por isso, e os sentimentos venenosos entre nós só vão crescer até eu virar uma das suas esposas invisíveis, uma prisioneira sua, em vez de uma prisioneira de seu pai. Se tentar me fazer ficar, vou odiá-lo, e assim vai me perder para sempre. Já sabe que não pode me governar. Provei isso da primeira vez que subiu ao trono.

A angústia e a raiva se alternavam no rosto de Mehmed quando ele parou diante de Lada e a segurou pelos ombros.

– O que eu teria que fazer?

Nesse momento, Lada viu o futuro. No passado, os fios do poder tinham estado nas mãos dos homens em sua vida. Seu pai. Ilyas Bei. Mehmed. Mas diante dela havia uma faca. E ela poderia cortá-los.

Não precisava ficar só com o que lhe era oferecido.

Poderia *tomar* o que era seu.

O que sempre havia sido seu brilhou em seus olhos como o sol no alto da montanha muitos verões antes.

– Quero a Valáquia.

– Quê?

– Me nomeie voivoda.

Mehmed franziu a testa.

– Mas esse é um título para um príncipe.

– Me nomeie príncipe, então. Você sabe do que sou capaz. Me mande para lá com uma tropa de janízaros, com o apoio do Império.

Mehmed fez um gesto de desdém, mas não parecia muito seguro quando falou:

– Eles nunca vão aceitar você.

– Vão ser *obrigados* a isso. – Lada esperou outra negativa, que não veio, então resolveu pressioná-lo um pouco mais. – Me mande como príncipe, como um gesto de paz. Ninguém vai ver sua atitude como uma demonstração de força ou agressão. Vou ser vista como uma prova do seu desejo por estabilidade, não como uma conquista. Vou levar os tratados para Hunyadi, e para todos que se opuseram a você. Vou falar sobre um Mehmed pacífico, que só quer manter o que já tem e nada mais. E você vai ficar livre para se concentrar em Constantinopla.

A voz de Mehmed saiu baixinha e sofrida quando ele respondeu, sem encará-la:

– Mas vou perder você.

Lada sempre soubera que voltar para casa significava deixar Mehmed, mas apenas naquele momento se viu diante da realidade da situação. Não era uma fuga nem um banimento. Ela o deixaria por *escolha* própria. Parecia impossível. Radu enfim a encarou, e Lada implorou silenciosamente a ele que a acompanhasse, estendendo a mão. Não podia perder os dois de uma vez.

Seu irmão fez que não com a cabeça.

As palavras que Huma dissera anos atrás penetraram em sua armadura, atingindo seu coração. *Quero que pense no que deve sacrificar para garantir um futuro em que seja intocável.* Lada sabia exatamente quanto tinha a perder, porque estava prestes a arrancar o coração do peito e deixar naquela sala.

O que ela deixaria para trás seriam as duas únicas pessoas com quem pudera contar durante boa parte de sua vida. Radu e Mehmed tinham lhe proporcionado algo que ela não poderia obter sozinha, e a viam de uma forma que ninguém mais no mundo veria. Eles olhavam para ela – para a feia e feroz Lada – e enxergavam

algo precioso. E ela olhava para eles e via Radu, seu irmão, sangue de seu sangue, sua responsabilidade, e Mehmed, seu igual, o único homem digno de seu amor.

Um futuro sombrio e desconhecido, cheio de violência e batalhas, se desenrolou diante de seus olhos. E também outro – ao lado de seu irmão e do homem que a conhecia tão bem e mesmo assim a queria –, que se acendia como um farol.

Naquele momento, arrancou o coração do peito e ofereceu em sacrifício. Ela pagaria o preço que sua mãe Valáquia exigisse, fosse qual fosse.

– Me nomeie príncipe – disse, sem nenhum sentimento.

DEPOIS QUE ELA se foi, Radu abraçou Mehmed enquanto ele chorava. A alegria ao acolher o sultão lhe atingiu como uma pancada no estômago, potente e destinada a continuar marcada em sua pele por um bom tempo.

– Nunca me abandone. – Mesmo embargada pelo choro, a voz de Mehmed tinha um tom de comando.

Radu fechou os olhos.

– Nunca vou abandonar você. – O sultão estava em seus braços, mas ele sabia que o coração dele estava voltado para Lada. Radu pensara que o dele próprio era todo preenchido por Mehmed, mas agora sentia uma fissura dolorosa, a porção que Lada deixara vazia quando se fora de uma vez por todas.

Ele dissera que seu lugar era ali. Era ao mesmo tempo uma mentira e uma verdade. Porque seu lugar também era com Lada, e agora ela não estava mais ao seu lado.

O chamado para a oração ecoou pelas paredes, e os dois ficaram de joelhos. Radu entregou tudo a Deus. Sua dor, seu medo, sua perda, seus segredos. Sua vasta e insondável solidão.

Quando terminaram de rezar, Mehmed estava mais calmo, com uma expressão rígida como a espada dos ancestrais otomanos. Radu o seguiu até a varanda, de onde o sultão fixou os olhos atentos na escuridão além da cidade. Mehmed estava voltado para o norte, para onde Lada e seus homens viajavam para tomar posse da Valáquia.

Radu pôs a mão no ombro dele. O sultão precisava se concentrar em superar a dor. Radu se virou gentilmente, fazendo os dois se voltarem para o leste.

Para Constantinopla.

Fronteira da Valáquia

AS NUVENS DE tempestade que acompanhavam sua longa marcha enfim tinham se dispersado. Depois da movimentação constante das nuvens dos mais variados matizes, o azul chapado do céu pareceu um tanto falso. Uma promessa que valia menos que os documentos e tratados que Lada levava na bolsa.

Eles observavam uma planície ampla e congelada até as montanhas que se erguiam ameaçadoramente sobre os campos.

– A Valáquia. – A voz de Nicolae soou maravilhada, sem o menor sinal da ironia habitual.

– Nossa casa – grunhiu Bogdan.

Stefan, Petru, Matei e o restante dos homens de Lada – *seus* homens – se juntaram a eles, contemplando o próprio passado. Que seria também seu futuro. Ela tinha feito com que fosse assim.

Nicolae deixou de lado a reverência para retomar a ironia com um sorriso.

– Está pronta, Lada Dragwlya, filha do dragão?

Seu coração se incendiou, e sua alma ferida se expandiu, projetando uma sombra como a de asas sobre seu país. Aquele lugar era dela. Não por causa de seu pai. Não por causa de Mehmed. Mas porque a própria terra a queria ali.

– Dragwlya não – ela corrigiu. – Lada Dracul. Não sou mais a filha do dragão. – Ela ergueu o queixo, com os olhos voltados para o horizonte. – Eu sou o dragão.

DRAMATIS PERSONAE

Família Draculesti, da nobreza valáquia

Vlad Dracul: governante militar da Transilvânia, voivoda da Valáquia, pai de Mircea, Lada e Radu, marido de Vassilissa

Vassilissa: mãe de Lada e Radu, princesa da Moldávia

Mircea: filho mais velho de Vlad Dracul, com sua primeira esposa, já falecida

Lada: filha e segunda descendente legítima de Vlad Dracul

Radu: filho e terceiro descendente legítimo de Vlad Dracul

Vlad: filho ilegítimo de Vlad Dracul com uma amante

Alexandru: irmão do voivoda da Valáquia Vlad Dracul

Figuras locais e da corte da Valáquia

Ama: mãe de Bogdan, babá de Lada e Radu

Bogdan: filho da ama, amigo de Lada

Andrei: boiardo da família rival Danesti

Aron: boiardo da família rival Danesti

Costin: menino sem sapatos no rio congelado

Danesti: família rival pelo trono da Valáquia

Lazar: soldado janízaro servindo na Valáquia, amigo de Radu

Figuras da corte de Edirne

Murad: sultão otomano, pai de Mehmed

Halima: uma das esposas de Murad, mãe do pequeno Ahmet

Ahmet: meio-irmão caçula de Mehmed

Mara Brankovic: uma das esposas de Murad, filha do rei sérvio

Huma: uma das concubinas de Murad, mãe de Mehmed

Mehmed: o terceiro e menos favorecido filho do sultão

Sitti Hatun: filha de um importante emir, primeira esposa de Mehmed

Gulsa: concubina de Mehmed, mãe de seu segundo filho

Beyazit: primeiro filho de Mehmed

Molla Gurani: professor de Mehmed

Halil Paxá: importante conselheiro da corte otomana

Salih: segundo filho de Halil Paxá, amigo de Radu

Kumal: váli devoto de uma pequena região próxima de Edirne

Nazira: irmã mais nova de Kumal

Fatima: aia de Nazira

Amal: jovem criado do palácio

Figuras militares do Império Otomano

Ilyas: comandante janízaro

Kazanci Dogan: líder militar dos janízaros

Ivan: janízaro mal-intencionado

Matei: experiente janízaro valáquio

Nicolae: janízaro valáquio e melhor amigo de Lada

Petru: jovem janízaro valáquio

Stefan: misterioso janízaro valáquio

Tohin: especialista em pólvora

Figuras políticas de oposição ao sultão

Constantino: imperador de Constantinopla

Orhan: falso herdeiro do trono otomano, usado por Constantino como ameaça

Skanderbeg: Iskander Bei, ex-janízaro e favorito de Murad, que voltou a cidade albanesa de Kruje contra os otomanos

GLOSSÁRIO

bei: governante

beilerbei: governante de regiões maiores e mais importantes

boiardo: membro da nobreza valáquia

concubina: mulher que pertence ao sultão e pode produzir herdeiros legítimos, mas não é sua esposa

dervixe: asceta religioso (em sua maioria do ramo sufista do islã) que faz voto de pobreza

dracul: dragão, demônio

emir: líder das tribos turcas, aliadas dos otomanos ao leste

Estado vassalo: país com permissão para se autogovernar, mas sujeito ao Império Otomano, a quem paga tributos em forma de dinheiro e escravos para o exército

eunuco: homem castrado, escravo e servo altamente valorizado

hajj: peregrinação religiosa a Meca, um dos cinco pilares do islã

harém: grupo de esposas, concubinas e criadas que pertencem ao sultão

janízaro: membro de uma força de elite de paramilitares profissionais, retirados quando meninos de outros países, convertidos ao islã, educados e treinados para serem leais ao sultão

Ordem do Dragão: ordem de cruzados nomeada pelo papa

paxá: nobre do Império Otomano nomeado pelo sultão

paxazade: filho de um paxá

sipahi: comandante militar de soldados otomanos locais convocados durante as guerras

sultana-mãe: mãe do sultão

Valáquia: Estado vassalo do Império Otomano, fronteiro com a Transilvânia, a Hungria e a Moldávia

váli: governante local nomeado pelo sultão

vilaiete: pequena extensão de terra governada por um váli

vizir: nobre de alta estirpe, em geral conselheiro do sultão

voivoda: príncipe guerreiro da Valáquia

NOTA DA AUTORA

Embora este livro seja baseado em figuras reais, tomei grandes liberdades ao contar a história, preenchendo lacunas, criando personagens e acontecimentos, alterando a cronologia dos eventos e, acima de tudo, transformando Vlad, o Empalador, em Lada, a Empaladora.

Qualquer livro baseado em um relato histórico tem o caráter de uma empreitada vastíssima e praticamente impossível. Como a história é escrita pelos vencedores – ou por aqueles que se ressentem dos vencedores –, as principais figuras tendem a ser canonizadas ou demonizadas nos registros.

Vlad, o Empalador, foi um herói nacional, um combatente da liberdade e um estrategista militar brilhante. Ou então um psicopata profundamente perturbado, um déspota violento que matou dezenas de milhares de pessoas e literalmente se alimentou de sua carne.

Relatos opostos também podem ser encontrados sobre Mehmed, o Conquistador. A história o adora e o odeia. Ele foi um governante incrivelmente devoto, atencioso e quase uma figura religiosa, ou então um predador cruel que adorava espalhar o caos e a destruição.

Meu objetivo neste livro foi encontrar um meio-termo. Em minha pesquisa, descartei várias fontes que faziam a balança pesar com força demais para um lado ou outro, e tentei me concentrar na verdade: ambos eram homens que nasceram com muito poder, e que fizeram o que consideraram necessário para mantê-lo e ampliá-lo. O aspecto central que quis explorar foi o caminho que uma pessoa toma para chegar ao ponto de justificar as coisas terríveis que faz em nome de um suposto bem. Que motivações a impulsiona? Que pilares estabelecidos ainda na infância servem como base para a construção de um legado?

No fim, esta é uma obra de ficção. Decidi transformar Vlad, o Empalador, em uma menina porque isso tornava as coisas mais interessantes para mim como escritora. Radu, o Belo, não passa de uma nota de rodapé nos relatos sobre Vlad, mas fiz meu melhor para dar vida a seu legado. Mehmed, o Conquistador, é um herói nacional, reverenciado pelos turcos, e a cidade de Istambul ainda serve como testamento de sua grandeza e de sua capacidade de pensar no futuro. Fiz meu melhor para honrar isso, mas sem deixar de considerar que ele era uma pessoa real, de carne e osso.

O tipo de interação que os três poderiam haver tido quando crianças no Império Otomano é desconhecido. Criei uma história fictícia em que as relações entre os

três foram as mais importantes para formar seu caráter no início da vida. Para ler mais sobre Vlad, Radu, Mehmed e sua época, assim como sobre o incrível legado dos otomanos, recomendo realizar uma boa pesquisa bibliográfica. Alguns livros úteis para mim foram:

The Ottoman Centuries, de Lord Kinross

1453, de Roger Crowley

A Short History of Byzantium, de John Julius Norwich

The Grand Turk, de John Freely

Dracula, Prince of Many Faces, de Radu R. Florescu e Raymond T. McNally

Islam: A Thousand Years of Faith and Power, de Jonathan Bloom e Sheila Blair

Embora os personagens deste livro tenham relações diversas com a religião, em especial com o islamismo, tenho o maior respeito pela riquíssima história e pelo belíssimo legado desse evangelho da paz. As opiniões dos personagens sobre as complexidades da fé, seja muçulmana ou cristã, não refletem necessariamente as minhas.

As grafias das palavras nas diferentes línguas foram se transformando com o tempo, assim como os nomes dos lugares. Todos os erros e inconsistências encontrados devem ser atribuídos a mim.

AGRADECIMENTOS

Este livro não existiria sem meu marido incrível. O amor de Noah pela Romênia e sua história, e pelo idioma árabe, pelo islã e pelo Oriente Médio alimentou e moldou esta ideia até que estivesse pronta para se tornar uma história. Ele foi uma fonte de valor inestimável para mim. Além disso, é um homem muito bonito, e tenho sorte de ser sua esposa.

Um agradecimento especial à minha agente, Michelle Wolfson, por nunca hesitar quando eu dizia o caminho que queria tomar. Ela foi a primeira apoiadora de Lada – e minha também.

Não há como agradecer o bastante a Wendy Loggia, minha brilhante editora. Ela viu a proposta deste livro e imediatamente entendeu o que era e o que precisava ser. Sua mão me orientou em cada página e sou grata por trabalhar com ela. Um agradecimento especial a Alison Impey pela belíssima capa, a Heather Kelly pelo maravilhoso design do miolo e a Colleen Fellingham e Heather Lockwood Hughes por corrigirem meus diversos erros no processo de edição.

Nenhum dos meus livros existiria sem minhas melhores amigas e críticas, Natalie Whipple e Stephanie Perkins. Natalie me acompanhou no processo brutal da primeira versão, e Stephanie me salvou durante o esmagador trabalho de edição. Obrigada, obrigada, obrigada. Amo vocês duas.

Por fim, sou grata à minha família por sempre me apoiar e me incentivar. E, por último, mas sempre em primeiro lugar no meu coração, aos meus três lindos filhos: eu escavaria uma montanha por vocês.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para opinioao@vreditoras.com.br com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, ago. 2017

FERNANDA NIA

MENSAGEIRA

da

Sorte

PLATA
FORMA 3

Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Moraes, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)

AUTÓRA *BEST-SELLER* DO NEW YORK TIMES
KIERSTEN WHITE

DONA DO PODER

FRIA, IMPLACÁVEL, VINGATIVA. E HERDEIRA DE VLAD DRACUL.

PLATA
FORMA 3

Dona do Poder

White, Kiersten

9788592783679

476 páginas

[Compre agora e leia](#)

Lada Dracul não tem aliados. Nem trono. Tudo o que Lada tem é o que sempre teve: ela mesma. Ao falhar em obter o trono de Valáquia, Lada Dracul deseja punir a todos que ousarem cruzar seu caminho. Movida pela raiva, ela ataca com seus homens. Mas a força bruta não é suficiente para que Lada conquiste o que deseja. Lembrar-se de Mehmed, no entanto, lhe traz algum conforto, mas não há tempo para isso. Ela escolheu deixá-lo antes que ele pudesse fazê-lo. Lada sabe que precisa de toda sutileza e habilidade de seu irmão mais novo, Radu. Porém, Mehmed o enviou para Constantinopla e pretende dominar cidade. Assim, o irmão de Lada ganhou o lugar indesejado de agente duplo nas linhas inimigas... Radu anseia pela confiança feroz da irmã, mas, pela primeira vez em toda a vida, rejeita Lada e seu inesperado apelo por ajuda. Atormentado pela lealdade aos Otomanos e a Mehmed, ele sabe que não deve nada à irmã. Mas, se Lada morrer, jamais perdoará a si mesmo. E, se falhar em Constantinopla, Mehmed irá perdoá-lo? Civilizações desmoronam e os irmãos Dracul precisam decidir: o que irão sacrificar para cumprir seu destino? Nesta deslumbrante continuação da Saga da Conquistadora, impérios serão derrubados, tronos serão conquistados... e almas se perderão.

[Compre agora e leia](#)

GAROTA OCULTA

a história real de uma menina escrava nos dias de hoje

SHYIMA HALL
COM LISA WYSOCKY



Garota oculta

Hall, Shyima

9788576838142

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Convicções fortes e honestas caracterizam esta inquietante autobiografia. Com simpatia e respeito, o relato de Shyima Hall inevitavelmente conquista o leitor" Publishers Weekly Shyima vivia em situação de pobreza com sua família no Egito. Quando tinha 8 anos, uma de suas irmãs mais velhas – empregada doméstica de um casal rico do Cairo – foi demitida por furto. Seus pais, então, fizeram um acordo com os ex-patrões da irmã: para pagar a dívida, Shyima ficaria no lugar dela. Assim iniciou sua escravidão. Os raptos de Shyima referiam-se a ela como "garota estúpida" e a forçavam a fazer de tudo como servente. O pouco dinheiro recebido em troca de seu trabalho era enviado diretamente a seus pais, com os quais Shyima passou a ter muito pouco contato. Dois anos depois, seus raptos mudaram-se para os Estados Unidos e Shyima foi levada ilegalmente com eles. As mais diversas formas de escravidão contemporânea são uma realidade terrível para milhares de adultos e crianças no mundo inteiro. Shyima foi uma dessas vítimas. Conheça sua trajetória inspiradora rumo à liberdade neste relato comovente.

[Compre agora e leia](#)



Garota imperfeita

Howell, Simmone

9788576838777

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Skylark não é mais uma menina, mas os outros personagens dessa história não estão prestando atenção nesse fato. Gully, o irmão mais novo de Sky, tem dez anos e está obcecado por investigar uma tentativa de assalto; sua mãe foi embora para o Japão numa busca insana pela vida artística; seu pai, Bill, parece satisfeito em beber enquanto permanece imerso na loja de vinhos e no passado; do alto do terraço, Nancy, a amiga mais velha e experiente, fuma um cigarro e diz que Sky deve se divertir mais; uma garota é encontrada morta e há cartazes com seu rosto estampado por todo o bairro; há uma estranha ligação entre a garota dos cartazes e Luke, o novo funcionário de seu pai. Nessa história, cada acontecimento tem sua própria melodia. E essa é a história de como Sky encontra seu lugar no mundo. Um lugar em que não existem garotas perfeitas. É também a história de uma garota louca e de uma garota fantasma; de um garoto que não sabia de nada e de um garoto que achava que sabia de tudo. E é sobre vida, morte, luto e romance. Só coisa boa. Destaques do livro "Divertida e dona de um olhar mordaz sobre as imperfeições do mundo (e sobre ela mesma), Sky é autêntica." – Kirkus Reviews

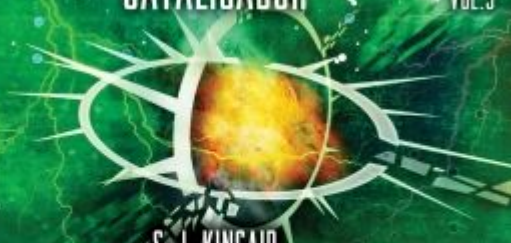
[Compre agora e leia](#)

O FUTURO EXTRAORDINÁRIO

INSIGNIA

CATALISADOR

VOL. 3



S. J. KINCAID



Insígnia: o catalisador

Kincaid, S. J.

9788576838135

458 páginas

[Compre agora e leia](#)

Último capítulo da saga traz um final avassalador! Tom Raines e seus amigos estão ansiosos para voltar à Agulha Pentagonal e continuar seu treinamento nas Forças Intrassolares. Ainda que este seja um momento em que as coisas não pareçam estar tão bem. Tom não se intimida e persiste em lutar. O que começar como um ajuste de contas intrigante entre Tom e seu pai logo se transforma em uma mudança perigosa, pois há agente suspeitos em posições de poder, bem como revelações sobre um novo controle militar. Isso significa, talvez, que Tom tenha que manter segredos inclusive se seus aliados. Em seguida, uma figura misteriosa, outro fantasma na máquina, inicia uma luta contra as corporações, mas os métodos adotados por Tom para combatê-lo são chocantes. Neste terceiro volume, vemos Tom e seus jovens amigos, os cadetes, diante de um futuro impossível, o qual eles nunca poderiam prever. Em Catalisador, S. J. Kincaid nos presenteia com um final eletrizante, concluindo uma jornada heroica e fantástica de tirar o fôlego. "Um final perfeito para esta série e um questionamento aos leitores: como lidar com as grandes ideias?" Kirkus Reviews

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[Genealogia 1](#)

[Genealogia 2](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[DRAMATIS PERSONAE](#)

[GLOSSÁRIO](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Sua opinião é muito importante](#)